

**MARIA DO FÉLIX CARVALHO FERREIRA DE ALMEIDA**

**USO AGRÍCOLA DO TERRITÓRIO E  
PEDAGOGIA DO MOVIMENTO SEM TERRA (MST)  
- UMA GEOGRAFIA DO PRESENTE -**

**Tese de Doutorado, apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana,  
do Departamento de Geografia, da Faculdade de Filosofia,  
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo,  
para obtenção do título de Doutor em Ciências,  
Área de concentração em Geografia Humana.**

**Orientadora:**

**Profa. Dra. Maria Adélia Aparecida de Souza**

**Professora Titular de Geografia Humana da USP**

**São Paulo**

**2007**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA**

**USO AGRÍCOLA DO TERRITÓRIO E  
PEDAGOGIA DO MOVIMENTO SEM TERRA (MST)  
- UMA GEOGRAFIA DO PRESENTE -**

**Maria Do Fétal Carvalho Ferreira De Almeida  
Bolsista do CNPq**

**Orientadora:**

**Profa. Dra. Maria Adélia Aparecida de Souza**

**Professora Titular de Geografia Humana da USP**

- **BANCA DE DEFESA DA TESE** -

Realizada em 3 de setembro de 2007, às 14h00.

Na sala dos professores, no prédio da administração da F.F.L.C.H. – USP.

**Presidente da Banca:**

Prof. Dra. Maria Adélia Aparecida de Souza

Professora Titular de Geografia Humana da USP

**Membros da Banca:**

**Professores da Casa - Internos:**

Prof. Dra. Rosa Éster Rossini (Geografia da FFLCH - USP)

Prof. Dr. Armen Mamigonian (Geografia da FFLCH - USP)

**Professores de Fora - Externos:**

Prof. Dra. Samira Peduti Kahil (Geografia da UNESP – Rio Claro)

Prof. Dr. Márcio Antônio Cataia (Instituto de Geociências – UNICAMP)

**Resultado:**

O candidato foi aprovado pelos 5 Profs. Drs. participantes da Banca.

Maria Do Fétal Carvalho Ferreira De Almeida é Doutora em Ciências,

Área de concentração em Geografia Humana.

## ÍNDICE

Epigrafo	p 07
Dedicatória	p 08
Agradecimentos	p 09
Resumo	p 10
Abstract	p 11
Résumé	p 12
Preâmbulo	p 13
<b>Apresentação</b>	p 14
<b>A – Primeiro Momento</b>	
O Mundo e suas Ideologias	p 18
<b>Introdução</b>	
Período Popular da História	p 18
<b>1ª Parte - Pedagogia como Técnica</b>	p 24
I - Formação Territorial do MST	p 25
Esboço de uma Matriz de Periodização	
Cap. 1 – Território Usado pela Formação do MST	p 28
Cap. 2 – Território Usado na Formação do Brasil	p 37
Cap. 3 – Aparentes Contradições Históricas	p 45
Sistema de Ações	p 60
<b>2ª Parte - Pedagogia como Teoria</b>	p 74
II - Formação Territorial no MST	p 75
Esboço de uma Matriz de Periodização	
Cap. 4 – Território Usado na Pedagogia do MST	p 81
Cap. 5 – Território Usado pela Pedagogia do MST no Brasil	p 86
Cap. 6 – Aparentes Conflitos Políticos	p 93
Sistema de Objetos	p 104

<b>3ª Parte - Pedagogia como Prática</b>	p 112
III - Formação Sócio-Espacial do MST	p 113
Território Usado na Formação Sócio-Espacial do MST	p 117
Esboço de uma Matriz de Periodização	
Cap. 7 – Território Usado pela Escola do MST	p 120
Cap. 8 – Território Usado na Escola do MST pelo Brasil	p 126
Cap. 9 – Aparentes Paradoxos Territoriais	p 135
Sistema de Valores	p 144
<b>Conclusão</b>	
Produção de Normas	p 151
<b>B – Segundo Momento</b>	
Visões Metodológicas Preliminares	p 161
<b>Introdução</b>	
Da Consciência à Co-Existência	p 162
1. Da geografia agrária ao uso agrícola do território brasileiro	p 167
2. Da economia política a política territorial brasileira	p 169
3. Agricultura e capitalismo no Brasil	p 172
4. Espaço mundial – Por uma Geografia Renovada	p 175
5. Teoria social maior (Escola dialética)	p 177
6. Teoria geográfica menor (Escola analítica)	p 180
7. Relações entre educação, cultura e natureza (humanas e inacabadas)	p 182
8. Interações entre teoria e prática (Técnica é Uso)	p 184
<b>Conclusão</b>	
Da Co-Presença à Consciência	p 186
<b>C – Terceiro Momento</b>	
Lugar e Método - Antítese da visão global do mundo	p 191
1. Justificativa	p 191
2. Problematização	p 204
a) Trajetória da questão da educação escolar no MST	p 210
1ª – Gênese e nascimento	p 210
2ª – Escola e história da formação dos sem-terra	p 212

3 <sup>a</sup> – Ocupação da escola na formação dos sem-terra	p 214
b) Movimento social como Sujeito Pedagógico	p 215
c) Matrizes da Pedagogia do MST	p 217
d) Momento histórico do MST	p 220
3. Evolução da Pesquisa (em 3 momentos)	p 221
1 <sup>a</sup> – Hipótese no momento prático	p 221
2 <sup>a</sup> – Hipótese no momento teórico	p 221
3 <sup>a</sup> – Hipótese no momento técnico	p 221
4. Evolução dos Objetivos (Banalização do Lugar)	p 222
1 <sup>o</sup> Lugar – Consciência <i>pele</i> lugar	p 222
2 <sup>o</sup> Lugar - Consciência <i>no</i> lugar	p 222
3 <sup>o</sup> Lugar – Consciência <i>por outro</i> lugar	p 222
4 <sup>o</sup> Lugar – Consciência <i>do</i> lugar	p 222
5. Metodologia	p 224

#### **D – Quarto Momento**

Acontecer Solidário - Síntese do Método	p 236
1. Do memorial de qualificação à tese	p 236
2. Pontos de partida da tese	p 244
3. Experiências sócio-espaciais	p 247
4. Espaciologia como <i>práxis</i> transdisciplinar	p 250

#### **Considerações Finais**

- Uma Geografia do Presente -	p 258
-------------------------------	-------

#### **Referências Bibliográficas**

- Bibliografia Transdisciplinar -	p 266
-----------------------------------	-------

**Epigrafo****Trova do vento que passa***Pergunto ao vento que passa**Notícias do meu país**E o vento cala a desgraça**O vento nada me diz**Mas há sempre uma candeia**Dentro da própria desgraça**Há sempre alguém que semeia**Canções no vento que passa**Mesmo na noite mais triste**Em tempo de servidão**Há sempre alguém que resiste!**Há sempre alguém que diz não!***Fadista: António Bernardino,****Música de António Portugal,****Letra de Manuel Alegre,****Universidade de Coimbra.**

**Dedicatória**

Ao Povo Português,

Ao Povo Francês,

Ao Povo Brasileiro,

Que financiou estas pesquisas de pós-graduação, através de uma bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq,

Viva todos os Povos do Mundo!

Boas Vindas ao Período Popular da História!

À Professora Maria Adélia Aparecida de Souza,

A todos os Poetas que sonharam com este Mundo Novo...

**Agradecimentos**

Aos meus professores e alunos,

Aos meus colegas de trabalho,

Aos homens da minha vida,

Às minhas famílias,

Aos meus avós,

Aos meus pais,

Que financiaram, com suas aposentadorias, esta produção material,

As minhas irmãs,

A minha filha.

## **Resumo**

Essa tese de doutorado é uma tentativa transdisciplinar para desvendar o novo período histórico, fruto de nossos dias e de nossos trabalhos, neste início de século XXI: o Período Popular da História. Ao manter esse foco, usamos a Pedagogia do Movimento Sem Terra (MST) como o alicerce para caminharmos juntos ao repensar a Pedagogia como Técnica, Teoria e Prática. Em paralelo, esboçamos o instrumento de possíveis matrizes de periodização cruzadas: a Formação Territorial do MST (através de uma história estando sendo vivida) e a Formação Territorial realizada no MST (através de uma geografia ou epistemologia da própria existência). Desse modo, revelamos que a Formação Sócio-Espacial do MST é uma formação, (inter e transnacional), da possibilidade de um outro mundo: aquele do “homem pobre e lento” em sua real consciência de estar sendo “cidadão do mundo”.

O Território Usado, como principal categoria de análise de nossa tese, nos leva a pensar que o fundamental desafio urbano nos países “subdesenvolvidos” e “periféricos” não são somente as verticalidades do Uso Agrícola do Território, tal qual praticado pelas empresas, em tempos de Globalitarismo. Mas, também, o próprio Espaço Geográfico sendo praticado e multiplicado, pelo uso dos povos, no cotidiano das horizontalidades de uma outra Globalização. O que nos leva a uma indissociabilidade entre um Sistema de Ações, Objetos e Valores que interagem, simultaneamente e paradoxalmente, sobre as mais profundas contradições quotidianas do dia-a-dia do espaço de tudo e de todos: isto é, em pleno Espaço Banal.

Assim, ao reatualizar, á luz do Período Popular da História, uma genealogia do saber e uma arqueologia do poder, é o próprio Lugar, tanto como resistência quanto acontecer solidário, que está sendo desvendado. Em sua necessidade histórica do saber-fazer, em sua vontade filosófica do poder-fazer, e, em suas novas solidariedades políticas e conexões geográficas, doravante usadas em sua liberdade de Produção de Normas. Eis o evento das ciências humanas em pleno uso da prática de uma nova disciplina: a Espaciologia.

## **Palavras-chave (5)**

Período Popular da História – Formação Sócio-Espacial do MST - Território Usado – Espaço Geográfico – Espaciologia.

## **Abstract**

This PhD Thesis is a trans-disciplinary attempt to reveal the new historical period, a product of our times and our labors, in the dawn of the 21st century: the Popular Period of History. Maintaining this focus and using the pedagogy of the landless people's Movement (MST) as a foundation for us to move together re-thinking pedagogy as Technique, Theory and Practice. In parallel to that, we draft the instrument of possible matrixes of crossed periodization: a Territorial Training of the MST (through the living history) and the Territorial Training developed in the MST (through a geography or epistemology of its own existence). In that sense, we revealed that the Socio-Spatial Training of the MST is training (inter and transnational), of the possibility for another world: the one of the "poor and slow man" in its real awareness of being a "citizen of the world".

The Territory Used, as a main category for analysis of our thesis, lead us to think that the fundamental urban challenge in "under-developed" and "developing" countries are not only verticalities of the Agricultural Use of Territory, as practiced by companies, in times of Globalitarism. But also the actual Geographical Space being practiced and multiplied, by the use of the peoples, in the everyday life of the horizontalities of another Globalization. Which leads to an inseparable system between Actions, Objects and values interacting, simultaneously and paradoxically, about the deepest contradictions in the day-to-day life of the space for everything from everyone: in other words, in the Banal Space.

Therefore, when updating under the light of the Popular period of history, a genealogy of knowledge and an archeology of power, is the actual Place, both for resistance and as a solidarity setting, which is being unveiled. In its historical need for know-how, in its philosophical wish to be able to do, and in its new political solidarities and geographical connections, used from now on in its freedom for the Production of Norms. This is an event in human sciences in full use of the practice of a new discipline: Spaciology.

## **Key-words (5)**

Popular Period in History – Socio-Spatial Training of the MST – Territory Used – Geographic Space – Spaciology

## Résumé

Cette thèse de doctorat est une tentative transdisciplinaire de dévoiler la nouvelle époque historique, fruit de nos jours et de nos travaux, en ce début de XXI<sup>ème</sup> siècle: la Période Populaire de l'Histoire. Pour maintenir cet objectif, nous utilisons la Pédagogie du Mouvement des Sans Terre (MST) comme la fondation qui nous permet de cheminer, ensemble, pour repenser la Pédagogie en tant que Technique, Théorie et Pratique. En parallèle, nous esquissons l'instrument de possibles matrices de périodisation croisées: la Formation Territoriale du MST (par une histoire en train d'être vécue) et la Formation Territoriale réalisée à l'intérieur du MST (par une géographie ou épistémologie de l'existence, elle-même). De cette manière, nous révélons, ici, que la Formation Socio-Spatiale du MST est une formation, (inter et transnationale), de la possibilité de matérialisation d'un autre monde: celui de "l'homme pauvre et lent" en sa réelle conscience d'être devenu "citoyen du monde".

Le Territoire Utilisé, en tant que principale catégorie d'analyse de notre thèse, nous amène à penser que le fondamental défi urbain des pays "sous-développés" et "périphériques" ce ne sont pas seulement les verticalités de l'Usage Agricole du Territoire, tel qu'il est pratiqué par les entreprises, en cette ère du Globalitarisme. Mais, aussi, l'Espace Géographique, lui-même, en train d'être pratiqué et multiplié, grâce à l'usage que les peuples en font, dans le quotidien des horizontalités d'une autre Globalisation. Ce qui nous amène à une indissociabilité entre un Système d'Actions, d'Objets et de Valeurs qui interagissent, simultanément et paradoxalement, sur les plus profondes contradictions quotidiennes du jour le jour de l'espace du tout et de tous: c'est-à-dire, en plein Espace Banal.

Ainsi, en réactualisant, à la lumière de la Période Populaire de l'Histoire, une généalogie du savoir et une archéologie du pouvoir, c'est le Lieu, lui-même, en tant que résistance et devenir solidaire, qui se dévoile sous nos yeux. Par le besoin historique de son savoir-faire, par la volonté philosophique de son pouvoir-faire, ainsi que, grâce à ses nouvelles solidarités politiques et leurs connections géographiques, dorénavant utilisées en leur liberté de Production de Normes. Voici l'événement des sciences humaines en plein usage et pratique d'une toute nouvelle discipline: la Spatiologie.

## Mots-clés (5)

Période Populaire de l'Histoire – Formation Socio-Spatiale du MST - Territoire Utilisé – Espace Géographique – Spatiologie.

*“Até que ponto a nossa descrição de um fenômeno deixa de ser uma interpretação para tornar-se uma reprodução fotográfica? Reconhecer esse problema não corresponde de todo à confissão de uma fraude. Vemos a realidade através da ótica de nossa ideologia, de nossa metodologia, de nossa visão global do mundo. Por isso, a mesma realidade pode prestar-se a diferentes interpretações”.*

**Milton Santos (1926 – 2001)**

In Introdução ao “Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo” – Hucitec, SP, 1978,  
“Le métier du géographe dans les pays sous-développés” – Ophris, Paris, 1971,  
Université de Bordeaux, Mai 1968.

## Apresentação

*“Deveríamos ser premiados pelos nossos fracassos;  
não pelos nossos sucessos”.*

**Milton Santos.**

Nossa pesquisa começou a tomar forma, em 2002, na Universidade de Campinas quando tivemos o privilégio de descobrir, como ouvinte, a diferença que existe entre a geografia agrária e o uso agrícola do território. As aulas da Prof. Maria Adélia Aparecida de Souza iluminaram um projeto iniciado na Universidade René Descartes – Paris V – La Sorbonne, em 1998.

Na França, a entrada na universidade pública se dá no mínimo por três vias institucionais possíveis já que não há vestibular. A 1ª via, a via real, se dá pelo famoso Baccalauréat: cinco anos de escola primária, quatro anos de colégio secundário e três anos de liceu, num total de doze anos de ensino integral para passar este diploma nacional. No meu caso, como muitos filhos de imigrantes morando e trabalhando na periferia, me foi oferecida a possibilidade de passar um Bac técnico-profissional, o que não implica o acesso direto à universidade. No entanto, existia uma parte geral obrigatória com 3 anos de aulas de filosofia, literatura, história, geografia, economia, inglês, espanhol e alemão.

A 2ª via, a via autodidata, se dá pelo ESEU<sup>1</sup>: um ano de estudos gerais considerados como o ano zero da universidade; ou seja, pode ser considerado como um cursinho onde o aluno (após os 25 anos) organiza e institucionaliza conhecimentos já adquiridos. Foi o meu caso ao ter seguido durante doze anos o curso Ad-hoc de literatura, história, geografia e política oferecido em paralelo pela coordenação do ensino português na França. Dessa forma é que entrei em Ciências da Linguagem em Paris III – Censier (Daubenton) onde comecei a pesquisar a aquisição da linguagem.

A 3ª via, a via da escola da vida, se dá por uma seleção de equivalências de aquisições: que estas sejam profissionais, familiares, sociais, comunitárias, sindicais, políticas, religiosas, etc. Também foi o meu caso. Ensinar português à 3ª geração de filhos de emigrantes durante cinco anos e me formar em francês língua estrangeira para os novos imigrantes me deu as equivalências necessárias para entrar diretamente em ciências da

---

<sup>1</sup> ESEU: Examen Spécifique d’Entrée à l’Université. Existem dois ESEU, o A (literário) e o B (científico).

educação Paris V – René Descartes. O primeiro passo da autonomia universitária se dá, justamente, pelas várias possibilidades de acesso que cada departamento tem a liberdade de oferecer ou não. Por exemplo, Paris V não aceita quem não tenha nem experiência nem prática profissional de ensino. A reflexão teórica sendo realizada como consequência destas últimas e não como causa. O canudo não garante teoria. A teoria se constrói num processo dialético com a prática.

Minha formação universitária, já na sua origem, uma busca interdisciplinar com “Licence<sup>2</sup>” et “Maîtrise<sup>3</sup>” em ciências da educação, encontrou-se ser enriquecida pela “*descoberta das possibilidades de compreensão do mundo novo*” ofertas por uma geografia renovada e profundamente transdisciplinar porque permanentemente crítica e dialética.

Paris V nasceu pós 68 como uma experiência de leitura dos complexos processos pedagógicos. Á sociologia da educação e da formação, uniram-se outras disciplinas irmãs consideradas *libertárias* - em apoio ao conhecimento das massas universitárias: psicologia e psicanálise; didática e lingüística; sócio e psicopedagogia; andragogia<sup>4</sup>...

Quanto mais a Sorbonne oitocentista entrava no pragmatismo da Escola de Chicago pela porta aberta da fragmentação européia (o muro de Berlim recém começava a despedaçar-se nas cabeças); mais o nosso pequeno departamento - René Descartes – tentava resistir ao manter-se na Escola de Frankfurt.

A política educacional francesa do final do século XX era formar os 80% da faixa etária que chegava às universidades públicas. Sem esquecer a formação em alternância e contínua dos novos desempregados (inclusive professores) a serem reciclados para atender às necessidades de uma Globalização que soprava pelas janelas da nova economia.

Á título de exemplo, no 1º ano de DEUG<sup>5</sup>, em ciências da linguagem, cada professor tinha a responsabilidade de formar trimestralmente quase 1.000 alunos no seu *amphi*. Meu orientador de DEA<sup>6</sup>, em Sociologia da Educação, Professor Eric Plaisance que também era Professor visitante na UFRJ, tinha quase 100 alunos por seminário de orientação que aconteciam aos sábados na rue des Saints-Pères. Meus orientadores de

---

<sup>2</sup> Como resultado de 6 Monografias e de um Memorial de Licenciatura, de 1993 a 1997.

<sup>3</sup> Como resultado de 1 Monografia e de um Memorial de Mestrado, de 1996 a 1998.

<sup>4</sup> Andragogia: pedagogia destinada ao homem adulto (andros) como diferencial da oferecida á criança (pedos).

<sup>5</sup> DEUG: Diplôme d’Etudes Universitaires Générales. O DEUG equivale aos 3 primeiros anos de estudos universitários. É o primeiro grau universitário francês.

<sup>6</sup> DEA: Diplôme d’Etudes Approfondies que equivale á uma pré-pesquisa geral (2 anos) para preparar o doutorado. Diferencia-se do DESS (Diplôme d’Etudes Scientifiques Spécialisées) considerado mais profissionalizante.

Maîtrise combinada, Maîtres de Conférence<sup>7</sup>, Professores Pierre Besnard, em Andragogia, e Serge Hermine, em Sociologia da Formação, somente tinham uns 30 alunos, porque suas disciplinas não estavam na moda.

Paralelamente, a dupla nacionalidade e o bilingüismo foram requisitados tanto no ensino do Francês Língua Estrangeira em escolas aonde recém a 2ª e 3ª geração de imigrantes vindos das novas nações européias, das velhas nações africanas e dos DOM-TOM – Departamentos e Territórios de Além Mar - estavam sendo formadas e (re)profissionalizadas. Quanto no ensino do Português que era ensinado em escolas municipais a fim que os filhos de lusófonos de 1ª, 2ª e 3ª geração resgatassem e reincorporassem suas origens culturais. Ou ainda, como Professora de Francês Língua Estrangeira na Aliança Francesa de Paris ao receber os novos emigrantes (oficiais e clandestinos) - que após 1993<sup>8</sup>, não tinham mais direito à nacionalidade francesa pelo solo, somente pelo sangue.

Quando no meio de 24 alunos, todos no mínimo bilíngües, há 17 nacionalidades e religiões de todo mundo, os “*tempos pedagógicos*” e os “*atos de palavra*” da Teoria da Comunicação da Escola de Palo Alto<sup>9</sup> eram então nossa única salvação.

Mas, a partir de nossa capacitação em “*Droits de l’Homme*”, na Universidade Robert Schumann de Strasbourg, *O Direito à Vida*<sup>10</sup>, neste vendaval do Mundo Novo, começou a questionar todo método usado nas *situações de comunicação*.

---

<sup>7</sup> Um dos concursos nacionais de nível de professor universitário (equivalente ao do professor titular no Brasil).

<sup>8</sup> Início da Lei Balladur, lei que leva o nome do 1º ministro Edouard Balladur, que determinou que para ser francês, doravante, tinha-se que ter pai ou mãe franceses, senão, o fato de nascer em território francês não garantiria mais o direito à aquisição nem da nacionalidade nem da cidadania francesa. Em 1993, a França vivia num período de coabitação: o poder executivo estava nas mãos do Partido Socialista com o presidente François Mitterrand; o poder legislativo nas mãos de uma maioria de direita, na assembléia legislativa; o poder judiciário e o poder burocrático estavam nas mãos de juizes e funcionários públicos da carreira administrativa formados pelas Grandes Escolas fundadas por Napoleão Bonaparte (Escola Nacional de Administração – ENA -; Ciências Políticas; Polytechnique, Ponts et Chaussées, Saint-Cyr, etc.). O que não impediu que, em 2005, uma mulher, muçulmana, filha de arksis, alcançasse o posto de Mme Le Juge au Barreau de la Cour de Paris.

<sup>9</sup> “Tomando de empréstimo conceitos e modelos de abordagem sistêmica, mas também da lingüística e da lógica, os pesquisadores da escola de Palo Alto tentam explicar uma situação global de interação, e não apenas estudar algumas variáveis tomadas isoladamente”. (MATTELART, 1999: 68).

<sup>10</sup> “Foucault demonstra que a vida, muito mais do que o direito, tornou-se objeto das lutas políticas. Contra esse poder, que se consolidou a partir do século XIX, as forças que resistem apóiam-se sobre aquilo que ele investe – na vida e no homem enquanto ser vivo. Portanto, um dos traços marcantes da modernidade é justamente a disputa política em torno da vida. Por um lado, o poder atua efetivamente sobre ela, produzindo saber-poder, “bem-estar”, controle individual e coletivo, condições básicas de sobrevivência, etc. Por outro, ela é também a bandeira de luta dos movimentos contra esse poder – direito à vida, ao corpo, à saúde, à felicidade, à satisfação de necessidades, aos prazeres – que, concebendo-a como a essência concreta do homem, reivindicam o direito a uma vida outra, diferente dessa vida que nos é imposta”. De Carlos José Martins, doutor em filosofia pela UFRJ, professor da UNESP – Rio Claro, In “*Foucault: sexo e verdade, o confronto político em torno da vida*”, Revista Mente, Cérebro & Filosofia, Fundamentos para a compreensão

Venho de uma universidade onde a porta de entrada dá para Rue des Ecoles e onde os sem domicílio fixo usavam, inclusive nas noites de inverno, suas dependências e assistiam às nossas aulas públicas. Não foi fácil cair, como me foi dito, de pára-quadras na Unicamp. Mais difícil, ainda, foi conseguir adaptar-se a USP, como maior universidade da América Latina. Num país onde somente 7% da população têm acesso ao ensino superior e quando menos de 1% é mestre e doutor.

Foi neste contexto que a curiosidade pelo fenômeno do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e sua Pedagogia foi aparecendo, tanto no meio científico e acadêmico como no meio social e político francês.

Como diz Jean Baudrillard, o Brasil é considerado laboratório da humanidade pela Organização das Nações Unidas, visto que aqui vivem, co-habitam e co-existem todas as raças, culturas e religiões. Isto está explicitamente presente no Centre de Recherches sur le Brésil Contemporain – CRBC - integrado à l’Ecole de Hautes Etudes em Sciences Sociales – EHESS de Paris. Porém, se o Brasil é mesmo laboratório da humanidade; a cidade de São Paulo, sua capital econômica e industrial, é considerada, pelo professor Nicolau Sevcenko, do Departamento de História da USP, enquanto “laboratório cultural interdito”. Pois, segundo Bourdieu, por ser lei social, o capital cultural vai ao capital cultural.

Enfim, se 2005 foi o Ano do Brasil, na França, o que confirma o interesse da Europa por um território onde estão aqui representadas todas as suas grandes corporações (sistema de objetos) e todas as suas gentes (sistema de ações), neste período de Globalização; 2008 será o Ano da França, no Brasil.

*“Creio, então, que há uma fragilidade muito grande nessa globalização, e é por isso que o Brasil tem que ser controlado de fora, porque se o Brasil mudar de idéia um pouquinho, pode levar o mundo por água abaixo. Por isso o Brasil é hoje um dos países mais vigiado de fora, na sua política interna e externa, na sua política social, na sua política educacional...”* (SANTOS, abril de 2000: 18).

Através da Geografia Nova e do Método Geográfico já podemos começar a desvendar a instalação de um novo período histórico: o Período Popular da História e seu Homem Pobre e Lento; enquanto principais fundamentos do Território Usado por uma Outra Globalização.

## A – PRIMEIRO MOMENTO

### - O MUNDO E SUAS IDEOLOGIAS<sup>11</sup> -

#### Introdução

##### - Período Popular da História –

Acreditamos que é possível e desejável encararmos que já estamos vivendo no Mundo Novo do Período Popular da História. Esse novo período histórico antevisto e profetizado pelo Professor Milton Santos. Neste tempo conflituoso, nesta epistemologia e geografia da existência, tão projetada por todos os poetas visionários da Humanidade. Pelo menos, é a novidade almejada por esta tese.

Para a Professora Maria Adélia Aparecida de Souza<sup>12</sup>, o Período Popular da História começou, enquanto marco do início do período, em 11 de Setembro de 2001, quando as televisões mostraram os ataques às torres gêmeas do World Trade Center - na ilha de Manhattan em Nova Iorque. Queira ou não, este acontecimento histórico também pode ter sido, tal qual o ataque de Pearl Harbor, uma simples manipulação do congresso americano e da opinião pública mundial a fim de legitimar a eleição de um presidente norte-americano que não saiu vencedor das urnas. Pois, venceu um longo processo financeiro (ao ser financiado pelas maiores empresas da guerra, do petróleo e do marketing) e jurídico (ao ser defendido pelos maiores cérebros dos advogados do pensamento único na versão do Consenso de Washington). Seja como for, com ou sem conspiração interna e internacional, com ou sem manipulação política republicana, com ou sem manipulação de dados, de mentes e de gentes, as torres gêmeas desabaram no coração de um Império<sup>13</sup> com pés de barro.

---

<sup>11</sup> “Por ideologia, entendemos o conjunto dos reflexos e das refrações no cérebro humano da realidade social e natural que ele exprime e fixa através da palavra (...) Nenhum enunciado, em geral, pode ser atribuído ao único locutor: ele é o produto da interação dos locutores e, mais largamente, o produto de toda esta situação complexa na qual surgiu (...) A parte verbal no homem (...) pertence, não ao indivíduo, mas ao seu grupo social (ao seu [ambiente] entorno social) (...) A estrutura do enunciado, assim como daquele da experiência expressável, é uma estrutura social”. (BAKHTINE & VOLOCHINOV apud BAYLON & MIGNOT, 1994: 217)

<sup>12</sup> In Conferência de abertura do 2º Encontro com o Pensamento de Milton Santos, Campinas, maio de 2003.

<sup>13</sup> Em nossa tese, a noção de Império não faz somente referência ao Império “contemporâneo” de Antônio Negri. Pois, bem antes de Negri, Lênin já teorizava sobre o Imperialismo. E, bem antes de Rosa Luxemburgo, José Martí, já era um dos primeiros revolucionários antiimperialistas (RETAMAR, 1993: 14-21).

O período popular define um período histórico. Tem um marco inicial e tudo o que acontece nele é produto de suas características, dinâmicas, processos. Ele é um tempo do mundo e não de cada país. Claro que estes podem ter “episódios” que marcam o período no país. Por exemplo, a nível nacional, o Período Popular da História teria começado a ser ilustrado em 1º de Janeiro de 2003, quando as televisões brasileiras mostraram um ex-sindicalista operário recebendo a faixa presidencial da República Federativa do Brasil. Pela primeira vez, na América Latina, um presidente foi eleito com 53 milhões de votos pelo sufrágio universal<sup>14</sup>. Vale lembrar que João Goulart, o Jango, somente foi eleito com 6 milhões de votos de grandes eleitores (coronéis, profissões liberais e empresários) ao sufrágio indireto. Jango não foi eleito pelo povo brasileiro.

Na realidade, o Período Demográfico ou Popular da História renasce a cada dia em suas subliminais contradições geográficas, econômicas, culturais e políticas. Não há um único momento, nem um único lugar, nem um único fato que seja capaz de lavar, sozinho, sua certidão de nascimento.

O Período Popular da História já é, ele já existe e já está se materializando, frente aos nossos olhos, fora de qualquer instituição.

Na França nasce em Outubro de 2005, quando jovens da periferia - sem líderes nem prévia organização - reagem á morte de dois adolescentes fugindo da polícia; ao incendiar, noites á fio, mais de mil ônibus e ao revelar para o mundo que o leme republicano e universal de liberdade, igualdade e fraternidade ainda está por existir.

Na Bolívia, nasce quando, após 500 anos de colonização, um indígena alcança a função máxima da presidência e se torna o maior servidor público e democrático de seu povo.

Tal um Curupira ou um pintor impressionista, o Período Popular da História vai deixando suas pegadas em vários lugares e em inúmeros momentos da história da Humanidade. Para uns acontece nos Bálcãs, Afeganistão, Iraque, Palestina ou Irã. Para outros, já está acontecendo, hoje, neste momento, aqui e agora.

Longe do pensamento único da ideologia liberal que vem somente anunciando as desgraças do planeta terra; o Período Popular da História vai tratando da evolução das instâncias sociais: política, cultura, economia e espaço geográfico. Pois, se o Homem é responsável pelas desavenças do planeta, (como nos inculcam a todo comercial); será que é o planeta (jovem, vivo e em atividade) ou o ser humano (em lenta via de construção) ou

---

<sup>14</sup> Em seu 2º mandato, 2007, o presidente Lula (PT) foi eleito com 58 milhões de votos depositados nas urnas contra o seu adversário Geraldo Alckmin (PSDB).

ambos, que estão sempre em evolução constante, contraditória e permanente? Sabendo que, hoje, a humanidade tem todas as condições técnicas e materiais de controlar a farsa do “efeito estufa” e a metáfora de seu “aquecimento global”. Danielle Mitterrand, presidente da Organização Não Governamental “France Libertés”, lembra, muito bem, que com somente 10% dos gastos militares se resolve o problema da água para todos os seres humanos. Basta vontade e coragem política. Pois, já há toda tecnologia necessária.

Assim, o Período Popular da História apresenta-se como mais uma tentativa de resposta das experiências históricas e sociais às paradoxais necessidades humanas deste Mundo Novo. Quase um efeito co-lateral da história oficial e da aceleração contemporânea do capitalismo e de suas idéias liberais.

Talvez o mais interessante seja observar como o Período Popular da História e o Meio Técnico Científico Informacional e Comunicacional caminham juntos. Desvendar como a Técnica, em geral, dá suporte as suas manifestações particulares. Como foi o caso em São Paulo, em Maio de 2006, quando, alucinada, a elite paulista e paulistana descobriu que o sistema penitenciário brasileiro não é somente um bom negócio, lucrativo, onde cada empresa terceirizada e cada diretor de presídio e governador de estado lucra com esse exército de presidiários<sup>15</sup>. Não, a falta de liberdade, fora ou dentro do sistema carcerário, não é rentável nem auto-sustentável para o Sujeito Homem. Daí a repressão alucinante aos que ousaram questionar o sistema: no final de semana do Dia das mães, todos os Institutos Médico-Legais – IMLs - do município de São Paulo e de sua periferia ficaram lotados. Oficialmente, em três dias, apareceram 496 cadáveres. Muitos sem documentos. A grande maioria foi enterrada em covas comuns. Ainda hoje, famílias paulistanas estão procurando por seus queridos familiares “desaparecidos”.

O próprio sistema de comunicação e seus objetos, tais celulares, tiveram o privilégio de inaugurar um outro uso maciço, coletivo e silencioso, do próprio estado da coisa. Para outros fins. Com outros objetivos e outras finalidades. Não somente para aquilo em que foram projetados: ou seja, a criação de um processo de criminalização da miséria<sup>16</sup> para beneficiar e expandir o lucro do mercado consumidor de segurança pública e privada<sup>17</sup> de uma elite transnacional. Ou seja, assistimos a criação de um puro mecanismo

---

<sup>15</sup> Nos Estados-unidos, o sistema prisional já é o 3º empregador nacional, somente após o Wall Mart e a General Motors, inclusive com ações na bolsa de valores. (Seminário de pesquisa, 4 de maio de 2007).

<sup>16</sup> O processo de criminalização da miséria é um fenômeno mundial paralelo às necessidades do capitalismo. Nos Estados-Unidos 10% da população norte-americana estão do outro lado da muralha.

<sup>17</sup> O desmonte de qualquer sistema vai sempre preparando sua privatização. É o caso do sistema educacional, de saúde, saneamento, energia, comunicação, segurança pública (como no Rio de Janeiro, na rota do Pan 2007)... Hoje, assistimos a uma preparação prévia da privatização do controle aéreo brasileiro. Ou, então,

do medo e do terror absolutos – basta assistir ao Jornal Nacional - que disfarça um verdadeiro estado de guerra permanente de ocupação dos corpos, de entretenimento dos espíritos e de manipulação das consciências.

Em busca desse novo Cidadão deste Mundo Novo considerado “subversivo” decidimos estudar o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. Pois, segundo Dom Pedro Casaldáliga<sup>18</sup> o Movimento Sem Terra é: “*Hoje em dia, o maior movimento popular social da América Latina*” (CASALDÁLIGA, janeiro de 2007). Na própria Université de Paris – La Sorbonne - a Pedagogia e a Escola do MST são apresentadas e consideradas como as mais evoluídas e atuais do século XX. Por isso, o tripé desta Tese de Doutorado é a Formação, Pedagogia e Escola do MST. Ao propor, a partir daí, os fundamentos da construção de uma nova matriz pedagógica para o MST: a Pedagogia do Território Usado, enquanto Pedagogia Cidadã.

Como será que a Pedagogia – enquanto Técnica, Teoria e Prática - consegue ajudar-nos a entender este Mundo Novo? Ao tomar, aqui, como enfoque a própria Pedagogia do Movimento Sem Terra (MST).

Como o Território Usado, uma das ferramentas da Geografia Renovada inspirada no professor Milton Santos e na professora Maria Adélia De Souza, é indispensável para tentarmos desvendar este Período Popular da História? Inclusive, ao tomar o Território, tanto como categoria de análise, quanto princípio essencial, já Usado pela Pedagogia do MST, qualificando, assim, suas ações na luta pela terra no Brasil e no Mundo.

Como o diálogo entre estas disciplinas das ciências humanas consegue esclarecer este Meio Técnico Científico Informacional e Comunicacional que nos submerge e nos rodeia? Sem, no entanto, que: “O amoralismo ao qual as ciências do homem são convidadas pare[ça] indispensável para atribuir uma roupagem de idéias a um capitalismo tornado cada vez mais autoritário, carapaça pseudocientífica indispensável a manter ao preço da violência, se necessário, a dominação sobre os recursos que constituem a base material do sistema, cada dia mais estreita” (SANTOS, 1982 apud 2005)

Como o revolucionário conceito de Espaço Geográfico – uma indissociabilidade entre um sistema de Ações e um sistema de Objetos, regulada por Normas – ilumina o

---

esses controladores de vôo, hoje amutinados, estão nos revelando uma anterior privatização, de fato, desde a implantação do Sistema de Vigilância Aérea Nacional – SIVAN. Quem ganhou o direito de cuidar do Sivan é uma empresa civil norte-americana que ganhou, como qualquer outra empresa, uma licitação pública durante o período das privatizações no 1º governo de Fernando Henrique Cardoso (1994-1998).

<sup>18</sup> Missionário da Ordem dos Claretianos, catalão, 79 anos, esteve à frente da prelazia de São Felix do Araguaia (MT) por mais de 30 anos. Atualmente, é seu bispo emérito. A prelazia tornou-se referência para os movimentos de oposição à ditadura militar e alvo de ataques pelo fato de ser encarada como foco de guerrilha. Dom Casaldáliga foi preso e torturado pelos militares. (CASALDÁLIGA, janeiro de 2007)

nascimento de um novo sistema de Valores? Ao aprimorar o conceito de Território Usado, ajustando-o a compreensão do uso agrícola do território, como fundamento de método da pedagogia do MST; e ao tentar compreender o sentido do Território Brasileiro na Pedagogia do MST, tal qual, hoje, definida e praticada pelo próprio Movimento.

Mesmo se o Período Popular da História não nasce aqui ou ali. Pois, pela sua própria definição ele tem um marco histórico. No entanto, algumas experiências sociais e alguns eventos históricos e geográficos, não-oficiais, foram revelando-o para os olhos de quem, tal o Professor Milton Santos, não estava alheio aos informais eventos sócio-espaciais.

Assim, em 17 de abril de 1996, em plena reunião da Via Campesina Internacional, o MST descobre que já está “encaixado” no conceito de período, que pode ser proposto como a definição, em tempo real, da informação. Com a nova feição da Política sustentada e possibilitada pelo Meio Técnico Científico e Informacional expandido (já pesquisado e definido por Milton Santos). O que implica, na unicidade técnica do planeta, aí sim, enquanto suporte da difusão global da informação.

No Movimento Sem Terra - MST, o Meio Técnico Científico Informacional, e seu outro viés o Período Popular da História, são re-transcritos *estritu sensu* em 17 de abril de 1996, quando 19 Sem Terra são assassinados à queima-roupa, deixando viúvas e órfãos, que se tornaram companheiros de luta dos 69 mutilados e das famílias dos 11 desaparecidos do Massacre de Eldorado dos Carajás (PA). Pois, a repercussão da emoção internacional foi maior do que a difusão da razão do estado nacional brasileiro. No mundo todo, os consulados e embaixadas brasileiras acabaram recebendo milhões de envelopes cujo conteúdo era somente 10g dessa terra que, somados uns aos outros, representaram toneladas desta terra indesejável: os sete palmos de chão aos quais todos os homens têm enfim direito.

A partir desse evento, o massacre de sem-terra brasileiros no sul do Pará<sup>19</sup>, mas sem esperar pelo reconhecimento das instituições de direitos humanos, dos governos (estadual e federal) ou dos organismos internacionais; acontece outro evento, simultâneo e desta vez elaborado pelo próprio auto-decreto-lei de uma reunião de simples “camponeses” internacionais: o 17 de abril se torna, para o mundo contemporâneo dos “homens pobres e

---

<sup>19</sup> “Era o segundo massacre no governo Fernando Henrique Cardoso. O primeiro foi em Corumbiara, Rondônia, em 9 de agosto de 1995, quando quinhentas e quatorze famílias, organizadas pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Corumbiara, ocuparam a fazenda Santa Elina. Durante o despejo violento, dez sem-terra e dois policiais foram mortos”. (FERNANDES, 2000: 209). Em 9 de junho de 1997, na Zona da Mata, em Pernambuco, acontece o massacre de Camarazal: 30 jagunços atiram em mulheres e crianças; dois Sem Terra são torturados e assassinados; todo o acampamento é incendiado e destruído.

lentos”, (outro conceito de Milton Santos, determinando o Período Popular da História), O Dia Internacional da Luta Camponesa.

“O que permitiu a Milton Santos propor a existência do Período Popular da História foi esse conjunto de contra-racionalidades mais a cultura popular, o conhecimento aprofundado que os pobres possuem dos lugares onde vivem, num mundo cada vez mais marcado pela escassez. Essa realidade, que já presenciamos, faz com que a sobrevivência de grande parte da população se dê através de estratégias feitas e refeitas cotidianamente, tendo como âncora o futuro”. (TOLEDO Jr, 2005: 69)<sup>20</sup>

Eis, entre muitas outras, uma ilustração das perguntas que esta Tese de Doutorado vai tentar levantar, ilustrar e manter no seu foco.

---

<sup>20</sup> Para o professor do Departamento e do Mestrado em Geografia da Universidade Federal da Bahia, Rubens de Toledo Jr., o Período Popular da História tem, fundamentalmente, como base a dialética entre verticalidades e horizontalidades; racionalidades e contra-racionalidades; cultura, pobreza e escassez. Concordamos, em princípio. Pois, a dialética maior não está entre Período Popular da História e Globalização, como indicado na abertura de seu excelente artigo científico. Mas, sim, entre Período Popular da História e Globalitarismo. Isto é, o Período Demográfico ou Popular da História, por sua qualidade, apresenta-se como a possibilidade de uma Outra Globalização.

## 1ª Parte

### - **Pedagogia como Técnica**<sup>21</sup> -

*“Para Friedrich Nietzsche, a técnica não é neutra. O que, talvez, explicaria, de forma retroativa, o fracasso do socialismo real europeu. Pois, como encontrar argumentos para justificar que Lênin, o teórico revolucionário da Revolução Soviética, ao desejar materializar a passagem de uma Rússia “serva, medieval e camponesa”, do século XIX, para uma Rússia “contemporânea, moderna e operária”, do século XX, tenha tomado a decisão de desenvolver toda a juventude da recém criada indústria socialista a partir da prática exploradora de uma técnica do trabalho capitalista que aliena os trabalhadores: o fordismo e o taylorismo? Os servos eram analfabetos mas não eram burros.”*

(IASI, 2007)

---

<sup>21</sup> “A idéia de técnica como algo onde o “humano” e o “não-humano” são inseparáveis, é central”. (SANTOS, 1996 apud 2003: 24).

## I - Formação territorial do MST

*“Incorporamos, como fonte de nossa própria existência, várias correntes. Não somos fruto de apenas uma corrente, somos fruto do trabalho da Igreja, do sindicato, das organizações de esquerda, somos fruto de tudo isso, num processo de reascenso do movimento de massas que houve na nossa sociedade”.*

(STEDILE, 2006: 181)

Segundo as palavras de João Pedro Stédile, membro da direção nacional e um dos fundadores do MST, o próprio Movimento Sem Terra assume que não é uma criação nova, resultado de uma geração espontânea de lutadores do povo.

Sim, hoje, no mundo globalitarizado é difícil pensar-se como autocriação. Jean-Paul Sartre já insistia, mesmo antes do Período Popular da História, no fato de que: “Somos filho de muitos!”. Pois, hoje, vivemos não só na nossa aldeia, bairro, cidade, estado, região, país ou continente. Hoje, nós todos, cada um de nós, já nasce, cresce e vive lançado no próprio mundo. Ora, para continuar caminhando com Sartre, “Se somos filho de muitos, só somos pai de nós mesmo”.

Sempre ouvimos dos pobres a expressão: “Botar um filho no mundo!”. Mas, esta expressão popular nunca foi tão atual nem tão real e concreta como no nosso mundo de hoje.

Quem já esteve no Iraque? Qual Brasileiro alguma vez pisou, de verdade, na terra iraquiana? Bem poucos. Talvez alguns empresários de carne, visto que o Brasil é o maior exportador de carne, bovina e aviária, para os países árabes. Talvez algum militar ou policial aposentado, visto que o Brasil também exporta “agentes de segurança” para os conflitos árabes. Agronegócio, setor de armamento (o Brasil é superpotência mundial em produção de armas) e de mercenários terceirizados talvez estes, sim, já tenham estado no Iraque.

No entanto, a cada dia que passa temos a estranha sensação de conhecer cada vez mais o Iraque e cada vez menos o nosso próprio lugar. Em toda parte do Brasil, mesmo os soi-disant 15 milhões de *analfabetos funcionais* sabem, mais ou menos, onde fica o Iraque e o que está acontecendo lá. Com o quase monopólio da Rede Globo de Televisão, as imagens dos atentados e das explosões diárias de um país que resiste a ocupação de uma

coalizão internacional entram, sem pedir licença, em nossos barracos e se tornam os temperos quotidianos de nossos almoços e de nossas jantas, quando há janta.

Hoje, o MST tem quase 24 anos. Nasceu oficialmente em 1984. Seu processo de construção foi gerado no final dos anos 70, início dos anos 80. Ou seja, os primeiros Sem Terra começaram a organizar-se, no Rio Grande do Sul, em plena Guerra Fria, após a Guerra do Viêt-Nam.

Não sei até que ponto os focos de guerrilha que tentaram contradizer a Teoria dos Dominós influenciaram estes mesmos Sem Terra. Mas, em Portugal, Terceiro Mundo da Europa, - e que recém, em 1974, com a Revolução dos Cravos, estava saindo de uma ditadura de 48 anos (1926-1974) -; as notícias da Guerra do Camboja influenciaram, em grande parte, as decisões políticas da dita última Reforma Agrária do velho continente europeu.

Sim, o Viêt-Nam ganhou das “forças imperialistas” americanas, mas, e o que aconteceu no país vizinho? Onde o Viêt-Nam teve responsabilidade maior, como país invasor, até os anos 90, e após os dramáticos acontecimentos do regime dos Khmers Vermelhos de Pol-Pot.

O perigo de todo cientista é propor soluções ou interpretações sem qualquer contextualização histórica. Estou pensando na tal de “Civilização do Arroz<sup>22</sup>” que, se foi uma tentativa cultural do século XX; levou, justamente, ao extermínio e ao massacre de 3 milhões de cambojanos, sianoukistas e comunistas, pela dita revolução radical e camponesa de Pol-Pot. Não, lamento, isso não pode ser, de jeito nenhum, um ponto de partida para a proposta de um socialismo do século XXI.

A situação política, econômica e cultural do Mundo iluminam e influenciam, diretamente, qualquer evento. Sobretudo, um evento social tal como o nascimento de uma organização nacional de Sem Terra, numa aparente desorganização da sociedade brasileira.

Mas, se o mundo nos influencia, porque nos botaram nele, nós também influenciemos o mundo em que vivemos e onde nos projetamos. Pois, se os outros são nosso inferno; nós somos seu respectivo inferno.

---

<sup>22</sup> O conceito de “civilização do arroz” aparece em tese de doutorado, defendida na França, por Khieu Samphan: “Suando para semear (...), o homem conhece o verdadeiro valor das coisas”. Em função deste princípio, altamente afirmado pelos chefes políticos Khmers Vermelhos, as cidades cambojanas foram esvaziadas de todos os seus habitantes, e estes foram deportados para os campos de reeducação na zona rural. Esta tese já previa um desenvolvimento autárquico do Camboja, fundado sobre a única agricultura; afetando aos campos, e depois às fábricas rurais, todos os cidadãos considerados parasitas. Khieu Samphan torna-se chefe de Estado enquanto Pol Pot dirige o governo Khmer como 1º ministro. (LANEYRIE-DAGEN, Nadeije, 1997). Segundo o Prof. Dr. Armen Mamigonian, o conceito de “civilização do arroz”, tal qual o conceito de “civilização da estepe”, foi criado pelo geógrafo francês, Pierre Gourou.

A beleza deste Mundo Novo, que não é sinônimo desse Meio Técnico Científico Informacional e Comunicacional é que toda sua tecnologia implica um vai e vem incessante. Pois, tudo o que vai como Globalitarismo, tem, hoje, graças ao Meio Técnico Científico Informacional e Comunicacional, a possibilidade de voltar como outro: a Globalização do Período Popular da História.

Jean-Paul Sartre nos fala do efeito “boomerang” de toda e qualquer violência. Quando, num dado lugar, a violência de uma ação produz, em outro momento e em outro lugar, a reação da faísca de outro futuro evento. Eis, desse jeito, que possibilitamos a existência de nosso futuro: como âncora do presente.

Cada evento que acontece é, assim, jogado e lançado, tal um foguete, para o mundo. Lá gira por alguns instantes antes de começar a recair sobre a superfície do mundo dos homens. Tal o raio de um temporal social, o clarão ilumina todo cenário, local, nacional e internacional.

Nossa distância, que pode ser contada em rápidos segundos ou longos minutos, representa os quilômetros que existem entre a velocidade da luz do relâmpago e a velocidade do som do trovão. É o que nos separa da situação geográfica da trovoadas. Quando raio, relâmpago e trovão, chuva e vento, estão em sincronia, então, temos a certeza absoluta de estar no centro do temporal.

O raio, esta descarga total de energia sobre a terra dos homens, é o perfeito encontro da luz com o som. Somente o raio une a velocidade do som e a velocidade da luz. Quando a carga positiva e a carga negativa das massas de ar se atraem, unem e repulsem, neste fabuloso espetáculo de uma natureza, hoje dita e considerada humana.

É essa energia absoluta que, acumulada pelos lugares, liberta os ventos e lhes permite libertar-se, por sua vez, da atração de uma nova força de gravidade da terra. Pois, sem a ajuda dos raios, os ventos não se libertam dela e começam a rodear, presos que estão, ao formar fantásticas tempestades de redemoinhos: as temporadas de ciclones ou furacões.

A terra não é somente um magma inerte da crosta terrestre. Se a vida nasceu da consciência de um deus pai todo poderoso, no qual acreditam todos os monoteístas, Adão nasce de seu sopro sobre o barro que amassou com suas próprias mãos. A terra é trabalho. Por isso, ela é o que somos e nós somos o que ela é. Pois, segundo Rosa Luxemburgo, o socialismo é esta nova terra a ser conquistada. E, segundo Gilles Deleuze, nós é que somos esses novos e últimos territórios a serem descobertos, sob o olhar de um Deus que, tal o sertão, é inevitável e estaria em toda parte.

## **Esboço de uma Matriz de Periodização sobre a Formação Territorial do MST Através de suas experiências coletivas, sociais, populares e de resistências históricas**

### **1º Capítulo**

#### **- Território Usado pela Formação do MST –**

#### **Uma linha do tempo proposta pelas Raízes e pelo Aprendizado do MST**

#### **Quilombo de Palmares (Pernambuco - PE / Alagoas - AL)**

“Uma das formas de resistência dos negros contra o cativo, os quilombos refugiavam não só escravos foragidos, como também índios, pobres e prostitutas. Considerado o maior do Brasil, Palmares foi na verdade uma junção de quilombos e chegou a reunir perto de 20 mil habitantes. Calcula-se que tenha se formado em **1629**. Localizava-se numa serra situada entre Pernambuco e Alagoas, e era governado por um rei e por um conselho formado pelos chefes dos quilombos. Contam que o primeiro rei de Palmares foi Ganga-Zumba, assassinado por quilombolas, habitantes dos quilombos, devido ao fato de ter se mostrado disposto a negociar com as autoridades coloniais. Ele foi substituído por Zumbi, nome esse de origem africana, que não se sabe ao certo se era o dele ou de sua função. O que se sabe é que tinha a disposição para a resistência. Manteve-se no comando da luta por cerca de dezesseis anos, vencendo diversas incursões feitas na tentativa de destruir Palmares. Foi morto em **1695**, quando o reduto foi arrasado por mercenários sob o comando de um bandeirante”. (MORISSAWA, 2001: 65)

“Líder da resistência negra no século XVII, quando se organizaram muitos quilombos em todo o país. Zumbi comandou o Quilombo de Palmares (AL). Foi assassinado por tropas da Coroa Portuguesa em 1695”. (FERNANDES, 1999: 63)

Hoje, Zumbi dos Palmares é festejado no dia da consciência negra (feriado municipal de 20 de novembro, dia em que Zumbi morreu acompanhado por 20 guerreiros) e durante todo mês da consciência negra (novembro). O Quilombo de Palmares é considerado como exemplo de resistência maior pelos integrantes do Movimento Hip-Hop e por toda a posse-mente Zoulou do Brasil.

#### **Sepê Tiaraju (Rio Grande do Sul - RS)**

“Havia no século XVIII, na região fronteira entre o Brasil e o Uruguai, missões jesuíticas espanholas onde viviam povos guaranis, cada qual em seu povoado e com populações entre 1.500 a 12 mil habitantes. Esse espaço, além de ser disputado por Portugal e Espanha, era constantemente atacado por bandeirantes apressadores de indígenas. Quando Portugal e Espanha assinaram o Tratado de Madri, em 1750, a região onde hoje se situa o Rio Grande do Sul passou para o domínio de Portugal. Pelo acordo, todos os habitantes da região deveriam transferir-se para o outro lado do rio Uruguai, que pertencia à Espanha. Os Guaranis se recusaram a deixar suas terras, onde plantavam e criavam gado, e deram início a uma guerra que durou **de 1753 a 1756**. O líder guarani dessa guerra foi Sepê Tiaraju, um cacique educado pelos jesuítas e que, em carta aos inimigos, deixou clara a decisão de seu povo de não deixar a terra. A resistência contra as tropas portuguesas e espanholas durou até a exaustão, em fevereiro de 1756, quando Sepê e outros 1.500 guerreiros foram massacrados. Derrotados, os guaranis sobreviventes e os padres abandonaram a região e foram viver no Paraguai. Sepê personificou a tragédia do índio americano e constitui um símbolo da luta contra a expropriação exercida pelos colonizadores de ontem e também de hoje. O leme de Sepê Tiaraju era: “Esta Terra Tem Dono”. (MORISSAWA, 2001: 60)

### **Canudos (Bahia - BA)**

“Resistência camponesa ocorrida no sertão baiano, liderada por Antônio Conselheiro, no período de **1893-1897**. O povoado de Canudos chegou a organizar 25.000 pessoas (maior população do que a própria capital baiana naqueles anos). Cercado pelo exército, resistiu durante cinco anos a várias ofensivas militares. Como disse Euclides da Cunha em *Os Sertões, Veredas*. obra clássica que descreve a resistência: “Canudos não se rendeu”.” (FERNANDES, 1999: 63)<sup>23</sup>

“Exemplo único na história, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente 5 mil soldados” (Euclides da Cunha, Outubro de 1897). Hoje, o Arraial dos Canudos, ou Belo Monte, desapareceu ao ser totalmente inundado pela represa de uma barragem na construção de uma central

---

<sup>23</sup> A obra “Os Sertões” é de Euclides da Cunha. A obra “Grandes Sertões: Veredas” é de Guimarães Rosa.

hidrelétrica. Há quem diga que os sinos da singela Igreja de Belo Monte ainda ressoam em dias de forte vento e de baixo nível da represa.” (MORISSAWA, 2001: 86)

### **Contestado (Santa Catarina – SC / Paraná - PR)**

“Movimento de resistência camponesa, ocorrido entre **1912-1916**, ao longo do rio do Peixe, entre Santa Catarina e Paraná. Os posseiros resistiram á doação de suas terras a uma empresa inglesa, que as recebera do governo pelo pagamento da construção de uma ferrovia. O exército e tropas federais atacaram os posseiros, para garantir os interesses da empresa inglesa.” (FERNANDES, 1999: 63)

“Contestado foi liderado pelo pregador e curandeiro “Monge” José Maria, considerado monarquista e anti-republicano.” (MORISSAWA, 2001: 87)

### **Porecatu (Paraná - PR)**

“Resistência camponesa ocorrida na década de **1950** no norte do Paraná. Os posseiros resistiram de forma armada contra a grilagem das empresas colonizadoras.” (FERNANDES, 1999: 63)

Hoje, para liderar a venda de créditos de carbono<sup>24</sup> no mundo, o Brasil ainda vende concessões de uso de suas matas a empresas poluidoras transnacionais ou aos seus organismos encarregados de realizar o compromisso de sua “responsabilidade social”.

### **Trombas e Formoso (Goiás - GO)**

“Resistência camponesa (entre posseiros e grileiros) ocorrida no interior de Goiás, nas décadas **de 1950 e 1960**. Após passar anos na clandestinidade e na prisão, dois dias após sua liberação, o seu líder, José Porfírio, desapareceu em 1973.” (FERNANDES, 1999: 63)

### **União de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil – ULTABs (Sudeste)**

“Associação classista composta por camponeses e assalariados rurais, organizadas pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), já que era proibido criar sindicatos naquela

---

<sup>24</sup> Por exemplo, uma empresa poluidora no Japão compra mata na Amazônia e garante, assim, o seu direito de poluir, em outro lugar. Os créditos de carbono são calculados numa relação entre hectares preservados e dejetos poluídos produzidos pelas empresas compradoras dos direitos de uso para preservação ambiental. A maioria das reservas, ditas “ecológicas”, existentes no 3º mundo, não é mais do que uma enorme reserva de crédito de carbono para o direito de poluir das empresas dos países, ditos “desenvolvidos”. Na realidade, é mais uma farsa. Pois, a vigilância por satélite dessas áreas mostra que somente são preservadas as mais altas árvores nativas. Por debaixo dessa proteção natural do meio ambiente, a extração de madeira continua.

época. As ULTABs funcionaram basicamente **entre 1954 e 1962**. Com o direito à sindicalização, todas elas se transformaram depois em sindicatos. Tiveram alguma amplitude nos estados do Sudeste, onde o PCB tinha muita influência política e deslocava militantes da cidade para organizá-las. Depois que se somaram à estrutura sindical oficial, elegeram Lindolfo Silva o 1º presidente da Confederação dos Trabalhadores na Agricultura - Contag. Nestor Veras, outro de seus mais importantes líderes, foi preso pela ditadura militar em 1964 e provavelmente assassinado, considerado desaparecido até hoje.” (FERNANDES, 1999: 18)

### **Ligas Camponesas (Pernambuco - PE / Paraíba – PB / Alagoas - AL)**

“Movimento camponês que teve seu início nos idos de **1954**, fundado no Engenho Galiléia, em Vitória de Santo Antão, Pernambuco. Teve entre seus fundadores José dos Prazeres e, durante sua trajetória, projetou líderes como Francisco Julião, Clodomir de Moraes, João Pedro Teixeira e Elizabeth Teixeira. As Ligas Camponesas existiram **até 1964**, quando foram colocadas na ilegalidade e perseguidas. Funcionaram basicamente nos estados do Nordeste, com maior força em Pernambuco, Paraíba e Alagoas.” (FERNANDES, 1999: 16)

Hoje, os camponeses de mais de 90 países estão organizados na Via Campesina Internacional. Encontra-se em eventos anuais tal o Fórum Social Mundial e outros, onde discutem temas como a soberania alimentar de seus povos versus a segurança alimentar de seus estados, o bio-diesel versus o agro-diesel.

“Estudamos e compartilhamos recentemente no Fórum Mundial de Soberania Alimentar no Mali, África, que há uma grande manipulação por parte desse capital, em chamar aos combustíveis de origem vegetal, renovável, com o prefixo de *bio*, que significa vida. É uma aberração, porque todos os seres vivos têm o componente *bio*. Então, nós outros poderíamos chamarmo-nos de bio-pessoas, bio-joão-pedro, bio-soja. Porém eles passam a utilizar o prefixo *bio* para dar a entender que é uma coisa boa, politicamente correta. Por isso, como a Via Campesina Internacional, concordamos em chamá-los por seu verdadeiro conceito. Ou seja, combustíveis ou energia de origem produzida no *agro*; por tanto, o termo correto é agro-combustíveis ou agro-energia. Se sua produção é mais adequada que a da energia fóssil do petróleo e do carvão, isso é outro tema. Mas não podem utilizar o prefixo *bio* como sinal de algo bom, automaticamente”. (STEDILE, 2007)

### **Movimento dos Agricultores Sem Terra - Máster (Rio Grande do Sul - RS)**

“Movimento fundado no Rio Grande do Sul, em 1958, sob influência de líderes políticos do Partido Trabalhista Brasileiro - PTB, como Leonel Brizola, Paulo Schilling, Jair Calixto e João Sem-Terra. O movimento pressionava o governo estadual a realizar assentamentos. Funcionou **de 1958 a 1964**, quando foi colocado na ilegalidade e perseguido.” (FERNANDES, 1999: 17)

“O PTB foi fundado em 1945 por Getúlio Vargas e reunia lideranças do movimento trabalhista. Possuía doutrina nacionalista e tradição populista. Em 1964, foi extinto pelo golpe militar – o que ocorreu também com todos os demais partidos – e refundido em 1979, sob o controle de Ivete Vargas, neta de Getúlio. Passou a reunir forças políticas conservadoras, desvinculadas de suas origens trabalhistas.” (FERNANDES, 1999: 17)

### **Sindicatos de Trabalhadores Rurais – STRs (Brasil)**

“A partir de **1962**, os trabalhadores rurais brasileiros conquistaram o direito de se organizar em sindicatos com base municipal, o que só era permitido aos assalariados urbanos. Independentemente de categoria (assalariados, posseiros, pequenos proprietários ou sem terra) todos poderiam estar filiados ao sindicato de trabalhadores rurais. E a partir do sindicato municipal se constituiu toda estrutura sindical verticalista de federações estaduais e a Contag (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura), em nível nacional.” (FERNANDES, 1999: 18)

Antigamente considerados como correias de transmissão dos partidos comunistas, hoje, todos os sindicatos estão sofrendo de sua visão corporativa. Em tempos de globalização do desemprego, dos fluxos de produção e da fluidez do território, onde será que cabem todos os desempregados, trabalhadores informais e os ditos “não-cidadãos”, sobreviventes de um processo de extermínio e de genocídio social?

### **Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – Contag (Brasil)**

“Fundada em novembro de **1963** como parte do processo de legalização dos sindicatos no meio rural, a partir de portaria do então ministro do Trabalho, Almino Afonso. Formaram-se os sindicatos de trabalhadores rurais, em seguida as federações estaduais e então a Confederação Nacional. A Contag faz parte da estrutura sindical brasileira verticalizada. No setor patronal agrícola, foi formada a Confederação Nacional da Agricultura (CNA). Ambas têm sede em Brasília. A Contag conta atualmente (em 1999) com 27 federações estaduais filiadas, que, por sua vez, articulam em torno de 3.500 sindicatos municipais de trabalhadores rurais.” (FERNANDES, 1999: 23)

### **Teologia da Libertação (América Latina)**

“Corrente pastoral das Igrejas cristãs que aglutina agentes de pastoral, padres e bispos progressistas que desenvolvem uma prática voltada para a realidade social. Essa corrente ficou conhecida assim porque, do ponto de vista teórico, procurou aproveitar os ensinamentos sociais da Igreja a partir do Concílio Vaticano II. Ao mesmo tempo, incorporou metodologias analíticas da realidade desenvolvidas pelo marxismo. Dessa corrente surgiram diversos pensadores importantes, entre eles o padre Gutierrez, no Peru, Clodovis Boff e Leonardo Boff, Hugo Asmann, do Brasil. A maioria dos precursores é da América Latina. Os teólogos da libertação fazem uma releitura das Sagradas Escrituras da perspectiva dos oprimidos e condenam o capitalismo, considerando-o um sistema anti-humano e anticristão. Essa postura foi resultado de decisões tomadas pela Igreja após o Concílio Vaticano II (1965) e reforçada pela II e III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em Medellín (Colômbia, 1968, e Puebla, México, 1979).” [FERNANDES, 1999: 20; MORISSAWA, 2001: 105]

Hoje, o Brasil está se preparando para receber o papa Bento XVI. Pois, o Brasil é considerado, pelo vaticano, como a maior nação católica do mundo. Segundo atuais pesquisas, largamente divulgadas pelas ondas, oito, a cada dez brasileiros se declaram católicos<sup>25</sup>. Após ter uma santa brasileira, mas que, no entanto, não nasceu em terras tupiniquins, o papa está vindo canonizar um santo 100% brasileiro<sup>26</sup>. Como será que isso ainda é possível, em tempos de globalização? O mais interessante é, hoje, Bento XVI, ao preparar sua visita em terras da teologia da libertação, apelar para o marxismo, e até, começar a falar de ricos e de pobres. Mas ricos e pobres de quê? E, qual o Marx que está sendo divulgado pelo papa? O Marx considerado materialista e usado pela ex-união das repúblicas soviéticas e socialistas mas renegado pelas populações russas? Ou o Marx, fruto do espiritualismo do seu tempo, que declarou não ser marxista e que a religião é o ópio do povo? Sim, o Marx do povo do ópio, que não por acaso, tem sua produção máxima no Afeganistão. Terra de disputas ideológicas entre a ex-URSS e o Islã. O exército vermelho, após mais de 10 anos de ocupação, fracassou em sua própria Indochina oriental<sup>27</sup>. O

<sup>25</sup> O Jornal Folha de São Paulo teve até a ousadia de colocar como manchete de capa que 97% dos brasileiros eram católicos, apostólicos e romanos.

<sup>26</sup> Até o momento, grande parte das pesquisas realizadas a partir do Ácido desoxirribonucléico - DNA – estão comprovando que a maioria dos pesquisados (celebridades artísticas e desportivas) está provando que as populações brasileiras são de origem européia e africana.

<sup>27</sup> Osama Bin Laden até declarou que se o Islã conseguiu ganhar do exército vermelho, ao lutar, ganharia, facilmente, do exército capitalista, sem fazer nada.

exército de coalizão ocidental, após quase 6 anos de destruição, também está fracassando neste novo Viêt-Nam liberal do pensamento único. Resta que a raiz grega da palavra ópio vem de *ops, opis*, ou seja, a visão. Talvez este último Marx tenha razão e a visão global dos povos, venha, efetivamente, desta sua raiz 1<sup>a</sup>?

### **Comissão Pastoral da Terra – CPT (Brasil)**

“Organismo pastoral da Igreja Católica, vinculado á Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). A CPT foi organizada em **1975**, em Goiânia (GO), durante um encontro de bispos e agentes de pastoral, a partir de reflexões sobre a crescente onda de conflitos de terra que ocorriam nas regiões Norte e Centro Oeste do país. A CPT teve como referência doutrinária a Teologia da Libertação. Procurava aplicar na prática as orientações do Concílio Vaticano II. Embora iniciada no Norte e no Centro-Oeste, estendeu suas atividades para quase todas as dioceses em que há problemas de terra.” (FERNANDES, 1999: 19)

Hoje, até a CPT é considerada como um movimento social: organiza os trabalhadores cristãos sob sua própria bandeira, faz ocupações e reclama assentamentos, de qualidade, e reforma agrária nacional, em quantidade.

### **A 1<sup>a</sup> Romaria da Terra em homenagem á Sepê Tiaraju (as Missões)**

“Líder do povo guarani assassinado na Guerra das Missões, no século XVIII. Em fevereiro de **1979**, na localidade de São Gabriel, em sua homenagem e organizada pela CPT, inicia-se a 1<sup>a</sup> Romaria da Terra no Rio Grande do Sul, que segue depois para todo o Brasil.” (FERNANDES, 1999: 22)

Hoje, em 2007, a romaria da terra está em sua 30<sup>a</sup> edição.

### **Alargamento dos Contextos<sup>28</sup>**

Se o Brasil foi, oficialmente descoberto em 1500, por Pedro Álvares Cabral, o MST somente começa a listar suas resistências históricas a partir de 1629, com a criação do Quilombo de Palmares. Esse seu esquecimento de 129 anos de branco social brasileiro parecem ser recuperados, como que por um sentimento de culpa histórica, a partir da 1<sup>a</sup> Romaria da terra organizada pela CPT em homenagem a Sepê Tiaraju, a partir de 1979.

---

<sup>28</sup> O alargamento dos contextos faz referência á uma noção de Milton Santos que busca olhar para o uso do território, para além de sua aparência. “Na medida em que se multiplicam as interdependências e cresce o número de atores envolvidos no processo, podemos dizer que não apenas se alarga a dimensão dos contextos como aumenta a sua espessura”. (SANTOS, 1996 apud 2003: 254)

De 1500 a 1629, bem antes dos primeiros escravos aqui chegarem, o Brasil foi colonizado por bandidos, prostitutas, ladrões, piratas e corsários. Enfim, todos os que foram exilados das metrópoles européias por razões morais, éticas, políticas, econômicas ou religiosas. Inclusive, os territórios de presídios, conventos e mosteiros inteiros foram transferidos para o Novo Mundo a fim de evangelizá-lo ao aqui reproduzir o Velho Mundo em novas terras reais.

Esse fenômeno não aconteceu unicamente no Brasil, assim, na vizinha Guiana Francesa<sup>29</sup>, foi construído o maior sistema penitenciário francês, para homens, mulheres e famílias inteiras: o *bagne*. Aqui, o castigo dos parias da civilização ocidental era outro. Não se era mais preso, mas, além de ter sofrido uma viagem longa e difícil para aqui chegar, quando sobrevivente, ficava-se na impossibilidade de nunca mais poder voltar atrás. Julgado como exilado do Mundo Velho. Condenado a ser criador do Novo Mundo.

Assim, se as lutas de resistência são supostamente iniciadas pelos escravos e os quilombolas, a partir de 1629, na região Nordeste, quando Salvador<sup>30</sup>, na Bahia, ainda era o centro das capitânicas Brasileiras. Esse acontecimento é simultâneo ao desaparecimento de um outro elemento perturbador para a paz da colônia: as lutas de resistência indígena que parecem ter levado a grande cidade dos capitães e dos cortesãos a deslocar-se, em 1763, para o Rio de Janeiro.

Ao serem perseguidos pelos bandeirantes, os índios brasileiros iniciaram sua longa peregrinação para o Sul gaúcho (Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai), em busca da Terra Sem Males; enquanto, os escravos começavam a desembarcar em terras nordestinas.

Naquela época, o escravo não era considerado gente, mas visto como uma prolongação, quase que uma ferramenta, ligada a um produto agrícola em plena expansão: a cana de açúcar. Assim é que, os primeiros escravos, enquanto únicos depositários do saber de uma técnica agrícola florescente, foram exportados das colônias africanas para serem importados pelos engenhos do Brasil com as primeiras mudas de cana. Daí o território africano ter, ainda hoje, o pressentimento de que se não foram somente os maiores de seus elementos que para cá foram enviados; pelo menos, os melhores é que

---

<sup>29</sup> Pela extensão territorial de sua fronteira com o Brasil, e porque a Guiana Francesa é um Departamento e não só um Território de Ultramar, o primeiro país vizinho da França é o Brasil. Recentemente, o recém eleito presidente da república francesa, Nicolas Sarkozy, fez a proposta de que o Brasil seja integrado a Organização do Tratado do Atlântico Norte - OTAN. O que parece ser uma aberração geográfica tem, no entanto, uma lógica sócio-espacial coerente e evidente.

<sup>30</sup> “Fundada em 1549 por Tomé de Souza, o primeiro governador-geral do Brasil, Salvador foi o centro do poder nacional até 1763, quando a honra passou ao Rio de Janeiro. O fato de ter sido por mais de duzentos anos a capital federal conferiu ao território uma magnitude da qual ainda há resquícios”. Luiz Souza, “As sete maravilhas da Bahia”, TAM Magazine, Ano 4, N° 40, Junho de 2007, p.41.

aqui chegaram. Pois, não esqueçamos de que só metade dos escravos importados aqui chegou. A outra metade tendo falecido em porões, motins e naufrágios.

Porém, se a má consciência dos conquistadores espanhóis foi representada, a partir de 1511, pelo dominicano Bartolomeu de Las Casas. Ao denunciar, a partir de Cuba, a injustiça que estava na origem da nova prosperidade espanhola no Novo Mundo, com o menosprezo radical dos Índios, sua exploração e o extermínio de mais de 70 milhões deles. Pois, Las Casas, preocupado em converter e proteger os Índios, respeitava neles os homens dotados de uma alma, mas não de uma civilização. Para protegê-los, Las Casas até foi o primeiro a propor a substituição sistemática da mão-de-obra indígena pela mão-de-obra de escravos negros importados da África<sup>31</sup>. O que lhe valeria a honra de ser o primeiro bispo de Chiapas, entre o México e a Guatemala. (LANEYRIE-DAGEN, 1997: 316-317) As “Leyes Nuevas” decretadas por Carlos Quinto, em 1542, sob influência de Las Casas, ao considerar os Índios como “um novo meio para regenerar o cristianismo”, vão provocar, como no Peru, revoltas dos colonos espanhóis. (IDEM)

Aqui, no Brasil, é somente “a partir do contexto barroco ibérico do século XVII, com a pregação no âmbito institucional da Companhia de Jesus, relacionada com um determinado conceito de oratória e de prática missionária jesuítica, e a própria vida do padre Antônio Vieira”- (SALOMÃO, 1997: 8) - que a má consciência dos colonizadores brasileiros nasce como fruto dos “Sermões” do criador da Teoria da Recepção.

Aqui, também vale lembrar o mimetismo com Olívio Dutra, ex-prefeito da cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, ex-governador do RS e ex-ministro das cidades do 1º governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, sempre fiel ao Partido dos Trabalhadores – PT. De origem indígena, nascido e criado na região das Missões, Olívio Dutra aproveitou sua notoriedade pública para valorizar e divulgar amplamente as lutas sociais e históricas de sua região natal.

Na realidade, não se sabe muito bem se foi a CPT que ajudou a divulgar o Olívio Dutra das Missões, ou se foi o Olívio Dutra que ajudou a divulgar As Missões como berço do PT riograndense. Uma coisa está clara, no Rio Grande do Sul, em território de Sepê Tiaraju, As Missões, Olívio Dutra, a CPT e o PT estão ligados por laços geográficos.

É o que o professor Milton Santos chama de rugosidades territoriais.

---

<sup>31</sup> Em 1520, Las Casas obtém a autorização para experimentar o projeto de uma colônia de um novo tipo na costa de Cumana, Venezuela, onde índios e europeus viveriam novas relações sociais. A experiência termina num banho de sangue respectivo. Em 1533, Las Casas renova a experiência, mas desta vez, com maior sucesso, na Nicarágua. (LANEYRIE-DAGEN, 1997: 316-317)

## 2º Capítulo

### - Território Usado na Formação do Brasil -

#### **Rugosidades na disputa atual pelo território brasileiro<sup>32</sup>**

Durante todo o século XX, o Brasil passou por 2 ditaduras políticas. Neste caso, quer dizer que não há eleições, que o parlamento ou o congresso<sup>33</sup> de nada servem. Somente para manter o espetáculo de sucessivas ocupações de espaços: ocupar o tempo televisivo, radiofônico, preencher colunas de jornais, criar Comissões Parlamentares de Inquérito – CPIs - e nada mais. Todas as decisões políticas, econômicas, culturais, trabalhistas, etc... foram tomadas por um só homem (Getúlio Vargas) ou por uma só elite (militar).

Lembro-me que em Portugal, durante a ditadura de Antônio Salazar (1926 –1974), o país estava nas mãos da Igreja e que a religião católica era religião de Estado. Quer dizer que se não fosse católico nenhum português tinha direito à certidão de batismo, casamento ou óbito. Ou seja, sem ser católico não se pertencia, oficialmente, ao estado Português. Não havia cidadania civil. A Igreja é que determinou a entrega do país nas mãos de uma dezena de famílias, cada uma especializada num setor específico da economia.

As ditaduras brasileiras duraram de 1930 a 1945 (Vargas) e de 1964 a 1985 (ditadura militar). Getúlio Vargas voltou ao poder pelas urnas de 1951 a 1954. Por isso ele é considerado na sua ditadura como “mãe dos ricos”; e no seu mandato presidencial como “pai dos pobres”. Pois, criou todo um sistema de proteção e direitos trabalhistas. Vargas não concluiu seu mandato. Suicidou-se após fortes pressões nacionais e norte-americanas.

O interessante, para as elites dominantes, foi que quando o processo democrático voltou ao Brasil (1945), as elites brasileiras refugiaram-se em Portugal. Onde fortaleceram a ditadura portuguesa ao juntarem-se a suas famílias de origem. Em 1964, quatro anos antes do acidente cardiovascular de Salazar (1968) - que ficou ligado, por dois anos, por

---

<sup>32</sup> Aqui falamos do que vivenciamos, uma disputa pelo território brasileiro entre Portugal e França. Porém, existem outras mais. Como a antiga disputa entre Portugal e Espanha, pelo território brasileiro. Ou a nova disputa entre Estados-Unidos e União Européia pelo etanol brasileiro. Daí a excelente provocação de José Sarramago, em pleno período da presidência da União Européia pelo poder executivo português: “Portugal deveria integrar-se à Espanha”. O que conta é que: “Os “esboços simbólicos”, providos pelo movimento de cooperação, prolongam a atividade própria do sujeito e abarcam a totalidade da tarefa comum, levando cada sujeito a tomar consciência de que a universalidade é o verdadeiro sentido de sua existência singular”. (Tran-Duc-Thao, apud SANTOS, 1996 apud 2003: 316).

<sup>33</sup> Hoje, enquanto o salário mínimo do trabalhador brasileiro é de 380 reais por mês, para 44h de trabalho semanal, cada deputado federal do congresso nacional tem o direito de gastar 51.000 reais por mês. Com direito a 26 assessores políticos. Trabalhando, em Brasília, 3 dias por semana.

aparelhos até sua morte cerebral (que nem o 1º ministro de Israel, hoje) -; estas retornaram ao Brasil. Não mais como famílias mas enquanto empresas transnacionais (a partir do capital financeiro anônimo e internacional). Trazendo para cá a mão-de-obra de milhares de migrantes portugueses fugindo de duas situações insuportáveis. A guerra das colônias (1960 – 1974) na qual Portugal engajou-se, enquanto aliado dos Estados-unidos, na luta contra o “perigo comunista”. Até cedemos os Açores como base aérea da Central Intelligence Agency - CIA, durante toda a guerra fria. Hoje, os Açores são base aérea da Organização do Tratado do Atlântico Norte - OTAN. E, o exílio econômico de um país “atrasado” e isolado do resto da Europa. Fisicamente, Portugal carrega a Europa nas costas e tem a cara virada para o Atlântico.

De fato, manter Salazar sobre vida vegetativa era manter o sonho, coletivo e inconsciente, de um império que também estava na Unidade de Tratamento Intensivo - UTI. Estávamos vivendo numa guerra de guerrilhas contra todas as ex-colônias. Menos o Brasil. Metade dos jovens estava fora do país defendendo o território nacional. A outra metade exilou-se como migrante “político e econômico” até onde foi possível chegar. O período militar obrigatório dos jovens soldados era de 24 meses de treino, 24 meses de serviço e mais 24 meses renováveis. Durante quase 14 anos, Portugal foi um país de viúvas. De filhas que perderam seus pais. De mães que perderam seus filhos. Lembro-me da propaganda de uma famosa marca de vinho do Porto que ficou durante anos nos outdoors dos pontos de ônibus, na periferia da capital francesa: “Portugal: le Seul pays où le noir est couleur!”<sup>34</sup>

Em 1974, foi a vez das elites portuguesas pedirem refúgio ao Brasil. Seguindo Marcelo Caetano, sucessor de Salazar e sua corte, as famílias portuguesas tradicionalistas migraram para o único país onde se falava português e que ainda mantinha uma certa “paz social” onde suas empresas de pessoas anônimas poderiam prosperar. Com a inclusão de Portugal na União Européia, e, mais tarde na Comunidade Econômica Européia – CEE - essas famílias retornaram ao seu país de origem, não mais enquanto empresas nacionais mas como empresas transnacionais. Algumas até conseguiram recuperar quase todo o seu patrimônio, inclusive, as antigas terras devolutas que tinham sido atribuídas à última reforma agrária da Europa.

---

<sup>34</sup> “Portugal: o único país onde o preto (o negro) é cor!”.

O interessante é que, se durante o século XIX o Brasil foi terra de asilo dos pobres; no século XX, ele se torna refúgio, por ondas sucessivas, das extremas esquerdas e das extremas direitas européias.

### **Velhas técnicas e novos usos**

Um fato curioso é que o presidente Fernando Henrique Cardoso<sup>35</sup> (FHC), ao reiniciar o processo democrático brasileiro, usou uma técnica ditatorial, a de Antônio Salazar. Pois Salazar entrou no governo parlamentarista como ministro da economia para erradicar uma inflação galopante. Fruto do fim da monarquia, do estado de guerra que Portugal vivenciou durante toda a 1ª guerra mundial e de uma sucessão de governos de uma jovem república parlamentarista em busca de si mesma. Como ministro da economia, Salazar foi excelente: criou um novo plano econômico, ressuscitou a moeda nacional (o escudo) e exterminou os males inflacionários. O salvador da pátria tornou-se, então, um chefe de conselho absoluto. Ora, FHC entrou como ministro da economia no governo de Itamar Franco (o vice de Fernando Collor que teve seu mandato cassado por corrupção). Como ministro, FHC criou o plano Real, tranqüilizou a febre da inflação e tornou-se presidente da República Federativa do Brasil por dois mandatos (1994–1998-2002) sob a sigla do PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira.

Outros tempos, outras épocas. Mas, o que teria acontecido se o candidato Lula (Luiz Inácio Lula da Silva) de 2002 ainda fosse o mesmo candidato Lula de 1989? O que talvez possibilitou a pró-ativa salvação do “Lula Lá” foi o povo brasileiro ter reafirmado, em plebiscito, o seu compromisso com o presidencialismo<sup>36</sup> e não com o parlamentarismo nem o monarquismo. Pois, no final de seu 1º mandato, antes de sua reeleição em 1998, porque será que FHC propôs um referendun nacional sobre o tema, em pleno final do século XX?

Por outro lado, outro fato curioso, a estratégia do Partido dos Trabalhadores – PT - assimila-se a estratégia do Partido Socialista Francês - PS - mas numa tremenda aceleração contemporânea. Pois, o candidato François Mitterrand participou quatro vezes da corrida presidencial. Tal qual o Lula (1990, 1994, 1998, 2002). Só que a Constituição Francesa

<sup>35</sup> Sociólogo, professor da USP, foi senador da República por São Paulo (1983-94), ministro das Relações Exteriores (1992-93) e ministro da Fazenda (1993-94), no governo Itamar Franco, e presidente da República (1995-1998), reeleito em 1998-2002. Aluno de Florestan Fernandes, é um dos mentores e fundadores do PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira (FERNANDES, 1999: 24).

<sup>36</sup> O presidencialismo brasileiro é quase absolutista. Não há presidente do conselho nem 1º ministro. Não há reuniões regulares de todos os ministérios. É quase uma monarquia presidencial. Lula está em toda parte, fala de tudo, pensa em tudo. Onipotente, onipresente, onisciente. O desgaste presidencial é absoluto. Quase voltamos ao regime da monarquia absolutista de Louis XIV: “L’Etat c’est moi!”.

determinava, então, mandatos setenais<sup>37</sup> (de 7 anos). Ou seja, Mitterrand levou 28 anos para alcançar o poder, enquanto Lula demorou 16 anos.

Se o PS começou seu percurso de ascensão política com um candidato que evoluiu da Francisque (medalha de honra da presidência do Maréchal Pétain, sob o governo de Vichy, em plena colaboração fascista) ao Programa Comum da esquerda (programa estabelecido entre o PS, o Partido Comunista Francês – PCF - e todos os partidos populares e movimentos sociais de esquerda); paradoxalmente, o PT parece ter seguido o mesmo caminho. O candidato Lula iniciou sua 1ª campanha eleitoral nas ruas, durante as greves operárias do final dos anos 70, início dos anos 80, em pleno processo de redemocratização brasileira; enquanto sua reeleição unificou, por falta de outra alternativa, frente ao risco do retorno liberal ortodoxo, toda esquerda brasileira. Para isso, na França, o PS usou imagens subliminais para alcançar a vitória; enquanto, no Brasil, o PT usou agências de publicidade para manter sua vitória. Ou seja, além dos fatos, o PS se mitterrandizou e o PT se lulizou.

Se o povo Francês levou 7 anos para desvendar a mistificação, com a ajuda do escândalo do sangue contaminado pelo vírus HIV e distribuído grátis, sem aquecimento prévio, por parte do ministério da saúde<sup>38</sup>; o povo Brasileiro, durante 4 anos, desvendou todo processo de corrupção ligado ao Congresso Nacional, em Brasília, através dos escândalos do Mensalinho e do Mensalão<sup>39</sup>. Ou seja, mesmo nos maiores fracassos e nas maiores mistificações, os povos tiram de letra as lições dadas pelos seus presidentes.

Ambos desenvolveram as mesmas políticas econômicas da imposta “economia de mercado” e realizaram as mesmas reformas: trabalhistas, saúde, previdência, educação, política, etc... estabelecidas pelas instituições internacionais: o Fundo Monetário Internacional – FMI, a Organização Mundial do Comércio – OMC, e o Banco Mundial. Lula tenta apresentar o Mercosul como via alternativa, mas assina contratos bilaterais, tal qual Mitterrand apresentou a Comunidade Européia.

O que resta para História, são os percursos dos Homens que a escrevem junto com seus Povos. Ao evoluir da colaboração francesa com o nacional-socialismo dos fascistas e dos nazistas (como metade dos franceses) para a construção do estado de bem-estar social<sup>40</sup> de uma democracia social democrata (como a outra metade francesa); Mitterrand

---

<sup>37</sup> Desde 2000, uma modificação na constituição francesa levou os mandatos presidenciais de 7 para 5 anos.

<sup>38</sup> Entre o dinheiro e a saúde dos franceses, o PS escolheu o mercado. Ao considerar o sangue como mercadoria e não como doação de órgãos.

<sup>39</sup> Entre a corrupção e a democracia, o PT escolheu o pragmatismo. Ao comprar votos de políticos via agências de publicidade. Nestes dois casos não há mais diferença alguma entre as ações das empresas e as ações dos partidos políticos que acabaram tornando-se grandes empresas.

<sup>40</sup> Estado de bem estar social fortemente influenciado pelo seu vizinho: o bloco soviético.

redimiui, ao caminhar com o povo francês, o inconfessável pecado histórico de uma França “fille ainée de l’église” et “mère de toutes les révolutions”<sup>41</sup>.”

Ao evoluir da resistência brasileira contra a ditadura dos militares, disfarce do Plano Condor, (como metade dos brasileiros) para a colaboração com a intervenção das tropas neoliberais (Haiti e Etanol<sup>42</sup>); Lula desvenda as novas responsabilidades do povo brasileiro, ao caminhar com o Brasil, um país periférico que se quer hegemônico na sua região, - uma ex-colônia exportadora de produtos de “sobremesa” (açúcar, cacau e café) que está se tornando potência mundial da biomassa. O maior exemplo é o discurso da Petrobrás<sup>43</sup> após a nacionalização do gás boliviano. Pois, a Petrobrás Holanda e não a Petrobrás Brasil foi a única empresa transnacional a defender os contratos e os interesses das empresas transnacionais em território boliviano. Nenhuma outra empresa transnacional abriu o bico, nem pediu arbitragem internacional por rompimento de contrato.

### **Disputa pelo território**

Trouxemos os exemplos de Fernando Henrique Cardoso e de Luiz Inácio Lula da Silva para mostrar, no final do século XX, a atualidade da disputa entre Portugal e França pelo território Brasileiro. Pois, se Portugal “descobriu” o Nordeste em 1500 (Bahia - BA); a França “descobriu” o Sudeste em 1503 (Santa Catarina - SC). E Portugal (Rio de Janeiro - RJ) e França (Maranhão - MA) entraram várias vezes em guerra pelo Brasil. Assim como a Espanha (Rio Grande do Sul - RS) e a Holanda (BA e Pernambuco - PE). O Brasil até perdeu o Uruguai (Rio del Plata).

No entanto, a novidade maior neste início de século XXI é que o Brasil vai ter que decidir se será uma potencia oriental (como a maioria de suas populações) ou ocidental (como a maioria de suas empresas)? As inúmeras imagens de Bush e Lula, inclusive em Camp David, numa reunião de trabalho dos dois governos, sobre um programa de expansão do Etanol nas 3 Américas, até parece ressuscitar os acordos de paz, também de Camp David, assinados entre Israel e Palestina, durante o governo de William Clinton em tempos de 2ª crise do petróleo.

Portugal nunca foi considerado Ocidente, mas sim Oriente da Europa, sua porta de entrada para África. Há 500 anos atrás, em Portugal, havia 900 mil portugueses e... 1

---

<sup>41</sup> Uma França “filha mais velha da igreja” e “mãe de todas as revoluções”.

<sup>42</sup> Pois a produção de Etanol não é exclusivamente restrita para automóveis de uso particular. Os Estados- Unidos também precisam do biodiesel e óleo-diesel para uso militar.

<sup>43</sup> Empresa Nacional que estatizou o petróleo brasileiro durante a era Vargas. Tal qual a Bolívia que está estatizando o gás boliviano durante a presidência de Evo Morales.

milhão de escravos. Lisboa, até o terremoto de 1783, era território exótico e tropical. As cortes européias, através de seu ramo menos occitano, acharam imprescindível transformar a conquista, via marítima, do Condado Portucalense em Reinado (ocidental) de Portugal, via térrea, contra os povos heréticos que lá viviam há séculos (judeus, mouros e cristãos Celtiberos) numa terra sem lei. O 1º conde de Portugal foi Henri, Duc de Bourgogne (França). A 1ª condessa foi Tereza, Infante galega de Leão (Espanha). O 1º príncipe Português, o jovem Afonso Henriques, só se rebelou contra os pais e ignorou as ameaças dos exércitos e das cortes estrangeiras, ao decidir criar um novo reinado porque tinha descoberto, sob a influência de seu luso preceptor, que havia um abandonado povo lusitano a ser protegido e socorrido<sup>44</sup>. A história da conquista das fronteiras portuguesas, sempre em direção ao sul, é a história de uma longa e árdua conquista de criação e de libertação nacional sobre territórios considerados hereges, infiéis e heréticos.

O paradoxo é que FHC, doutor formado pela Sorbonne e professor em Nanterre (durante os eventos de Maio 1968), herdeiro de uma família da aristocracia militar; agiu, economicamente, como o grande beato Salazar que quer agradar a Deus. Lula, um torneiro mecânico, simples operário e sindicalista do setor automobilístico (durante as greves operárias de 1979); agiu, politicamente, como o grande burguês Mitterrand, patriarca de duas famílias, que procura agradar a História.

Seja como for, a grande lição social dos já tradicionais laços culturais, políticos, econômicos e sociais entre Portugal, Brasil e França é ilustrar a constatação seguinte: “Quando de esquerda, o povo é considerado revolucionário. Quando de direita, o povo é visto como reacionário. No entanto, é o mesmo povo!<sup>45</sup>”. De fato, trata-se de momentos diferentes. Pois, revolucionário, em relação ao quê? E, reacionário, frente a quê? Sim, de esquerda ou de direita, mas em relação a quem? Talvez dependa da situação e do lugar a partir do qual se está vivendo a força das coisas que estão sempre em movimento porque a vida não para.

Há quem diga que Ségolène Royal, candidata PS a presidência francesa, com “tudo ao estado”, está mais à direita de Jacques Chirac do que o filho de imigrante, Nicolas Sarkozy, que não é de origem francesa e concluiu sua campanha ao declarar: “La France m’a tout donné<sup>46</sup>”. Enquanto isso, como se ainda fosse possível, Madame Royal deseja

<sup>44</sup> Á uma recente pergunta: “Como é ser branco africano?”, o cineasta português de origem moçambicana, Ruy Guerra, respondeu: “Ao contrário do que sempre quiseram, Portugal não é branco. Somos árabes e judeus”.

<sup>45</sup> Cf. o filme “La ville est tranquille” de Robert Déguidiam, Marseille, France, 2000.

<sup>46</sup> “A França me deu tudo”.

manter a França na paz social. Pois é, o mundo pegando fogo e a França conseguiria, então, manter-se em paz no hexágono da perfeita fantasia.

No entanto, o paradoxo maior não é que presidentes da República Federativa do Brasil apoiaram-se ou ainda se apóiam sobre experiências internacionais de outros homens políticos que se quiseram internacionalistas. O paradoxo maior, ao mantermos nosso foco, vem do fato do próprio MST, após eleger experiências nacionais, como vimos, comparar a reforma agrária brasileira, que nunca houve, com outras reformas agrárias pelo mundo afora. O exemplo maior é o MST apelar pela Lei de Colonização (Homestead Act) norte-americana, compará-la com a Lei de Terras brasileira e, até, chamá-la de reforma agrária. (MORISSAWA, 2001: 71)

Em 1862, a Lei de Colonização dos Estados-Unidos determina que somente poderia ter direito à propriedade da terra quem nela morasse e trabalhasse. Como se essa terra do Novo Mundo do Norte fosse diferente da terra do Novo Mundo do Sul e não tivesse dono. A natureza “democrática” dessa lei fez com que quase toda população indígena dos Estados-Unidos desaparecesse. Pois, vamos supor que os pioneiros do Far-West, esses famosos 3 milhões de agricultores familiares, aqueles que se beneficiaram dessa lei e transformaram o solo americano no maior celeiro do mundo; tenham expulsado e massacrado um único indígena por família. Quantos indígenas a menos? Quantos hectares a mais para civilização européia e ocidental? Quem foi contando os corpos nas caças aos bisontes, via linha férrea, e aos indígenas, via diligência coletiva? Isso não é reforma agrária. Isto é genocídio legalizado e absolvido pelo espírito do capitalismo.

Ou, ainda, quando o MST apela para a “reforma agrária japonesa” imposta durante o macartismo da caça às bruxas, pelo comandante-chefe das forças armadas dos Estados Unidos, numa situação de estado de ocupação militar do território de um país deposto por duas bombas atômicas completamente desnecessárias. Pois, o Imperador Japonês já tinha capitulado após a bomba de Hiroshima. Porque insistir em lançar outra bomba em Nagasaki?

Eram testes militares, que, independentemente da situação geográfica, seriam lançados sobre o mundo. No Japão, após o sacrifício consentido dos últimos kamikazes ou em qualquer outro lugar. O que importava é que o programa nuclear norte-americano fosse divulgado, tal o relâmpago do cogumelo atômico, para o resto do mundo. O objetivo estratégico era anunciar para o mundo o novo poderio de uma das últimas nações ocidentais sobre uma das mais velhas civilizações do Oriente. Hiroshima e Nagasaki não

aconteceram somente no Japão. Pois, o ar que respiramos ainda é de todos e as partículas atômicas elementares estão, hoje, em todo lugar.

Deste ponto de vista, hoje, a maior briga entre Irã e USA, tal como foi com a Coréia do Norte, não é mais a corrida armamentista. Pois, temos a possibilidade física e material de fazer explodir o planeta várias vezes. Mais uma, menos uma, qual a diferença? Há inúmeros botões vermelhos espalhados mundo afora. A novidade é que, pela 1ª vez, uma potência islâmica, a xiita república islâmica do Irã, está preste a alcançar o topo da tecnologia militar e da energia nuclear. O ex-moderno Irã do Shah pró-ocidental parece ter apreendido e aplicado esta super aula de comunicação.

### 3º Capitulo

#### - Aparentes Contradições Históricas –

#### Anti-Imperialismo Lusófono<sup>47</sup>

Aparentemente, parece existir uma contradição entre o Território Usado pela Formação do MST e o Território Usado na Formação do Brasil, do qual, no entanto, o MST faz parte.

A priori, as experiências sociais usadas pelo MST são experiências especificamente brasileiras. As experiências históricas usadas na Formação do Brasil, por alguns de seus homens políticos, parecem ser experiências europeias e não mais especificamente brasileiras.

No entanto, de particulares ou nacionais estas experiências poderiam se tornar universais. Pois, o sonho de Salazar, antes da 2ª Guerra Mundial, na qual Portugal sofreu pela sua dita “neutralidade”<sup>48</sup>, era a unificação de todo o território lusitano: luso-angolano, luso-moçambicano, luso-goano, luso-timorense, luso-macacoense e luso-ibérico (com Madeira, Açores, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Guiné Bissau). Salazar até pensou no deslocamento da capital das Novas Lusíadas para Cabinda ou Luanda, em terras africanas, frente ao Grande Irmão Lusófono. Assim, tal Brasília, a capital estaria, mais ou menos, no centro do ressuscitado Velho Império Português. Com o 5º idioma<sup>49</sup>, ocidental e

<sup>47</sup> A origem do Antiimperialismo lusófono daria uma bela tese. Pois, desde a Roma Antiga, o português, tal como existia na época, isto é latinizado, já era a língua secreta dos escravos. Daí ser proibido aos escravos comunicarem-se em outro idioma, a não ser o latim. Sob pena de ter a língua cortada. No entanto, o fundamento do antiimperialismo lusófono foi sistematizado, retroativa e prematuramente, por Luiz Camões, em *Os Lusíadas* (1572). Contra o Império do Ocidente. Contra o Império Espanhol. Contra o Império Inglês. No século XX, se o mito é recuperado por Salazar, com Amália Rodrigues como *musa do fado*. Porém, ele será mesmo aplicado pelos Capitães de Abril, a partir da Revolução dos Cravos Vermelhos, aos migrantes portugueses pelo mundo afora. Hoje, Portugal tem 10 milhões de habitantes, *intra muros*, mais 5 milhões de migrantes oficiais, nascidos em Portugal, inscritos nos consulados, mas vivendo fora do país. Ou seja, 1/3 dos portugueses é composto de gente exilada.

<sup>48</sup> “Vos salvarei da guerra. Não da fome”, declarou Salazar.

<sup>49</sup> Segundo reportagem do “Fantástico”, o português seria, hoje, o 10º idioma mais falado no mundo. Depende do que for considerado enquanto idioma. Por exemplo, após sua independência, o Viêt-Nam tomou a gramática portuguesa como base fonética a fim de transcrever e traduzir, gramaticalmente, sua própria língua monossilábica. Outro exemplo, o pidgin, idioma de boa parte dos marinheiros do mundo, é considerado, ainda hoje, como o portunhol usado pelos trabalhadores dos mares. “Não se trata de uma reforma ortográfica, se trata de um acordo de unificação da ortografia dos países de língua portuguesa”. “Foi o que logo quis esclarecer o professor de Linguística José Luis Fiorin, quando indagado sobre o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, elaborado com o intuito de facilitar a comunicação escrita entre países lusófonos” (...) “José Luis Fiorin é membro da Comissão Nacional da Língua Portuguesa (Colip), que está envolvida nas discussões sobre o Acordo, e explica que o objetivo é unificar a grafia e não a língua, que é “viva e impossível de ser unificada”. (...) “Fiorin defende o Acordo, pois acredita que o Brasil passaria a ser o grande centro de produção e circulação de objetos gráficos de língua portuguesa, o que hoje é de certa

oriental, mais falado no mundo, em 8 nações, 10 territórios nacionais, estaria a meio caminho, entre Brasil e Timor Leste. Entre o Atlântico, Pacífico e Oceano Índico.

Claro, Salazar não contou com as guerras de independência das nações periféricas. Aliás, para ele, como para toda e qualquer metrópole antes da rebeldia do Terceiro Mundo, as nações não existem. Muito menos, seu espírito. A independência dos povos e de suas populações bárbaras, então compostas por uma mão-de-obra de “sub-humanos”, era, simplesmente, uma coisa estranha de entender, inalcançável e ininteligível. A maior parte da população sob domínio português sendo composta de “preguiçosas” tribos indígenas, de clãs africanos “guerreiros” e de “incansáveis” dinastias de trabalhadores asiáticos. Ademais, Salazar não previu as sucessivas revoluções das sociedades de informação, conhecimento e comunicação, nem do Globalitarismo versus uma outra Globalização.

Hoje, ao observar com curiosidade o Império da Rede Globo de Televisão, via parabólica, satélite, cabo ou digitalizada, com ou sem gatonet, voltamos a nos questionar. Será que o jornalista Roberto Marinho alguma vez pensou que os seus impérios empresariais estariam prestes a materializar o sonho de um dos primeiros ditadores do Terceiro Mundo? Não, as populações brasileiras não preferem comprar televisão. Se elas não compram nada da linha branca, nem geladeira nem micro-ondas, é que não têm absolutamente nada para colocar dentro. Não é somente uma questão a ser resolvida pelo programa “luz para todos” nem uma questão de “preferência nacional”. Não têm outra

---

forma impedido pela barreira da dupla ortografia” (...) “Preocupação cosmética”, porém, foi o termo usado pela professora de literatura Vilma Rossi Martin para definir o que pensa do acordo. “Temos problemas de base, de livros já escritos que não conseguem chegar nos países africanos”. Para ela, há “desvio de atenção”, na medida em que essas energias poderiam ser investidas em outros problemas, como de educação” (...) “O professor Ataliba de Castilho, também membro da Colip, apesar de achar positivo que uma mesma língua disponha de um mesmo código, acredita que os lados negativos são mais abundantes. “Jogar energias nesta questão pode nos desviar do que realmente conta, que é a alfabetização, o letramento, a escrita e a reflexão gramatical.” (...) “A chamada amizade luso-brasileira sai machucada”, disse Castilho. (...) Professora da Faculdade de Educação, Nilce Silva, pensa que os ajustes não são o mais importante: “As pessoas não sabem escrever direito. Quem está preocupado com *pêlo* com acento e *pele* sem acento? As pessoas não sabem escrever p-e-l-o!”. Para ela, somente os poucos que dominam a norma culta vão sentir o peso de ter que se adaptar e, ainda sim, não será difícil” (...) “Nós deveríamos nomear Leonardo Embaixador Cultural do Brasil. Ele faz mais pela língua portuguesa que um batalhão de intelectuais e professores.”, provoca com graça Rosely Forganés, formada em História na USP, e jornalista envolvida nas causas deste país [Timor]. Além disso, ela diz que “há uma luta política e de interesses muito grande e o português virou uma arma”, um meio de se afastar de influências, como da Austrália, exploradora de petróleo em suas terras. (...) Apenas alguns dias após conquistarem a independência de Portugal, em 1975, o Timor foi invadido pela Indonésia, e o português proibido, só voltando às salas de aula com a liberdade alcançada em 1999 (...) O atraso [de Angola] é conseqüência dos anos de guerra civil, só acabada em 2002, que impossibilitou uma estruturação do ensino, assim como uma normatização da língua escrita (...) Apesar do idioma ser uma herança da colonização de Portugal, nesses países ele não é majoritário. As línguas locais são faladas pela grande maioria, principalmente nas áreas rurais, e influenciam a língua portuguesa, dando a ela especificidade em cada um dos locais.” De Cássia Kuryama e Thaís Ferreira, In “*O Acordo que provoca desacordos – Professores da USP não entram em consenso sobre necessidade da proposta de unificação da ortografia da língua portuguesa*”, Especial Nossa Língua, P. 7, Jornal do Campus, Segunda quinzena de setembro de 2007.

escolha. Não há outra alternativa. Neste novo celeiro do mundo, de hoje, em via de se tornar um novo campo de petróleo, de amanhã, o que mais se produz é energia para automóveis. Não mais para homens. O que mais se produz é a fome. Com todas as suas conseqüências. Pois, a fome nunca foi causa, mas efeito. Já que não se tem nada para comer, então, enchamos as vistas com todas as belas mesas virtuais compostas para outros seres. A TV brasileira está repleta de boas e fartas mesas. Às vistas de todos.

### **Revanche do território**

O maior evento na História da Humanidade, é que em poucas gerações, esta paisagem política internacional do mundo mudou e continua em evolução constante. As populações indígenas começaram a se organizar internacionalmente, a previsão de seu desaparecimento fracassou, as populações indígenas começaram a crescer, inclusive nas áreas “urbanas”. Hoje existem milhares de povos tupiniquins, inclusive na periferia e no centro da cidade de São Paulo. Há discursos em tupi-guarani, retransmitidos ao vivo pela internet, até de tribunas e palanques considerados hegemônicos: Nações Unidas e Parlamento Europeu... Não só os indígenas não desapareceram mas estão invadindo e ocupando a Europa. Não é mais só nos Museus do Homem que encontramos máscaras e artesanato africano ou indígena. Hoje, estes estão presentes em cada calçada das grandes avenidas e dos Grandes Boulevards do Ocidente. Inclusive em suas praias turísticas.

As populações africanas, após anos a fio de guerras civis estimuladas pelas suas respectivas metrópoles, entenderam que o seu tribalismo estava sendo usado. Pois, dividir é reinar. Desse jeito, os sobressaltos genocídios da África, tal os massacres do Ruanda<sup>50</sup>, inauguraram não pontos de partida, mas pontos de chegada. O Ruanda é o fim da era belga na África. Como está acontecendo, hoje, o fim da era francesa. Aliás, as empresas francesas foram fornecedoras nos dois lados do conflito em Ruanda. A União dos Países Africanos - UPA – ou União Africana – UA - existe. Mal ou bem, os países africanos estão em comunicação permanente. As populações africanas estão entendendo que devem unir-

---

<sup>50</sup> “Telegramas e memorandos antes confidenciais, publicados pelo jornal francês *Le Monde* no dia 3, sugerem que o ex-presidente (morto em 1996, em decorrência de um câncer) estava obcecado com a ameaça da influência anglo-saxã sobre Ruanda, de língua francesa. Um dos argumentos que os líderes do chamado Poder Hutu usaram para “convencer” os civis hutus a se voltarem contra os tutsis foi o perigo representado pela Frente Patriótica Ruandesa (FPR), guerrilha formada por refugiados dessa última etnia que viviam há muitos anos em Uganda, de língua inglesa, e que tinha como objetivo destituir o governo de Ruanda”. Igor Ojeda, In “França de François Mitterrand foi cúmplice do genocídio em Ruanda – Direitos Humanos: Jornal francês divulga documentos que provam que o governo do então presidente François Mitterrand, do Partido Socialista, sabia da preparação dos massacres; mesmo assim, manteve apoio ao regime ruandês”. Jornal Brasil de Fato – Uma visão popular do Brasil e do mundo, São Paulo, de 12 a 18 de julho de 2007, Ano 5, Nº 228, p.9.

se contra o globalitarismo e que, em tempos de outra globalização, as fronteiras desenhadas pelo Ocidente não têm mais valor absoluto, mas, sim, relativo. Claro que um cidadão da Costa do Marfim ainda não pode candidatar-se a qualquer eleição num país vizinho. Mas esta questão está sendo levantada. Sua atualidade está levando as consciências para outras possíveis alternativas de democracia representativa e participativa de outros possíveis territórios. Como assim levantada? Pois é, há 50 anos atrás, não havia nem eleição para presidente da república na África. Aliás, não havia nem república democrática neste continente negro. Hoje, fora jogador de futebol, até mulher se candidata. Claro, ainda não ganham as super-eleições de uma democracia de mercado. Mas os povos estão em marcha. E, com eles, suas respectivas obras.

No que diz respeito às populações asiáticas, para falar da China; em 2005, os chineses passaram de 5.000 para 85.000 conflitos sociais por ano (ANTUNES, 2007: 18-21). Ultrapassando, e de longe, toda a América Latina. Em 1989, os massacres da Praça Celestial, Tian'Anmen, ocupada durante um mês, por mais de 500.000 jovens, estudantes e trabalhadores, em greve de fome, mostraram para o mundo inteiro que é possível um homem só resistir, sozinho e sem arma, contra uma coluna inteira de tanques. Um homem só contra o exército de uma das maiores, mais velhas e mais poderosas civilizações do mundo. Seus acampamentos de juta branca foram destruídos, muitos morreram, foram presos e torturados, alguns se exilaram, sobreviventes até tornaram-se empresários capitalistas de sucesso. A China entrou na economia de mercado. Até quando? Até quando os herdeiros de uma das populações mais alfabetizada, mais educada e mais culta do mundo vai continuar sendo a fábrica do mundo. Ao mesmo tempo, produtora de toda a bugiganga manufaturada do Globalitarismo e dos mais democráticos laptops da Globalização? E, tudo isso, agora, fora da zona de influência da nota verde do Dólar.

O comércio triangular parece continuar. Não se trata mais de trocar quinquilharia por escravos que irão abater o Pau Brasil ou cultivar a cana nos engenhos. Voltaire entendeu, perfeitamente bem, que o transporte da madeira de ébano, da África para o Novo Mundo, tinha muito mais valor do que toda a madeira fina que chegava, (via caravelas roubadas ou fretadas, por piratas e corsários a serviço dos várias coroas européias), nos portos de Nantes ou Bordeaux. A novidade da Globalização vem do entendimento e do uso deste comércio “triangular” por um dos maiores expoentes da cultura oriental: a república popular de China.

O Japão, outro exemplo, passou de país derrotado a maior fiador da economia norte-americana. O dólar só não some definitivamente da face do planeta porque o Japão

possui a maioria dos títulos da dívida interna e externa dos Estados-Unidos da América. Pois, a economia americana, considerada como a mais forte e poderosa economia do mundo, é, no entanto, a maior devedora de todos os tempos. Os Estados-Unidos devem para todas as instituições internacionais e para todas as grandes potências. Para alcançar a autorização das Nações Unidas na 1ª guerra do Golfo, tiveram que zerar a conta da guerra nos Bálcãs (marco zero dos conflitos provocados pela guerra de propaganda do início do globalitarismo). Uma fórmula encontrada para soldar suas contas é as guerras territoriais. Primeiro se destroem todas as infraestruturas materiais, segundo, entrega-se sua “reconstrução” a empresas, inclusive estatais, dos países credores. O 3º tempo é que parece dar problemas. Como manter essa Ordem Mundial sem exército, sem militares e sem mercenários? Pois, a corrupção e a cooptação dos governos locais e nacionais por um governo republicano fundamentalista não parece mais suficiente para manter esta já velha técnica geopolítica.

Grande parte dos países exportadores de petróleo, tal a China, saiu da zona do dólar e entrou na zona do Euro da Comunidade Econômica Européia. Para cada dólar impresso na Federal Bank, existem outros quantos dólares em circulação não oficial (1/3). A economia norte-americana sustenta-se às custas da economia informal de um outro mercado. Paralelo, silencioso e obscuro que, dependendo dos eventos dos usos e dependendo dos eventos dos lugares, passa da sombra a luz do dia: armas, drogas, escravos, mercenários, guerrilhas e guerras genocídias. De guerras pelo domínio do petróleo, água, ouro, diamantes, madeiras... à corrupção internacional. Por exemplo, os Contras, na Nicarágua, foram financiados com os experimentos dos cracko-dólares<sup>51</sup>

---

<sup>51</sup> Vale sempre lembrar que a pedra de crack foi inventada nessas circunstâncias históricas específicas: 1º, a fim de transformar as reservas da cocaína apreendida pelo FBI e pela CIA num produto muito mais rentável e lucrativo, ao adicionar os poderosos elementos químicos dos grandes laboratórios farmacêuticos à pasta original da cocaína; 2º, a fim de substituir as drogas injetáveis e diminuir o risco de contaminação do vírus HIV ligado à troca de seringas dos usuários. Segundo os relatórios dos experimentadores, a experiência “in loco” nos guetos de Chicago acabou dando certa: semear a discórdia nas famílias e a “violência social” no lugar da ancestral solidariedade orgânica. O crack não é produto de “necessidades sociais” mas de altíssimas decisões políticas das empresas farmacêuticas e medicinais ligadas às indústrias da guerra “ideológica”. Neste ponto de vista, o mesmo acabou acontecendo com os Organismos Geneticamente Modificados – OGMs – que são subprodutos do agente laranja, (usado nas guerras de guerrilha); dos pesticidas, (usados como veneno agrícola em terras produtivas do agronegócio); dos medicamentos, (usados como veneno e antiveneno medicinal). Assim, a genealogia de uma empresa como, por exemplo, a Monsanto (nº1 em patentes de sementes com 60% de todas as patentes planetárias) nos leva a observar não somente suas ilegítimas patentes, mas, sobretudo, o resultado de seus criminosos produtos de guerra e subprodutos químicos. A Monsanto nasceu em plena guerra do Viêt-Nam e é, principalmente, uma empresa hegemônica a serviço de todas as guerras: frias e quentes. Hoje, a genética não é mais um projeto das empresas alimentares. Pois, já existem Organismos Atomicamente Modificados – OAMs – que, graças à nanotecnologia, já estão sendo experimentados, por exemplo, em terras iraquianas a partir do átomo de dezenas de qualidades do arroz asiático e africano. Todo novo território conquistado pelo capitalismo se tornando, assim, de fato, campo de experimentação científica e humana.

recolhidos na periferia dos guetos norte-americanos, durante a presidência do ator de Hollywood, Ronald Reagan, contemporâneo de João Paulo II. As manipulações químicas realizadas nos guetos de Chicago é que financiaram essa guerrilha - informal porque sem orçamento nem legitimidade do Congresso US - contra os latinos “comunistas”.

Na Índia, os intocáveis organizam-se e atravessam as fronteiras cada vez mais porosas de uma outra Globalização que está sendo realizada a cada novo passo de sua construção. Em cada manifestação ou encontro contra a Organização Mundial do Comércio – OMC -, contra o Banco Mundial ou o Fundo Monetário Internacional – FMI -, houve-se seus tambores ancestrais que nunca foram tocados por outras castas. São intocáveis mas não são burros e não são mais somente aqueles pobres diabos que cuidam de toda reciclagem do lixo de outro país-continente, assim como dos rituais de cremação dos corpos no santo rio Ganja. Imaginemos o inimaginável: um único dia de greve dos intocáveis e teremos a medida exata de sua importância vital para o mundo dos homens.

Muito se fala da gripe aviária. De seus perigos para as agroindústrias alimentares, um dos pilares do Globalitarismo. A empresa farmacêutica do ex-vice-presidente de G.W. Bush, Dick Cheney, até descobriu uma vacina miraculosa. Todos os países do mundo, inclusive o Brasil, estão repletos de estoques de vacina contra a gripe aviária. Em 2006, houve menos de 200 mortes pelo mundo afora. Enquanto isso, no mesmo ano, aconteceram mais de 2.000 casos mórbidos de peste bubônica. E, não só nos países ditos “subdesenvolvidos”, não. Nenhum laboratório farmacêutico pesquisa a peste bubônica. A mesma que dizimou, várias vezes, metade da população citadina européia durante toda a Idade Média. De fato, se conseguem até ressuscitar o vírus da gripe espanhola, que dizimou mais gente do que todas as armas, durante a 2ª guerra mundial; como não conseguem pesquisar um vírus transmitido dos ratos para os homens pelas suas pulgas comuns? Será que é porque mexer com pulga de rato, neste fenômeno universal e internacional que são as favelas, não diz respeito aos cientistas de laboratório? O que dizer, então, do uso da epidemia da Síndrome de Imuno-Deficiência Adquirida – SIDA (segundo as siglas portuguesas) ou AIDS (segundo as siglas anglo-saxônicas) - para enriquecer esses mesmos laboratórios graças as suas ilegítimas patentes?

### **Uso do território**

Por outro lado, o MST não toma em consideração somente experiências sociais brasileiras do tempo da Colonização ou da República. Também inclui o tempo do Império. Dos Impérios do passado ao Imperialismo dos tempos presentes. No Brasil, a

Independência (1822) nasce na cabeça de um Príncipe (Pedro I) que outorga uma Constituição Moderadora (1824) seguida de uma Abdicação (1831). Sua boa educação européia foi diretamente influenciada pelas idéias da Revolução Francesa de seus perseguidores (os marechais de Napoleão) e de seus preceptores franceses. A grande maioria dos símbolos desta nação nascente já pertence a toda uma simbologia de tradição francesa. O Grito de um Príncipe solitário, que foi abandonado pelo pai e abandonará o filho: “Independência ou Morte!” é, certamente, seu símbolo maior. Por outro lado, e também enquanto símbolo paradoxal, foi a ex-Pindorama se tornar o único refúgio de um pobre menino rei, ao preservar o regime e a integridade territorial de um imperador menino “pupilo da nação”, Dom Pedro II, filho de um rei desertor e neto de um rei covarde que fugiu com toda a sua corte.

Símbolos, contraditórios, ainda mais fortalecidos com a proclamação da República, no Rio de Janeiro, em 15 de novembro de 1889, por um marechal, comandante de prestígio no Exército, para liderar o golpe militar que pôs fim aos 67 anos da Monarquia no Brasil. Toda esta contradição, simbólica e francesa, já presente antes do Império, sai ainda mais fortalecida durante essa República. Por isso os militares nunca falam de contra-revolução brasileira, mas em Revolução de 1964.

Se o Ano de 1789 fez o mundo do Antigo Regime estremecer na Europa, ele também estremeceu no Brasil. Pois, aconteceram conjurações, quase que de forma simultânea, no Brasil e na França. É Paris e Versailles versus Rio e Minas, onde uma conspiração envolvendo diferentes setores da sociedade local, como fazendeiros, juizes, comerciantes, advogados, clérigos e militares é descoberta e desbaratada pelo governador.

“Prestando atenção às relações entre o que ocorria na França e na América Portuguesa, a cerimônia de execução do único conspirador das Minas Gerais sentenciado à pena capital, realizada com muita pompa e dureza na cidade do Rio de Janeiro, em 1792, surge como um caso notável. Após ser enforcado, o alferes Joaquim da Silva Xavier, popularmente conhecido como “Tiradentes”, teve o corpo esquartejado e exposto publicamente durante meses”<sup>52</sup>. Neste contexto, as execuções decretadas pelos tribunais de Salvação Pública e realizadas na Place de la Concorde pela Guilhotine até parecem humanas.

Também houve revoltas populares na Regência, como os Farrapos no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina (1835-1945); a Cabanagem no Grão-Pará (1835-1840); a

---

<sup>52</sup> “A Herança Francesa”, Revista História Viva, Especial Brasil-Portugal, Grandes Temas, N°9, Duetto, p.28.

Sabinada na Bahia (1837-1838); ou a Balaiada no Maranhão e no Piauí (1838-1841). Foram revoltas liberais, como as de Minas Gerais e São Paulo (de 1842): pela abolição da escravatura e a autonomia das províncias do governo central, no Rio de Janeiro. E, sociais: contra a fome e a miséria concentradas pelos pesados tributos a Coroa Portuguesa. Fortaleceram-se com as fugas maciças de escravos para a contínua resistência dos quilombos. (MORISSAWA, 2001: 67)

Mas, a resistência não se encontrava somente no meio rural nem no campo. “Na noite de 24 para 25 de janeiro de 1853, um grupo de escravos de origem africana, adeptos do Islã, saiu às ruas em Salvador e durante mais de três horas enfrentou tropas da cavalaria e milícias. Centenas de escravos e libertos participaram, cerca de setenta morreram e mais de quinhentos foram punidos com penas de morte, prisão, acoites e deportação. O episódio ficou conhecido como o Levante dos Malês, nome dos escravos de fé muçulmana, numerosos na Bahia (muitos liam o Alcorão em árabe). A origem da revolta foi a perseguição religiosa iniciada pelas autoridades em novembro de 1834, com a suspensão da festa islâmica da *Lailat a-Miraj*<sup>53</sup> e a destruição da “mesquita” da Vitória. O sentido da revolta estava não só em conflitos religiosos, mas também étnicos e de classes, havendo fortes redes de solidariedade entre os africanos da cidade – iorubas e nagôs, jejes e haussas. Um livro com trechos do Corão foi encontrado em volta do pescoço de um negro morto na revolta dos malês”<sup>54</sup>.

Durante o Período do Reinado, uma das maiores revoltas populares, e, diretamente influenciada pelos ideais da Revolução Francesa, foi a Praieira em Pernambuco (1848-1852). Os praieiros atacavam os grandes comerciantes estrangeiros, que lucravam com a importação e a exportação, e concorriam em superioridade com os brasileiros. A exemplo do que ocorreu especificamente na França, queriam que o governo criasse oficinas para dar trabalho aos desempregados. Os rebeldes começaram a exigir sufrágio universal, liberdade de imprensa, o fim da escravidão e a distribuição das terras dos latifundiários às famílias pobres. (MORISSAWA, 2001: 68)

Com o fim oficial da escravidão (1888), pois, na realidade seu decreto proíbe a compra e venda de escravos, não sua reprodução. Ainda existem, hoje, no Brasil, netos e netas de escravos reprodutores. Se, a partir de 1888, o escravo não é mais considerado como mercadoria do mercado formal, ele ainda pode reproduzir filhos e filhas a mercê de

---

<sup>53</sup> Festa que celebra a data de aniversário do nascimento do profeta Maomé.

<sup>54</sup> “A Construção do Brasil”, Fatos, pessoas e idéias que formaram a nação, Revista Nossa História, Editora Tera Cruz, 2006, p.79.

seus padrinhos, os coronéis, donos das terras e dos engenhos onde continua trabalhando numa total informalidade até morrer. A maior prova é que a economia do modelo agro-exportador do Reinado do Café não desabou, ainda persiste, hoje, sob outros itens: o retorno à cana de açúcar e as novas commodities: eucalipto e pinho, soja e milho, cacau e suco de laranja, etanol... Se a Economia do Café esteve alguma vez em crise foi porque teve que aprender a compartilhar sua produção e seu “savoir-faire” com outros lugares. Tal como também aconteceu com o ciclo da borracha e o transplante das seringueiras brasileiras para Ásia. Especificamente para o Viêt-Nam e o Camboja.

### **Cidadão – Consumidor - Trabalhador, de hoje<sup>55</sup>**

Afinal, o que representa, hoje, um salário mínimo de 380 Reais? Se segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – o DIEESE, ele deveria estar num patamar de 1.600 reais. Nada, ou quase nada. Não há condições de sobreviver com 380 reais mensais. Com menos de 200 US\$, em São Paulo, ou se paga aluguel ou se come. Não dá para se alimentar, se vestir nem se alojar com tão pouco. O que explica o fenômeno mundial das favelas. Não há como pagar as tarifas surreais do Imposto Predial e Territorial Urbano - o IPTU, água e energia. O que explica, também, o fenômeno da economia informal. Não é difícil encontrar qualquer bico equivalente a um salário mínimo. Ter carteira assinada não garante, de jeito nenhum, ter um bom salário. Bem pelo contrário. Qualquer camelô, no canto de uma esquina, ganha mais do que um assalariado brasileiro.

Pois bem, mas em São Paulo, em pleno dia de inauguração de um postinho de saúde municipal, até prefeito, aos gritos, chama trabalhador (com mais de 38 anos de carteira assinada e que ousou queixar-se, na sua frente, do mau atendimento) de vagabundo.

Há quem diga que o salário mínimo brasileiro não aumenta mais rapidamente porque estaríamos em ruptura de estoques alimentícios. Nos explicam que, com a monocultura reservada para exportação, com a produção do agro-bio-diesel e com a farsa

---

<sup>55</sup> Fora ser “Cidadão do Mundo”, é cada vez mais difícil ser considerado cidadão de um país, consumidor do mercado formal e trabalhador assalariado. Quanto mais ser os três, ao mesmo tempo e no mesmo lugar. Esta incursão tornou-se necessária a partir da questão seguinte: o que é exatamente ser Sem Terra? Será que é que nem ser Judeu e ser Palestino? Um culto sem templo? Um povo sem destino? Uma cidadania sem passaporte? Uma nação sem território? Uma bandeira sem país? Uma essência sem existência? Ou então, será, ainda, um novo estado de consciência no mundo? Os fazendeiros brasileiros, por não se reconhecer no MST, acabam de criar o MCT – Movimento dos Com Terra.

do efeito estufa e do aquecimento global<sup>56</sup>, 50% da área agricultável do planeta irá desaparecer. Isso é sem contar com as novas tecnologias que podem, porque não, terem outros usos. Ou seja, nunca desaparecerão as áreas previstas para plantar e colher “comodities”. O que está sendo previsto é o desaparecimento dos alimentos brutos, aqueles não calibrados e não industrializados vendidos pelos camelôs. Não o dos alimentos empacotados, higienizados e manipulados pelas agroindústrias alimentares. O que já está, de fato, acontecendo no Brasil, em época de chuva. Se o mínimo aumentasse, os pobres e os miseráveis “investiriam” na comida barata dos grandes super e hipermercados. Aquela reservada para exportação e para classe média. É mentira. Pois, os preços antecipam sempre o aumento do mínimo e os pobres continuam comprando fiado de seus feirantes e vendedores ambulantes. Não há como. Ou melhor. Não é que não haja frutas, legumes, leites, peixes e carnes para consumo brasileiro. Há. Mas, em prioridade, estão voltados para a exportação. Quando as demandas de fora aumentam, se tornam caríssimos para uma população local. Um exemplo muito interessante. O maior consumidor de carne do país, o Rio Grande do Sul, não tem mais frigorífico estatal. Quem compra toda a carne gaúcha são as marcas frigoríficas do estado de São Paulo. Resultado: enquanto o kilo de costela gaúcha custa 3,98 em SP, custa quase 8\$ no Rio Grande. As empresas não lucram mais com a produção, mas sim com a circulação e o beneficiamento das mercadorias ao agregar-lhes o valor da escassez.

Até há quem tenha saudades do tempo da escravidão. Pois, pelos menos, naquele tempo, o dono, de antigamente, dava muito mais do que o patrão, de hoje: moradia, alimentação, água, vestuário, saúde... O escravo tinha valor. Merecia sua casa, mesa e banho. Era uma mercadoria valiosa. E, com as obras da Igreja dava até para receber educação básica. Conhecer o seu ABC, para ler o Evangelho na missa de domingo na Igreja dos Homens Pretos. Sim, o escravo tinha valor, mas não esquecemos que a esperança de vida de um escravo, em atividade plena, era de 5 anos após sua 1ª compra e venda. Nos tempos finais da escravidão, essa esperança de vida tinha passado, após 250 anos, de 5 para 12 anos. E, hoje, qual a esperança de vida de um trabalhador dito “livre”?

---

<sup>56</sup> Há mil anos atrás, quando o viking Erik, O Vermelho, mata o pai e foge com o filho, ele acaba descobrindo uma terra fértil verdejante que batizou de Groenlândia. Ou seja, terra verde. Hoje, em pleno suposto “aquecimento global”, dificilmente, a Groenlândia sai do gelo para mostrar o quanto seus campos ainda são férteis.

### **Contradições aparentes**

Sérgio Adorno, fundador do Núcleo de Estudos da Violência da USP, em recente entrevista<sup>57</sup>, nos explica que a maior violência, as violações aos Direitos Humanos, ocorrem desde o nascimento. Pois, uma parcela significativa dos brasileiros não é registrada. Do ponto de vista legal, uma pessoa só passa a existir se ela está registrada, e ela só pode usufruir dos benefícios que o Estado oferece se ela “existe” legalmente. No estado do Amazonas 40% dos nascidos não possuem certidão de nascimento. Há também uma grande ocorrência de registros tardios. Algumas regiões continuam cobrando taxas de registro de nascimento. Ou seja, o Brasil não conhece nem o número exato de seus habitantes (mais ou menos 190 milhões). Quanto mais suas populações. Não há registros confiáveis, nem sobre os títulos de propriedade das terras da União (a grilagem), nem sobre os registros de nascimento das populações brasileiras (a legitimidade da não cidadania).

No entanto, pode se ter certidão de nascimento sem ter Cadastro de Pessoa Física – CPF – e, assim, continuar sem direito de participar de concurso público, abrir conta em banco, tirar passaporte. Ou seja, pode se ser cidadão sem ser consumidor e sem ser eleitor?

A única (in)certeza de uma carteira assinada é a aposentadoria. Pois, não há universalização da previdência no Brasil. Se não contribuir, durante 12 anos, não se recebe aposentadoria. E, grande maioria dos que se aposentam, continuam trabalhando para sustentar o resto da família. Mas, quem te garante que o teu patrão está descontando todos os teus benefícios e que, até, sua empresa esteja legalizada e formalmente registrada? Ou seja, pode se ser cidadão sem ser trabalhador? Como se alguém conseguisse nascer, crescer e morrer num país sem nunca trabalhar, sem, pelo menos cuidar de sua família?

A grande dificuldade da vida de um camelô é a (in)certeza de continuar trabalhando sem sua mercadoria. Os policiais militares e os guardas civis apreendem e destroem sistematicamente suas barraquinhas. Muitas vezes assemelham camelô com pirataria. Não é verdade. O maior argumento é a maior loja de São Paulo, a DASLU, cuja proprietária, empresária bem sucedida e representante da elite paulista, foi presa por sonegação fiscal e revenda de produtos piratas. Falsificação de marcas e de notas fiscais. Ou seja, pode se ser trabalhador sem ter mercadoria para oferecer?

Por outro lado, a maioria dos camelôs paga, de 10 a 50 reais, por dia, pelo pedaço de calçada usada, aos donos dos comércios, “oficiais”, em frente dos quais instalam-se. Ou

---

<sup>57</sup> Jornal do Campus, Escola de Comunicação e Artes, USP, 1ª quinzena de Abril, Nº 320, Ano 26.

seja, a economia formal deste novo tempo se sustenta da economia informal do trabalhador que, hoje, paga com seu dinheiro, sua mercadoria e sua vida o seu direito de trabalhar.

Sim, a China é aqui. Pois, por causa da proibição dos casais chineses terem mais de um filho, se especula que haja quase 50 milhões de chineses não registrados. A grande maioria, mulheres reprodutoras. E que, já existe uma 2ª ou 3ª geração de clandestinas chinesas em seu próprio território. O que complica qualquer planejamento sobre as necessidades sociais das populações chinesas. O que favorece um novo mercado de escravos, inclusive sexuais. Mas, como previu André Malraux: “Le jour où la Chine se réveillera le monde tremblera<sup>58</sup>”. Malraux também antecipou que: “Le XXI<sup>ème</sup> siècle sera religieux ou ne sera pas<sup>59</sup>”.

### **Violência social**

Na mesma entrevista, Sérgio Adorno declara que as polícias estaduais ainda são muito violentas na contenção do crime. Há um aumento significativo dos mortos em confrontos com a polícia. A contenção da criminalidade urbana ainda recorre ao emprego de força excessiva, com graves conseqüências para os Direitos Humanos. Claro que a polícia, constitucionalmente, tem o direito ao uso da força, mas ela não pode ser usada indiscriminadamente. Quando faz vítimas fatais, a polícia precisa prestar contas à sociedade. Ou seja, no Brasil, a maior violência é praticada pelas forças policiais remanescentes de uma ditadura militar que ainda subsiste nas mentes, nos usos e nos costumes de suas mais fieis instituições. Não esqueçamos que as grandes técnicas de tortura universais foram ensinadas aos policiais militares brasileiros por especialistas franceses. Elas foram devidamente praticadas e treinadas na longa Guerra de Independência da Argélia. Se “bandido” seqüestra, ele também é seqüestrado. Se “terrorista” tortura é porque ele também é torturado faz milênios. A polícia brasileira é truculenta. Bate, chuta, tortura, usa choques elétricos e tortura psicológica, mata, estupra, extermina e é altamente corrupta. Em favela, policial já entra atirando. Usam helicópteros, metralhadoras e gás pimenta contra uma população de trabalhadores. A polícia brasileira é a que mais mata no mundo. O tal de “acerto”, com a polícia, é tão corriqueiro que já se tornou hábito e costume nacional entregar uma nota de 50R\$ com os documentos. Se você não pagar resgate, acerto ou propina, dependendo do lugar, a polícia “planta” o seu crime. E, haja advogado popular do estado para rebater a “confissão” de seu crime, nesta situação.

<sup>58</sup> “No dia em que a China despertará, o mundo tremerá”.

<sup>59</sup> “O século 21 será religioso ou não será”.

Pois, “vagabundo” sempre acaba “confessando” qualquer coisa para se salvar. Senão apanha. Que nem no tempo das torturas aos Templários pela Santa Inquisição.

O que acontece é que as polícias civis e militares brasileiras pararam seus abusos policiais contra os filhos da classe média e das elites que sabem de seus direitos e usam fartos serviços dos advogados. O que lhes sobra hoje, 20 anos após o fim do período da “ditadura militar”, são homens jovens, desempregados e trabalhadores, negros e nordestinos, moradores das periferias: os favelados. Muito se fala de um pobre menino rico, arrastado por quilômetros, pelo cinto de segurança de um carro roubado por jovens “menores-delinqüentes<sup>60</sup>” da periferia do Rio de Janeiro. Inclusive, seus pais entraram com uma ação na justiça para pedir uma indenização de 500.000 reais ao Estado do Rio por impossibilitar “um projeto de vida”. Mas, quase nada se falou, sobre uma pobre prostituta, também arrastada por quilômetros, pelo cinto de segurança de um puta carrão que pertencia a um empresário da classe média alta de São Paulo. Pois é, a violência, no Brasil, não depende só do lugar onde você nasce e morre. Também depende do lugar onde você mora, trabalha, resiste e luta. Muito se fala e se mostra o suposto “caos da maior e mais importante universidade do Brasil”<sup>61</sup>, a USP, por supostos “elementos estrangeiros” à própria universidade. Mas, ninguém fala que quem invadiu um dos prédios do Centro Residencial da Universidade de São Paulo – CRUSP – foi a própria reitoria. Pois, o prédio da antiga reitoria foi abandonado às benesses dos bancos e das empresas. Por isso, a antiga reitoria ocupou, faz anos, um dos últimos prédios do CRUSP. Quantos alunos bolsistas caberiam nesse prédio, hoje ocupado? O que o CRUSP precisa é de uma boa reintegração de posse a seu favor.

### **Quotidiano paradoxal**

A realidade do tremendo paradoxo que existe entre o cotidiano da vida das elites brasileiras e da sobrevivência de seu povo faz com que, efetivamente, paremos estar vivendo em vários Brasis.

O problema não é mais a oposição rural/urbano, nem campo/cidade. A violência contra as populações brasileiras está em toda parte. Não se tratam mais de conflitos rurais/urbanos, nem contra caipiras ou favelados. A questão aqui levantada é porque as

---

<sup>60</sup> O Congresso Nacional está querendo rebaixar a idade da maioridade penal de 18 para 16 anos. Ora, o Brasil tem vários tratados de Direitos do Homem assinados a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA. Se o Congresso Nacional aprovar esse projeto de lei, o legislativo estará, simplesmente, revogando a validade, o valor e a jurisprudência de todas as assinaturas brasileiras em tratados internacionais.

<sup>61</sup> Segundo capa atual da Revista Veja.

populações brasileiras de uma futura superpotência energética sofrem tanto para conseguir apenas sobreviver?

A violência está em toda parte: nas filas do Instituto Nacional de Seguridade Social - INSS, nas filas dos hospitais, nas filas dos postos de saúde, nas filas dos bancos, nas escolas públicas superlotadas, nos ônibus e nas empresas, inclusive, na qualidade do ensino das universidades públicas. E não vai ser uma política de cotas que vai resolver um problema de qualidade e não de quantidade. Se fosse, os Estados-Unidos já teriam resolvido o problema faz tempo. Em contra-partida, criaram uma classe média negra que age contra as populações pobres da periferia do mesmo jeito que a branca classe média e média alta. A modelo das plataformas internacionais, Naomi Campbell, que o diga. Ela que acabou grudando um celular na cabeça de uma empregada por causa de uma calça jeans.

O problema não é mais a cor da pele, nem a grossura da carteira, nem o número de cartões de crédito<sup>62</sup>. Isso é fácil demais. É um problema de comportamento social, para não cairmos, de novo, na velha questão da dialética hegeliana ente ética individual e ética universal. Hoje, existe no mundo, uma nova postura que não é intelectual, mas de pura filosofia de rua: a conduta existencial.

Este é um país onde tentar sobreviver parece ser um crime hediondo e inafiançável. Daí a tal de “brasileirização do mundo” prevista pela filosofia alemã. E, por isso também a faxina feita pela polícia civil do estado de São Paulo, quando da visita dos 40 carros de toda a comitiva do presidente Bush, ao retirar todos os moradores de rua dos 4 itinerários previstos na sua passagem pela capital paulista. Pois, veio assinar futuros investimentos e contratos de energia (etanol), não veio fazer turismo social.

No Brasil, o número de pobres e de miseráveis está aumentando porque o número de ricos, milionários e bilionários também está aumentando. Obrigada Lula. Ou seja, a teoria do enriquecimento em cristo não é verdadeira. Essa teoria diz que quanto mais rico melhor, pois, o rico empregava, investia e fazia obras de caridade. Ele, supostamente, reinvestia e redistribuía sua riqueza. Hoje, quanto mais ricos há pelo mundo e mais aparece a concentração de renda. A produção da riqueza, num dado momento histórico, não é ilimitada. Toda riqueza do mundo é produzida pela e para as suas populações. Se há ricos é porque a produção de riqueza, que deveria sustentar a todos, está sendo desviada na mão de poucos. Assim, os ricos são cada vez mais ricos. Os pobres cada vez mais pobres. Os

---

<sup>62</sup> Em 2006, 70% dos cartões de crédito já estavam nas mãos de quem ganha menos do que 3 salários mínimos. Pois, os pobres pagam suas contas em dia e mantêm seu nome limpo. O que não parece ser o caso dos homens políticos nem dos partidos políticos brasileiros.

miseráveis cada vez mais miseráveis. Quem acaba praticando a caridade, hoje, são os próprios pobres e miseráveis, entre eles. Numa ajuda mútua e numa solidariedade espetacular. Dividem o pouco que têm. Eles é que multiplicam os pães e os barracos, os bicos e os gatos. Numa autêntica solidariedade da sobrevivência.

## Sistema de Ações<sup>63</sup>

*“No início está a Ação<sup>64</sup>”,*

**Rosa Luxemburgo.**

Num mundo onde as consciências estão constantemente sendo trabalhadas, - ao serem consideradas como objetos manipuláveis, influenciáveis, maleáveis, - pelas ações de empresas, instituições e estados que se querem hegemônicos, como encarar o Sistema de Ações deste nosso Mundo Novo?

Atualmente, após uma longa e difícil briga de sobrevivência durante o pontificado de João Paulo II (1978-2005), a Teologia da Libertação está sendo sistematicamente

---

<sup>63</sup> No espaço geográfico, as ações não podem aparecer assim dissociadas dos objetos, nem dos valores. Aqui está uma ilustração da complexidade da escrita. Pois, a escrita por ser linear nos obriga a separar, listar, classificar e categorizar. O ponto de vista do conjunto somente aparece quando chegamos no ponto final. Mas, mesmo assim, o leitor nos obriga a um exercício de superposição sincrônica, depois da leitura diacrônica. O que não acontece durante a totalização da fala. Pois, se o espaço fala; o lugar do discurso também fala. Na totalidade de sua própria sincronia e diacronia. O ponto de vista do todo nos é dado ao sermos, ao mesmo tempo, “ouvintes de ouvir” e “ouvintes de ver”, no mesmo lugar e no mesmo momento. Mesmo se, “na concepção do padre Antônio Vieira, os “ouvintes de ver” são verdadeiras “toupeiras do lugar”. (CARVALHO, 2000: 129)”. Daí, no que concerne a técnica da comunicação, a superioridade absoluta da oralidade sobre a escrita linear. Comunica-se, muito melhor, e mais rapidamente, oralizando, do que lendo. Até conseguirmos ler, em alto e bom som, precisamos desenvolver nada menos do que a necessária cognição de 18 atividades mentais. Daí as primeiras universidades européias ensinarem, durante séculos, somente a técnica da cópia ilustrada e a poética da leitura oralizada. Desse modo, evitava-se o maior perigo: ensinar os alunos a ler, ou seja, evitar aos aprendizes pensadores de (re)atualizar, em silêncio, o caminho da palavra pelo mundo. Aqui, transcrito a ser, ali, (re)transcrito para nosso próximo leitor. Em outro lugar e em outro momento. Assim, durante séculos, as universidades, enquanto templos do saber, literalmente artificial, “substituíram” o tempo da exposição necessária entre o mensageiro e o documento autêntico de sua futura comunicação a ser, incessantemente, (re)comunicada, por um espaço de imposição lexical, verbal, retórico, gramatical, administrativo e burocrático, etc. entre o novo-co-autor e o futuro próximo co-decodificador. Daí ser impossível, às nossas crianças soletrar o que ainda não lhes foi nem comunicado nem ensinado. Pois, se a produção oral é impossível de ser adquirida antes da compreensão oral. Idem com a produção escrita, impossível de ser adquirida antes da compreensão e da prática de todos os mecanismos da produção escrita. É como se a criança apreendesse a caminhar direto do berço, sem nunca ter engatinhado em terra suja. No máximo, durante séculos, a universidade foi o lugar da conservação e da reprodução do saber. O saber nunca foi produzido nas universidades européias. O saber era produzido fora dos templos. Daí Sartre, Beauvoir, Bento Prado Jr. e tantos outros, trocaram a universidade pelos botecos. O (re)conhecimento do mundo sempre era produzido alhures: no meio do povo. Daí a função social e essencial dos trovadores ter sido trazer a grande claridade à obscura Idade Média. Hoje, até as Grandes Escolas Francesas entenderam isso. Até Sciences Po (Ciências Políticas) tornou obrigatório, em seu currículo elitista, um estágio efetivo de 30 dias de presença e de vivência nas periferias “barra pesada”. O que esses “play-boys” parisienses vão encontrar? Não se sabe ainda. Mas, pelo menos vão ser obrigados a encarar uma outra situação de comunicação com outras possíveis relações sociais. É o oposto de Brasília, capital federal planejada sem centro histórico, sem gente caminhando, sem encontros ocasionais nem relações inter classes sociais.

<sup>64</sup> Verso do “Fausto” de Goethe que Rosa Luxemburgo toma emprestado por leme. “Au commencement est l’action plutôt que le verbe (...) pour faciliter cet échange, ce dialogue, cette solidarité de la pensée”. Ou seja, “No início está a ação antes que o verbo (...) para facilitar este intercâmbio, este diálogo, esta solidariedade do pensamento”. (DUMAZDIER apud SOREL, 1994: 84).

afastada pelo Papa Bento XVI (o mesmo cardeal-chefe da Congregação da Fé, ex Santo Ofício da Inquisição, Joseph Ratzinger, que condenou Leonardo Boff, e ainda continua condenando muitos outros<sup>65</sup>, ao silêncio e a uma reeducação teológica de anos a fio).

Infelizmente, o niilismo da Teologia da Libertação e sua falta de humildade com seus predecessores não lhe permitem ver que não é somente sua teoria, o planeta, a mãe terra ou o meio-ambiente que estão em perigo; mas, sim, toda uma Teoria Social de sua Igreja que foi dificilmente construída ao longo de milênios de pressão e de construção, internas e externas, da luta popular.

A nossa incompreensão frente aos discursos dos teólogos da Teologia da Libertação vem do fato de que é como se nunca tivessem existido experiências históricas e sociais das populações oprimidas, (as mesmas que pretendem defender). É como se ninguém nunca tivesse feito nada, nunca tivesse pago o preço de uma vida sacrificada para influenciar, de fora, ou pressionar, de dentro, esta Igreja, antes deles aparecerem.

O interessante no papa Bento XVI não é ele ser um papa filósofo, tal como João Paulo II foi O papa atleta e ator de teatro, campeão em comunicação, tal o seu contemporâneo Ronald Reagan; mas ver como ele recupera temas caros e queridos à velha Teoria Social da Igreja, os re-atualiza, os maquia e os re-significa numa nova roupagem. Porém, dessa vez, totalmente, despolidizada e desideologizada. Ou seja, ninguém, nem os filósofos, e muito menos os teólogos, é capaz de denunciar como este papa usa a história dos povos e a própria filosofia para fins próprios. Não mais social, mas carismática ou ortodoxa a serviço de organizações eclesiais tais como a opus dei ou de instituições corporativas tais como o Banco do Vaticano. A Igreja está numa baita crise financeira porque está devendo milhões em processos de pedofilia. Um exemplo, somente a paróquia de Boston, USA, que tem mais de 400.000 brasileiros inscritos nos seus registros paroquiais, a maioria trabalhando na informalidade, deve mais de 80 milhões de US\$ para as vítimas de seus prelados. A Igreja está vendendo o seu patrimônio territorial para pagar suas dívidas jurídicas. Ou ainda Los Angeles, onde a Igreja conseguiu negociar 600 milhões de US\$ para indenizar as mais de 500 vítimas de uma “pedofilia que não é somente católica”. Como acaba de declarar Roma.

Bento XVI, na sua 1ª encíclica, trata do tema DE CARITATIS (2006) ou seja, da caridade ou do amor cristão, que já foi um dos temas principais da introdução do

---

<sup>65</sup> É o caso de Jon Sobrino, discípulo de Oscar Romero (ex-arcebispo da cidade de São Salvador (El Salvador)) e que teve, antes da última visita do papa ao Brasil, maio de 2007, suas atividades de professor de teologia suspensas pelo Vaticano.

“Quadragesimo Anno” que o papa Pio XI publicou (1931) quando dos 40 anos do aniversário da encíclica “Rerum Novarum” do papa Leão XIII (1891). Não há nada de novo. Pior, as pressões populares e sociais de milênios sumiram. A experiência de quase 5.500 anos de história das ideologias desapareceu. A hegemonia parece ser total.

Não, a pressão social exercida sobre a Igreja não nasceu somente com as Comunidades Eclesiais de Base – CEBs. Ela vem de muito mais longe, desde o aparecimento do judaísmo (há mais de 5.500 anos), cristianismo (há mais de 2.000 anos) e islamismo (há mais de 1.300 anos) - as 3 grandes religiões monoteístas, sem esquecer a interessante experiência da antiga tradição praticada pelos primeiros faraós monoteístas (há 3.000 anos).

Há sempre um estado de espírito que acaba traduzindo ou provocando a materialização de uma nova mentalidade, como resultado de uma correlação de forças entre Clero, Nobreza e Terceiro Estado. Por exemplo, no feudalismo da baixa e alta Idade Média, a norma geral da população européia sempre foi tentar subverter a ordem estabelecida por uma das partes ao criar suas ditas “heresias”.

A partir do Renascimento, sobrou para esses “hereges” começar a refugiar-se no Novo Mundo. E, a partir de 1847, data em que se inicia a 1ª grande leva de migrantes europeus para o Brasil, não por acaso, começam a chegar os primeiros europeus pobres que serão chamados a substituir os escravos. Fogem das fomes que alastraram a colheita das batatas. Leguminosa que foi transplantada do Novo para o Velho Mundo. Provocando pragas e fome. Estas populações fogem de uma “Primavera dos Povos e das Nações” na qual acreditaram mas que foi dilacerada pelas monarquias e as repúblicas parlamentaristas e constitucionais. São filhos e filhas das revoluções que se alastraram por quase todas as capitais da Europa e foram brutalmente exterminadas. O terror abateu-se sobre a Europa. Voltará em 1871.

Se os corpos desapareceram, sobraram as idéias e os ideais liberais que deram origem a essas revoluções primaveris: abolição da escravidão, abolição da pena de morte em matéria política, sufrágio universal (masculino), liberdade de imprensa e de reunião, liberdade de expressão, proclamação do direito ao trabalho, etc. É o tempo da chamada “Ilusão lírica” pelos inimigos da República Universal.

Por outro lado, a caridade sendo vista como dizimo, qual o valor dos 10% arrecadados pelas paróquias, inclusive nos cultos evangélicos, pelo mundo afora? Aqui, vale lembrar a queda do jatinho da Igreja Universal e os milhões que transportava em

dinheiro vivo. Ao, ainda, o casal da Igreja Renascer preso nos Estados-Unidos porque além de enriquecer em Cristo, tentaram enganar a alfândega norte-americana.

Mas, fora o peso da coisa, como a Igreja consegue antecipar qualquer desvio ideológico de suas almas? Através de uma técnica extraordinária, criada por ela própria, para controlar toda e qualquer tendência herética: a confissão obrigatória e a direção das consciências. Técnica de controle social que Freud tentou democratizar e não deixar somente entregue nas mãos dos clérigos religiosos. Mas, hoje, na Europa, até os psiquiatras, funcionários públicos, estão em luta contra a entrega dos relatórios de saúde mental e social, expressamente exigidos pelos seus respectivos prefeitos, ministros e governos. Pois, se o profeta que está por vir também é médico de uma comunidade doentia, não pode ser fora das Igrejas nem longe da medicina dos laboratórios farmacêuticos. Daí a necessária e imposta vigilância tanto sobre todas as biodiversidades quanto sobre todos os saberes da cura popular e ancestral.

### **Origem da Teoria Social da Igreja<sup>66</sup>**

Leão XIII foi papa de 1878 a 1903. Ou seja, encaixa-se exatamente na nova teoria social que está nascendo no fundo das almas, propriedade da Igreja: como fruto de todas as revoluções socialistas pré (Abril de 1848) e pós Commune de Paris (Março de 1871) que se alastraram pela Europa e se refugiaram no Novo Mundo.

Leão XIII também é O papa que “prepara” os católicos do mundo para as sucessivas revoluções russas (1905-1914-1917) e guerras mundiais (14-18 e 39-45). É o 1º papa a encarar o “perigo” do início da concorrência da psicanálise e a introjetar para dentro da Igreja a descoberta do in-consciente coletivo.

Sob a influência dessa nova realidade espiritual de seu tempo, Leão XIII determina a necessidade das regras da exegese (crítica e interpretação) ortodoxa. Impulsiona a junção dos católicos franceses com a república ao estimular o movimento cristão social e a embrionária social democracia.

Vale lembrar que até Leão XIII, quem era católico não era republicano, e, por dedução não necessitava partir para o combate de uma 1ª ou 2ª guerra mundial para defender seu querido “pai do povo” ou sua “mãe-pátria” gentil. Isso é muito importante. No máximo, um católico partia em Cruzada ou guerra santa, de religião, não defendia um

---

<sup>66</sup> Nossa pesquisa sobre a origem da teoria social da Igreja decorre, diretamente, da forte influência dos discursos da Teologia da Libertação sobre a formação territorial do MST e das ações dos teólogos da Libertação sobre a formação territorial no MST.

Estado material mas, sim, o sonho do retorno ao Antigo Regime. É o caso des Chouans, de la Chouannerie Française.

A partir de Leão XIII, não é mais pecado mortal pegar armas para defender seu Estado nacional. Daí a absolvição de todos os militares católicos a serviço da Operação Condor<sup>67</sup> pelas Igrejas locais. Não foi só na Argentina, não. A Igreja toma partido e decide defender o seu mercado de gentios e a posse de suas almas. Abandona a briga contra as espiritualidades, as utopias e as visões de mundo, socialistas e humanistas, e segue em frente para a ideologia liberal do capitalismo versus o materialismo do socialismo real. Daí o nascimento do pensamento único.

Até 1891, os católicos não eram a República. Menos ainda o valor supremo de uma democracia representativa (parlamentarismo) ainda em construção. A democracia popular e participativa não era nem cogitada. Ao contrário, somente após 1891 é que os católicos abandonam o sonho de desejar reconstituir o estado de espírito do Antigo Regime (uma nação escolhida por Deus – na base do fundamentalismo religioso norte-americano que nasce no final do século XIX, como reação evangélica á Teoria Social da Igreja, e vai alastrando-se pelas políticas das empresas abençoadas por Deus, durante todo o século XX)<sup>68</sup>. Os católicos, abençoados pela Igreja, se jogam de corpo aberto mas de alma fechada na defesa de suas respectivas trincheiras nacionais, tradicionais, populares e republicanas. Daí as sucessivas carnificinas européias.

Estamos em 1891. Só agora, a revolução francesa de 1789 acaba de se libertar definitivamente de suas estruturas arcaicas: pois, ela matou de uma só vez, Deus e o Rei. O que provocou o levante e a união de todas as monarquias européias num castigo organizado por uma “Santa Aliança” contra a França republicana.

Até agora, as nações eram todas governadas com o mesmo objetivo: recuperar o sistema do tripé “harmonioso”, que governou o Ocidente durante mais de 1.500 anos, entre a Nobreza, o Clero e o Terceiro Estado. Até aí, ser republicano equivalia a viver uma outra religião. As repúblicas eram visões, desejos, esperanças de mudanças éticas, políticas, culturais, econômicas e sociais. Ser republicano era ser contra o governo desta Igreja. Contra o seu poder temporal e espiritual. Havia até, como alternativa republicana, o

---

<sup>67</sup> “Militares sul-americanos seguem trocando informações sobre os “subversivos” do continente, aos moldes do que ocorria nos anos 1970 e 1980 na Operação Condor, garante o jurista paraguaio Martin Almada. Ele, que, em 1992, provou a existência do esquema, descobriu documento de 1997 no qual coronel paraguaio envia uma lista de militantes de esquerda para colega equatoriano”. Jornal Brasil de Fato, Uma visão popular do Brasil e do mundo, Ano 5, Nº 215, São Paulo, De 12 a 18 de abril de 2007.

<sup>68</sup> Pois, se a Santa Madre Igreja humaniza o capitalismo, o fundamentalismo o deifica. Em todas as notas verdes se lê: “In God We Trust”. A partir daí é que dinheiro vira Deus a ser servido ou a ser combatido.

Grande Oriente, desfeito pelas torturas infligidas a milícia dos Templários, mas que foi ressuscitada pelos arquitetos Maçons. Pois, ser republicano era ser Outro. Daí o outro Humanismo proposto pelo Iluminismo.

Por falta de inimigo, o ideal desmorona na ausência da possibilidade desse Outro. Tal como no desaparecimento da URSS. Melhor, o sumiço do Muro de Berlim é a exata materialização do desaparecimento das utopias e dos ideais republicanos e socialistas porque humanistas outros. De seus símbolos, de seus sinais e de seus respectivos signos. Por isso, descordo de Roman Jakobson<sup>69</sup>, professor e influência maior de Claude Lévi-Strauss, (antropólogo e um dos professores e pesquisadores franceses fundadores da USP); mas, sim, concordo com Ferdinand de Saussure<sup>70</sup>. Pois, semiótica não é semiologia<sup>71</sup>. (JAKOBSON & POMORSKA, 1993). A fala que está sendo vivida no presente tem sempre a possibilidade de ser projetada para o futuro. Enquanto a própria estrutura da língua, depois de dita, já pode estar começando a ser retransformada.

Na Encíclica “Rerum Novarum”, Leão XIII constata: “a *desordem econômica e social então existente*, tornada patente por uma preocupante concentração do poder econômico nas mãos de poucos ricos e da conseqüente condição de *servilismo* da enorme maioria das classes populares”. A partir deste diagnóstico social, é que começa a existir o católico republicano. Por outro lado, a República Cristã afasta-se de suas raízes socialistas e humanistas. Aparecem a dicotomia, a contradição e o paradoxo. No entanto, a dialética resta reservada para os pensamentos radicais de esquerda que são excomungados e

---

<sup>69</sup> Jakobson influenciou Claude Lévi-Strauss (In Estruturas elementares do parentesco) cujos cursos ele segue por ocasião de seu exílio em NYC. Jakobson é o 1º lingüista a utilizar o termo de “estrutura”, no congresso dos filólogos eslavos, realizado em Praga, em 1929. Saussure se contentara com o termo de sistema: “A língua é um sistema”.

<sup>70</sup> Ferdinand Saussure (1857-1913) Especialista em gramática comparativa abandonou a lingüística histórica e fundou a lingüística moderna. Os seus alunos publicaram suas aulas: “Cursos de lingüística geral”, em 1916. Saussure posou os conceitos fundamentais: sincronia, sistema, diferença entre língua e fala. A partir de Saussure nascem 4 correntes lingüísticas. Jakobson e a Escola de Praga; Toegby e a Escola de Copenhague; Bloomfield e a etnologia estrutural nos Estados-Unidos; Chomsky e a crítica distributiva. (Enciclopédia)

<sup>71</sup> “O modelo de comunicação formulado por Jakobson articula-se sobre a teoria matemática da informação. Generalizando o valor heurístico dos conceitos de código, codificação, decodificação, redundância, mensagem e informação, Jakobson sugere a Claude Lévi-Strauss que aplique essa mesma grade de leitura aos sistemas de parentesco na antropologia. Nos anos 70, Jakobson prossegue em seu projeto de dotar a lingüística de um estatuto científico (através de seu DNA). A teoria da comunicação explica o patrimônio genético em “termos” de “programa”, código e informação. Para Jakobson existe semelhança nas estruturas entre esses dois sistemas de informação (código lingüístico e código genético). Existe uma estrita linearidade da mensagem na sua seqüência temporal codificação-decodificação; é possível reduzir as relações entre elementos, fonema ou base química, a um sistema de tais oposições binárias (0 e 1). Curiosamente, a maior crítica a Jakobson vem de Henri Lefebvre, ao criticar Louis Althusser. A estrutura aparece como congelada, fora do tempo e do espaço numa tese de manipulação vertical eliminando de sua realidade todo o “desviante”; todo o “vivido”; toda a “decodificação pelo cotidiano”. O subproduto da “estrutura” sendo a fatalidade da coerção e do controle”. (MATTELART, 1999: 101)

colocados no Index. Subitamente, aparece a possibilidade de “revoluções” restauradoras do “sur place” ou mesmo, da marcha-ré.

### **Origem da Teoria e da Prática Capitalista da Igreja<sup>72</sup>**

É em 1891, que a Igreja inaugura que: “*os proletários estão em condição de miséria imerecida á mercê de patrões desumanos e de uma desenfreada concorrência*”. E proclama: “*os direitos e os deveres que devem reger as relações mútuas dos ricos e dos proletários, do capital e do trabalho*”. Ao reivindicar alguns: “*direitos fundamentais da pessoa humana, particularmente comprometidos pelas agitações sociais que acompanham o industrialismo*”. (BASTOS, 1961, p. 71-81).

O papa cria normas corporativas, salariais, de relações trabalhistas, previdência, aposentadoria e até de poupança para que o proletário tenha direito ao acesso a propriedade privada. A Igreja se mete nos seus respectivos e nascentes sindicatos e movimentos sociais. É o nascimento do socialismo instrumental para atingir a apoteose de uma república instrumentalizada por um estado capitalista agora “humanizado” por uns e “deificado” por outros. Se, no início do século IV, o poder temporal romano ajoelhou-se frente ao poder espiritual de seus escravos bárbaros; nesse final de século XIX, o poder espiritual ocidental capitula frente ao poder temporal via uma “humanização” do capital e uma “deificação” do dinheiro.

Nessa época, Freud começa a desmontar, de forma espetacular, a morte do pai; enquanto, hoje, os filhos do cegado Édipo é que estão, de novo, em perigo. Começa, então, a aparecer o Sujeito do Bom Burguês. A Igreja é lotada de bons patrões. Logicamente, nasce o escoteirismo, o direito humanitário da Cruz Vermelha Internacional e aparece o nacional-socialismo de Adolfo Hitler, Mussolini, Franco, Salazar, Getulio Vargas, e tantos outros...

Pio XI, na “Quadragesimo Anno” de 1931, reitera que Leão XIII, “sem nada permutar nas opostas teorias sociais da época, o liberalismo e o socialismo”: tira sua doutrina dos princípios racionais da *ética natural* e da *revelação cristã*; examina a questão operária no seu aspecto *global*, considerando-a *questão não só técnica ou econômica, mas essencialmente moral, ética e religiosa*; e insiste na mobilização da caridade a serviço da

---

<sup>72</sup> Nossa pesquisa sobre a origem da teoria social e da prática capitalista da Igreja de Roma decorre, diretamente, da forte influência das práticas dessa sobre a teoria da Teologia da Libertação; e da teoria social daquela, sobre as práticas desta, que influenciam, ao mesmo tempo, a formação territorial do MST e a formação territorial no MST. “No entanto, a educação popular brasileira nasce de uma síntese interessantíssima: a técnica cristã, a teoria marxista e a prática anarquista”. (IASI, 2007)

justiça social. Assim, a Igreja vira uma Empresa capitalista transnacional que não para de fazer Política ao inaugurar a ideologia do globalitarismo.

Pio XI, papa de 1922 a 1939, não por acaso desenterra a “Rerum Novarum”. Pois, o Estado do Vaticano nasce em 1929. Para isso, Pio XI, 1º chefe de Estado do Vaticano, agora estado entre os estados, nação entre as nações, sem o apoio do Antigo Regime, sem mais ideal republicano a ser combatido, renega a monarquista Ação Francesa (1926) e certos aspectos do fascismo, nacional-socialismo e bolchevismo. Ele estimula a Ação Católica<sup>73</sup> pelo mundo afora. O que vai provocar o nascimento do Terceiro Mundo. Pois, temos o mundo da ideologia capitalista (fruto da Nobreza), o mundo do socialismo real (fruto dos Trabalhadores), o resto passa, simplesmente, sem mais nem menos, de Terceiro Estado para... Terceiro Mundo<sup>74</sup>.

Se a reicida e deicida Revolução Francesa perdeu suas estruturas arcaicas em pouco mais de um século, a Igreja banha nas suas até hoje. Mas, nesse início de século XXI, até quando? Ou seja, manter o seu domínio sobre as almas e ser dona da questão. Isto é, da tortura. Até quando? Lembro-me da bela resposta de um sábio seguidor de Confúcio, Mao Tsé-Toung, durante a Revolução Cultural, a um jornalista francês eufórico que lhe

---

<sup>73</sup> “Lo que se necessita és de uma outra política. Alianças entre todos os pobres e todos os trabalhadores: indígenas, camponeses, operários, sien tierra, trabalhadores informais sofrem igual ao serem fragmentados pelas classes médias. Mas os indígenas e os camponeses têm muito mais dinamismo na ação direta contra a estrutura do poder estatal neoliberal. As soluções saem dos povos e dos pobres. Como organizar essas forças e de que forma? Numa aliança indígena camponesa, laboral e informal (...) Nos anos 50, o vaticano mandou muita ação católica para América Latina contra um outro Cuba. Para apagar os fogos da revolução e oferecer, através das ONGs, as luzes reformistas do desenvolvimento que iria se tornar sustentável. Esses soldados de 1ª linha foram “convertidos” e são, agora, subversivos. Isso indica que há possibilidades: converter os soldados em subversivos pelos movimentos populares”. Prof. Henry Veltmeyer, em conferência sobre “*O papel da sociedade civil (ONGs) no processo de desenvolvimento em tempos de neoliberalismo*”. In ciclo de conferências sobre “Desenvolvimento Socioterritorial frente aos desafios do Capitalismo Contemporâneo”, Anfiteatro de Geografia, FFLCH-USP, 8/10/2007. Realização conjunta do Programa de Pós-graduação em Geografia Humana e dos laboratórios de pesquisa AGRÁRIA, LABUR, LABOPLAN e GEOPO do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo.

<sup>74</sup> “Toda essa realidade [conseguir pelos mais diversos meios a libertação do assim denominado Terceiro Mundo] está na base do emergir da FL [Filosofia da Libertação] a partir de um trabalho conscientizador. Nesta tarefa há diversas matrizes de análise da realidade: a matriz econômica dentro da teoria da dependência com Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto; a matriz pedagógica do oprimido de Paulo Freire; a matriz religiosa da Teologia da Libertação, de Gustavo Gutierrez; a matriz literária de Gabriel Garcia Márquez, em *Cien Anos de Soledad*, e a matriz filosófica de seus precursores, de Leopoldo Zea a Augusto Salazar Bondy, este último com seu pequeno e celebre trabalho *Existe uma filosofia de nuestra América* e a resposta que iria colocar a isto com *La filosofía latinoamericana como filosofía sin más*, de Leopoldo Zea. Os dois eventualmente mantinham uma polêmica entorno de se havia filosofia nitidamente latino-americana”. De Gabriel L. Santiago, doutor em Filosofia da Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), professor de graduação e pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Camp) e na Unisal-Campinas. In “*Filosofia da Libertação – A busca de uma vida digna na América Latina por meio da autonomia intelectual e a erradicação de suas mazelas*”. P. 38-49, Revista Filosofia, Ciência & Vida, Ano II, Nº 14, Escala, SP.

perguntava o que ele achava da revolução francesa: “Filho, ainda é muito cedo para responder”.

Neste contexto de esvaziamento espiritual do mundo nasce, em 1930, o 1º movimento moderno do Islã político. Esse movimento aparece no Egito sunita e reclama uma organização política hierarquizada e militante: “Os irmãos muçulmanos”. Estes começam, do ponto de vista ocidental, enquanto resposta ao sionismo nascente<sup>75</sup>, a enquadrar a sociedade no plano social e político para influenciar os Estados e levá-los a adotar uma legislação islâmica. Pois, para o Islã, não existe divisão entre o poder temporal e o poder espiritual. O espírito é matéria, tempo e espaço. Como aceitar essas novas repúblicas cristãs de um capitalismo deificado? Como aprovar estas atrasadíssimas democracias representativas (do dinheiro, do mercado e de suas empresas), sempre impostas de cima para baixo, sobre seus clãs, tribos e comunidades que começam, estrategicamente, por influenciar seus estados de baixo para cima, faz milênios?

### **Contradições existenciais da Santa Madre Igreja**

De todos os papas católicos, a linhagem dos Pios é a mais paradoxal.

Pio II (1458-1464), grande humanista e poeta latino.

Pio V (1566-1572), reage à força do protestantismo e do islamismo: reforma a Igreja, excomunga a rainha Elizabeth da Inglaterra (1570) e organiza a coalizão das forças cristãs numa Santa Liga contra os turcos na famosa Batalha de Lépante (1571). O renascimento não será muçulmano mas cristão novo. Assim, como a baixa Idade Média Européia não foi islâmica mas cristã, após a derrota dos árabes muçulmanos na Batalha de Poitiers (732-733), maior centro medieval e cristão até onde chegaram as refinadas sociedade, cultura e civilização moçárabes.

Pio VI (1775-1799) é preso por Napoleão porque não reconhece nem o direito dos Povos nem o direito do Ser Supremo que nascem com as idéias iluministas da Revolução Francesa. O Povo ainda não existe. Nem o povo judeu aguardando ainda o seu holocausto. O Homem ainda está por vir. Por enquanto, para o Papa, há somente reis, justiceiros escolhidos por Deus, o sangue real é sangue divino, o poder temporal está nas mãos de

---

<sup>75</sup> As primeiras cooperativas de pioneiros sionistas começaram a comprar pântanos e manguezais palestinos a partir de 1917 para pressionar o governo britânico. Este ofereceu as terras férteis da Uganda, na África. Mas, o Estado Judeu, autoproclamado pelo jornalista húngaro, Théodore Herzl, reclama sua Terra Prometida. Em 2 de novembro de 1917, o governo inglês publica a declaração de Balfour, onde se diz favorável ao estabelecimento de um lar nacional judeu na Palestina. Em 24 de julho de 1922, o Conselho da Sociedade das Nações designa a Grã-bretanha como seu fiel mandatário para a administração da Palestina, em vistas de lá criar um lar judeu. (KESSEL, 1967).

suas dinastias e o poder espiritual nas mãos dos cleros de sua Igreja. Os Direitos ainda estão para ser escritos.

Pio VII (1800-1823) consagra Napoleão imperador após altas negociações financeiras. Antes de ser... seqüestrado por Bonaparte que pede resgate ao Vaticano (a anulação de seu 1º casamento com a Imperatriz Joséphine De Beauharnais<sup>76</sup> - como resultado da assinatura de um 1º Concordado, essencial para que as manufaturas dos empresários católicos não ameacem mais abandonar o território francês ao instalar-se em território inimigo: na Inglaterra). Como resgate, Bonaparte aceita esposar a Nobreza Européia. O Príncipe de Roma é imposto pela Santa Sé e torna-se, desse jeito, um híbrido da Igreja com o Império.

Pio IX (1846-1878) condena o socialismo, racionalismo e liberalismo do mundo moderno na “Quanta Cura” (1864) quando da Restauração de algumas monarquias. E, ao sentir que Roma ia ser tomada pela Itália patriota, socialista e anarquista (1870). Só, ele proclama o dogma da Imaculada Conceção (1854); reúne o 1º Concílio do Vaticano (1870) para definir o dogma da infalibilidade pontifical; a fim de defender sua soberania temporal e recuperar, com ajuda dos guardas suíços, o domínio da cidade do vaticano. Para isso, garante sua segurança pessoal e particular nas mãos de Bismarck (o Açougueiro da Comuna de Paris) e considera-se “preso voluntário” no Vaticano. Não por acaso, cria A Ordem de Pio IX (1847), que existe até hoje, para recompensar os serviços prestados a Santa Sé.

Pio X (1903-1914) entra em conflito com a França quando da separação definitiva da Igreja e do Estado (Novo Concordado de 1905). Em 1907, condena o modernismo, visto como tendência a uma renovação da fé católica. Pois, ainda hoje e desde o juramento de membros do baixo clero a Revolução Francesa de 1789, alguns padres recebem salário mínimo<sup>77</sup> do estado francês, pago pelos impostos de seus concidadãos, a fim de prestar serviço religioso e espiritual aos moradores das 50 e poucas mil comunas francesas.

---

<sup>76</sup> O interessante é que se o Imperador precisa seqüestrar o Papa para pedir o direito ao divórcio, e, se as feministas necessitam criar o feminismo para defender o direito ao “ventre libre”; esses direitos existem desde o nascimento do Islã, no século VII. Pois, em época de guerras, o único meio de proteger os recém nascidos das jovens viúvas é a poligamia. No Islã, a mulher pode pedir o divórcio, inclusive por não satisfação sexual. As mulheres islâmicas, que nem as mulheres judias, têm direito ao orgasmo múltiplo. No Brasil, pobre não casa, junta os trapos. A partir de um ano de convívio comum, mais duas testemunhas, todo o casal de concubinos é, de fato, considerado “casado”. Na maioria dos casos, o nascimento de um filho é que legitima esse novo “estado civil”. Mas, como, no Brasil dos pobres, o mundo dos homens dificilmente coabita com o mundo das mulheres. Na maioria das certidões de nascimento somente consta o nome da mãe solteira. Para as atividades de ordem administrativa, burocrática, escolar, institucional ou jurídica; um simples atestado de convívio marital, ou declaração de amase, com duas testemunhas mais número de RG é suficiente “Para fazer valer o que de direito”.

<sup>77</sup> 1.200 Euros, quase 3.000 Reais.

Coexiste uma igreja de leigos republicanos dentro da Igreja dos prelados. Coabita uma missão republicana dentro da missão católica.

Enfim, Pio XII (1939-1958) acentua o caractere internacional da Igreja romana e nomeia o maior número de cardeais não italianos porque entende que a religião católica não conquista mais novas almas em território europeu. Quiçá fora da Europa?

### **Das Almas ao Território<sup>78</sup>**

Quando João XXIII assume (1958-1963), ele tenta pacificar um mundo e uma igreja que estão tentando sobreviver aos inúmeros focos da Guerra Fria e ao crescimento da ameaça das Famílias Islâmicas e polígamas, remanescentes das ex-colônias, com base nas guerras de independência, mães de todas as novas nações e repúblicas, inclusive islâmicas, por vir.

A Igreja católica, apostólica e romana não é mais maioria no continente europeu, por causa da chegada dos “retornados”. Ingleses, franceses, italianos, portugueses, espanhóis, alemães, holandeses que perderam seus antigos impérios e retornaram as suas respectivas ex-metrópoles. Pior no resto do mundo onde a divulgação e a democratização do tradicional e ancestral divórcio islâmico pode, efetivamente, ainda parecer uma praga para o vaticano. O controle social, cultural, espiritual e político da Igreja estão sendo ameaçados. Milton Santos nos fala de um sub-sistema socialista.

João XXIII anuncia a homenagem do Setuagésimo Aniversário da “Rerum Novarum” (1961) no meio de uma reunião de camponeses italianos, em pleno dia dos trabalhadores, São José, e não a partir da Praça São Pedro, na cidade do Vaticano. Provoca o “Aggiornamenti Sociali” e publica a encíclica “Pacem in Terris” (1963) como resultado do 2º Concílio Ecumênico do Vaticano.

João Paulo II (1978-2005) não é somente O papa que fez desmoronar o Muro de Berlim (1989). Quem acabou com a URSS foi a explosão de um dos reatores atômicos da central nuclear de Tchernobyl<sup>79</sup> (1987-Ucrânia) e a chapa de chumbo de silêncio que se

<sup>78</sup> Se antigamente a Igreja brigou pela posse das almas de seu rebanho. Inclusive ao organizar concílios para determinar se os indígenas tinham alma, ou se os negros tinham alma, ou ainda, se as mulheres e as crianças tinham alma. Hoje, enquanto empresa transnacional, a Igreja Católica Apostólica e Romana briga pela posse do uso do território. Assim, o papa Bento XVI acaba de declarar que sua Igreja é a única herdeira de Cristo. No entanto, se fosse mesmo não precisaria, após 2.000 anos, desse *auto da fé*. Como diz o ditado popular: “quem diz que é, não é mesmo; quem é mesmo, nem precisa dizer”.

<sup>79</sup> Cf. “A herança radioativa”. O Brasil sofreu um dos três piores acidentes nucleares da História. O maior deles, em Chernobyl, interrompeu a construção de novas usinas no mundo. Em 1979, em Three Miles Island, EUA, por falhas técnicas, o reator saiu de controle, com risco de explosão. Levou cinco dias para ser controlado. Uma explosão - que não ocorreu - teria contaminado uma área com milhões de habitantes. Em 1987, em Chernobyl, Ucrânia, ex-URSS, um reator explodiu na então república soviética, espalhando uma

alastrou sobre suas vítimas deixando rastros por toda Europa. João Paulo II é O papa que segurou as pontes contra a 1ª Revolução Islâmica, a dos Ayatollahs no Irã (1979). Por isso, a pressa em beatificá-lo. Pois, visitou o turco que tentou assassiná-lo e aceitou perdoá-lo. O Islã está devedor do Papa.

Apesar disso, a Igreja está, hoje, numa posição difícil nos países da Europa oriental. Sua dificuldade em lá nomear bispos e arcebispos nunca foi tão grande. Os arquivos dos ex-países sob influência soviética estão sendo abertos e lidos. Padres, bispos, arcebispos e até cardeais delataram. Alguns subiram nas hierarquias da madre igreja, da polícia secreta ou da intelligentsia, às custas de delação premiada. Outros divulgaram segredos políticos obtidos pelos sacramentos distribuídos em confessionais ou extremas unções. O caso da retratação forçada do ex-futuro-bispo de Varsóvia, na Polônia, em terras do ex-sindicato Solidarnosc do ex-presidente Leach Walesa, é exemplar.

Hoje, em Paris o jejum mais praticado e mais popular entre os jovens da periferia é o da festa do Ramadão. O novo problema a ser confrontado pela República Cristã é que não há meio de assinar um novo Concordado muçulmano porque não existe uma única instituição islâmica universal. Há sunitas e xiitas. São focos disseminados por vastos e superpostos territórios espirituais.

Se desde a sua criação, o catolicismo apostou todas as suas cartas sobre o centralismo da hierarquia, disciplina e obediência a Igreja de Roma; no caso do islamismo,

---

nuvem radioativa pela Europa. Na ocasião, 56 pessoas morreram e até hoje milhares têm risco elevado de câncer. Em 1987, em Goiânia, Brasil, catadores de sucata pegaram cápsulas radioativas de cézio de um equipamento médico descartado sem cuidados. Quatro pessoas morreram e 800 pessoas foram contaminadas. [A revista não fala, mas os casos mais graves foram tratados em Cuba. Pois, o Brasil, com Angra 1 e 2, e com o futuro projeto de Angra 3, não possui nem equipe, nem formação, nem serviço de medicina nuclear]. Cf. Revista Época, Editora Globo, 2 de julho de 2007, N° 476, p.74. Na França, o presidente François Mitterrand declarou, em rede nacional, que a nuvem radioativa não tinha passado a fronteira. No entanto, com as chuvas ácidas, a contaminação aconteceu, sem nenhum aviso prévio. Os casos mais graves de radioatividade foram tratados, enquanto segredo de estado, no hospital militar do Val de Grâce e um pavilhão especial foi disponibilizado no complexo hospitalar de La Pitié – Salpêtrière, em Paris, para inaugurar tratamentos experimentais elaborados a partir de iodo radioativo. No entanto, existe uma associação de vítimas francesas que está lutando, na justiça, pelo reconhecimento oficial, pelo estado francês e pela união européia, dos efeitos co-laterais e globais do acidente nuclear soviético. Tchernobyl é o maior exemplo da falta de ética institucional e um ato criminoso da falta de responsabilidade de um estado em relação aos seus cidadãos. Pois, não por acaso, a explosão ocorreu antes dos desfiles obrigatórios do 1º de Maio, de 1987. A aceleração do reator atômico tinha sido programada, pelos técnicos, para bater recordes de produção em dia de festa nacional. Todas as crianças de Tchernobyl desfilarão, de uniforme de verão, na Festa do Trabalho e no Dia do Trabalhador, carregadas em cima dos ombros de seus pais; ao carregar, nas mãos, flores radioativas recém colhidas. Enquanto deveriam ter ficado trancafiadas em casa, respirando através de panos úmidos, até deixar a nuvem radioativa ser absorvida pela atmosfera. Além disso, quando as autoridades decidiram, enfim, evacuar, por completo, todas as crianças da cidade; mais de mil ônibus, ao sair da zona contaminada, sem tratamento de descontaminação, irradiaram a radioatividade para todos os campos de férias espalhados pela união soviética, afora. Ou seja, o massacre dos inocentes foi, de novo, perpetrado em massa. Como, daí, não entender o profundo ódio das novas gerações da Europa oriental contra o que foi, então, considerado “socialismo real”; enquanto subsistema capitalista, porque sempre pautado, desde sua origem, pela corrida econômica e industrial capitalista ocidental?

quanto mais descentralização melhor. A esfera de influência dos Ayatollahs e dos líderes espirituais se dá pelas suas comunidades. Não mais pelas clássicas dimensões geográficas. Pois, uma comunidade<sup>80</sup>, sobretudo fragmentada, pode ter representante, ligado e antenado com ela, a partir dos cinco continentes e nos quatro pontos cardinais. Ora, se o sedentarismo se presta à propriedade privada, a economia liberal e aos fundamentos do capitalismo; o nomadismo das migrações forçadas de 1 bilhão de refugiados políticos, mundo afora, parece opor-lhe resistências não só semânticas como existenciais.

A religião do Alcorão está baseada em tribos familiares, em tradições ancestrais, em especificidades culturais, em diversidades políticas, em inúmeras versões sociais e não mais em dinastias reais, garantidoras dessa Ordem, representantes de hierarquias e de Deus sobre esta Terra. O que une estas inúmeras famílias é sua luta permanente pela defesa de territórios culturais, tradicionais e espirituais, e não mais uma única família de sangue real (dona e proprietária de terras e de suas almas). Eis a postura ética do Islã: Deus é grande, seu Profeta está vivo, em total e perfeita comunhão e comunicação permanentes com o seu Povo. Na busca constante de seu mais próximo laço de união. Por isso a representação de Allah e de seu profeta são proibidas porque, dependendo da época e dependendo do lugar, existe a possibilidade de haver várias representações, físicas e materiais, assim como de ter diferentes existências espirituais.

Não se trata mais somente da Morte de Deus, tão proclamada por Nietzsche, mas da morte de todo e qualquer garoto, novo profeta em potência. Daí a forte simbologia da Intifada<sup>81</sup> Palestina para todos os países muçulmanos. Como aceitar crianças dormindo nas ruas? Como aceitar meninos de rua cheirando cola ou fumando pedras de crack para matar uma fome insaciável? Como aceitar massacres realizados por milícias e esquadrões da morte contra seres abandonados? Se de cada um deles pode sair o novo profeta de amanhã? Se um deles já é o profeta de Deus. O Profeta Maomé, órfão de pai e de mãe, criança abandonada, foi recolhido no deserto, tal um pequeno príncipe, por uma tribo árabe que fez dele seu filho pródigo. Nestas condições, Jesus, visto como um dos profetas, pode, sim, estar voltando a qualquer momento.

Após mais de 5.000 anos de história universal, passamos, do estado da materialidade do ter (corpos e almas, consciências e inconscientes coletivos, terras e territórios...) ao estado existencial do ser. O que tão bem anteviram entre os que

---

<sup>80</sup> Comunidade, vem do latim *communitate*, singular, comunhão, concordância, conformidade, identidade; qualquer grupo social cujos membros habitam uma região determinada; têm um mesmo governo e estão irmanados por uma mesma herança cultural e histórica.

<sup>81</sup> A guerra das pedras das crianças palestinas contra os tanques do exército israelense.

conhecemos, fora os inúmeros anônimos e desconhecidos, Kierkegaard, Nietzsche, Heidegger, Sartre e Milton Santos.

Há todo um exército de não-filósofos, de contra-filósofos, de antifilósofos e de novos filósofos tais Freud, Althusser, Foucault, Deleuze, Merleau-Ponty, Derrida e Bourdieu, entre muitos outros... que veio descrevendo, anunciando e antecipando este novo estado de consciência. Este novo estado mental. Este novo estado de espírito. Esta nova visão de mundo. Este novo estado do Ser. Esta nova Natureza do Espaço...

Neste Mundo Novo revivemos a concretude do cotidiano das brigas do Tsar de todas as Rússias com Pouchkine, de Verlaine com Rimbaud, do Lênin da União das Repúblicas Soviéticas e Socialistas – URSS - com Maiakovski.

Quando o Tsar, censor pessoal de Pouchkine, exigiu-lhe um relatório sobre o estado da educação no Santo Império de todas as Rússias, Alexandre Pouchkine propôs a necessidade do ensino da diferença que existe entre o espírito dos povos. Responderam-lhe: “Os povos não têm espírito, muito menos o povo russo<sup>82</sup>, tem um Tsar em seu lugar, isso lhe basta!”...

---

<sup>82</sup> A significação da palavra Rússia, vem do Eslavo, que quer dizer Glória.

## 2ª Parte

### - **Pedagogia como Teoria** –

*“Todas as transformações sociais foram levadas avante graças às disputas pelo “silêncio dos profanos”. Senão, elas foram burocratizadas e institucionalizadas. Isso nos leva a considerar a passagem do “capital lingüístico” para o “capital simbólico” ou, vice-versa a passagem do “capital simbólico” para o “capital lingüístico”, exatamente e tal qual já foram tratados pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu. Ao nível local, regional e internacional. Ou seja, ao nível político, ideológico e filosófico.”*

(IASI, 2007).

## II - Formação Territorial no MST

*“Precisamos, sim, ter a humildade de aprender com os que nos antecederam. Estes só foram grandes porque aprenderam com os que vieram antes deles e foram coerentes com o passado que herdaram de outros lutadores. Nesse sentido, é importante fazermos o resgate histórico das nossas lutas. Isso nos dá a noção exata das limitações e do caráter temporário da nossa participação. Não inventamos o fogo nem a roda. O que queremos é aproveitar as invenções já existentes – o fogo e a roda – para construir um mundo melhor. Certamente essa luta continuará por meio dos que virão depois de nós. Esperamos ter condições e capacidade para deixar um legado de lutas útil. O MST é a continuidade de um processo histórico das lutas populares. Esperamos ser o elo com as lutas futuras. Este é o nosso papel histórico.” (STEDILE, 1999: 58)*

Frente a este suposto contexto de caos e a esta autêntica farsa da violência social, quais as propostas do maior movimento social do Brasil para este seu povo sofrido? Pois, os guerreiros das mãos calejadas não são os homens-bomba do Oriente Médio. Ao contrário desses heróis sacrificados, o Brasil não está sendo fisicamente ocupado por exércitos de ocupação nem de uso do território. Se o Iraque está sendo ocupado há somente 5 anos; faz mais de 500 anos que as terras de Pindorama o estão. Se os Iraquianos estão sendo obrigados, hoje, a aprender a colaborar com forasteiros, os nativos brasileiros são o resultado da colaboração mútua e da miscigenação de cinco séculos, entre estrangeiros, nacionais e internacionais.

Tal qual os franceses que se reconheceram nos alemães, durante a ocupação SS dos nazis. Pois, ambos eram netos de Clovis, “le 1<sup>er</sup> Roi des Francs”, o 1<sup>o</sup> rei bárbaro católico e ortodoxo; e filhos de Charlemagne, “le 1<sup>er</sup> Empereur d’Occident”. Que, bem que literalmente *analfabeto*, além de muitas outras legislações, inventou a Escola do Palácio, ao agregar escolas cívicas, obrigatórias e não somente religiosas, a todas as sés, catedrais e mosteiros para ressuscitar a cultura antiga, na base da cultura germânica. Escolas, aliás, já mixtas, gratuitas, laicas e públicas.

O Iraque, ex-Mesopotâmia, é considerado o berço de todas as grandes civilizações. Lá, entre o rio Tigre e Eufrates, é que nasceu a agricultura (há mais de 10.000 anos) e a escrita (há mais de 5.000 anos). Pois, lá é que nasceram as cidades e é para alimentar os

cidadinos, que constroem os templos e cultuam as oferendas aos mortos, que nascem as primeiras culturas agrícolas e as primeiras milícias de camponeses que, então, vai criar o arado para alimentar todo esse povo urbano. E é para manter a administração da civilização suméria e proteger os pobres dos ricos comerciantes e cleros prepotentes que nasce a promulgação de normas contáveis e escritas. As estatísticas serão inventadas mais tarde, pelos povos astecas, incas e maias, para antecipar as colheitas e alimentar suas populações. Pois, “Garantindo a ordem legal e a equidade entre os soldados do exército, os servidores dos templos e a milícia dos camponeses, o soberano deve proteger o fraco da opressão do poderoso e o simples cidadão dos abusos dos funcionários corruptos<sup>83</sup>”.

É para esse fim que uma escrita sobre barro ou argila, onde não há separação entre o pictograma e o signo que designa um som, é criada. Na escrita cuneiforme, os 400 sinais utilizados conservam um duplo valor, ideográfico e fonético. Um texto cuneiforme nunca se lê, nem se fala, somente se decifra.

A escritura cuneiforme inspirou, a oeste, os hieróglifos egípcios (5.000) e, a leste, o sânscrito, na Índia (4.500) e os ideogramas, na China (4.500). Mas em todos estes reinos, a fixação precoce dum sistema de escrita responde aos imperativos do bom funcionamento da sociedade. O registro de dados para o seu uso: administração, codificação das leis, formulações de uma tradição sagrada, elaboração de anais reais, promulgação de leis e atas de julgamentos. A difusão de informações em grande escala: cartas, declarações. Com todos os seus usos e ritos cerimoniais.

Considerada de origem divina e revestida de um caractere sagrado, a escritura é reservada a uma casta privilegiada por origens de ordem técnica (a complexidade do seu aprendizado e da sua caligrafia) e ideológica. Num país de tradição escrita, a monopolização da escritura por uma elite de escribas, a serviço dos templos e dos soberanos, constitui um instrumento de poder e de controle excepcionais. Tal como o domínio das sementes crioulas registradas e contabilizadas. Hoje, por exemplo, graças às pesquisas de DNA do trigo, se sabe que todo o trigo do mundo tem origem comum com o trigo selvagem que ainda subsiste nos altos planaltos da Turquia. Que seria de nosso pãozinho francês se os turcos nos pedissem 10.000 anos retroativos de royalties? Talvez seja por causa disso que a Turquia não consegue entrar na CEE.

A grande diferença com os tempos de hoje é que a esperança de vida do povo era baixíssima, ultrapassando muito raramente 40 anos. Ora, os escribas deviam pertencer às

---

<sup>83</sup> LANEYRIE-DAGEN, Nadeije, 1997, pp 50-51.

castas nobres. Pois, o investimento e o treinamento eram longos e árduos. Nunca esqueçamos que nos tempos de Marx, não havia nem internet, nem telefone, nem energia para todos. A maioria do *Capital*<sup>84</sup> foi escrita à luz de vela. Não rara a vez Marx teve que escolher entre comprar comida e comprar papel<sup>85</sup>.

Mas, afinal, onde está o maior terrorismo, hoje? Será que é o terrorismo de estado? Aquele que bombardeia, de maneira indiscriminada, (com bombas a fragmentação, no entanto, proibidas pelo direito humanitário internacional) milhares de populações civis, mulheres e crianças, guias espirituais, cegos e idosos, hospitais, sítios arqueológicos, cemitérios, lugares santos e sagrados? Ou será que está em tentar resistir-lhe sacrificando-se, um por um, para a certeza de um futuro absoluto? Sobretudo, se dos dois lados desse conflito, neste novo jogo de xadrez internacional, há efeitos e vítimas colaterais?

Onde será que está a barbárie? A 1ª vez, na história da humanidade, que um país utilizou helicópteros e armamento pesado contra a sua própria população civil, foi no Brasil, contra mais uma experiência popular, em Caldeirão da Santa Cruz do deserto<sup>86</sup>. Até Santos Dumont, pioneiro da aviação mundial, não suportou ver sua própria invenção ser usada contra o seu próprio povo e foi levado ao suicídio.

Não, a cordialidade da flexibilização tropical não tem nada a ver com isso. Os heróis anônimos brasileiros não são nem mais nem menos heróis do que todos os outros soldados de um exército de famintos pelo mundo afora. Pois, as experiências, sociais e históricas do sofrido povo brasileiro, as levaram a entender que a liberdade não tem preço e que a vida não tem valor. Bem sabem que vale muito mais do que os ridículos 300 reais de fiança pagos por qualquer Policial Militar que mata favelado. Pois, afinal, até PM mora em favela, até PM é homem, até PM é mais um pobre funcionário, público ou estadual, superexplorado e alienado pelo sistema. A crueldade da situação histórica e geográfica é que faz com que, por vezes, até irmão mata irmão<sup>87</sup>.

---

<sup>84</sup> Para Francis Wheen, autor de: ““O Capital” de Marx – uma biografia”, “*O Capital* é antes uma descrição emocionada do sistema que seu autor via como deformador e opressivo do espírito humano. E, que, além disso, pode ser lido como um romance gótico – com linguagem por vezes impressionista – cujos heróis são escravizados pelo monstro que criaram: o capitalismo”. Cf. Tradução de Sérgio Lopes, Editora Zahar, série Livros que mudaram o mundo, 2007.

<sup>85</sup> Tal Camões que, num naufrágio, teve que escolher entre salvar seu livro, “Os Lusíadas” e salvar sua escrava-amada. Marx escolheu salvar sua obra “O Capital” e deixar seu filho único morrer de fome. Se Marx morreu na pobreza, Camões acabou morrendo na miséria das ruas de Lisboa.

<sup>86</sup> Em 22 de maio de 1937, o exército brasileiro extermina com bombas lançadas pelos aviões da força aérea brasileira – FAB – a suposta repetição da insurreição de Canudos. Vale lembrar que Guernica, cidade santa do país Vasco espanhol, também foi bombardeada em 1937, não pelo exército espanhol, mas sim pela aviação alemã a serviço dos franquistas.

<sup>87</sup> A briga entre o Comando Vermelho e o Comando Azul, nas favelas do Rio, não nasceu hoje. Faz dez anos que a prefeitura e o governo de Estado do Rio de Janeiro investem em bombeiros, policiais, militares, agentes

“A guerra não está presente apenas na retórica do governador do Estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral (PMDB). De acordo com Marcelo Braga, da Central dos Movimentos Populares (CMP) e da Rede de Movimentos Contra a Violência, as tropas da Força Nacional de Segurança (FNS) que foram para o Haiti, onde o Brasil lidera a Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (Minustah), passaram por treinamento no Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope), da Polícia Militar do Estado. “Isso confirma que o Estado aplica uma tática de guerra nos morros. Lá é uma força de intervenção estrangeira; aqui se coloca o Exército contra o próprio povo” avalia. Braga ainda aponta que quando parte das tropas retornam, voltam a atuar nos morros. O fato foi confirmado por oficiais do Exército, em declarações à imprensa. O coronel Cláudio Barroso Magno Filho, comandante das tropas brasileiras no país, confirmou a informação, declarando que, do ponto de vista operativo, o Haiti tem sido uma “escola”. A diferença, aponta Braga, é que não há ocupação de fato nas favelas, mas apenas repressão. “É a política de sempre. Pobres, negros e favelados morrendo. Em média, a polícia carioca mata 3 jovens por dia. Imagina se todos esses jovens estivessem na rua, exigindo seus direitos? Matam para fazer controle social”, denuncia o ativista”<sup>88</sup>.

Segundo Jean-Paul Sartre, todo homem nasce livre e, por isso mesmo, todo homem tem a liberdade de negar o mundo existente, o mundo tal como ele é feito, aqui e agora, por todos os outros. Cada homem tem, nele mesmo, a possibilidade de construção de um outro mundo possível. Eis o futuro como âncora. Através de uma reconstrução de si, para si. E, por isso mesmo, através de uma reconstrução do mundo. Pois, somos esse Mundo Novo. Eis a liberdade de ação e o poder da imaginação a serem colocados em prática. Assim, ninguém nunca está preso em si, mas, no máximo exilado de si. Stefan Zweig já dizia do exílio que é como viver deslocado de seu eixo de gravidade.

Assim, o MST nos propõe a criação de uma organização, vamos criar o próprio Movimento Sem Terra, inclusive, enquanto exemplo e modelo para outras organizações:

---

de segurança, para preparar o caminho do Pan 2007. Até agora, o Rio de Janeiro é a única candidatura para os Jogos Olímpicos pós Pequim. Essa considerada guerra das favelas está acontecendo para garantir a suposta “segurança pública” necessária à boa imagem internacional do Pan e garantir a candidatura brasileira.

<sup>88</sup> Dafne Melo, In “Guerra e repressão contra os pobres”, Box da entrevista com Marcelo Freixo, deputado federal pelo Psol, eleito em 2006; Coordenador da Comissão de Direitos Humanos e Cidadania da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro; pesquisador da ONG Justiça Global: “O tráfico não começa nem termina na favela”, diz deputado”... “Para o deputado, as recentes declarações do ministro da Justiça, Tarso Genro (PT), não deixam dúvidas. Ações policiais como a realizada no Complexo do Alemão, que deixou 44 mortos desde 2 de maio, 19 somente no dia 27 de junho, irão continuar. Em entrevista ao jornal *Folha de São Paulo*, o ministro afirmou que “a questão da pacificação e da reocupação do território é imprescindível”. As ações farão parte do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci), ao qual será destinado, anualmente, uma verba de 1 bilhão”. *Jornal Brasil de Fato – Uma visão popular do Brasil e do mundo*, São Paulo, de 12 a 18 de julho de 2007, Ano 5, Nº 228, p.6.

Sem Teto<sup>89</sup>, Movimento dos Trabalhadores Desempregados, Movimento Negro, de Mulheres, Jovens, Aposentados, dos Sem Universidade, Sem Direitos, Sem Justiça, Movimento de Camponeses e Movimento de Mulheres Camponesas, etc...

Nessa aparente deshumanização do homem do caos moderno, aparece a criação de um novo ser no mundo, o Sem Terra. Mas, para ser Sem Terra, há necessidade de uma Pedagogia e de uma Escola do MST.

Segundo a professora Samira Peduti Kahil, assim, é que uma aparente sociedade muitíssima organizada (o MST) aparece numa dada sociedade aparentemente completamente desorganizada (o Brasil). Revelar a fantástica solidariedade do MST, através de uma análise geográfica porque analítica do próprio MST, seria, então, revelar a co-existência, a co-presença e as zonas de confins onde forma e conteúdo poderiam se dissolver numa possível política e numa visão crítica ao resistir para um futuro como ancora do presente.

O autêntico uso e o território usado pelo MST, seria, então, uma forma por ter conteúdo, que se tornaria uma forma-conteúdo dinâmica por isso mesmo. Em si? E para si?

Ora, o MST não se encontra nem fora da Sociedade Brasileira, nem fora dos planejados inexistentes Cidadãos Brasileiros, nem fora de seu considerado invisível Mundo, nem além ou aquém de sua República do silêncio. Nessas interações impossíveis porque inoportunas, inaptas a nos guiar para o futuro, o Projeto, assim realizado e praticado aparece como não estar mais no passado, mesmo recente.

No entanto, é a própria realização dessa (in)existência, enquanto fenômeno planejado, que somente é desvendada pelo processo dialético do método crítico que nos permite evitar toda e qualquer tentação dualista como “sociedade passiva” e “sociedade ativa”<sup>90</sup>.

Pois, o que se dá são inter-relações sócio-espaciais quotidianas entre pontos luminosos e pontos opacos, em seu pisca-pisca quotidiano, nesse jogo de esconde-esconde.

Daí a revolução cognitiva, ofertada pela teoria social e existencial do professor Milton Santos, ser tentar entender a riqueza de uma formação sócio-espacial em

---

<sup>89</sup> Em São Paulo há mais imóveis vazios do que Sem Teto, o déficit habitacional não existe, é mais uma farsa a ser desvendada pelo Período Popular da História.

<sup>90</sup> Mesmo se: “Podemos desse modo admitir que aquilo que, mediante o jogo de espelhos da globalização, ainda se chama de nação ativa é, na verdade, a nação passiva, enquanto o que, pelos mesmos parâmetros, é considerado como a nação passiva constitui, já no presente, mas sobretudo na ótica do futuro, a verdadeira nação ativa. Sua emergência será tanto mais viável, rápida e eficaz se se reconhecerem e revelarem a confluência dos modos de existência e de trabalho dos respectivos atores e a profunda unidade do seu destino”. Milton Santos, In “Nação Ativa, Nação Passiva”. Em *Folha de São Paulo*, Mais! (SP) 21/11/1999.

movimento, já incluída no movimento do mundo como parte de uma sociedade mutante porque híbrida e sempre em inacabada construção: constantemente em transformação.

Em outras palavras, o mundo não para nunca. Uma formação sócio-espacial está sempre em via de sócio-espacialização. Porém, um novo tempo e seu uso, um espaço novo e seu uso, não aparecem, nem nascem, assim, do nada. Pois, no pensamento vivo, crítico-dialético aplicado, nada se cria, tudo se transforma, na totalidade de um processo sempre em via de totalização porque em transformação. Ao ter a função de ser um projeto estrutural, mesmo que somente enquanto “outsider”.

Num mundo em crise educacional, o Brasil não está nem mais nem menos em crise do que o Mundo; o MST não está nem menos nem mais em crise do que o Brasil. Como afirma a própria professora Samira, a crise educacional, presente no mundo, é o resultado de um planejamento das elites, inclusive nas classes dominantes acadêmicas e intelectuais a serviço da ideologia do pensamento único e da ideologia do medo.

Para o professor Jacques Lévy<sup>91</sup>, afinal, o que é a didática e a eloquência? A solução do Milton Santos é a gestão da complexidade ao buscar sua fonte na epistemologia da física pelos contrários. Assim, o contrário da complexidade seria a simplicidade. Mas o contrário do simples é o complicado. Ora, será mesmo que o mundo é demais complicado? O indivíduo é menor do que o mundo. Sim. Mas, em nível de complexidade, mundo e indivíduo são similares. Pois, trabalhar sobre a coisa (o mundo) depende de uma construção teórica. “Meu enfoque”, nos provoca Jacques Lévy, “é muito trabalho epistemológico. O que dá mais facilidade para pensar a política, a cidade e o mundo”.

---

<sup>91</sup> In Conferência: “Milton Hoje. Pensar simplesmente a complexidade do mundo”. Evento organizado na ocasião do lançamento do livro: “Milton Santos, philosophe du global, citoyen du local”, avec le concours de Alice Ferreira, de Maurício de Almeida Abreu et de Maria Adélia A. de Souza, Lausanne, PPUR, 2007. Anfiteatro de Geografia, USP, 1/10/2007. Realização: Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana e Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental (LABOPLAN) / DG – FFLCH – USP.

**Esboço de uma Matriz de Periodização sobre a Formação Territorial no MST  
Através de suas filiações filosóficas, teóricas e metodológicas.**

*“Nessa questão aparece de novo aquela mescla entre a nossa vontade e o que será possível na correlação de forças. Mas se você não tiver vontade, se não tiver projeto, não constrói força para mudar”.* (STEDILE, 2006: 174)

**4º Capítulo**

**- Território Usado na Pedagogia do MST –**

**4.1 - Pensadores Universais<sup>92</sup>**

**Ernesto Guevara de la Serna (1928-1967)**

“Líder guerrilheiro. Médico nascido na Argentina, El Che participou ativamente da vitoriosa Revolução Cubana. Abandonou os cargos que chegou a ocupar no governo cubano para contribuir com a luta revolucionária no Congo, e, mais tarde, na Bolívia, onde foi assassinado. Transformou-se num ícone das lutas revolucionárias da América Latina”. (FERNANDES, 1999: 60)

**José Lulian Martí y Perez (1853-1895)**

“Em 1868, quando estourou a guerra revolucionária, fez suas primeiras manifestações em favor da luta contra o colonialismo espanhol em Cuba. Tinha apenas 17 anos quando, por delito de inconfidência, foi condenado a seis anos de prisão. Em 1871, após indultado, foi deportado para a Espanha. Em 1874, embarcou para o México. Na Guatemala foi nomeado professor da Escola Normal Central. Foi de novo deportado para a Espanha quando, de volta a Cuba, conspirou ativamente para reiniciar a guerra independentista. Partiu para Nova Iorque, Estados Unidos. Daí se transferiu para a Venezuela, onde deu aulas de Literatura e fundou a *Revista Venezuelana*. Na terra de Bolívar, sua projeção revolucionária tomou um caráter continental”. (Agenda do MST, 2003) “Líder da luta pela independência de Cuba. Poeta, jornalista, escritor, autor de teatro. É um dos intelectuais mais importantes da América Latina”. (FERNANDES, 1999: 61)

---

<sup>92</sup> Classificação elaborada pelo MST.

## Alargamento dos Contextos

Ao contrário da formação territorial do MST, baseada quase que exclusivamente e formada a partir de experiências sociais e históricas que aconteceram em território nacional; a formação territorial realizada no MST, parece não ser mais nacional, mas sobretudo internacional.

Che Guevara e José Martí não são brasileiros, pior, mesmo que internacionalmente conhecido, o Che nasceu argentino, combateu pela revolução em Cuba, Congo e Bolívia.

José Martí, fora do MST, fora do espaço dos movimentos sociais, é quase um grandessíssimo desconhecido. Mas, o mais imperdoável e o mais inadmissível é que nem o Che, nem o Martí falam ou expressa-se no idioma português<sup>93</sup>. Aqui, nos perguntamos: Como o próprio MST conseguiu sobreviver, no Brasil, durante tantos anos, sem nenhuma base lingüística nacional? Aqui, sim, é que se torna evidente a necessidade da criação, pelo MST, de vários setores tais como: os setores de informação, comunicação, formação e educação.

Não podemos esquecer que o ensino do português enquanto língua nacional só é obrigatório desde 1945. Faz somente 60 anos, ou seja de 3 a 4 gerações que toda escola, pública ou particular, ensina todo o brasileiro a apreender, se comunicar, falar e pensar em português. As populações brasileiras somente começam a se socializar em português após o término da Segunda Guerra mundial, a partir da metade do século XX, ou seja, faz meio século. Ora, uma socialização de 4h por dia<sup>94</sup>, durante 60 anos, não representa muita coisa na história das sociedades mundiais. O Brasil é uma nação jovem. Nesse aspecto, quase uma nova república africana.

Esta norma, tornada lei por Getúlio Vargas<sup>95</sup>, um gaúcho dos pampas, ainda tem a maior dificuldade em ser implementada. Pois, ainda existem lugares no Brasil, onde ainda não se fala português. Até 1945, no Brasil, se falava suíço, alemão, italiano, espanhol,

---

<sup>93</sup> É interessante ressaltar que o Brasil é o 1º país onde o idioma espanhol e a cultura espanhola estão sendo divulgados. A 1ª viagem oficial do novo ministro da cultura do governo espanhol é para o Brasil. Pois, somente no Brasil, existem 9 Institutos Cervantes. Mais dois em preparação na Universidade de Brasília – UnB. Ensina-se mais espanhol no Brasil do que na própria Espanha. Isto é, na Espanha, enquanto as línguas regionais ganham cada vez mais força e a influência da Castilha está em retrocesso, é fora das províncias autônomas que a fala espanhola encontra-se estar em expansão. O presidente Lula assinou, dois anos atrás, a obrigatoriedade, no ensino fundamental, do idioma espanhol em todas as escolas públicas brasileiras. No que diz respeito à influência do idioma e da cultura francesa, somente no município de São Paulo existem 9 Alianças Francesas. Porém, o ensino do francês já foi obrigatório nas escolas públicas brasileiras.

<sup>94</sup> No Brasil, a educação integral quase não existe. As crianças só têm meio-período escolar.

<sup>95</sup> Com a mesma caneta, Getúlio Vargas mandou arrancar todos os pés de cânhamo da Capital São Luiz do Maranhão (MA) e decretou que era proibido “pitar” durante os horários de serviço na função pública brasileira.

francês, quase todos os idiomas ocidentais. Inclusive o yidish, ashkenaze ou sefaradita. Mas não se ensina nem a história da língua portuguesa nem a história de suas sociedades. Do mesmo jeito que, hoje, não se ensina música nas escolas públicas brasileiras. A grande porta de entrada de quase todas as igrejas evangélicas. Sem esquecer os 180 idiomas indígenas e os 120 idiomas africanos remanescentes dos quilombos. Após 1945, devemos também acrescentar o russo e o árabe. Além, claro, do japonês<sup>96</sup>, coreano, chinês e outros tantos idiomas, desta vez, línguas orientais. Como, então, não se interrogar sobre o absurdo da situação educativa brasileira.

A grande maioria das crianças alfabetizadas, não sabe o que lê, nem o que escreve. Em últimas pesquisas, o Instituto Brasileiro de Pesquisas - IBOPE - revela que quase 70% da população brasileira é composta de analfabetos funcionais. Que também não sabem nem o que lêem nem o que escrevem. Quanto mais memorizar ou lembrar-se de algumas palavras-chave de qualquer discurso. Bem, últimas pesquisas realizadas no estado de São Paulo, também revelaram que quase 70% dos médicos ligados à Ordem dos Médicos do Estado de São Paulo, não estão aptos a praticar medicina. Pois, somente 1/3 dos médicos paulistas passaria, hoje, no vestibular para admissão nas faculdades de medicina. Visto que 2/3 foram reprovados nas provas estabelecidas pela sua própria Ordem.

Também não podemos esquecer que, na época dos gregos, eram necessários meses para realizar operações matemáticas na areia à orla do mar. Que deviam ser repetidas a cada dia. Mas, hoje, se exige de crianças cada vez mais jovens o que a humanidade levou milenares para conseguir somente tentar esboçar.

Na França, foi somente a partir de Louis XIV que o francês se tornou idioma nacional às custas de sua dominação sobre todos os outros dialetos regionais. Quem fixou a língua nacional foi a gramática de Port-Royal, mas, no entanto, durante a Primeira Guerra mundial, ou seja, 3 séculos após essa imposição forçada pela aristocracia, os soldados da Bretanha ainda morriam nas trincheiras alemãs por não entender as ordens de seus oficiais franceses<sup>97</sup>.

Outro problema, também de origem social e histórica, na Argentina, ao festejar o fim da escravidão, quase toda a população negra foi exterminada. Nunca houve menos escravos na Argentina do que no Brasil. O Brasil também nunca foi mais escravocrata do

---

<sup>96</sup> A colonização japonesa no Brasil está festejando seu centenário.

<sup>97</sup> Mais de 250 mil soldados bretões morreram, durante a Primeira Grande Guerra, por causa de problemas de comunicação lingüística. Pois, “a comunicação é, antes de tudo, relação social, antes de ser transferência de informação: a linguagem não é um simples veículo de troca, mas ela é-lhe parte integrante e constitutiva, com realidades que lhe são exteriores”. ( BAYLON & MIGNOT, 1994: 216)

que seus vizinhos. Os escravos, na Argentina, como em outros inúmeros lugares, foram convidados a festejar sua libertação e logo em seguida, devidamente eliminados ou expulsos. Se esses fatos históricos não se encontram nos livros de História, eles estão presentes na história da boca do povo.

Qual, então nossa surpresa quando, quase que de forma espontânea, o MST começa a incluir nos pensadores universais usados na sua formação territorial, um filósofo das técnicas, 100% brasileiro. Talvez a resposta se encontre nas sábias palavras do historiador russo, Kiva Maidanik<sup>98</sup>: “O MST é extraordinário: tem um pé no século XIX e um pé no século XXI”.

#### **4.2 - Um pensador do mundo<sup>99</sup>**

##### **Milton Santos (3/5/1926 – 24/06/2001)**

“Milton Santos nunca foi comum. Nasceu num espaço de pedras, vazios e mistérios, bem no meio da Chapada Diamantina, em Brotas de Macaúbas. Negro, pobre, perdido no interior da Bahia, poderia ser só mais um garotinho a guiar turistas pelas cavernas e maravilhas da região. Mas não. Desafiou o destino, fugiu do determinismo e foi para Salvador, onde formou-se em Direito pela Universidade Federal. Apaixonado pelo ser humano, decidiu pensar o tempo e o espaço sob a perspectiva humanista e se fez doutor em Geografia pela Universidade de Strasbourg, da França. A partir daí, espalhou seu saber por 14 universidades em sete países em que foi professor, escreveu mais de 40 livros, centenas de artigos e fez a sua luta na defesa de um mundo justo e digno para todos. Ainda ativo e alerta aos 75 anos, Milton Santos pautou toda a sua vida de pensador do mundo na tentativa de dizer sempre coisas que pudessem esclarecer a vida dos seres que, por razões históricas, sociais e raciais, estão marginalizados do mundo da cultura e da ciência. E foi essa atitude de servir aos perdidos da história que moveu toda a sua vida. Crítico feroz da globalização, não cansava de dizer que, apesar de perversa, ela não tinha a força que os poderosos faziam crer, e que um outro mundo podia ser possível. Milton Santos era terno e compassivo, mas não titubeava na crítica ao neoliberalismo. Queria pensares novos, que fugissem da subalternidade. Queria uma voz brasileira definindo os destinos brasileiros. Era um apaixonado pelo ser humano e pelo seu país. Não queria gerir capitalismo, queria

---

<sup>98</sup> Professor da Academia de Ciências da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e do Instituto de Economia Mundial e Relações Internacionais da Academia de Ciências da Rússia. (1930-2006).

<sup>99</sup> Classificação elaborada pelo MST. No entanto, “Todo intelectual é universal. Sua prática ou as práticas que sua obra sugere é que são particulares. Caso contrário, para que uma universidade, mesmo que popular?” (Maria Adélia Aparecida de Souza, 2007).

outro sistema e nunca abriu mão disso. Morreu em 24 de junho de 2001, numa fria manhã de inverno. Foi-se sem pompa, sem direito a matérias na televisão. Uma nota pequena num dos jornais noturnos. Foi-se o corpo de Milton. Saiu do “espaço planal”, sumiu do “espaço geográfico”, mas sua obra permanece. É um grito amoroso e feroz, pela vida e pela dignidade. Milton Santos, brasileiro, cidadão do mundo. Combatente, socialista e um desses mortos que nunca morrem”. (Elaine Tavares, jornalista e educadora, Agenda do MST, 2002).

### **Alargamento dos Contextos**

Então, não é sem alguma surpresa que passamos, assim, do Homem da Revolução em pessoa ao Homem da revolução na pessoa. Passando pelo Homem de uma só revolução preparada a partir de outras experiências culturais e nacionais.

## **5º Capítulo**

### **- Território Usado pela Pedagogia do MST no Brasil –**

#### **Pensadores Brasileiros<sup>100</sup>**

##### **Caio Prado Junior (1907-1990)**

“Considerado por muitos o mais importante historiador marxista, Caio Prado Júnior nasceu em 11 de fevereiro de 1907, em São Paulo (SP). Intelectual, militante e lutador do povo, dedicou sua vida a entender os dilemas históricos da sociedade brasileira. Ele buscava a teoria para vivenciá-la na prática. Para ele, não pode existir exclusão social. A revolução brasileira seria a desconexão com o capital internacional e o rompimento com o colonialismo. Ele apontava a Reforma Agrária como um instrumento de integração do conjunto dos brasileiros no desenvolvimento econômico. Caio Prado morreu em 21 de novembro de 1990”. (Agenda MST, 2002) “Historiador. É um clássico entre os pensadores marxistas brasileiros. Foi professor da USP. Militante do PCB, envolveu-se em polemicas com a orientação do partido”. (FERNANDES, 1999: 63)

##### **Celso Furtado (1920-2005)**

“Paraibano, o economista e pensador Celso Furtado foi um grande defensor da soberania brasileira. Na crise econômica dos anos 60, propôs a Reforma Agrária como alternativa, mas após o anúncio da proposta, o governo foi tomado pelos militares. Teve também indispensável participação no processo de formação do PT (Partido dos Trabalhadores). Esteve sempre ao lado dos pobres e escreveu diversos livros sobre a construção de um Brasil livre e soberano”. (Agenda do MST, 2005) “Foi funcionário da CEPAL/ONU, criador da Sudene e ministro do Planejamento no governo João Goulart (1962-64). Exilado, retornou ao Brasil em 1980 e foi ministro da Cultura no governo Tancredo/Sarney (1985-89). Seus estudos deram uma contribuição fundamental para a compreensão da formação econômica do Brasil. Defendeu a necessidade de um modelo econômico nacional”. (FERNANDES, 1999: 59)

---

<sup>100</sup> Classificação elaborada pelo MST.

### **Darcy Ribeiro (1922-1997)**

“Mineiro, o professor e etnólogo Darcy Ribeiro deixou marcas profundas por onde passou, contribuindo com inúmeras obras centradas na formação do povo brasileiro. Como político, atuou no governo Jango e, com o golpe militar, teve de exilar-se várias vezes fora do país. Com a anistia, voltou a atuar na vida política nacional na área da educação, deixando como contribuição a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional”. (Agenda do MST, 2005) “Antropólogo, teve uma participação importante no estudo da formação étnica e cultural de nosso povo. Foi ministro da Educação e Cultura no governo João Goulart (1962-64) e fundador da Universidade de Brasília. Em 1990, foi eleito senador (PDT) pelo Rio de Janeiro”. (FERNANDES, 1999: 59)

### **Florestan Fernandes (1920-1995)**

“Florestan Fernandes nasceu em 22 de julho, em São Paulo (SP). Filho de imigrante portuguesa analfabeta e empregada doméstica, aos seis anos começou a trabalhar. Na adolescência fez o curso Madureira. Em 1943 formou-se em Ciências Sociais. Fez Licenciatura no ano seguinte. Fez Pós Graduação em Sociologia e Antropologia em 1945-46. Em 47 fez Mestrado em Ciências Sociais (Antropologia). Lecionou na USP e nas Universidades de Columbia e Yale (EUA) e Toronto (Canadá). É doutor honoris causa da Universidade de Utrecht (Holanda). Escreveu 56 trabalhos acadêmicos publicados no Brasil e exterior, além de livros de múltipla autoria e de colaboração em jornais e revistas. Florestan faleceu em 10 de agosto de 1995”. (Agenda do MST, 2002) “Paulista, considerado o mais importante sociólogo do Brasil. Professor da USP, da qual foi aposentado pelo AI-5<sup>101</sup>, em 1968. De origem humilde, estudou com muito sacrifício. Dedicou-se à pesquisa e à compreensão da natureza das classes sociais no Brasil. Defendeu a necessidade de a classe trabalhadora libertar-se. Foi deputado federal pelo PT (1987-94)”. (FERNANDES, 1999: 59)

---

<sup>101</sup> Ato Institucional Nº 5 de 1968. Decreto maior do governo da ditadura militar no seu processo mais sério: fechamento do Congresso Nacional, demissão forçada de todos os professores, pesquisadores, técnicos e funcionários públicos considerados “subversivos”. Esse instrumento restabelecia o poder do presidente de cassar mandatos, suspender direitos políticos, demitir e aposentar juizes e funcionários, acabar com a garantia do *habeas-corpus* e reforçar a repressão. Com o AI-5 acabaram-se as passeatas estudantis e operárias e outras manifestações pacíficas contra o governo militar. Alguns dos grupos da esquerda brasileira optaram pelo caminho da clandestinidade, outros pela luta armada. (MORISSAWA, 2001: 96).

**Josué de Castro (1908-1973)**

“O médico e professor de Geografia Josué de Castro nasceu em Recife, em 1908. Foi um grande cientista político, com destacada atuação nacional e internacional. Era filho de agricultor, que deixou o sertão durante a seca de 1877. Viveu a adolescência num dos bairros mais pobres do Recife. Essa realidade marcou sua vida. Passou então a dedicar-se a compreender os problemas da fome e à luta contra a fome. A preocupação com a situação da população expulsa do campo levou o médico e geógrafo a compreender as desigualdades sociais. Josué de Castro morreu em 1973, de saudade, no exílio, em Paris”. (Agenda do MST, 2002) “Pernambucano, médico, biólogo e estudioso dos problemas da fome. Autor do clássico *Geografia da fome*, em que revelou ao país e ao mundo as mazelas e as causas da fome no Brasil, em especial no Nordeste. Apoiador entusiasta da reforma agrária, estimulou as Ligas Camponesas em seu estado. Com o golpe militar, foi cassado e exilou-se em Paris”. (FERNANDES, 1999: 58)

**Paulo Freire (1921-1997)**

“O educador Paulo Regius Neves Freire nasceu em 19 de setembro de 1921, em Recife (PE). É autor de obras como *Pedagogia do Oprimido*, método de alfabetização de adultos que leva o aluno ao exame crítico dos problemas sociais, econômicos e políticos ao mesmo tempo em que aprende a ler e escrever. Lecionou em várias universidades do exterior e do Brasil. Perseguido e preso por subversão logo após o Golpe Militar de 64, foi exilado durante 15 anos. Foi Consultor Especial do Departamento de Educação do Conselho Mundial das Igrejas em Genebra (Suíça). Recebeu vinte e oito títulos de *Doutor Honoris Causa* e tem cerca de 1.500 trabalhos escritos em todo o mundo. Paulo Freire morreu em 2 de maio de 1997”. (Agenda do MST, 2002) “Pernambucano, educador, criou e desenvolveu um método revolucionário de alfabetização de adultos. Exilado pela ditadura militar, aplicou seu método em inúmeros países do Terceiro Mundo”. (FERNANDES, 1999: 59)

**Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982)**

“Sérgio Buarque de Holanda, jornalista, crítico literário, sociólogo e historiador, nasceu em São Paulo em 1902. Publicou seu primeiro livro em 1936, *Raízes do Brasil*. Lecionou em várias universidades do país e do exterior. Participou sucessivamente de três comitês da Unesco, em Paris, e pronunciou uma série de conferências na Sorbonne. Mesmo aposentado, em 1969, publicou a *História Geral da Civilização Brasileira*, da

História do Brasil e da História da Civilização. Publicou, em 1975, Velhas Fazendas e em 1979, Tentativas de mitologias. Recebeu em 1980 dois prêmios: o Juca Pato, da União Brasileira dos Escritores e o Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro. Em 1986 foi publicada a sua obra póstuma, O extremo Oeste. Sérgio Buarque de Holanda faleceu em São Paulo, onde residia, em 24 de abril de 1982”. (Agenda do MST, 2002)

### **Alargamento dos Contextos**

Neste grupo de pensadores brasileiros, temos aqui uma coletividade científica a serviço de um país e de uma nação em estados de construção. Temos, assim, a História, Economia, Etnologia, Antropologia, Sociologia, Geografia e a Pedagogia como ferramentas de leitura e de análise para descobrir uma jovem sociedade, cultura e economia em plena formação. De uma Formação Econômica e Social a Formação Sócio-Espacial brasileira. Pois, ler e estudar esses pensadores brasileiros é não só descobrir uma civilização através de suas mitologias em movimento; mas, também, descobrir a Pedagogia do Homem produzido por todas estas: o ser Oprimido.

Todos estes pensadores brasileiros são oriundos de vários estados do Brasil: São Paulo, Pernambuco, Minas, Paraíba. Todos eles ou foram exilados, pela ditadura, ou exilaram-se, por causa da ditadura, para outros países da América Latina ou da Europa. Ou seja, todos eles foram levados a interpretar a civilização brasileira, sua história, sociedade, economia, cultura e a preparar a revolução brasileira, de longe. Mas, hoje, como desconectar o Brasil, ou qualquer outro país, do capital internacional e romper com essa nova forma de colonialismo mental que é o globalitarismo? Pois, os muros não são somente feitos de concreto.

Por outro lado, o exílio ou auto-exílio levou estes pensadores a depositar em terras estrangeiras as raízes, origens e estruturas brasileiras que, desse jeito, foram plantadas em outros climas e outras condições sociais, históricas e humanas. Vice-versa, a grande maioria dos pensadores brasileiros, ao retornar do exílio, trouxe, clandestinamente, nas suas bagagens, de forma consciente ou inconsciente, estruturas, formas e funções culturais, sociais, econômicas e políticas de suas terras de asilo para um Brasil em processo de redemocratização.

Propor, hoje, nessa crise de sobrevivência do capitalismo do início do século XXI, a Reforma Agrária como alternativa econômica, não é mais correr o risco do governo ser tomado pelos militares. Os tempos são outros. Não há mais necessidade de torturas em porões. Será mesmo? Aliás, as elites que sustentaram os militares já conheciam, muito

bem, as pesquisas científicas que levaram o Brasil a liderar todas as pesquisas sobre etanol, bem antes do Pró-Alcool dos anos 70.

Enquanto especialistas em questões cruciais, tais como Economia, Fome, Pedagogia, Civilização, etc. grande parte destes pensadores brasileiros, expulsos pela ditadura militar, foi convidada para participar de programas com organismos e instituições internacionais (ONU<sup>102</sup>, FAO<sup>103</sup>, UNICEF<sup>104</sup>, UNESCO<sup>105</sup>, etc.) e convidada para dar aulas e palestras em grandes universidades de fama e pesquisas mundiais.

Um fato irrefutável é que todas estas disciplinas pertencem às ciências humanas. O que se apresenta como mais um paradoxo fundamental na história da educação brasileira. Pois, o ministério da educação e da cultura – MEC – tem a maior dificuldade com as ciências humanas. A grande maioria da população estudante brasileira dando preferência às ciências exatas e técnicas. Aliás, no Brasil, a universidade nasceu a partir das ciências físicas e exatas. Basta observar a lista dos vestibulares. Para as ciências humanas, existe uma relação de 1/10 vagas. Enquanto que, para as ciências exatas, não rara a vez, essa relação passa de uma vaga para 1.000 candidatos. Idem nas escolas, faculdades e universidades particulares. A tecno-ciência parece ultrapassar, em quantidade, qualquer ciência social. Pior, a qualidade da ciência humana brasileira parece estar completamente abafada pelo positivismo<sup>106</sup> ambiente. Raríssimos são os pensadores livres com inquietação existencial.

---

<sup>102</sup> Sigla da Organização das Nações Unidas. Substituiu a Sociedade Das Nações – SDN – (1919-1945). Pois, a SDN não sobreviveu à Segunda Guerra Mundial.

<sup>103</sup> Sigla de Food and Agricultural Organisation (“Organização das Nações Unidas para alimentação e agricultura”), instituição criada em 1945 pela ONU com vistas em melhor repartir os produtos agrícolas e lutar contra a fome no mundo. Tem sede em Roma.

<sup>104</sup> Acrônimo para United Nations International Children’s Emergency Fund (“Fundo das Nações Unidas para a infância”), organização internacional criada pela ONU em 1946. Recebeu o Prêmio Nobel da paz em 1965.

<sup>105</sup> Acrônimo para United Nations Educational Scientific and Cultural Organization (“Organização Internacional para educação, ciência e cultura”) instituição especializada da ONU, constituída em 1946 está instalada em Paris, no palácio da Unesco.

<sup>106</sup> “Desfeitas as promessas iluministas da democracia universalizante dos direitos do homem e do cidadão, a classe burguesa não encontrou outro projeto filosófico que pudesse representar seus interesses. A doutrina comteana do “progresso dentro da ordem” oferecia-se como alternativa” (...) “Em síntese, Comte pretendia ter inventado uma teoria social – a sociologia – que deveria ser considerada “científica” ou simplesmente a ciência positiva da sociedade ou a “física social”. Conforme sonhado pelo filósofo, essa física tinha a tarefa de guiar a prática política em direção a objetivos não-teológicos e não-metafísicos. Inspiraria, assim, projetos para a transição da humanidade: do atual “estado da civilização metafísico, crítico e revolucionário” para outro, superior e definitivo, “o estado positivo, puramente industrial e definitivamente pacífico” (...) Num 2º período, “Comte, transformou os conceitos pretensamente neutros da sociologia em dogmas rígidos de uma religião. Seria a religião da Humanidade, que deveria substituir o catolicismo, mas copiar seus ritos e cultos. Quanto à prática política, transferia-se para o âmbito institucional de uma igreja, a positivista. Teoria e prática religiosas destinadas a concretizar o projeto político positivista por meios puramente morais” (...) “Contra os princípios da democracia burguesa de 1789, Comte sustenta que os seres humanos nascem e permanecem desiguais em direitos, sendo esta uma verdade natural, no sentido estrito do termo” (...) “A sociedade que se organiza em torno da doutrina metafísica dos direitos universais estaria violando uma lei da

No que diz respeito às ciências sociais<sup>107</sup> brasileiras, a dificuldade maior parece estar na própria representação dos trabalhos acadêmicos. Após 5 anos de aulas e estudos, não há exigência de defender qualquer monografia de fim de curso. Os meninos das sociais sofrem por terem que engolir goela abaixo toneladas de conhecimentos, sem saber nem o que fazer com eles, nem como recursos, e, nem como os devolver para uma sociedade que, afinal, acabou financiando todos esses anos de informação que nunca chega a se tornar conhecimento. É um saber que nunca se projeta como saber-fazer.

A especificidade das ciências humanas, às quais pertencem as disciplinas Geográficas e Pedagógicas, sendo, justamente, como lembra Jean-Paul Sartre, tentar transformar todo o conhecimento em consciência, inclusive, se necessário, ao verificar que conhecimento não é consciência e que consciência não é conhecimento. Daí a revolução cognitiva iniciada no século XIX pelo pensamento marxista. Pois, para Karl Marx, “não é a consciência que determina a existência, mas a existência que determina a consciência”. Por isso, como relembra muito bem Michel Foucault, a necessidade de realizar, constantemente, tanto uma genealogia do saber sobre e a partir das ciências humanas, quanto uma arqueologia sobre o seu efetivo poder. Parece uma mesmice mas não é. Assim, dependendo dos períodos históricos, a origem do saber e a origem do poder variam. Aliás, a mudança, evolução, transformação, revolução ou restauração das origens do saber e das origens do poder é que provocam e criam novos períodos históricos. Assim, aparecem períodos de saber distintos dos períodos de poder e distintos dos períodos do fazer.

Toda revolução existe quando saber, poder e fazer, se superpõem num mesmo período histórico e num mesmo lugar. Daí a elaboração desta singela e tripla matriz de periodização: certa cronológica e alfabética, mas numa tentativa simultânea e paralela de

---

natureza, e essa subversão logo se manifestaria como anarquia política e desordem social. No catecismo positivista, Comte aconselha que, em política, coloquemos “deveres” no lugar de “direitos” (...) “Em certo sentido, pode-se dizer que o projeto positivista para a política burguesa – na sua pureza abstrata – jamais se realizou no Brasil nem em parte alguma. Contudo, o paradigma comteano talvez ainda hoje possa manifestar, para nós, os limites de uma utopia que é, cada vez mais, inalcançável: progredir dentro da ordem capitalista atual, racionalizando a barbárie”. Lelita Oliveira Benoit, doutora em filosofia pela USP, professora de filosofia política da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). In “*Os positivistas brasileiros pensaram a República como governo “transitório” para uma futura “utopia positivista”, a “sociocracia”, p. 46-53, “A Herança Francesa”, Revista História Viva, Grandes Temas.*

<sup>107</sup> “Pode-se dizer que as dificuldades com as quais se defronta o sistema capitalista no momento atual exigem que a nova moralidade dos negócios, a ética das grandes empresas transnacionais, também encontre sua expressão nas ciências sociais. Estas são chamadas a dar sua contribuição à elaboração da nova ordem, através da codificação de novas regras de intercâmbio entre países, firmas e pessoas, em detrimento da moral tradicional que o próprio capitalismo se havia imposto em sua fase liberal. Trata-se, na verdade, da justificação do egoísmo em todas as escalas, desde a das relações internacionais à das relações interpessoais”. (SANTOS, 1982 apud 2005).

sincronia e diacronia<sup>108</sup>. Para isso, fora o professor Milton, não encontramos Estado da Arte, em nossa tentativa de desvendar, no papel, esta superposição de ideais e tempos, idéias e homens. Pois, as ideologias não são uma geração espontânea que nasce ou ressuscita do nada. Existe o eixo das sucessões (ou co-presenças) e o eixo das coexistências. Ora: “Isso quer dizer que, paralelamente a um tempo que é sucessão, temos um tempo dentro do tempo, um tempo contido no tempo, um tempo que é comandado, aí sim, pelo espaço”. (SANTOS, 1989)

As ideologias são socialmente experimentadas, coletivamente estruturadas e historicamente construídas. As metodologias que levam a diferentes leituras do mundo são, quanto a elas, fruto de um pensamento humano. E, neste ponto de vista, todo homem pertence ao seu tempo. Mesmo se tenta dialogar com o espaço geográfico. Idem com as teorias. Que também são datadas e não-atemporais. Sobretudo se tentam dialogar com o seu próprio território usado.

Quando há processos em desenvolvimento, novas formas em construção e funções a produzir ou reproduzir, nem as datas históricas, nem os ideais sociais são suficientes para determinar uma matriz de periodização. Faltam sempre os homens, suas sociedades, culturas, economias e suas políticas. Porque, afinal, quem ainda e sempre refaz a História?

---

<sup>108</sup> “Ao mesmo tempo em que as assincronias e as dessincronias se estabelecem”. (SANTOS, 1989)

## **6º Capítulo**

### **- Aparentes Conflitos Políticos –**

#### **6.1 - Dirigentes Políticos Clássicos<sup>109</sup>**

##### **Agostinho Neto (1922-1979)**

“Médico, poeta e líder revolucionário de Angola. Liderou a resistência contra Portugal. Foi o primeiro presidente da República Independente de Angola, em 1975”. (FERNANDES, 1999: 62)

##### **Amílcar Cabral (1924-1973)**

“Líder revolucionário, foi um dos fundadores do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde”. (FERNANDES, 1999: 62)

##### **Augusto César Sandino (1895-1934)**

“Liderou a luta pela independência da Nicarágua. Seu nome e história deram origem à organização política Frente Sandinista de Libertação Nacional, que realizou uma revolução popular na Nicarágua (1979-89)”. (FERNANDES, 1999: 61)

##### **Emiliano Zapata (1879-1919)**

“Liderou a Revolução Mexicana que se desenvolveu de 1910 a 1920. Mobilizou milhares de camponeses, que chegaram a tomar o poder, e realizou a primeira reforma agrária latino-americana”. (FERNANDES, 1999: 61)

##### **Fidel Castro**

“Político cubano, fundador do Movimento 26 de Julho e líder da Revolução Cubana desde 1959”. (FERNANDES, 1999: 61)

---

<sup>109</sup> Classificação elaborada pelo MST.

**Mahātmā Gandhi (1869-1948)**

“Líder político da Índia. Comandou o povo hindu contra o colonialismo inglês. Advogava métodos não violentos, mobilizando milhões de pessoas. Conquistou a independência da Índia na década de 1940”. (FERNANDES, 1999: 62)

**Martin Luther King (1929-1968)**

“Pastor Negro norte-americano e Prêmio Nobel da Paz em 1964. Liderou em 1967 a Marcha sobre Washington, com 250 mil pessoas, para exigir respeito aos direitos dos negros. Foi assassinado em 1968”. (FERNANDES, 1999: 62)

**Nelson Mandela**

“Líder político da África do Sul, desenvolveu desde jovem a luta contra a discriminação racial e o *apartheid* em seu país. Militante do partido Congresso Nacional Africano, ficou encarcerado por mais de 29 anos. Tornou-se o primeiro presidente negro eleito da África do Sul”. (FERNANDES, 1999: 61)

**Patrice Lumumba (1925-1961)**

“Líder revolucionário do Congo, foi um dos fundadores do Movimento Nacional Congolês, em 1958”. (FERNANDES, 1999: 62)

**Plínio de Arruda Sampaio**

“Promotor público aposentado, consultor da FAO/ONU, deputado constituinte em 1988 (PT-SP). Foi colaborador do programa de reforma agrária do governo de Salvador Allende no Chile”. (FERNANDES, 1999: 113)

Foi responsável pela redação do 3<sup>o</sup> Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA) elaborado no início do 1<sup>o</sup> mandato do presidente Lula (2002). Como o PNRA não saiu do papel, afastou-se do PT e fundou, com a senadora Heloisa Helena, o Partido Socialismo e Liberdade - PSOL.

**Samora Machel (1933-1986)**

“Líder revolucionário, foi um dos fundadores da Frente de Libertação de Moçambique. Liderou a guerrilha contra Portugal. Foi eleito o primeiro presidente do Moçambique independente”. (FERNANDES, 1999: 62)

### **Alargamento dos Contextos**

Neste grupo de dirigentes políticos, aparecem chefes políticos que lideraram seus povos até sua independência e até a libertação de seus estados e de algumas de suas nações contra impérios estrangeiros: Portugal, Espanha, Inglaterra, Holanda e Bélgica

Mas, também aparecem dirigentes políticos que dirigiram seus povos para se libertarem de minorias hegemônicas ou elites dominantes, certas nacionais, mas exploradoras de seus próprios povos. Por outro lado, aparecem dirigentes políticos que dirigiram seus povos, enquanto minorias, para se libertarem de maiorias hegemônicas e também dominantes.

Não é seu objetivo que varia. Os objetivos são sempre os mesmos: a independência e a libertação de um povo dado. O que varia são os meios utilizados para alcançar estes objetivos legítimos. Mesmo se foram considerados, por um tempo, criminosos e terroristas, sua legitimidade foi crescendo com o direito conquistado por esses povos. Alguns dirigentes decidiram entrar na luta armada enquanto outros escolheram o caminho da não violência. É o caso de Gandhi, na Índia, de Martin Luther-King, nos Estados-Unidos. Não é o caso de Nelson Mandela, na África do Sul. Ou seja, em países continentais, com grandes distâncias, a luta armada é dificilmente escolhida por povos em movimento. Pois, o problema da luta armada não é começá-la. Mas, sim saber quando e como concluí-la. Senão, o risco é provocar e manter guerras civis duradouras onde os objetivos a serem alcançados pela luta armada são rapidamente esquecidos, silenciados e perdidos.

Além do mais, como declarou Frei Tito, após seu exílio na França, a luta não se faz em nome do povo. A luta se faz com o povo.

Também incluímos neste grupo de dirigentes políticos, aqueles que decidiram seguir os povos que se libertaram via as urnas. Isso acontece quando o movimento de libertação é suficientemente longo e forte, num mesmo lugar, para conseguir estabelecer uma nova correlação das forças democráticas.

Porque, convenhamos, exército de ocupação é sempre uma minoria da população. Onde existe colonização e ocupação territorial é porque também existe colaboração. Aqui, o velho leme de dividir para reinar resta sempre atual. As velhas técnicas de manipulação, cooptação, delação e de motivação para trair grupos, valores e princípios são sempre as mesmas.

Hoje, pelo menos nas grandes cidades, o Brasil parece ser a terra da delação. Que nem precisa ser premiada. Delata-se grátis pelo 181 sem nenhuma dificuldade. Sem

identidade, sem motivos reais, sem prêmios. Televisão, rádio e ônibus nos convidam, permanentemente, a denunciar o próprio vizinho ou a própria família.

Neste tipo de dirigentes políticos, considerados clássicos, aparece, claramente, uma diferença entre os que lutaram antes e depois da queda do muro de Berlim.

Em tempos de divisão do mundo em dois blocos, tomar posição contra um era, quase que sistematicamente, aceitar de tomar posição a favor do outro. As inúmeras ramificações soviéticas e americanas o comprovaram. De um lado era a luta contra a teoria dos dominós. Do outro era a luta contra a não ingerência sobre a autodeterminação dos povos. O que provocou o direito humanitário que foi o que interveio na ex-Tchecoslováquia mas não os direitos do homem.

O que nos chama mais atenção neste grupo é o caso da África do Sul e de Nelson Mandela. Pois, o levante de Soweto começou em 1976 após a substituição forçada do inglês (língua veicular de todos, brancos e pretos) pelo afrikaans (idioma derivado do neerlandês e somente praticado pela pequena minoria da elite branca de origem neerlandesa, alemã e francesa: os afrikanders ou afrikaneers).

No continente africano, desde a noite dos tempos, nunca houve idioma vernacular, próprio a uma região ou a um território geográfico. Os idiomas vernaculares africanos não dependem de uma região físico-material. Na África, os idiomas vernaculares são nômades e circulam com quem os pratica. Eles são sócio-espaciais e não geograficamente determinados. Não se muda de idioma ao atravessar fronteiras que, aliás, são muito mais jovens do que as línguas milenares, tradicionais e ancestrais, praticadas pelas populações e pelos espíritos venerados. Nesse caso, há superposições de territórios lingüísticos e espirituais. Inclusive, nas próprias populações africanas que, sem nenhum problema, se comunicam através de vários idiomas veiculares e inúmeras línguas vernaculares. Por isso, a África é o império da oralidade.

Quando os afrikaneers decidiram impor pela 1ª vez, na África, um idioma vernacular, o primeiro morto a tiro foi um jovem estudante de 13 anos que, em passeata pelas ruas de Soweto, se negou em apreender mais uma língua. Vejam bem, não por preguiça. Pois, o que os africanos mais fazem é apreender, praticar, ensinar e manter viva sua fantástica diversidade lingüística, social e cultural. Através de suas holo-frases cantadas, orações encapsuladas para ferir os espíritos armados ao evocar idéias. Tais certas rapsódias antigas dos trovadores europeus. Ou ainda, tais os contemporâneos berro-guetos em galego-português da província autônoma de Galiza. Ou, então, a geração dos “last poets” nos Marrocos. Em todos eles aparece uma revolta contra a razão, contra os

cientistas e contra a racionalidade imposta<sup>110</sup>. Pois, “Eu saúdo os anjos que estão á esquerda e á direita do meu senhor porque Allah te fez etnia e não indivíduo”. Sem esquecer a revolução lingüística, sem pronuncia hegemônica, imposta pela última geração eslava. Ao desvirtuar e desvincular todas as velhas palavras de ordem das manifestações totalitárias do antigo regime soviético.

De fato, foi uma imposição lingüística que determinou o início de uma conscientização política sobre a realidade da apartheid social na qual vivia a grande maioria negra na África do Sul desde o pós Primeira Guerra mundial. Mas será mesmo que essa apartheid era somente social?

Os Boers (camponeses<sup>111</sup>, em neerlandês), - protestantes holandeses, fugindo dos países abaixo do nível do mar sob domínio católico e espanhol; reformistas alemãs, fugindo do fim das terras comunais e dos massacres que exterminaram as sucessivas guerras camponesas contra seus príncipes; huguenots franceses, fugindo da revogação do Edit de Nantes, promulgado por Henri IV mas revogado por Louis XIV - , instalaram-se a partir do século XVII na região do Cabo. No século XIX, ao fugir da nova ocupação britânica decretada pelo Tratado de Paris, em 1814, estes refugiados das guerras de religião

---

<sup>110</sup> De fato, o que o Império está fazendo, ao colocar o espírito do Oriente como inimigo da moral do Ocidente é pulverizar este último centenário de paz. Pode parecer uma contradição absoluta, mas o século XX, não rara vez apresentado como sangrento, teve, na realidade, guerras profissionais muito localizadas como resultado do encontro entre o livro negro do capitalismo e o livro negro do socialismo real, dito comunismo ocidental. O que parece não mais acontecer neste início de século XXI. Pois, hoje, a guerra informal parece estar instalando-se em todo lugar. Hoje, é preciso ter coragem para viver... o risco da paz total entre irmãos. Porém: “o enfoque humanista jamais será realmente popular. A razão não vem apenas do fato de que ele parecerá muitíssimo menos eficiente do que a manipulação direta do meio físico. Uma razão mais forte é que poucas pessoas se preocupam profundamente em si mesmas com o seu próprio ser. O conhecimento de si mesmo, que é a mais alta recompensa da aventura humana, foi sempre coisa suspeita na cultura ocidental”. (YI-FU-TUAN apud SANTOS, 1982 apud 2005) Pois, assim é que se preparam guerras longas entre coletivos e indivíduos onde somente o capitalismo poderá sair vitorioso ao eliminar a diversidade e o encantamento do mundo. Isto já pode ser apreciado no Iraque, quando um GI superequipado e super-tecnologizado executa *on-line*, monitorado por sua equipe, um fellah (camponês). Ou no Brasil, quando um inspetor da patrulha avançada que ocupa o complexo das favelas do Alemão, no RJ, agente high-tech da polícia federal, o Trovão, é capa de jornais e de revistas, fumando charuto por cima dos cadáveres de 19 supostos elementos do crime. A Organização dos Advogados Brasileiros – OAB – revelou que a maioria desses favelados (pobres, jovens e negros) não tinha antecedente criminal. O interessante é que esse tipo de operação para-militar é apresentado, pela grande mídia oficial, como sendo uma luta pela legítima presença do Estado nas favelas. Ora, quer dizer que escola, creche, esgoto, saneamento básico, biblioteca, vacina, postinho de saúde, parque, jardim, asfalto, água, luz, telefone, agência bancária e correio para todos são ilegítimos? Daí a necessidade de rediscutir o justo, legítimo, legal, oficial, informal e criminoso. Pois, o legal pode ser ilegítimo. O legal pode ser cego e criminoso. O crime pode ser justo e legítimo. A informalidade pode ser justa, legítima e oficial. Depende do lugar geográfico. Depende do momento histórico. Outro exemplo, porque gastar 8 milhões para substituir o ainda belo e velho calçadão português da Avenida Paulista por concreto? Segundo o subprefeito Matarazzo: “para evitar a quebra dos saltos altos”...

<sup>111</sup> Vale lembrar que, após o Brasil, o 2º maior Movimento Sem Terra é o Movimento Sul Africano. Até parece que os camponeses são, efetivamente, os maiores produtores de Sem Terra do Mundo. Extraordinária contradição paradoxal. Pois, hoje, o MST defende, com unhas e dentes, a agricultura familiar, o campesinato e o camponês; ao ser membro efetivo da Via Campesina Internacional.

européias expulsaram de suas terras todos os habitantes e moradores negros para fundar no Norte do país, os estados de Natal, Orange e Transvaal (1836-1852). Sua recusa da hegemonia britânica até provocou As Guerras dos Boers (1877-1884 e 1899-1902). Em 1910, os colonos Boers formaram a União Sul-africana que se torna República da África do Sul, ao abandonar o Commonwealth<sup>112</sup>, em 1961. A partir daí, o espírito “boer” impregnou a vida da África do Sul.

O que os mais jovens adolescentes sul-africanos renegaram, em Soweto, foi assimilar-se a esse novo estado de espírito. Pois, assimilar-se ao inglês já tinha sido um tremendo problema mental. O inglês trouxe com ele toda a ideologia do consumo, da economia liberal, do protestantismo, do sedentarismo, das cercas malditas e do fim do animismo: lingüístico, político, cultural, econômico, social e, enfim, religioso. O que seria, então, assimilar-se mais um espírito estrangeiro onde reina o medo do contacto com o outro? Sem saber quais as conseqüências exatas desta sua assimilação forçada?

Isso não aconteceu, por exemplo, com a ex-URSS. Pois, Moscou manteve, respeitou, estudou, transcreveu e arquivou todas as línguas vernaculares e veiculares, ancestrais de todas as Rússias. A União Soviética, através do Comitê Central do Partido Comunista, somente acrescentou a possibilidade de mais um idioma veicular a todas as Rússias e às nações vizinhas. Desde a queda do muro de Berlim, o francês é que está, aos poucos, substituindo o russo como veículo mental.

O mesmo acontece no Brasil, mesmo se paradoxalmente todos falam, escutam e se comunicam em português do Brasil. No entanto, mineiro não usa a língua portuguesa da mesma forma do que nordestino ou gaúcho. Apesar destas diferenças funcionais. O Brasileiro do litoral não estrutura o português da mesma forma do que o Brasileiro dos interiores. As influências, espanhola vinda do fundo das fronteiras terrestres, portuguesa e francesa, caminhando pelos litorais, e holandesa<sup>113</sup>, nos interiores, ainda continuam se disputando territórios e estruturas mentais.

---

<sup>112</sup> Commonwealth of Nations: Conjunto dos países que fizeram parte do Império britânico e que continuam unidos à coroa. O soberano da Grã-Bretanha é o chefe honorífico do Commonwealth. Tratado de preferência econômica para os países das ex-colônias inglesas. O Commonwealth não depende de uma região físico-material, que nem a Comunidade Econômica Européia – CEE - ou o Mercosul. Havia um equivalente, (o Comecom), para todos os países do bloco soviético, inclusive Cuba, Angola, etc. Tipo um Tratado de Varsóvia, na parte oriental, como resposta á Organização do Tratado do Atlântico Norte - OTAN, na parte ocidental da Europa.

<sup>113</sup> “Foram 30 anos entre o 1º ataque à Bahia, em 1624, e a reconquista. O período conhecido como Brasil Holandês, no qual representantes da Companhia das Índias Ocidentais e da República das Províncias Unidas dos Países Baixos ocuparam parte do nordeste brasileiro, foi um marco nos mais de 3 séculos de colonização portuguesa. Ora enaltecida, ora desprezada, a presença holandesa é o polêmico tema desta edição especial”. Cf. Revista História Viva, Temas Brasileiros, 1624-1654, Brasil Holandês, 2007.

O que falar, então, de todos os outros idiomas vernaculares e veiculares praticados pela totalidade das populações brasileiras?

Como declarou o bispo Desmond Tutu, ex-bispo romano, católico e apostólico, da África do Sul, antes de casar-se, ao ser defrocado pela sua própria Igreja, em pleno regime da apartheid: “O problema é que Deus não é cristão”.

“Miséria do homem sem Deus, dizia Pascal. Miséria do homem sem missão nem consagração social. De fato, sem chegar a dizer, como Durkheim, que “a sociedade é Deus”, eu diria: Deus não é nada mais que a sociedade”. (BOURDIEU, 1982: 57)

Se assim for, então o problema não está mais em conhecer a natureza de Deus, mas, em ter consciência do poder do trabalho da Natureza sócio-espacial: esta combinação desigual entre o fazer História e o ser Geografia. Pois, se toda a discussão secular que portava sobre a Graça (dada por Deus, conquistada pelas obras do Homem, ganha através das obras divinas no Homem, filho de Deus) foi o fundamento de todas as heresias monoteístas; hoje, trata-se de desvendar as interações existenciais entre a condição do Homem (na sua Sociedade) e a formação sócio-espacial (da Sociedade herege, mãe do Homem, filho de Deus).

Daí, a inevitabilidade de Deus. Só que ele, tal qual sua sociedade, depende do seu lugar. Ou seja, Deus depende de seu espaço e de seu tempo. Há lugares monoteístas e lugares politeístas. Há os lugares cristãos, os lugares judeus, os lugares islâmicos, os lugares evangélicos, os lugares budistas, os lugares de Confúcio...

O que há é uma co-presença e uma co-existência de lugares plurais. Daí, esses lugares espirituais co-existirem e co-habitarem com os capitalismo, os socialismo, os comunismo e outros modos do ser sócio-espacial em seus devidos e respectivos lugares.

“Quando a consciência pelo lugar se superpõe à consciência do lugar”. (SANTOS, 1996 apud 2003: 330)

Assim temos uma combinação e uma superposição de territórios, povos, culturas, sociedades e economias. Num dado momento, num dado espaço, numa dada sociedade, numa dada história. Inclusive numa dada família. O que há são plurais e diversidades.

Assim, a Teologia da Libertação, ao excluir a riqueza das diversidades e das possibilidades sócio-espaciais brasileiras empobrece e desliga-se dos lugares. Libertar os cristãos, contra quem? Ao excluir quem?

## **6.2 - Homens Políticos - Lutadores do Povo<sup>114</sup>**

### **Álvaro Barreirinhas Cunhal (1913-2005)**

“Português, Álvaro Cunhal começou cedo sua militância política e aos 17 anos se tornou comunista. Somados, foram 33 anos que passou preso ou vivendo na clandestinidade. Em 1960, fugiu da prisão do Forte de Peniche, construída de frente para o mar. Foi ministro e deputado do governo provisório da Revolução em Portugal e publicou obras como ideólogo do marxismo-leninismo”. (Agenda do MST, 2006)

### **Dorothy Stang (1931-2005)**

“Freira estadunidense naturalizada brasileira, irmã Dorothy dedicou os últimos 30 anos de sua vida às famílias de trabalhadores rurais em assentamentos da região da Transamazônica, no Pará. Por causa de sua atuação ao lado dos mais pobres e pela denuncia da ação predatória de fazendeiros e grileiros, a freira da Congregação das religiosas de Notre Dame foi morta por pistoleiros em 12 de fevereiro de 2005, durante uma emboscada no município de Anapu”. (Agenda do MST, 2006)

### **Gladys Marín Millie (1942-2005)**

“A chilena Gladys Marin é considerada um exemplo para os militantes sociais de toda América Latina. Comunista e combativa, foi dirigente do Comando Juvenil na campanha à presidência de Salvador Allende, em 1963. Com o golpe militar que o derrubou, Gladys passou à clandestinidade. Defensora da dignidade humana, denunciou no exílio os crimes cometidos pelo regime de Augusto Pinochet. Na ocasião de sua morte, Gladys era presidente do Partido Comunista Chileno. Mais de 500 mil pessoas foram ao seu enterro”. (Agenda do MST, 2006)

### **João Amazonas de Souza Pedroso (1912-2002)**

“Nasceu em 1º de janeiro de 1912, em Belém, no Pará. Lutou pela democracia, pelo socialismo e pelo respeito aos direitos fundamentais do homem. Em 1935, ingressou no Partido Comunista do Brasil. Foi líder sindical de vanguarda e fundador de diversas entidades de classe. Foi deputado constituinte em 1946 e dirigente estadual do Partido. Foi membro do Comitê Central da Mantiqueira, em 1943. Foi um dos dirigentes da

---

<sup>114</sup> Classificação nossa.

reorganização do Partido, em 1962, e da preparação da resistência guerrilheira do Araguaia, entre 1968 e 1972. Exilado entre 1976 e 1979. Secretário Nacional, da Comissão Política do Comitê Central e presidente nacional do Partido, desde a sua reorganização, em 1962. Defendeu seus princípios programáticos na Assembléia Nacional Constituinte, em 1988. Em 1989, teve atuação destacada na formação da Frente Brasil Popular (PT, PCdoB e PSB), encabeçada por Lula. Teve destacada atuação na luta pelo *impeachment* de Collor. Combateu tenazmente a política neoliberal de FHC. Atualmente, era presidente de honra do PCdoB. João Amazonas morreu em 27 de maio de 2002, em São Paulo”. (Agenda do MST, 2003)

### **Leonel Brizola (1922-2004)**

“Gaúcho de Cruzinha, Brizola referia-se aos militantes do MST como seus netos, já que foi um dos fundadores do Máster, movimento camponês considerado um dos embriões do MST, na década de 50. No governo de Jango, tornou-se líder da esquerda e articulador para a implementação da Reforma Agrária. Perseguido pelos militares, trabalhou sempre pela resistência à ditadura. Com a anistia, Brizola voltou ao Brasil em 1979, quando fundou o PDT (Partido Democrático Brasileiro)”. (Agenda do MST, 2005) “Governador do estado do Rio Grande do Sul (1959-63) pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), foi eleito deputado federal pelo Rio de Janeiro e, em 1964, cassado. De volta do exílio, em 1979, reorganizou o seu antigo partido, que passou a se chamar PDT e governou por duas vezes o estado do Rio de Janeiro (1983-87 e 1991-94). Concorreu à presidência da República em 1989 e 1994 e em 1998 a vice-presidente”. (FERNANDES, 1999: 17)

### **Luís Carlos Prestes (1898-1990)**

“Gaúcho, sua trajetória política teve origem no Exército. Foi um dos líderes da Revolta dos Tenentes, em 1924, e percorreu o Brasil na famosa Coluna Prestes (1925-27). Foi líder do Partido Comunista Brasileiro (PCB)”. (FERNANDES, 1999: 60)

### **Olga Benário (1908-1942)**

“Olga Gutmann Benário nasceu em Munique (Alemanha), em 12 de fevereiro de 1908. Ainda na adolescência, começou a militar na juventude comunista. Em 1928, Olga e outros integrantes da Frente Vermelha da Juventude Comunista organizam a fuga do dirigente comunista alemão, Otto Bauer. A ação do grupo é vitoriosa, mas Olga é identificada e passa a ser perseguida. Foge para Moscou (Rússia) onde conhece Luiz

Carlos Prestes. Eles vêm para o Brasil para preparar a revolução no país. Em agosto de 1936, Getúlio Vargas assina decreto expulsando Olga do Brasil. Deportada em setembro, grávida de sete meses, foi levada pelos nazistas para a prisão de Berlin, onde nasce a filha Anita Leocádia. De lá foi transferida para um centro de concentração, onde foi assassinada na câmara de gás com mais de 200 mulheres, na páscoa de 1942”. (Agenda do MST, 2002)

### **Vasco dos Santos Gonçalves (1921-2005)**

“O comunista português Vasco Gonçalves foi uma das figuras-chave da Revolução de Abril, que pôs fim a 48 anos de fascismo em Portugal. Como primeiro-ministro, foi mentor da Reforma Agrária e incentivou as ocupações de terras, além de ter participado das nacionalizações dos principais bancos e siderúrgicas privados de Portugal. Durante sua vida lutou pelo ideal de fazer com que os trabalhadores passassem a ser sujeito de sua própria história”. (Agenda do MST, 2006)

### **Alargamento dos Contextos**

Neste grupo de homens políticos, não mais somente clássicos, mas também lutadores do povo, descobrimos que, efetivamente, criar um partido político, ou mesmo servir um partido político, tal como isso ainda era possível antes da queda do muro de Berlin, não é mais realizável em tempos de globalitarismo. Mesmo se, em tempos de globalização, a vitória pelas urnas ainda parece ser um sonho possível e realizável.

Subitamente, o pensamento analítico usado pelo MST no século passado, a partir do início de sua gestação e de sua formação, torna-se inviável para entender e tentar compreender este novo mundo. Se no grupo dos dirigentes políticos apareciam grandes campeões da luta contra os sistemas políticos dos grandes impérios; aqui, neste grupo, não se trata mais somente de dirigentes mas de simples lutadores do povo que, inclusive, pertencem fisicamente e geograficamente aos mesmos sistemas combatidos pelos primeiros. Após este aprendizado social e histórico, como relembra muito bem Albert Einstein, a mente jamais voltará ao seu tamanho original. “Vivi no monstro, conheço suas entranhas; e minha funda é a de Davi”. (José Martí). Esses lutadores do povo aprenderam a resistir por dentro e não mais por fora dos sistemas; aliás, não tão fechados assim, nem tão únicos assim, que outros combateram, antes, do exterior e não mais do interior, como hoje.

Deste ponto de vista, o mais belo exemplo é o Leonel Brizola que, como todos eles, migrou de uma região para outra, de um estado para outro. No Brasil, país continente, as distâncias são tais, as diferenças culturais e sociais são tais que migrar do Rio Grande do

Sul para o Rio de Janeiro seria como migrar da Rússia para Portugal. Pois, o sistema contra o qual se luta não respeita fronteiras, inclusive internas, não considera nenhuma experiência social nem histórica das populações, não toma em conta as pessoas. Nem sexo, nem cor, nem religião, nem formação. Nada. Neste caso, os idiomas nos quais nos comunicamos não têm mais importância alguma. Português de Portugal, Inglês, Espanhol, Alemão ou Português do Brasil, nenhuma língua consegue mais estabelecer, denunciar ou desvendar as atrocidades das leis de um sistema de ações que não defende mais os direitos dos puros objetos em que nos tornou.

A transformação maior não é somente realizar, tal qual Sartre, que o inferno são os outros<sup>115</sup>, mas, também começar a admitir, tal qual Henfil, que o problema é que os outros somos nós.

Aqui, não se trata mais de fetichizar o homem nem de cultuar uma estátua, uma praça ou uma rua. Pois, se todos estes lutadores do povo tiveram suas vidas sacrificadas é porque apostaram num futuro absoluto e certo: o saber coletivo do ensinamento de suas experiências para um possível outro mundo. Qual mundo? Pelo menos, um mundo novo porque mais justo e mais humano.

---

<sup>115</sup> “Voilà! L’enfer c’est les autres”.

## Sistema de Objetos<sup>116</sup>

*“O MST não é só brasileiro.*

*O Movimento pode ajudar a mudar outros lugares do mundo”*,

**José Sarramago.**

Num país onde a 1ª ação dos padres foi mandar cortar e mandar arrancar todos os pés de fruta pão. Pois, como iniciar a construção de uma nova civilização, se não fosse a partir do que já conheciam: o mundo do trabalho? Como deixar acontecer uma civilização do ócio? Como deixar florescer uma civilização onde o pão nasce em árvores e pode, assim, ser colhido que nem a mana no deserto? Do ócio, talvez, mas não qualquer um. Aqui, os índios não viviam às custas de um ócio remunerado por algum outro ser humano no mundo. Era um ócio construtivo. O tempo não existia somente para o trabalho. Seu tempo era compartilhado entre prazeres, obrigações, deveres morais e trabalhos coletivos. Isso mesmo, que hoje, graças ao nível tecnológico alcançado pela Globalização pode ser também alcançado por todos e para todos, neste nosso mundo novo. O futuro é o que nunca existiu antes. Não há mais precisão de 8 horas de trabalho escravo ou fabril diário. Temos, sim, agora, graças ao capital produzido por toda humanidade, a possibilidade de trabalhar menos, estudar mais, ter mais lazer, melhores condições de vida, melhorar a tal de “qualidade de vida” para todos, aposentadoria para todos, sobretudo para os que não contribuíram financeiramente... Há tantos novos direitos a ser criados. Mas, em vez disso, nos propõem diminuí-los. Nos falam em concorrência, competitividade e lucratividade. Mas, para quê tudo isso? Para chegar aonde exatamente? O que é que o homem pobre e lento ganha com isso tudo em sua volta? Será que um cortador de cana de açúcar ainda

---

<sup>116</sup> Se faltam cartogramas na apresentação do sistema de ações, é que não temos como empiricizar o sistema de objetos. Pois, como empiricizar, mapear ou cartografar mentes e cérebros manipulados? Pois, se para Leonardo Boff, “o importante não é a Teologia da Libertação, mas a libertação histórica dos oprimidos”. Cada um de nós, dependendo do lugar e dependendo do momento, está sendo oprimido pelo mundo como ele é. Somente temos a condição existencial de nos libertarmos sócio-espacialmente desse mundo ao projetar o mundo novo como queremos e desejamos que este seja. Isto é, outro. Porque para o outro oprimido que sou, por e para você. Jacques Lacan já nos revelava, faz tempo: “Qu’il y a un autre qui pense en moi”. Ou seja: “Que há um outro que pensa em mim”. E, como afirma o filósofo senegalês, Cheikh Anta Diop: “O imperialismo, como o caçador da pré-história, primeiro mata espiritualmente o ser, antes de tentar eliminá-lo fisicamente”. Porém, lhe responde Lacan: “Si je pense où je ne suis pas, donc, je suis où je ne pense pas [être]”. Ou seja, “Se penso onde não estou, então, estou onde não penso [ser], ou, ainda, se penso onde não sou, então, sou onde não penso [estar]”.

precisa cortar 15 toneladas de cana por dia e perder 8l de suor, até a exaustão, para conseguir levar R\$ 45 para casa, quando não falece no meio do canavial?

É deste ponto de vista, a partir de uma Civilização do Trabalho, que aparece a necessidade para a Pedagogia do MST de sair da obra do educador existencialista e internacionalista Paulo Freire para incorporar outros pedagogos nacionais e abrir-se a outras teorias pedagógicas. Por exemplo, é o caso de M. Pistrak (1888-1940) em seus fundamentos da escola do trabalho, frutos de suas experiências até o final dos anos 20. Pistrak é considerado um seguidor das idéias políticas e pedagógicas de Nadezhda Krupskaya, companheira de Vladimir Lênin, e junto com ele uma das grandes lideranças do processo revolucionário de outubro de 1917. Krupskaya foi uma das primeiras pedagogas marxistas, e participou ativamente da construção do que seria um sistema público de educação vinculado ao projeto de sociedade socialista (CALDART, In PISTRAK, 2002: 7,8).

Ou ainda, Anton Semionovich Makarenko (1888-1939), pedagogo e escritor ucraniano, que ficou conhecido por sua mais importante obra educacional, a organização da escola como coletividade: a Colônia Gorki (1920-1928). Onde centenas de meninos e meninas órfãos e marginalizados foram reeducados para assumirem o comando de suas próprias vidas e da sociedade socialista. A pedagogia de Makarenko cresceu no solo fértil dos movimentos revolucionários anttsaristas e socialistas, expressando em dada fase de sua experiência educacional as contradições desses períodos. A revolução de outubro de 1917, na Rússia (...) orientou a criação do sistema de ensino nas repúblicas socialistas, para além do lema da revolução burguesa: ensino público, gratuito, universal e leigo. (LUEDEMANN, 2002: 11, 12)

Muito se fala, sobretudo aqui no Brasil, o que parece ser até xenofobismo tropical, que os indígenas brasileiros não tinham civilização. Como assim? Será que a Terra dos Mil Povos não tinha mesmo Civilização? Será que uma Sociedade capaz de criar, construir, reproduzir e transmitir um idioma veicular (o tupi-guarani) com milhares de línguas vernaculares é mesmo uma terra sem lei? Uma terra de ninguém? Afinal, o que é o Trabalho? Será que somente os indígenas sob colonização espanhola, os Astecas, Incas, Maias e de São Lourenço, etc... tiveram civilização própria e particular? Ora, até parece que nossos índios Tupiniquins de Pindorama também viviam foram do mundo. Como se o Mundo deles não fosse igual ao de nossos dias? Como se o Planeta ainda não existisse? Como se a Natureza ainda não tivesse iniciado o seu violentíssimo processo de domesticação? Tinham sim, clara e evidente, mas era uma civilização ainda

incompreensível para todos os forasteiros e, sobretudo, para a grande maioria dos prelados alienados por uma missão católica colonizadora seguida pela missão republicana de elites colonizadas.

Há até quem fale que os índios brasileiros têm sim direitos. Inclusive, que esses direitos estão inscritos na Constituição de 1988. Sim, têm sim. Mas são direitos que não saíram do papel. A Constituição Brasileira é modelo, exemplo, norma internacional porque, justamente, não sai do papel. Ela não foi votada pelo povo. Ela é uma representatividade, sem participação popular. Aliás, os direitos constitucionais foram dados e oferecidos para os povos indígenas que não saíram de suas reservas indígenas. Que não vivem nas cidades. São direitos para os seus povos tradicionais. Mas, não há direito algum para o índio. O índio não tem direito. O índio não tem maioria. O índio é considerado menor de idade, não responsável, nem juridicamente, nem socialmente, nem historicamente, nem culturalmente, nem politicamente. As políticas de saúde para os índios brasileiros são realizadas em São Paulo. Estranha tutela que se parece muito com uma cela territorial<sup>117</sup>.

### **Objetos temperados pelas experiências sociais e históricas**

Hannah Arendt nos ilumina quando afirma que: “Na versão moderna, Marx sobressai-se não graças ao seu materialismo, mas porque é o único pensador político suficientemente coerente para basear sua teoria do interesse material numa atividade humana comprovadamente material: o trabalho, isto é, o metabolismo do corpo humano com a matéria”. (ARENDR, 2004: 196) Só que, hoje, a dimensão material do trabalho já foi definitivamente ultrapassada pela sombra maior de uma outra dimensão.

Jean-Paul Sartre nos questiona de uma forma surpreendente quando afirma que todo objeto também pode ser sujeito. E, que, vice-versa, todo sujeito também pode apresentar-se como um objeto. Pois, há objetos que agem o tempo inteiro: internet, televisão, rádio, som, etc... Mas, também, carros, ônibus, motos, aviões, até bicicletas e

---

<sup>117</sup> “De 2004 a 2007, o que chama atenção é que, ao mesmo tempo em que aumenta a participação de lideranças indígenas nas esferas governamentais e cresce a ingerência de ONGs nos territórios indígenas, cresce também o nível de sofrimento das famílias indígenas. Esse é o retrato que ninguém quer evidenciar. Os indígenas estão sem rumo, perdidos e sem perspectivas. Quanto mais são feitas as pesquisas acadêmicas, mais os atores externos se beneficiam. E nada para os indígenas. Por isso, querem que os indígenas continuem nas aldeias, praticando seus rituais milenares para atender seus interesses. Até agora, a maioria dos indígenas nunca viu e nem sabe o montante de dinheiro que é gasto em nome deles. E nem sabe quantos projetos já foram elaborados ou executados”. Israel Fontes Dutra, da etnia tuyuka, mestrando do Departamento de Geografia Humana da USP, In “Análise: Os 20 anos da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirn): os desafios da autodeterminação”. Jornal Brasil de Fato, Uma visão popular do Brasil e do mundo, Ano 5, Nº 229, São Paulo, de 19 a 25 de julho de 2007, p.5.

patinetas. Os objetos modernos nos chamam, provocam, interpelam, atropelam e, até, parecem nos darem ordens. Então, se jamais fomos modernos, se jamais fomos maiores de idade, se jamais fomos responsáveis, os objetos, eles, parecem sempre estar nos ultrapassando de várias gerações e inúmeras funções. Os objetos têm até bulas e garantias de uso. Há até um Programa de Orientação e Proteção ao Consumidor – o Procon. Mas, e o que acontece quando não se tem mas se é objeto? Onde estão os nossos direitos? Onde estão nossas normas de uso? Há até quem deseja mais leis e menos normas<sup>118</sup>...

Se, como vimos no Sistema de Ações, o capitalismo parece estar se deificando porque já foi humanizado; e, se, como já tentamos levantar, a natureza parece estar se humanizando porque já foi deificada por tantas quantas civilizações, inclusive com pretendidos direitos e sacrifícios. Não há nada mais “natural” do que um copo de plástico. Pois, já foi dinossauro um dia. Por outro lado, e de forma paradoxal, parece estar acontecendo uma reificação do ser humano. O homem está sendo transformado em coisa. Está sendo constituído enquanto coisa exterior e autônoma. Independente de qualquer outro. Inclusive, independente do mundo e independente de si mesmo. Quase à sua revelia. Pois, o globalitarismo não usa somente o trabalho assalariado do homem, como nos tempos de Marx. O capitalismo globalitário usa o espaço geográfico, esta indissociabilidade entre sistema de ações e sistema de objetos, para criar metáforas (novas transformações das matérias míticas) que nos aprisionam fisicamente, emocionalmente, mentalmente, espiritualmente. Será mesmo que o capitalismo ganhou mais cem anos ao ressuscitar “globalizado” na virada do milênio? Então, assim sendo, será mesmo que o tal de consumidor, com toda a posse de seus direitos, de hoje, é mesmo o ex-indivíduo do Iluminismo, encarado como objeto primeiro de toda ciência, pesquisa, experimentos, etc. desde o início da teoria do Bom Selvagem de J.J. Rousseau? Teoria, aliás, baseada nos primeiros indígenas e índios europeus<sup>119</sup>.

Quando os judeus são perseguidos, descobrimos que os judeus, de ontem, somos nós, hoje. Pois, as experiências científicas e as pesquisas de toda ordem que foram realizadas sobre as populações judias, comunistas e ciganas, em guetos e campos de trabalho forçado que viraram campos de concentração, estão sendo aplicadas, hoje, sobre todos nós. Não mais como fragmentados experimentos de soluções finais localizadas, mas

---

<sup>118</sup> Ora, todo estudante de direito deveria saber que a lei vem depois do uso social, nunca antes. Pois, a lei só é legislada e aplicada quando existe, anteriormente, uso social, essa é a norma do direito. Pois, segundo Sartre, todo homem é legislador.

<sup>119</sup> Cf. o livro “*Vinte luas – viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil: 1503-1505*” da professora Leyla Perrone-Moysés, professora titular de Literatura Francesa na USP.

como política de empresas. Normalmente, deveríamos aguardar 70 anos para abrir e ler todos os arquivos guardados a sete chaves pelos exércitos americanos, franceses, ingleses e russos. Por isso os acordos de Yalta<sup>120</sup> existiram, para proteger segredos de estado (na cidade de Berlim<sup>121</sup>) que, hoje, se tornaram segredos de Polichinelo. Ora, se ainda não foram todos violados pelos serviços de inteligência das empresas, alguns o foram, por espões industriais ou agentes secretos corporativos. Nem que um só desses arquivos tenha sido aberto e esteja, atualmente, sendo usado e manipulado, nem que seja por uma única empresa. O pecado original de nossa civilização do futuro já existe. Será que estamos prontos para ler, entender e desvendar esses segredos quando caírem no domínio público daqui a somente 8 anos?

Não, os indígenas tupiniquins de há 500 anos, como os homens-bomba de hoje, não escolheram sacrificar-se. Não escolhem oferecer suas vidas para salvar seu povo. Assim, do nada. Duvido que o suicídio estava ou esteja presente nas suas experiências históricas e sociais tradicionais e arcaicas. E não consideramos, aqui, nem a tradição nem o folclore nem o arcaísmo nem o atraso como fundamentos negativos, mas, sim, positivos de toda e qualquer civilização. Sem preconceito.

Albert Camus, ao questionar o suicídio como fundamento filosófico nos provoca e nos faz descobrir sua genealogia e sua arqueologia. Quem ensinou, quem ensina, ainda, o falso valor do dever e do sacrifício é a Igreja. Inclusive, em sua parte dita mais revolucionária, a Teologia da Libertação. Pois, re-valorizar os primeiros cristãos, seus sacrifícios e suas torturas, físicas e mentais, ruidosas e silenciosas, é re-valorizar o tempo das catacumbas; é retornar aos tempos dos santos e dos mártires; é re-atualizar, de novo, a questão e todas as suas práticas. Os presos de Guantánamo<sup>122</sup> que o digam. Nada é por acaso.

---

<sup>120</sup> Cidade da Ucrânia, no mar Negro. De 4 a 11 de fevereiro de 1945, a conferência de Ialta reuniu Roosevelt (USA), Churchill (UK) e Stalin (URSS), isto é, os três grandes vencedores da Segunda Guerra mundial. A “divisão do mundo” que eles, efetivamente, efetuaram nunca foi ratificada por nenhum tratado. Eis o início dos “pactos invisíveis” ou das ex “convenções de diplomatas” que procuram sempre dominar o mundo dos homens, e não o planeta terra e suas constelações. Bem que, recentemente, os Estados-unidos explodiram até uma estrela para confirmar seu poderio militar na operação “Guerra das Estrelas”.

<sup>121</sup> Não por acaso, ao visitar Berlim, John Fitzgerald Kennedy declarou: “Ich bin ein Berliner”. Para ser em seguida assassinado pela indústria da guerra.

<sup>122</sup> Prisão norte-americana, em território cubano, onde os supostos terroristas da “Guerra do Mal” estão sendo presos, torturados e humilhados, desde o 11 de Setembro de 2001, sem direito a advogado nem a julgamento. Seus uniformes são laranja e eles andam algemados e encapuzados. Várias fotografias foram expostas em capas de jornais e revistas reproduzindo sua humilhação e suas torturas morais, éticas, físicas e psicológicas.

## **Dos paradigmas a Epistemologia<sup>123</sup> ou Geografia da Existência**

Foram necessários quase 4 séculos silenciosos de agonia e sofrimento físico e mental para que o Império Romano aprove e incorpore os dogmas da Igreja católica e apostólica para se tornar romana. A partir dessa data, o Império começou a usar e abusar do modo de vida de seus escravos tornados heróis santificados. Ser pobre era o bom, o bem, o belo e o bonito. Não mais para conquistar uma vida imediata na terra. Mas, para um improvável futuro no céu. Assim, de certo saber, o suicídio se torna poder. Não mais para os homens espirituais mas para os estados temporais. Só que há uma enorme diferença entre suicidar-se e ser suicidado. Hoje, a psicologia econômica possui todas as técnicas possíveis e imagináveis para levar, por exemplo, milhões de jovens e adultos ao suicídio. Mundo afora. Como explicar, fora deste épisthème territorial, o número, cada vez maior, de seres humanos levados ao suicídio (individual, coletivo, de uso militar) por um sistema econômico que elimina, assim, seus melhores e mais sensíveis objetos de experimentação sócio-econômica? Quando seu maior crime é, justamente, tentar sobreviver-lhe historicamente, politicamente, culturalmente, espacialmente.

Aqui, não se trata mais de uma soi-disant humanização do Homem do Caos. Não procuramos novos paradigmas analíticos. Pois, “O caos, para o pensamento arcaico, não significa desordem, e sim o cósmico aglomerado de matéria primordial. É aquilo que dá condições para o ser – o abissal, o obscuro do inconsciente universal, o que antecede o ser. Esta é a matéria primordial que antecede o ser e que tomará forma, e é ela que se transformará num universo ordenado”. (D. SALIS, 2003: 209, 210). Beleza. Mas, ordenado por quem? Para quem? Como? Com que custo humano? Com que custo social? Às custas de quem? A partir de quais experiências sociais e históricas? De qual povo? Porquê?

A psicologia econômica, ou seja, a psicologia a serviço da economia, e não mais a serviço do ser humano, nos leva a nos questionar constantemente. Pois, como alcançar a felicidade sem ter automóvel, sem ter teto, sem ter televisão, sem possuir terra, sem ser branco, sem ser rico, sem assistir novela, até, sem vestir ou calçar grife ou sem roubar cinco gravatas finas nos maiores super-hiper-templos da ideologia do consumo? Como ser feliz sem nenhum direito novo? Somente velhas obrigações e deveres imanentes? Será que o sonho do capitalismo é tornar-se tão longo quanto a servidão no feudalismo? Será que ainda teremos de continuar morrendo para os mesmos motivos e as mesmas causas? Será mesmo que não há nada de novo abaixo do sol?

---

<sup>123</sup> Filosoficamente, a epistemologia é o estudo crítico das ciências, da formação e das condições do conhecimento científico.

É aqui, neste lugar mais profundo do questionamento humano, que entram os vários Brasis, o questionamento do homem da ascensão social, do milagre brasileiro, da construção interrompida do Brasil e de sua fantasia organizada. Pois, o homem é colonizado por seres neocolonizadores, neodogmatismos disfarçados ou por neoideologias de cara nova? Onde está o homem novo? Onde está o homem por vir? Em todo o lugar. Pois, todo homem já nasce homem livre. Já nasce em posse de todas as suas faculdades e de todas as suas possibilidades. Os determinismos são criados pelas economias sociais: comunista, socialista, liberal...

Ao contrário do que pregam os editores da mídia a serviço das manipulações das empresas, ninguém nasce enquanto Família Simpson's... Todo homem já nasce como possível Homem do Iluminismo, como possível Homem da Revolução em pessoa, seja na América Latina, seja em outros continentes. Aqui é que está o conceito revolucionário do Homem Pobre e Lento. Pois, está em cada um de nós. Já está em todo lugar.

O grande paradoxo desta sociedade, dita pós-moderna, é tentar encontrar sinais de vida em outras longínquas galáxias e sistemas constelares distantes anos luz. Enquanto isso, nosso próprio planeta e nosso próprio sistema solar ainda parecem estar, completamente, inabitados.

Os objetos não são mais somente negros, femininos ou pobres, sem materialidade. Esses objetos também podem ser brancos, masculinos e ricos, sem espiritualidade. Pois, como declarou Fernando Pessoa, “Se o inglês é a língua da materialidade; o português é a linguagem da espiritualidade<sup>124</sup>”. Não se trata mais de alcançar somente condições materiais de sobrevivência. Esta condição foi perfeitamente realizada na União Soviética. E, no entanto, foi, por isso mesmo, rejeitada de forma espetacular. Ora, quem tem a responsabilidade de alcançar condições materiais e espirituais de sobrevivência? Será que é somente a Igreja? Qualquer igreja? Cadê a responsabilidade social dos estados? Cadê o compromisso humano com o sistema de objetos, ditos alienados? Tais, o sistema educacional, de saúde, prisional, etc.?

---

<sup>124</sup> “É, aliás, à mesma inspiração que se deve o esforço de valorização da linguagem como forma de interpretação dos fatos correntes. Trata-se menos da linguagem como expressão da sociedade e cuja construção se assemelha à do espaço humano, e mais da linguagem chamada “ordinária”, resultado de um discurso da moda, hoje imposto facilmente às populações, como mediação perversa tornada indispensável entre a cultura profunda e a cultura de massas. A “manipulação da linguagem” sugerida por um geógrafo americano, constitui, certamente, um novo disfarce para o neopositivismo, doutrina já surrada em nossa disciplina”. (SANTOS, 1982, apud 2005: 128)

Sair dos entraves e das coações, de toda forma, eis a maior liberdade. Charles Baudelaire já falava: “Plus je me donne de contraintes et plus je me sens libre<sup>125</sup>”. Ao qual, Sartre responde que nenhum preso sabe o que é a liberdade. Pois, a liberdade não é técnica nem teoria nem prática. A liberdade é constitutiva do ser. Ou se é livre ou não se é. Ou se é irmão ou não se é. Mesmo se, em casos extremos, a liberdade pode não ter consciência de si, ela também é conhecimento para si e para os outros. Por outro lado, mesmo sem conhecimento, a busca da consciência da liberdade já existe enquanto projeto ou enquanto recurso. Pois, todo homem já nasce livre e, por isso mesmo, condenado á liberdade.

Basta: “Superar as dificuldades e as modalidades em direção a um *Projeto estrutural* (...) Um Projeto que esteja preenchido com aquele sentido imputado por Sartre, ou seja, um Projeto que contenha o futuro, pois consciente que os atos de hoje influenciam o amanhã. Haveríamos, então, que superar os contextos que reduzem as relações humanas a relações entre coisa (...)”. (SANTOS & BERNARDES, 1999)

No entanto, e seguindo outro ponto de vista: “Uma frase nunca é mais do que um enunciado, um conjunto de significações que não poderiam valer em princípio o sabor único que cada um tem para si próprio. E contudo, quando a vítima se confessa vencida, o homem cruel sente bater através dessas palavras uma outra vida, encontra-se diante *dum outro ele mesmo*. Estamos longe das relações de pura força que existem entre os objetos. Para empregar as palavras de Maquiavel, passamos dos “animais” ao “homem”.” (MERLEAU-PONTY, 1962: 322, 323).

---

<sup>125</sup> “Quanto mais eu me dou coações e mais eu me sinto livre”. Ao qual Gilles Deleuze responde, em o Anti-Édipo, que “la rationalité est exigeante de contraintes”, ou seja, “a racionalidade é geradora de coações”.

### 3ª Parte

#### - Pedagogia como Prática –

*“O poder dos trabalhadores é poder transformar e mudar o mundo. Transformar e mudar a história para mudar a sua realidade. A partir de sua realidade local. Mas, com uma visão global. Ao ler e interpretar formas e conteúdos. Pois, a prática política de uma nova visão mundial depende de uma nova forma de linguagem<sup>126</sup> e de um novo conteúdo lingüístico a partir de seus novos valores simbólicos. Isto é, partir da prática, teorizar a prática, retornar á prática”.*

(IASI, 2007)

---

<sup>126</sup> Para Jakobson, a linguagem é o principal objeto de estudo da lingüística com 6 elementos constitutivos: emissor, destinatário, mensagem, contexto, contacto e código. Aos quais pode-se agregar 6 funções: expressiva, conativa (ou tautológica), poética (ou retórica), referencial, fática, metalingüística. Segundo Henri Lefebvre, parece uma estrutura sem vida. Uma escassez à qual poderíamos aplicar a seguinte crítica da Geografia de Milton Santos: “Qual a razão de um resultado tão reles? A razão está no simples fato de que, quando se trata de um ramo particular do conhecimento, a filosofia particular respectiva só se pode fazer ao redor de um objeto compatível e previamente preciso. Em nosso caso, por exemplo, sem isso não há como começar, nem como terminar, assim como a teoria da Geografia – se queremos ter uma – é a teoria do espaço do homem, uma filosofia da Geografia, se for admitido utilizar essa palavra, será uma filosofia do espaço do homem. Isto supõe que dois termos se ponham como princípio e fim do raciocínio: a *natureza* e a *produção*. Assim, conhecemos o espaço tal qual ele é, soma de coisas “naturais” e de coisas “fabricadas” e síntese dialética dessas duas séries de coisas, movida pela própria produção, isto é, pelo homem e sua história. Fora daí, do que podemos falar? Como transferir categorias universais e -, portanto – fixas e gerais para a interpretação do que tem vida graças ao fato de reproduzir, em circunstâncias concretas específicas, a totalidade, em mudança, do Ser? As próprias noções fundamentais, eternas e universais de essência, processo, função e forma ganham uma nova dimensão quando aplicadas, ao conhecimento específico do *uso do território*, objeto de nossos esforços científicos”. (SANTOS, 1982 apud 2005)

### III - Formação Sócio-Espacial do MST

*Pensar é causar,*  
**Fernando Pessoa.**

Se, como já vimos na 2ª parte, o MST nos propõe a criação de um novo ser no mundo, o ser Sem Terra; por outro lado, o MST também nos propõe a construção paralela de uma nova organização social, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Com seus princípios, simbologia, mística e projeto.

Mais do que levantar o que já existe no MST, tentamos aqui levantar algumas possibilidades reais de como ler e interpretar toda essa infraestrutura territorial (na formação do MST) e toda esta superestrutura territorial (da formação no MST).

De outro ponto de vista, a formação sócio-espacial do MST também poderia ser questionada tanto como tecnosfera (pela prática efetiva da formação do MST) como enquanto psicosfera (graças à possibilidade de uma outra formação no MST).

Aqui, não estamos lidando com dados e suas possíveis outras interpretações: contraditórias e paradoxais. São perguntas abertas porque estamos lidando com a história se fazendo e com uma experiência social que está sendo vivida e praticada.

O que tentamos salientar é que, mesmo no auge do estar fazendo história, é possível manter uma outra tarefa social e cultural: a tarefa reflexiva do filosofar sobre sua própria existência (material e espiritual).

Neste diálogo público e aberto entre o MST e outros movimentos sociais internacionais e movimentos populares nacionais é que aparece a novidade nova que tentamos levantar nesta tese.

Quando a Política e a Filosofia, enquanto disciplinas do novo ser que está sendo construído, dialogam. Pois, a política historiciza a filosofia. E, a filosofia não deixa nunca a política se cristalizar num dado lugar nem num dado momento.

Assim é que o mundo novo é esse conjunto de possibilidades dinâmicas que se prestam à nossa visão. Porque o mundo é essa concepção humana da vida que está sendo vivida. Pois, a história é um processo que está sempre sendo vivido no presente. Negar a história é, simplesmente, negar toda e qualquer possibilidade do futuro enquanto âncora do presente.

Assim, a tão criticada “retórica<sup>127</sup> vazia” do MST que estaria cansando “a sociedade” não é mais aquela arte antiga do bem falar como tentativa, acertada ou errada, do bom convencimento. Não, a sociedade não pode nunca estar cansada de se informar sobre ela mesmo nem de auto-comunicar-se. Pois, a retórica foi inventada na Sicília Grega, 500 anos antes de Cristo, no quadro de processos de propriedade onde os cidadãos precisavam convencer júris populares da legitimidade de sua causa. Os reitores, gentes simples e humildes, é que estabeleceram a ordem canônica das partes que deve comportar um bom discurso, ou seja, é um standard de exposição disposto a tornar-se o mais eficaz possível. Ora, passar da retórica às estratégias lingüísticas, é passar da dita sociedade de comunicação a comunicação interindividual, e da transmissão de informações à interação. (BAYLON & MIGNOT, 1994: 185, 186)

No entanto, se a retórica era portadora da natureza das relações humanas de seu tempo, ela foi exterminada pelo racionalismo cartesiano. O saber moderno, em busca de uma linguagem universal negligencia os recursos da palavra humana. (IDEM) Esses recursos foram despotencializados porque foram deslocados. Mas, se a retórica sumiu dos programas de ensino, ela está, mais do que nunca, viva no uso maciço das técnicas de propaganda ideológica, sobre o qual se grifou a publicidade, e paradoxalmente, a apologia sistemática do racionalismo científico e acadêmico. (IDEM) Por isso mesmo, o meio técnico, científico, informacional e comunicacional da globalização do período popular da história tem a possibilidade de estar vivo e de já estar em via de reprodução.

Aqui, a dificuldade vem do fato de que a análise analítica circunscreve-se a um objeto, enquanto a análise dialética diz respeito a processos em curso. Método analítico e método dialético, cuja copresença encontra-se estar ativa numa superposição de tempos. Pois, se a história está se fazendo é porque a sociedade está vivendo e vivendo-se como reflexiva e produtora de sua própria liberdade de consciência. Somente a reflexão política desiniba a castração da ação.

O ancestral do conceito moderno de comunicação, que somente se formalizará no final dos anos 40, vai ser em 1942 a noção de “comportamento de troca (ou intercâmbio) de informação”. Pois, a comunicação nasce do desenvolvimento das pesquisas sobre a comunicação interpessoal e do seu encontro entre as ciências exatas e tecnológicas, por um lado, com as ciências humanas, por outro. (IDEM)

---

<sup>127</sup> “Toda argumentação, se desejarmos que ela porte, deve ser estruturada em 4 partes: a exórdia, que anuncia o sujeito e tenta interessar-lhe o auditório; a narração, que expõe tão objetivamente quanto possível os fatos propriamente ditos; a confirmação, que é o momento da discussão e das provas; enfim, a peroração, que resume e conclui o discurso”. (BAYLON & MIGNOT, 1994: 186).

O fenômeno dessa união faz nascer um novo campo de análise. O lugar dessa união é um seminário de pesquisa onde trabalharam juntos, a partir de 1952, matemáticos, cibernéticos, antropólogos, logicianos (de logiciais, não de logística) e médicos. (IDEM) Todos eminentes cientistas e pesquisadores norte-americanos que decidiram, em pleno auge do macartismo televisivo da caça às bruxas e do anticomunismo primário, dar um empurrão ao fim projetado da guerra fria. As pesquisas aconteceram durante as primeiras retransmissões “ao vivo” do julgamento do casal Rosenberg<sup>128</sup>, nos Estados-unidos, e durante o julgamento de Praga<sup>129</sup>. Categorias inteiras da população americana são denunciadas como perigosas e são interrogadas, demitidas das funções públicas, presas, aguardando julgamentos ilegais e ilegítimos: supostos subversivos e traidores porque comunistas, homossexuais e drogados. Durante esse seminário também acontece o nascimento da força política do 3º mundo, com o encontro de Bandung, na Indonésia, quando a conferência dos povos asiáticos e africanos proclama sua solidariedade e manifestam sua vontade política de agir sobre a cena internacional.

Não por acaso, nos anos seguintes, em 1956, Nikita Kroutchev entregará o relatório do XXº Congresso do Partido Comunista da União Soviética – PCUS (sobre o Stalinismo) ao Jornal New-York Times. Era a 1ª vez na história do movimento operário, desde Marx, que um documento de um Congresso do partido de Lênin, o partido bolchevique, era publicado por um órgão central da burguesia e não por um órgão central dos trabalhadores.

Enquanto isso, no Brasil, uma capital administrativa era extraída do deserto ao nascer como a 1ª cidade inteiramente planejada do 3º mundo.

Não se entende grande coisa ao novo domínio da comunicação interpessoal se não se revela até que ponto esse conceito tentou operar uma ruptura radical com todos os modos de pensamento anteriores. (IDEM)

O método comportamental de estudo tem por vocação substituir todos os métodos científicos usados anteriormente, absolutamente todos<sup>130</sup>. Os fenômenos naturais não existem em si mesmo, porque o real é inteiramente formado pelas relações que os fenômenos mantêm entre si. A atividade de comunicação tornou-se, então, constitutiva do real. É um verdadeiro paradigma fundador para o pensamento único. Não se pode mais

---

<sup>128</sup> O casal Ethel e Julius Rosenberg, acusados de espionagem política em benefício da ex-URSS foi julgado, condenado à morte e executado na cadeira elétrica.

<sup>129</sup> 14 dirigentes comunistas, 11 de origem judia, quase todos antigos voluntários das Brigadas Internacionais durante a suposta guerra civil espanhola, foram julgados por complô e traição, contra a ex-URSS, a favor dos Estados-unidos e do Estado de Israel. Somente 3 não foram condenados à morte.

<sup>130</sup> Nossa salvação vem do fato que: “O cotidiano imediato, localmente vivido, traço de união de todos esses dados, é a garantia da comunicação”. (SANTOS, 1996 apud 2003: 339)

estudar o indivíduo isolado, sob pena de privá-lo de uma dimensão essencial de sua realidade. Em todos os níveis, o ser humano é fundamentalmente comunicativo. Foi desse jeito que uma aproximação global do comportamento da comunicação impões-se às ciências humanas. (IDEM)

### **Território Usado na Formação Sócio-Espacial do MST**

“Incluimos dentro do MST princípios organizativos que a classe trabalhadora tinha desenvolvido ao longo da sua luta contra o capitalismo e consideramos esses princípios – e por isso os chamamos de princípios – como necessários para qualquer tipo de organização da classe trabalhadora, independentemente se é sindicato, se é partido, se é movimento social, se é associação de bairro”.

“Que princípios são esses? A idéia da direção colegiada, de não ter presidente, secretário, tesoureiro, embora as divisões de função existam; a idéia de direção coletiva; de formação de quadros; de garantir unidade e disciplina, não disciplina hierárquica ou militar, mas disciplina da democracia – se a maioria decide, é preciso que haja unidade em torno desta decisão; a idéia do trabalho de base; da luta de massas; e a idéia da inserção dos militantes e dirigentes em todo este trabalho (...) Isso não é resquício leninista, isso é fruto da experiência histórica de 250 anos da classe trabalhadora contra o capitalismo, e, na nossa aplicação prática nesses 20 anos, eles demonstraram ser necessários. Ao mesmo tempo, outros sociólogos nos criticam por recuperarmos a cultura, a mística, que foi uma experiência que acumulamos tanto pelo viés da Igreja como pelo viés da própria cultura do nosso povo. Procuramos em todas as atividades do movimento incorporar essa visão pedagógica de cultivar o nosso projeto com atividades culturais, com atividades lúdicas, com a simbologia”.

“O que é a simbologia? Não é uma seita dogmática, não é o fanatismo, a simbologia é parte da psicologia social; não é parte da luta política. A simbologia é uma síntese do nosso projeto, que se quer projetar para o coletivo. Faz-se isso em jogo de futebol, em tudo o que tiver massa você usa o símbolo, porque ele resume, ele sintetiza e aglutina em torno do projeto, do objetivo coletivo: bandeira, hino, cantos, alegorias, passeatas, palavras de ordem, tudo isso chamamos de mística. Achamos que é importante os movimentos sociais cultivarem essa mística”.

“O que é cultivar a mística? É cultivar o projeto. Agora, se você não tem projeto, evidentemente não tem como usar a cultura, a arte, a simbologia para cultivar um projeto que não existe. Aí dizemos que falta mística. Falta cultivar o mistério de um projeto que não existe”. (STEDILE, 2006: 182, 183)

### **Alargamento dos Contextos**

Não se ater a um só tema mas, sim, às várias texturas sócio-espaciais que atuam no espaço geográfico pode, efetivamente, parecer um processo anarquista, mas, sem copiar o velho anarco-sindicalismo. Pois, se o espaço geográfico é instância social, tais a política, a cultura, a economia e a sociedade, ele também é o lugar do acontecer solidário onde tudo se realiza. Assim, a filosofia da física e não a física em si, é o que mais se aproxima das estruturas, funções, formas e processos do espaço geográfico.

A teoria das cordas, por exemplo, que nasce da física quântica é muito mais ampla e abrangente do que os antigos conceitos de organismo ou tecido social. Assim, o tecelão é o próprio ser, ao estar sendo, em suas mais variadas dimensões e na multidão dos tecidos trabalhados pelas técnicas. Isto é, em seu próprio tecido de técnicas.

Eis que Arlequim, ao ser despido pelo seu povo de todas as suas indumentárias, encontra-se, que nem Pierrô, tatuado, porque viajou da Terra à Lua, voltou e achou tudo, mais ou menos, igual. (SERRES, 1992) Assim, princípios, mesmo organizativos, simbologia, mística e projeto não pertencem, de jeito algum, ao planeta terra, mas, sim, ao mundo do ser em via de sócio-espacialização.

Ora, desde o fim da Guerra do Viêt-Nam, as Organizações Internacionais, os Estados- Unidos e a Europa recusam sentar em qualquer mesa de negociações onde os conceitos de socialismo ou de comunismo possam, oficialmente, ressurgir nas mentes ou reaparecer nos discursos.

Não por acaso, uma simples genealogia dos conceitos usados pelo próprio MST, nos leva a observar que os próprios conceitos de defesa do meio-ambiente ou de proteção de um suposto planeta “em perigo” aparecem após as sucessivas derrotas capitalistas do Ocidente na Indochina – França e Estados- Unidos.

Porém, vale lembrar que os mais modernos e poderosos exércitos foram vencidos por simples milícias de camponeses literalmente analfabetos e desterrados. Hoje, enquanto somos coagidos em falar, pensar, pesquisar e atuar em favor de um planeta, que de ameaçador durante milênios, passou a ser ameaçado em decênios; eis que é a própria Humanidade que está sendo massacrada, mutilada e ameaçada.

A coação é tal que, fora do pensamento único, hoje, não existe linha de crédito nem de financiamento para projetos de desenvolvimento social nem histórico. Somente os desenvolvimentos econômico e ecológico estão sendo, atualmente, contemplados por projetos financiados pelo FMI, a OMC, ou o Banco Mundial. Idem pelos Estados ou os Bancos Nacionais e Federais.

Desse modo, o disfarce do discurso pró-ecológico e pró-ambientalista da Teologia da Libertação pode muito bem ser considerado como uma estratégia de sobrevivência econômica e política para conseguir alcançar os pré-requisitos formulados nos projetos e recursos com financiamento e alcance planetário.

## **Esboço de uma Matriz de Periodização sobre a Evolução da Escola do MST Através de suas filiações clássicas, práticas e sociais.**

### **7º Capítulo**

#### **- Território Usado pela Escola do MST –**

#### **Pensadores Clássicos de várias matrizes<sup>131</sup>**

##### **Friedrich Engels (1820-1895)**

“Filósofo alemão. Foi parceiro de Marx na Inglaterra, onde possuía uma fábrica. Contribuiu para o desenvolvimento de teorias no campo da filosofia e da economia política. Foi quem editou as obras de Marx depois de seu falecimento”. (FERNANDES, 1999: 57)

##### **Karl Marx (1818-1883)**

“Alemão de origem judia. Filósofo, criou teorias que revolucionaram a concepção de mundo, ao desenvolver o materialismo histórico; na economia política, explicou o funcionamento do capitalismo. Advogou a necessidade de os trabalhadores se organizarem de forma independente e tomarem o poder de Estado, para construir um novo modo de produção, o comunismo”. (FERNANDES, 1999: 57)

##### **Mao Tsé-Tung (1893-1976)**

“Comandou a revolução na China, que se prolongou de 1936 a 1949. Procurou aplicar a teoria de Marx e Lênin à realidade do país. Foi o principal dirigente governamental da China no período de 1949 a 1976”. (FERNANDES, 1999: 58)

##### **Rosa Luxemburgo (1870-1919)**

“Intelectual e dirigente revolucionária. Judia de origem polonesa, desenvolveu suas pesquisas e sua militância na Alemanha, onde ajudou a fundar o Partido Social-Democrata (comunista) e, depois, a Liga dos Comunistas - Espártaco. Liderou uma insurreição

---

<sup>131</sup> Classificação elaborada pelo MST.

operária, em 1918. Foi presa e fuzilada pelo governo alemão. Deixou uma importante contribuição teórica”. (FERNANDES, 1999: 58)

### **Vladimir Illitch Oulianov (1870-1924)**

“Líder revolucionário russo, Lênin desenvolveu o marxismo aplicado à realidade de seu país. Foi um dos principais dirigentes da Revolução Russa, que triunfou em 1917. Produziu uma impressionante obra literária revolucionária. Foi o primeiro presidente da Rússia revolucionária”. (FERNANDES, 1999: 57)

### **Alargamento dos Contextos**

Neste grupo de pensadores clássicos de várias matrizes, na realidade, temos uma linhagem de pensadores de esquerda. Pois, as linhagens doutrinárias não pertencem somente à direita nem às igrejas. A maioria destes pensadores são considerados como pensadores da cidade. O que confirmaria, a priori, a tese de Bento Prado Jr. de que, efetivamente, “a filosofia é filha da cidade”.

No entanto, todos estes pensadores migraram e, de uma forma ou de outra, exilaram-se ou foram exilados. Todos eles foram levados a caminhar durante anos através várias regiões da Europa, ou da China.

Se, para a grande maioria, a dificuldade maior foi apreender outros idiomas vernaculares, tais o alemão, francês, inglês. Todos eles, inclusive Mao, tiveram também que apreender idiomas veiculares. Por exemplo, na China, todos escrevem por ideogramas, mas cada província possui sua própria característica oral e sua própria particularidade regional. O cantonês não é o mandarim que não é o pequinês, etc. No entanto, todos usam os mesmos ideogramas caligrafados mas que não são oralizados do mesmo modo nem comunicados do mesmo jeito.

Assim, a filosofia não é mais filha unicamente da cidade. Ela nasce do encontro entre várias cidades e várias regiões, inclusive, a filosofia também nasce no meio rural que não existe mais. Vejam, mesmo que ainda virgem da penetração material e efetiva do capitalismo, todo lugar já é virtualmente capitalizado pelas intenções das empresas e do povo. Pois, como afirma inúmeras vezes Milton Santos, quem faz política, hoje, é o povo e as empresas. Aliás, o povo está na frente, ele é que age sobre o globalitarismo. No mundo novo, as empresas reagem à ação globalizada dos povos.

O que conta, aqui, é que nesse nascedouro é que se formam espíritos, seres humanos, nações e povos. Que eles vivem nas cidades do campo ou nos campos da cidade.

Que sejam considerados pobres ou ricos. Trabalhadores rurais ou urbanos. A filosofia é filha de todos porque é mãe de todos. Ou, melhor, que nem coração de mãe, todos ajudaram a criá-la. Por isso, ela também é filosofia de rua. Pois, como já nos explicava Aristóteles, - seguidor de Platão (discípulo de Sócrates) e inspirador de Averroès e Avicenne, (filósofos árabes), e de São Tomás de Aquino, (filósofo católico), - a filosofia pertence aos peripapeticianos. Ou seja, ela está onde os homens e seus povos estão se construindo: nas ruas. E, o lugar dos homens também é o lugar do homem pobre e lento.

Mas, além desses pensadores ditos clássicos de várias matrizes, há outro pensador que também aparece na Formação territorial do MST, via duas de suas portas de entrada e que vieram completar o percurso da Formação territorial no MST: pela Pedagogia do MST e através da Mística do MST.

### **Antonio Gramsci (1891-1937)**

“Filósofo, sem diploma acadêmico, e homem político italiano. Participou da criação do partido comunista italiano (1921), do qual se torna o primeiro secretário em 1926. Preso pela polícia fascista em novembro do mesmo ano, foi condenado a vinte anos de prisão. Morreu numa enfermaria penitenciária. Seus *Cadernos do cárcere*, suas *Cartas do cárcere* e seus *Escritos políticos* constituem uma contribuição essencial ao marxismo”. (Enciclopédia) “Há exatamente 70 anos, no dia 27 de abril de 1937, morria o dirigente comunista italiano Antônio Gramsci. Ele morreu dois dias depois de libertação da prisão fascista na qual havia permanecido os dez últimos anos da sua vida (...) Apesar de sua importância para o movimento comunista nas décadas de 1920 e 1930, sua vida e obra são ainda pouco conhecidas pelo conjunto da militância comunista no Brasil. Sem dúvida nenhuma, o preconceito e o sectarismo estão por trás deste injustificável desconhecimento. Na década de 1990 a estes dois fatores se juntaram outros: a crise de perspectiva revolucionária e a capitulação de vários intelectuais e organizações do campo da luta pelo socialismo. Hoje, mais do que nunca, é necessário resgatar a história e as contribuições teóricas de homens como Gramsci. Somente assim poderemos construir alternativas viáveis para a crise do socialismo e para a teoria que lhe serviu de suporte durante todo o século 20: o marxismo”. (*Há 70 anos, morria Antônio Gramsci, 27/04/2007*, Por Augusto Buonicore, Sítio do MST)

## **Alargamento dos Contextos**

Gramsci aparece vistos vários de seus questionamentos, principalmente, seus questionamentos sobre: o poder, a política, o partido, os intelectuais (orgânicos ou não) e sua responsabilidade na organização da cultura.

No final dos anos 40, logo no pós-guerra, Adorno e Horkheimer, nos revelam que a indústria cultural, literalmente, nos rouba nossa capacidade de pensar e que, portanto, perdemos a chave de nossa liberdade. Fato consumido e confirmado por Lacan que sempre apelou contra os males da televisão: ocupar o antigo espaço do encontro, da reunião, divisão e multiplicação da comunicação social porque direta e indiretamente, individual e socializada. Pois, frente à TV todos os sentidos sociais são aniquilados e não procuram mais ser interpretados como copresença real e não mais virtual. Restam os sentidos individuais que são largamente explorados e superexplorados para nos vender os produtos do capitalismo. Assim, o ser humano encontra-se alienado de si mesmo, não mais como indivíduo, o que seria o fim da sociedade de consumo, mas, enquanto parte de um coletivo ou de uma comunidade já humana.

Principalmente, Gramsci aparece como um pensador que desvendou que o trabalho manual e o trabalho intelectual são pares apresentados como opostos mas que se combinam perfeitamente. Pois, como explica, trabalho manual e trabalho intelectual são inseparáveis um do outro. Assim, todo o trabalhador possui a faculdade de pensar e, por isso mesmo, libertar-se. Todo homem já nasce homem sem precisão de humanizar-se.

A diferença entre esquerda e direita, para Gramsci, vem daí mesmo. Tanto a direita e suas elites apresenta o trabalho intelectual como sendo seu; enquanto a esquerda apresenta o trabalho manual como sendo somente dela. No entanto, nada nasce do nada. Pois, tudo se transforma e (re)transforma incessantemente<sup>132</sup>. Assim, toda filosofia é política porque socialmente praticada, historicamente construída, especialmente elaborada e culturalmente experimentada ou não.

A filosofia nasce da experiência dos homens, de seu cotidiano vivido e (sobre)vivido a duras penas. A filosofia é relação e inter-relação com o outro. A filosofia é

---

<sup>132</sup> “Para retomar o vocabulário de A. Gramsci, é pelo intermédio do espaço que “as classes subalternas” estavam, até o presente, fortemente submissas à “hegemonia” das classes dominantes”. (J.Y. MARTIN, 2001: 65). Ao qual Rosa Luxemburgo responde que é: “Nessas ocasiões em que grandes massas populares, anteriormente vítimas de um destino incontrolado, passam a se autodeterminar no plano político, econômico e cultural – quando surge um “espaço público proletário” - conquistando direitos antes negados que uma alternativa à sociedade capitalista começa a esboçar-se. Esse espaço público proletário é criado na ação pelas mais diferentes formas de experiência dos trabalhadores...”. (LOUREIRO, 199: 37)

um fazer coletivo. Uma vida de inter-socialidades culturais desde milênios. Ela não nasceu na Grécia Antiga.

A Grécia Antiga, porque possuía escravos bárbaros vindos de outras culturas e civilizações do Mar Mediterrâneo, somente tentou cristalizá-la. Tentou fixá-la com a sua escrita num lugar físico e material. Num território dado: a democracia grega, às custas dos escravos; a república grega, às custas dos escravos; a aristocracia grega, sempre às custas do trabalho manual e intelectual dos escravos. Inclusive, ao ressuscitar a cultura antiga dos gregos, o Império Romano a reproduziu.

No entanto, ao contrário do que pensa a Igreja de Roma, ao ressuscitar línguas mortas, tal o grego antigo, o hebreu (idioma oficial de Israel) ou o latim, não existe garantia de atualização dos veículos mentais usados por essas. Pois, todo veículo mental é formado por conexões, inclusive geográficas. São pontos de conexão ligados e interligados às redes sociais e espaciais. Em outras palavras, são fluxos e fluidos, historicamente datados e não atemporais. Inclusive, dependendo dos circuitos da economia espacial e de sua interdependência com os lugares onde são ou não usadas.

Influenciado pelas outras culturas de sua época, Julio César tentou instalar a reforma agrária em Roma. Ele, César, o vencedor de todos os povos bárbaros, decidiu abrir a cidadania romana para a maioria. Naquele tempo, para tornar-se cidadão de Roma, tinha-se que ter fazendas e escravos. Assim, é que se tinha direito à vez e voz nos anfiteatros da Agorá. Ao distribuir a terra dos aristocratas, César estava, simplesmente, alargando os contextos da cidadania romana, inclusive para os bárbaros ricos que também já possuíam terras e almas, em outras cidades. Pois, ser escravo de Roma, não impedia ser príncipe de outro povo, em outro lugar mas no mesmo momento. Foi por causa do projeto dessa tremenda ação política que o senado romano, por completo, reagiu ao assassinar César. Mas, hoje, condenados a viver numa metrópole que será cada vez mais pobre, como sustentar condomínios fechados e empregados informais para servir a todos os que ainda vivem às custas de posses das terras, (griladas ou não), e das almas, (livres ou não), dos territórios vivos que são seus trabalhadores - escravos?

A filosofia é nômade. Ela marcha com o homem pobre e lento: do escravo dos tempos antigos ao trabalhador-escravo dos tempos modernos. Ela caminha com todos os seres humanos explorados e alienados de si mesmo mas que buscam libertar-se de todos os determinismos: políticos, culturais, sociais, econômicos, territoriais e espaciais. O que não parecia ser o caso dos indígenas do Novo Mundo. Daí sua tentativa de conversão, evangelização e extermínio. Senão, de todos, pelo menos, de grande parte. Pois, como

entender e compreender uma civilização que se sustentava sem sistema escravocrata e sem sistema de servagem? Onde todos plantavam para colher. Onde todos colhiam, caçavam e pescavam. Inclusive os caciques e os pajés. Daí o mito do bom selvagem que foi replantado em terras européias.

## **8º Capítulo**

### **- Território Usado na Escola do MST pelo Brasil –**

#### **Lutadores do Povo<sup>133</sup>**

##### **Anita Mantuano (1953-2001)**

“Dede cedo, Anita esteve envolvida na luta pela transformação da sociedade. Ainda estudante participava de atividades políticas contra a ditadura militar. Denunciou sempre a tentativa de criminalização do Movimento, contribuindo também nos debates sobre a cultura popular. Atuou no governo do Estado do Rio de Janeiro, onde batalhou por projetos e políticas públicas que democratizassem a cultura e a transformassem em forma de re-inserção social”. (Agenda do MST, 2005)

##### **Apolônio de Carvalho (1912-2005)**

“Comunista desde a década de 30, Apolônio foi um dos mais antigos militantes de esquerda do Brasil. Integrante do PCB (Partido Comunista Brasileiro) até os anos 60, foi o primeiro a assinar ficha de filiação do PT (Partido dos Trabalhadores). Nascido no Mato Grosso do Sul, combateu o fascismo na Espanha e o nazismo na França. Conhecido também pelo otimismo, sempre defendeu que é preciso lutar e conscientizar o povo para as mudanças rumo ao socialismo”. (Agenda do MST, 2006)

##### **Cândido Portinari (1908-1962)**

“Portinari continua a ser o mais conhecido dos pintores brasileiros. Com cuidadosa formação técnica e histórica, cedo aliou sua pintura às causas sociais e revolucionárias. Nascido na cidade de Brodósqui (SP), sua pintura quase sempre quis ficar próxima do povo. Seus trabalhos retratam desde as paisagens e cenas da vida popular de sua cidade de origem, passando pelas magníficas composições sobre trabalhadores rurais (“Café”, “Algodão”, etc.) até a dramática série sobre os retirantes do nordeste. Participou ativamente do Partido Comunista, do qual chegou a ser candidato a deputado federal para a constituinte de 1946. Portinari morreu em 6 de fevereiro de 1962”. (Agenda do MST, 2002)

---

<sup>133</sup> Classificação elaborada pelo MST.

**Carlito Maia (1924-2002)**

“Mineiro da cidade de Lavras, viveu desde pequeno em São Paulo, onde trabalhou nas grandes empresas de propaganda do país e na rede Globo por mais de 30 anos. Homem de oposição, participou da fundação do Partido dos Trabalhadores, onde criou os lemas “oPTei” e “Lula-lá”. Defensor da luta pela Reforma Agrária, batizou de “Veritas” o vinho do MST, fazendo referência à justeza e à verdade da luta empreendida pelo Movimento”. (Agenda do MST, 2005)

**Carlos Lamarca (1937-1971)**

“Carlos Lamarca nasceu em 27 de outubro de 1937, no Rio de Janeiro. Após ingressar na Escola Preparatória de Cadetes, em Porto Alegre, fez uma brilhante carreira no Exército. Em 1968, abandonou o Exército e aderiu à luta armada contra o regime militar implantado em 1964. Foi dirigente da VPR (Vanguarda Popular Revolucionária) e, mais tarde, do MR-8 (Movimento Revolucionário Oito de Outubro). Desde 28 de agosto de 1971, a presença de Lamarca e Zequinha foi detectada pela ditadura no município de Brotas de Macaúba. Já combalido pela dureza da marcha e acometido de graves problemas de saúde, o capitão Carlos Lamarca foi fuzilado quando descansava junto a uma árvore, em 17 de setembro de 1971. Com ele, também foi morto o revolucionário José Campos Barreto, o Zequinha, que apesar de estar desarmado, enfrentou o inimigo com pedras”. (Agenda do MST, 2002)

**Carlos Marighella (1911-1969)**

“Carlos Marighella nasceu em Salvador (BA), em 5 de dezembro de 1911. A figura de Carlos Marighella não permite os consensos fáceis. Seu legado incomoda, inquieta, aguilhoa. À direita, aos poderosos porque difunde o exemplo da luta revolucionária, conduzida com radicalidade da forma e do conteúdo. À esquerda, porque exige os constantes estudo e prática revolucionária. Marighella é complexo, rico na disposição de luta e de pensar a realidade brasileira, decidido em ir as últimas conseqüências na ação revolucionária, mas terno, amoroso, apaixonado por sua terra e sua gente. Teve uma longa trajetória de luta e dedicação. Na noite de 4 de novembro de 1969, Marighella foi covardemente assassinado numa emboscada na Alameda Casa Branca, em São Paulo”. (Agenda do MST, 2002)

**Francisco Alves Mendes (1944-1988)**

“Chico Mendes foi líder sindical e presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri (Acre – AC) Fundador do PT e da CUT no Acre, foi assassinado por fazendeiros”. (FERNANDES, 1999: 68)

**Clóvis Moura (1925-2003)**

“Piauiense de Amarante, negro, nordestino e comunista. Clóvis Moura foi pioneiro na tarefa de resgatar a história de luta dos negros no Brasil. Historiador marxista e veterano militante comunista, se dedicou à pesquisa científica, o que trouxe importantes contribuições para engrandecer a luta pela Reforma Agrária no Brasil. Moura era sociólogo e escritor e forneceu subsídios para a construção de uma consciência centrada na importância de se ver a história através das lutas do povo”. (Agenda do MST, 2005)

**David Capistrano Filho (1948-2000)**

“Pernambucano de Recife, o filho de militantes comunistas dedicou sua vida à luta para que a saúde pública fosse tema de prioridade nacional. Sanitarista e dirigente político, Capistrano Filho foi militante do PCB e ousou, nos anos negros da ditadura, enfrentar a repressão dos militares. À frente da prefeitura de Santos (SP), revolucionou a área de saúde, sendo o principal incentivador do médico de família e das salas de parto”. (Agenda do MST, 2005)

**Dom José Gomes (1921-2002)**

“Gaúcho de Erechim, desde 1975 acompanhou a luta pela terra. Presidiu o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e também a Comissão Pastoral da Terra (CPT). Bispo da Diocese de Chapecó (SC) durante 30 anos, Dom José teve papel fundamental para o desenvolvimento do MST na região Sul. Esteve sempre atuante na luta por justiça no campo e, em aulas ministradas em sua própria casa, discutia a importância da organização do povo do Brasil”. (Agenda do MST, 2005)

**Dorcelina Folador (1963-1999)**

“Prefeita de Mundo Novo (MS), dedicou sua vida à luta pela justiça, dignidade e cidadania, sempre lutando pelos pobres. Preocupada com a mulher trabalhadora, criou creches comunitárias, escolas públicas e desenvolveu o projeto de alfabetização de

mulheres adultas. Como militante do MST, lutou pela implantação da titularidade da terra para a mulher e foi correspondente do *Jornal Sem Terra*". (Agenda do MST, 2005)

#### **Evandro Lins e Silva (1912-2002)**

"O advogado criminalista se destacou na defesa de presos políticos durante o Estado Novo de Getúlio Vargas. Concedeu também, de forma sistemática, *habeas corpus* a presos enquadrados na Lei de Segurança Nacional, criada pelos militares. Lins e Silva participou da Campanha das "Diretas Já" e foi advogado acusador no *impeachment* do ex-presidente Collor, além de ter contribuído para o combate à criminalização sofrida pelos movimentos sociais no Brasil". (Agenda do MST, 2005)

#### **Francisco Julião (1915-1999)**

"Pernambucano, foi o 1º advogado dos camponeses que se organizaram em ligas nos engenhos. Elegeu-se deputado federal pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB). Passou a liderar as Ligas Camponesas, sendo sua principal expressão pública. Considerado brilhante orador, alinhava-se com os setores mais moderados. Com o golpe militar, foi perseguido e exilou-se no México, onde faleceu". (FERNANDES, 1999: 38)

#### **Isaac Akcelrud (1914-1994)**

"Judeu e comunista, Akcelrud foi marcado por uma formação religiosa, porém humana. Ainda pequeno em Santa Maria (RS), aprendeu o ofício de repórter. Já jornalista, começou cuidando da imprensa do partido. Depois passou a trabalhar na imprensa burguesa para sobreviver, embora jamais tenha se deixado corromper. Sempre resistiu aos desmandos dos militares que deram o golpe de 1964. Akcelrud foi militante da comunicação no MST, colaborando também com o *Jornal Sem Terra*". (Agenda do MST, 2005)

#### **Jair Borin (1942-2002)**

"O professor universitário e jornalista Jair Borin teve papel importante na luta pela democratização dos meios de comunicação no Brasil. Entusiasta da Reforma Agrária e apoiador da primeira hora do MST, instigou o Movimento a refletir sobre a construção de seus veículos de comunicação. Em todas as áreas em que atuou, foi um incansável militante pela democracia e contra as desigualdades sociais". (Agenda do MST, 2005)

**João do Vale (1933-1996)**

“O pedreiro de Pedreiras, João do Vale, cantou por mais de 60 anos as alegrias e tristezas do povo do Maranhão e dos camponeses do Nordeste. Filho de lavradores, João nasceu em 1933, no interior do Maranhão, um dos Estados mais pobres do país. “Minha terra tem muita coisa engraçada, mas o que tem mais é muito sacrifício para a gente viver”, dizia. Com mais de 400 canções gravadas, João do Vale mostrou que a música também pode falar de solidariedade, da vontade de transformar, de paz e de liberdade. João do Vale morreu pobre, sustentado pelos amigos, em Pedreiras, em 1996, na mesma terra onde ele nasceu”. (Agenda do MST, 2002)

**José Gomes da Silva (1924-1996)**

“Considerado o maior especialista sobre Reforma Agrária, José Gomes da Silva era engenheiro agrônomo e doutor em agronomia pela USP. Foi consultor da OEA (Organização dos Estados Americanos), presidente da Supra (Superintendência de Política Agrária) e responsável pelo Ibra (Instituto Brasileiro de Reforma Agrária). Além disso, foi coordenador da Área de Agricultura e Reforma Agrária do Governo Paralelo do PT. Desde cedo lutou para ver a terra dividida. Escreveu e defendeu as primeiras idéias sobre Reforma Agrária que circulam no Brasil. É autor de vários artigos e textos sobre o tema. José Gomes da Silva morreu em 14 de fevereiro de 1996”. (Agenda do MST, 2002)

“Agrônomo e fazendeiro exemplar no município de Pirassununga (SP). Sua fazenda recebeu varias distinções por produtividade e pela forma de tratamento dado aos empregados. Fundador da Associação Brasileira de Reforma Agrária (ABRA), era considerado o maior especialista em reforma agrária do país. Ajudou a redigir o Estatuto da Terra em 1964, a primeira lei de reforma agrária do país. Foi secretário da Agricultura de São Paulo (1982-83) e presidente do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) em 1985. Faleceu em fevereiro de 1996”. (FERNANDES, 1999: 37)

**Lélia Abramo (1903-2004)**

“Paulistana, Lélia Abramo viveu na Itália de Mussolini durante a II Guerra Mundial, onde presenciou os horrores da guerra e da perseguição. Iniciou-se no teatro aos 47 anos e engajou-se na luta por liberdade de expressão durante toda a ditadura militar. Militante política, Lélia liderou a luta pela legalização da profissão de ator. Teve atuação

destacada na luta pela convocação da Assembléia Nacional Constituinte, assim como nas manifestações pelas “Diretas Já” e na fundação do PT”. (Agenda do MST, 2005)

### **Madre Cristina (1916-1997)**

“Educadora, psicóloga e estudiosa. Célia Sodré Dória, ou melhor, Madre Cristina, como era conhecida, nasceu em 1916 em Jaboticabal (SP). Após abraçar a vida religiosa, licenciou-se em Filosofia e Pedagogia pelo Instituto Sedes Sapientiae e estudou Freud. Completou seus estudos na Europa. Doutorou-se em Psicologia pela PUC-SP em 1954. É autora de vários livros na área de conhecimento da psicologia. Madre Cristina morreu em 26 de novembro de 1997”. (Agenda do MST, 2002) “Sedes Sapientiae ou instituição da congregação religiosa Cónegos de Santo Agostinho, fundada e idealizada por Madre Cristina. Dedicou-se principalmente ao estudo da psicologia. Sempre deu espaço às organizações populares. Acolheu inúmeros perseguidos e vítimas da ditadura”. (FERNANDES, 1999: 134)

### **Mário Lago (1911-2002)**

“Ator, escritor e radialista, Mário Lago sabia combinar luta com poesia e samba. Militante político filiado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), participou da greve dos radialistas do início dos anos 60. Ao longo de sua vida, foi preso 13 vezes. Depois do golpe de 64, amargou um período de desemprego e de dificuldades financeiras, mas recebeu a solidariedade de companheiros. Consagrou-se como ator participando de novelas e tendo muitos sucessos escritos e cantados em todo o Brasil”. (Agenda do MST, 2005)

### **Padre Jósimo Moraes Tavares (1953-1986)**

“Morador da região do Bico do Papagaio, Norte de Tocantins, Pe. Jósimo conviveu com o poder dos coronéis que, com sua forma despótica de fazer política, assassinaram inúmeros trabalhadores e líderes sindicais. Colaborou intensamente com a CPT, com a Pastoral da Juventude e com a Comissão dos Direitos Humanos, levando sua fé e crença às últimas conseqüências, mostrando que a solidariedade e a organização são as únicas armas dos pobres”. (Agenda do MST, 2005) “Sacerdote, negro, membro da CPT. Foi assassinado por um pistoleiro a mando de fazendeiros da União Democrática Ruralista - UDR, em 10 de maio de 1986, na cidade de Imperatriz (MA). Apenas o pistoleiro foi condenado. Confessou a mando de quem atuou, mas os fazendeiros estão “foragidos” até hoje”. (FERNANDES, 1999: 68)

### Patativa do Assaré (1909-2002)

“Cearense, o poeta e cantor Patativa do Assaré expressa a raiz e a cultura do povo brasileiro. Cantador sertanejo, retratou como ninguém a vida e o flagelo dos nordestinos do país. Em seus momentos de luta, clamou por Reforma Agrária, combateu os militares e defendeu as “Diretas Já”. Sua poesia é alimento que anima o movimento camponês no Brasil, sendo declamada nas místicas dos acampamentos e assentamentos”. (Agenda do MST, 2005)

### Alargamento dos Contextos

Este grupo de lutadores do povo porque trabalhadores e arquitetos do Brasil, é bastante eclético. Aqui, encontramos homens e mulheres, pretos e brancos, jovens e idosos, manuais e intelectuais, ricos e pobres, religiosos e leigos, militares e civis, psicólogos e artistas... Pois: “a ação<sup>134</sup>, para adquirir sua forma concreta e alcançar a eficácia, precisa necessariamente do trabalho. A *práxis*, em outras palavras, não existe sem a *poiësis*. Ao inverso, e contraditoriamente ao que colocam a tradição filosófica e a teoria da ação, o trabalho não depende somente da *techne*. O trabalho, na medida em que implica a cooperação voluntária dos agentes, também convoca os que trabalham em investir na construção de regras que não têm só um papel em relação ao trabalho, mas, sobretudo, em relação ao viver-junto. Porque trabalhar, é não somente ter uma *atividade*, é também estabelecer relações com outrem. Desse modo a *poiësis* convoca por vezes a *phronësis* sobre o teatro do trabalho”. (DEJOURS, 1998: 180)

Na realidade, quando os desempregados reclamam pelo direito ao trabalho<sup>135</sup> estão a exigir muito mais do que isso: um direito ao estabelecer relações sociais. Pois, ninguém pede para ser escravo. No período industrial do século XIX, as relações sociais nasciam durante as 14h ou 12h de trabalho fabril, 7 dias sobre 7, durante os poucos mais de 40 anos de esperança de vida dos operários. A família mal existia e mal sobrevivia. Somente durante os raros momentos de repouso onde se recarregavam as energias. E, hoje, com toda

<sup>134</sup> “Por ação, aqui entendemos ação moral ou política, aquela que releva em próprio da *práxis*, e que supõe por sua vez deliberação, escolha entre diversos possíveis, bem como o risco ao erro, e enfim a orientação para outrem ou o fato de que ela implica outrem no mundo social (e não somente outrem no mundo privado)”. (DEJOURS, 1998: 180).

<sup>135</sup> O trabalho não é ocupação, muito menos atividade salarial. Até o século XVI, o trabalho é dor, sofrimento, tormento, tortura. O trabalhador sendo aquele que atormenta o patrão. A palavra latina de origem é o *tripalium*. Uma máquina para ferrar os cavalos. No concílio de Auxerre, 578, essa máquina é adaptada pela Igreja como instrumento de tortura contra os trabalhadores. *Tri*=três, *Palus*=prego de cabeça ou cama. Daí que o paludismo seja a febre que te prega na cama. Sem forças para te levantar.

a alta tecnologia e todos os conhecimentos adquiridos pela humanidade, nos devemos de exigir um direito a estabelecer relações sócio-espaciais fora desse mundo alienado pelo trabalho assalariado ou pelo comércio unicamente formalizado pelo dinheiro. Pois, será que os povos somente nascem neste lugar de exploração, superexploração, lucratividade e alienação que é esse mundo da mais-valia do capital versus a mais-valia do trabalho? Se os dois, o capital social e o trabalho sócio-cultural é que são nossos únicos e desesperados recursos.

A professora Ana Clara Torres Ribeiro da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ - nos fala de um outro mercado: o mercado socialmente necessário e necessariamente solidário porque portador de outras estratégias sociais. Onde e quando o valor das inter-relações sociais com suas solidariedades tem mais valor do que o dinheiro. (RIBEIRO, 2005)

Se for pela forma antiga, todos os povos nasceram na rua. Cantando e dançando, pulando e suando. Pois, os povos nasciam ao celebrar suas vitórias ou, ainda, e na maioria das vezes, até ao celebrar suas próprias derrotas, inclusive pelas suas solidariedades orgânicas e pelas suas estratégias de sobrevivência. Daí o sucesso de todas as grandes festas públicas, de todos os grandes shows ao vivo, de todas as demonstrações públicas de alegria, esperança e tristeza populares. O espírito dos povos não nascia somente nos palcos dos teatros, gregos ou romanos. Ele também nascia nas cerimônias fúnebres das grandes cidades.

Um povo nasce quando todos, moleques e idosos, mutilados da vida, deficientes de todos os gêneros, pretos e brancos, pobres e miseráveis, unidos, entoam as palavras, letras e músicas de forma uníssona. Os mesmos gestos e os mesmos significados; as mesmas palavras e os mesmos significantes. Por isso, o povo é tão “perigoso” porque criador de impérios. Sobretudo, quando isso acontece de maneira quase que “desorganizada”. Ou seja, na paz. Quando todos pedem fazendo favor. Quando todos trocam por solidariedade humana e popular. Pois, eu também sou parte do outro. E o outro também é parte de mim.

Quando acontece essa criação do espaço público, na grande maioria das vezes, a polícia ou o exército intervém e usa qualquer pretexto para acabar com a festa. Deterioração do patrimônio. Vandalismo. Denúncias... Na realidade, ao despertar da pacífica festa popular para a violência policial imposta de fora, é que nasce o primeiro raio de luz da consciência, não mais de classe, mas de povo sofrido e abortado.

Ao contrário do que pensam muitos intelectuais, ditos de esquerda, alguns índices divulgados pelas instituições inter e supranacionais são bastante interessantes porque

curiosas. O que o ex-governador de São Paulo, ex-candidato ao 2º turno nas últimas eleições presidenciais, Geraldo Alckmin, conseguiu com os presídios paulistas: “criar em 10 anos mais presídios e mais celas do que durante todos os 500 anos do Brasil<sup>136</sup>.” O presidente Lula, parece ter seguido o mesmo exemplo paradoxal. Assim, desde o início do 1º governo Lula, o número de milionários quase que triplicou no Brasil. Quer dizer que para cada novo rico há 1 milhão de novos pobres brasileiros. Bastam, então, 190 milionários brasileiros, pessoas físicas ou jurídicas, para que o número de pobres e de miseráveis explode e vá, literalmente, para o espaço. Isso, se tomarmos como base o famoso 1US\$ como limite do nível da miséria, ou ainda, os ridículos 2US\$ como limite para atingir o nível da pobreza. Aqui, não se trata mais de divisão de renda, nem de estado de bem-estar social. Não, aqui, estamos no coração do pátio da corte dos milagres. Pois, como ser somente pobre com R\$4? E somente miserável com R\$2 por dia? Por isso o Brasil é campeão em reciclagem de papel, papelão, alumínio, vidros e plásticos. Os miseráveis vivem do lixo. Os pobres sobrevivem de sua elaborada e astuta solidariedade humana milenar.

Quando as forças dessa ordem atacam 30.000 pessoas, inclusive mulheres grávidas, crianças e nenéns de colo e mamadeira, mutilados de carrinho de rodas, muletas e próteses, e que ninguém morre pisoteado pela multidão nem sufocado pelos gazes nem ferido pelos cacetetes nem pelas balas perdidas, de borracha ou de aço, não se trata mais de um milagre de Deus, mas, sim, de um milagre realizado pelo povo de Deus. Pois, ninguém é supercidadão, como ninguém é não-cidadão. Todo homem se deve a si mesmo de ser cidadão do mundo ao ser solidário e ao tentar não cair mais ingenuamente nem em armadilhas policiais nem em emboscadas militares.

Como falava Mano Brown, rapper do grupo de hip-hop, Racionais MC, enquanto a fumaça e o fogo das balas invadiam a Praça da Sé, no centro de São Paulo: “Mano, tá suave, se não pode salvar sua vida, pensa em salvar a vida do outro<sup>137</sup>, ...”

---

<sup>136</sup> Sem ousar discutir publicamente qual projeto de civilização isso implica para o futuro da Sociedade Brasileira.

<sup>137</sup> Este episódio pode ser visualizado pela internet, no “You Tube”, pela busca: “Palavras dos Racionais”. Hoje, através do buscador de vídeos BLINKX, toda palavra oral presente num vídeo pode ser localizada.

## 9º Capítulo

### - Aparentes Paradoxos Territoriais -

#### 9.1 - Pensadores Contemporâneos<sup>138</sup>

##### **Clodovis Boff**

“Frade franciscano. Escritor e teólogo que contribuiu com a Teologia da Libertação”. (FERNANDES, 1999: 60)

##### **Frei Betto**

“Sacerdote dominicano, jornalista e escritor. Militante contra a ditadura militar, esteve muitos anos preso. Trabalhou nas Comunidades Eclesiais de Base. Assessorou diversos movimentos sociais brasileiros”. (FERNANDES, 1999: 60) Assessor do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante o 1º ano de seu 1º mandato.

##### **James Petras**

“Sociólogo norte-americano, professor da Universidade de Nova-York. Especialista em América Latina e movimentos sociais”. (FERNANDES, 1999: 58)

##### **José de Souza Martins**

“Sociólogo, professor da USP e ex-assessor da CPT. Considerado o maior especialista em sociologia rural do país, escreveu vários livros sobre a questão agrária no Brasil. Teve um papel importante como intelectual vinculado às mobilizações camponesas e destacou-se ainda na assessoria à CNBB para a elaboração de importante documento da Igreja Católica (“A Igreja e os problemas da terra”), em 1980. O documento foi um marco na interpretação dos problemas agrários brasileiros”. (FERNANDES, 1999: 21)

##### **José Graziano da Silva**

“Professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e autor do livro *A modernização dolorosa*. Trata-se da análise do processo de desenvolvimento capitalista na agricultura brasileira nos anos 70, que modernizou as tecnologias mas manteve a

---

<sup>138</sup> Classificação elaborada pelo MST.

concentração da propriedade e a exclusão social.”. (FERNANDES, 1999: 15) Ministro e secretário no 1º governo Lula, ele implantou o programa *Fome Zero* patrocinado por empresas e iniciou o cadastro do programa *Bolsa Família*.

### **Leonardo Boff**

“Teólogo brasileiro, ex-frade franciscano, deixou a congregação em função das perseguições que sofreu do Vaticano. É professor de filosofia da Universidade do Rio de Janeiro. Escritor, tem diversos livros publicados”. (FERNANDES, 1999: 60)

### **Manuel Correia de Andrade<sup>139</sup> (3 de agosto de 1922 - 22 de junho de 2007)**

“Pernambucano, professor de geografia, considerado um dos maiores especialistas sobre o Nordeste. Tem inúmeros trabalhos publicados sobre a realidade agrária do Brasil”. (FERNANDES, 1999: 59)

### **Marta Harnecker**

“Socióloga e historiadora chilena. Escreveu de forma didática cadernos que explicaram a obra de Marx. Tem várias pesquisas e ensaios sobre a esquerda latino-americana”. (FERNANDES, 1999: 58)

### **Pedro Casaldáliga**

“Espanhol de nascimento, reside no Brasil desde os anos 70. Poeta e escritor, é ex-bispo de Prelazia de São Felix do Araguaia (MT)”. (FERNANDES, 1999: 60)

### **Tomás Balduino**

“Bispo de Goiás Velho (GO), da linha progressista da Igreja Católica. É um dos fundadores da CPT e do CIMI. Considerado um dos bispos proeminentes da Igreja

---

<sup>139</sup> “Após formar-se, em Direito, em 1945, e Geografia e História, em 1947, dedicou-se a advogar, sobretudo para sindicatos operários, e à docência, nas disciplinas história e geografia, no ensino médio e superior, em Recife. Em 1952, optou pela dedicação exclusiva ao ensino e pesquisa, atividades que abraçou, por toda a vida, com singular brilhantismo (...) Manuel Correia de Andrade destacou sempre a importância em sua formação do livro *Evolução política do Brasil*, do historiador marxista Caio Prado Júnior, de 1933, a quem era muito grato por lhe ter encomendado, prefaciado e publicado, na Editora Brasiliense, de sua propriedade, seu mais conhecido livro, *A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste*, mal-aceito nos meios acadêmicos da época pelo seu sentido social. Não sem maldade, lembrava que, se “tivesse publicado o livro em Pernambuco, ninguém teria tomado conhecimento”! Esse texto célebre seria proibido e apreendido, após 1964, por ordem da alta oficialidade do Exército”. Mário Maestri, 58, é historiador e professor do PPGH em História da UPF. In “A morte de um mestre”, jornal virtual do Correio da Cidadania, 25 de junho de 2007.

brasileira, tanto pela dedicação pastoral durante 30 anos de bispado como por sua contribuição intelectual”. (FERNANDES, 1999: 23)

### **Alargamento dos Contextos**

Neste grupo de pensadores contemporâneos, aparecem, de forma geral, 2 subgrupos aparentemente contraditórios: os pensadores do saber e os pensadores do poder. Um grupo parece trabalhar a partir de uma genealogia do saber; enquanto o outro parece pesquisar a partir de uma arqueologia do poder.

Alguns parecem trabalhar de forma regressiva; outros de forma progressiva. Enquanto o método nos revela que a vida é, ao mesmo tempo, progressiva e regressiva. Muito mais além do que os fatos. Pois, o método é marxista porque existencialista.

Em regra geral, trata-se de pensadores de esquerda, laicos, leigos e religiosos, atores da história contemporânea do Brasil, da América Latina e da América do Norte. Aqui temos o pan-americanismo visto como sistema de objeto de estudo e como sistema de ações para uma esquerda que, apesar da conjuntura internacional do “fim da história” e do “fim das ideologias”, tenta sobreviver e, mesmo, ousar experimentar novas vias.

É o caso de James Petras ao pesquisar o MST, de Marta Harnecker ao pesquisar o presidente da Venezuela, Hugo Chavez, e o processo da revolução bolivariana em curso. Vale lembrar, por exemplo, que a Venezuela está formando, em 10 anos, mais universitários, mestres e doutores, do que durante toda a história da Venezuela. Isso à revelia da esquerda venezuelana que refuta Hugo Chavez e seu tão propagado “populismo”. Pois, a esquerda venezuelana, como quase todas as esquerdas do mundo, preparou-se para lutar em nome de um povo alienado, não se preparou para deixar um povo livre alcançar o que Louis Althusser anteviu para cada um de nós, na sua existência, no seu momento e no seu lugar: “Livrer notre grande Bataille!”<sup>140</sup>.

Esses novos formandos bolivarianos não estão sendo formados nas universidades tradicionais, mas, sim, em parceria com os comitês de bairros e as escolas municipais. Esta formação é noturna, de final de semana ou, ainda, acontece durante os períodos de férias. Pois, somente após o uso dos estabelecimentos escolares pelas crianças e adolescentes em idade de escolarização é que os 350.000 novos estudantes universitários bolivarianos conseguem acessar a todas as infraestruturas educacionais de uma invisível universidade

---

<sup>140</sup> “Livrar nossa grande Batalha!”.

popular completamente descentralizada porque, absolutamente, fragmentada e desestruturada.

A pedagogia da revolução bolivariana é, antes de tudo, uma pedagogia lenta, se vista a partir do ponto de vista dos parâmetros das universidades globais, porque em alternância e em rede. Os estudantes, jovens e idosos, são principalmente trabalhadores e educadores sociais que assessoram e assistem não somente movimentos sociais, mas, principalmente, associações e comitês de bairros, formais e informais. A leitura da sociedade venezuelana tenta ser, desse modo, territorial e não mais setorial. O diploma para o mercado não é mais o único fim. A primeira finalidade da formação sendo colocar-se à disposição das comunidades ao receber uma bolsa de estudos. Pois, já que somos todos usados e abusados pelo capitalismo, inclusive inconscientemente, faz séculos, porque não nos auto-instrumentalizarmos para e com outros fins?

Aqui, poderíamos iniciar uma discussão sobre a esquerda latino-americana e sobre as esquerdas, ocidental e oriental, mas, como tudo ainda está em construção, basta levantarmos certos debates interessantes.

Durante os anos 90, no final do século XX, o professor Milton Santos e o professor José de Souza Martins iniciaram um interessante debate público sobre a oposição e a contradição que existe entre o rural e o urbano. Nesse debate de idéias, quem saiu vitorioso foi o povo. Pois, o modo de vida urbano é o modo de vida materialmente desejado pela grande maioria das populações. Só que não se trata desse modo de vida urbana que está sendo oferecido pela economia de um mercado que não é nada solidário. Trata-se da possibilidade aberta de um outro mundo urbano, porque socialmente necessário. Por isso os imóveis oferecidos à especulação não interessam mais os Sem Teto. Pois, eles já foram pré-moldados para um uso que não é o valor de uso do período popular da história.

Nos falam que estamos vivendo na pós-modernidade. Ora, a maioria dos quase 7 bilhões de habitantes do minúsculo planeta terra ainda sonha e exige o que a modernidade lhes prometeu há 250 anos mas ainda não lhes ofereceu: água, energia, teto, educação, informação, conhecimento e consciência de sua liberdade, de seus saberes e poderes, ou seja de seu direito ao fazer<sup>141</sup>... Pois, se os direitos do homem foram escritos em 1789, os direitos sociais e os direitos civis somente estão sendo esboçados. Ora, mesmo caligrafados

---

<sup>141</sup> Como se “o direito a modernidade” fosse somente destinado a alguns, as próximas guerras já estão sendo planejadas não mais, para destruir pessoas, nem sociedades, nem seres vivos. Mas, sim, para destruir infraestruturas físicas e materiais, fruto dos trabalhos dos povos. Tais como telefone, fibra ótica, internet, rádio, TV, estradas, pontes, aeroportos, máquinas, computadores, fábricas, escolas e hospitais, redes de energia, saneamento, água, gás, etc...) Além de eliminar o espaço moderno, já há projetos de destruição em massa de sítios arqueológicos, lugares santos e... cemitérios.

em manuscritos e assinados pelo sangue de muitos, nenhum desses direitos ainda saiu do papel... O que falar, então, do recém e jovem direito à vida e às culturas portadoras de vida que está sendo pichado e grafitado em todos os cantos das grandes metrópoles?

Todas as farsas e metáforas modernas, (do efeito estufa, do aquecimento global, da violência social, do desenvolvimento dito “sustentável”, da guerra de religião, do choque de civilizações), parecem existir com a intencionalidade de nos fazer esquecer o valor de uma dívida não só social e histórica, mas, sobretudo, política e cultural. A dívida econômica não tem valor algum. Pois, o capitalismo globalitário vive de seus juros em longo prazo porque “a priori” tornados eternos. Neste caso, as dívidas podem até ser perdoadas, porém, os juros continuam galopando.

Enquanto isso, as populações auto-exilam-se e sustentam-se com suas famílias de forma transnacional. Por isso, não nos basta mais sermos internacionalistas, socialistas ou comunistas internacionais. Hoje, no mundo novo, nos devemos de criar uma comunidade trans-disciplinar e trans-nacional porque localizada, determinada e situada. Pois, “a cidade é um campo de forças. Como todo território ela é um campo de forças, é o lugar primordial da contradição com que o mundo se debate hoje”. (SANTOS, janeiro de 2001: 4)

É neste contexto que as favelas globalizadas são, hoje, neste nosso mundo novo, a única garantia de coletivização e socialização dos bens e das culturas comuns. O capitalismo, ao tentar invadir todos os campos da ação humana, faz com que, hoje, somente as favelas ainda restam enquanto remanescentes das velhas, antigas e ancestrais terras de uso comunal, portadoras de um outro sentido da existência.

As instituições internacionais nos garantem que, em breve, a maioria das populações humanas estará sobrevivendo nelas porque graças a elas. Mesmo se a noção de favela é completamente inexistente da realidade concreta e vivida pelos pobres. O que há são lugares que, inclusive, se sobrepõem e se superpõem nas favelas tanto urbanas quanto rurais. As favelas são nossas quebradas. Onde aprendemos a viver e a morrer por elas.

Eis, aí, mais um exemplo da tal prometida brasileirização do mundo: condomínios de alto padrão, inclusive “ecológico”, coexistindo e co-habitando, nos mesmos lugares, com imensos favelões que não são bolsões de miséria. Pois, na favela, ninguém passa fome e ninguém dorme na rua. Eis a nova terra prometida para bilhões.

Vale lembrar, por exemplo, que alguns intelectuais brasileiros é que foram iniciadores dos tais de condomínios fechados, com seus respectivos elevadores sociais, mini-quartos de empregada a tempo integral e portas de serviço, em muitas cidades

globalizadas do planeta onde isso não existia mais. Principalmente para organizar jantares intelectuais espetaculares.

Aqui, não se trata mais do pensar, sobre o ser, nem sobre o viver da direita ou da esquerda... Não. Aqui, trata-se do fazer, sob o ser, e do sobreviver de todo e qualquer homem e seu povo, já presente e por vir. Pois, o futuro já é. O futuro já está sendo vivido. *Hic et nunc*. Aqui e agora. Esse é o maior evento da história da humanidade.

Um outro debate interessante e atual, é o debate que está acontecendo entre o professor José de Souza Martins (sociólogo) e o professor Ariovaldo Umbelino de Oliveira (geógrafo) sobre o silêncio que está rodeando os pensadores da direita. Assim, somente a esquerda parece ter nome e sobrenome, enquanto ninguém tem a coragem de nomear e citar os pensadores de direita que escrevem e falam que a reforma agrária não é mais necessária no Brasil. É verdade que, de um certo ponto de vista, o Brasil não precisa mais de reforma agrária capitalista. O Brasil tá é precisando conhecer e reconhecer a baita de Revolução silenciosa, permanente e subterrânea que está sendo realizada pelas suas populações e pelo seu extraordinário povo brasileiro. Eis, aqui, o início da real brasileiração da realidade do mundo.

Neste debate de idéias, o mais interessante parece-nos ser o fato de que precisamos ler jornais estrangeiros, tal o *The Economist*, para descobriremos que, em 2006, o MST ocupou mais empresas do que terras devolutas e improdutivas. É inimaginável, mas, no entanto, é assim. Parece até direito de ingerência posto, de novo, em prática. Tal como nos Balkãs, nos anos 90. O MST não está somente sendo vigiado pela União Democrática e Ruralista – UDR – dos latifundiários e fazendeiros que são contra a reforma agrária porque a favor do agronegócio e do agrodiesel, ao produzir commodities e não mais alimentos para as populações brasileiras<sup>142</sup>. Assim, em Brasília, existe uma sede da bancada ruralista que mapeia e monitora, todos os movimentos e atividades do MST. Inclusive, com uma logística de alta tecnologia, via satélite, com GPS e fotografias aéreas. Pois, quando

---

<sup>142</sup> Desde a visita de G.W. Bush à capital do Estado de São Paulo, em março de 2007, a caixinha de leite integral passou de R\$0,99 para R\$1,99. Ou seja, US\$1. Pois, no Estado de São Paulo, a aérea agricultável pela cana de açúcar destinada à produção de álcool diesel e à exportação de etanol já passou, com a compra de mais de 70 usinas de álcool pelas empresas norte-americanas, para quase 50% de toda a área agrícola do Estado. Ora, para produção de leite, toda vaca paulista tinha direito a 1 hectare de capim fresco. Assim, com a diminuição do rebanho leiteiro (e com a passagem de sua alimentação, do capim para as rações, inclusive, provocadoras de doenças, tais o síndrome da “vaca louca” que passou das vacas abatidas para as vacas leiteiras através das ossadas moídas, das primeiras, e presentes nas rações alimentares, das segundas); as primeiras sacrificadas, no altar do etanol, estão sendo as crianças pobres, ainda em idade de amamentação. Pois, as mães pobres e miseráveis não têm condições de amamentar seus filhos.

necessário, as cabeças de gado são transferidas de uma fazenda para outra a fim de não serem mais consideradas improdutivas. Idem, com o plantio do capim via aeronave.

Deste modo, descobrimos que se por um lado, algumas instituições internacionais presenteiam o MST com prêmios, projetos e diplomas internacionais (a favor da educação, formação, comunicação, saúde, etc.). É que, por outro lado, outras instituições internacionais vigiam e punem o MST quando ousa invadir empresas transnacionais, tal a Aracruz Celulose, a Monsanto, o McDonald's, a Petrobrás e outras... Por isso, essas instituições inter e supranacionais estão dispostas a financiar, a fundos perdidos, todo e qualquer projeto de uma educação voltada para o mercado onde a pedagogia, entre outras ciências humanas, estaria somente à disposição da economia de um mercado que não tem intenção nenhuma de ser solidário. Nem entre os povos, nem entre as nações, nem entre os estados, nem entre os continentes. Quanto mais um mercado onde existiriam solidariedades humanas porque territoriais e sócio-espaciais.

Como nota, incessantemente, Milton Santos, os eventos do período popular da história não são somente realizados pelas empresas, mas também e sobretudo, os eventos das “novidades novas” são realizados pelos povos em movimento.

A responsabilidade das universidades com seus professores, pensadores, pesquisadores, intelectuais e linhas de pesquisa nunca foi tão atual. Porque decidir pesquisar certos objetos e não outros? Porque decidir usar certas metodologias e não outras? Porque usar certos conceitos e não outros? Porque se subordinar a certos pensamentos únicos e não a outros mais libertários?

“Em todos os meus livros, busquei a natureza do evento”, “passei meu tempo escrevendo sobre esta noção de evento”. Eis o que Gilles Deleuze, crítico de Sartre, reflete sobre si mesmo, ao tentar constituir e impor sua estranha filosofia mutante - uma filosofia do evento (ZOURABICHVILI, 1996: 5) – a partir do que ainda restava da civilização ocidental. Pois, na aparente briga pela consciência, que existe entre sociólogos (a partir da formação humana) e geógrafos (a partir da condição humana), a existência é que aparece como a grande mediadora a ser continuamente redescoberta e requestionada. Mas, a existência ou a inexistência do quê? Pois: “Falta-nos, na verdade, essa necessária articulação entre o pensamento filosófico e o nosso objeto de conhecimento, o chamado espaço geográfico (...) A questão não é simples. A filosofia *na* Geografia supõe, para sua

eficácia, uma filosofia *da* Geografia. Em outras palavras, é preciso pensar a nossa disciplina dentro, e não fora<sup>143</sup>”. (SANTOS, 1982 apud 2005)

Assim, levantar a existência<sup>144</sup> não é rebaixar a consciência. Inclusive a consciência da escassez. Ambas caminham juntas, de forma paralela, ao usarem suas próprias conexões espaciais e suas próprias pontes territoriais. O ser é instância. Tal qual a política, a cultura, a sociedade, a economia e o espaço geográfico.

## 9.2 – Pensadores da Atualidade<sup>145</sup>

Além desses pensadores contemporâneos existe toda uma multidão de pensadores atuais. Não tem como listá-los todos. Não há como escolher alguns e não outros. Em regra geral, fazem parte dos Fóruns Sociais Mundiais e circulam, fartamente, nos sítios virtuais de resistência das mídias alternativas pela internet. São escritores e pensadores considerados abertamente de esquerda. Publicam entrevistas e matérias de análise em jornais e revistas alternativas: Jornal Sem Terra, Revista Sem Terra, Jornal Brasil de Fato, Correio da Cidadania, Revista Caros Amigos...

Neste panorama de tentativa de desconstrução da Formação Territorial no MST, estes autores são tão ou mais importantes do que os que aqui seríamos. Pois, paramos nos finais de 1999, data da publicação do livro “Brava Gente, a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil”. Obra que foi realizada enquanto balanço da experiência social e histórica do Movimento Sem Terra durante os seus quase 20 anos de existência social.

O que achamos muito interessante é a coragem do MST em questionar, de forma pública, tanto suas origens, raízes e aprendizados, quanto suas próprias Formação, Pedagogia, Mística e Projeto.

Por outro lado, decidimos parar no 1º FSM, realizado em Porto Alegre, em 2001, quando o professor lá tratou do tema de “um outro mundo urbano possível onde os pobres é que estão à frente do futuro” (SANTOS, janeiro de 2001: 4-7) pelas suas ações e obras políticas, sociais, culturais e geográficas.

Nossa dúvida, no que diz respeito aos bons moçinhos que aparecem nos Fóruns Sociais Mundiais vem do fato de que: “Entre “O outro mundo possível” sonhado pela

<sup>143</sup> “Daí a geografia não ter também acompanhado os grandes debates da época, que moveram sociólogos, economistas, historiadores, entre outros”. (SANTOS & BERNARDES, 1999).

<sup>144</sup> “Na existência ordinária, praticamente só se fala daquilo que é, para dizer, por acréscimo, que é conforme ou contrário à natureza das coisas, normal ou anormal, admitido ou excluído, bendito ou maldito. Os substantivos são combinados a adjetivos tácitos, os verbos, a advérbios silenciosos, que tendem a consagrar ou a condenar, a instituir como digno de existência e de perseverar no ser, ou, ao contrário, a destituir, a degradar, a desacreditar”. (BOURDIEU, 1982: 16-17)

<sup>145</sup> Classificação nossa.

juventude que ocorre aos FSMs, de todas as várias e oferecidas possibilidades de futuro, somente acreditem que o “novo paradigma de sustentabilidade” seja aceitável”. (POMPEU, 2006: 16) Ora, se “a ONG Iniciativa para a Grande Transição, composta de centenas de pesquisadores e ativistas de todo o mundo, apresenta quatro cenários para o futuro do mundo, a partir de estudos do respeitado Instituto de Ambientalismo de Estocolmo, Suécia”. Porque não imaginar, no mínimo, mais uma possibilidade, a partir do Brasil. Ou, então, porque não escolher entre uma das duas hipóteses de “barbarização” já previstas pelos experts: aquela do previsto “colapso” em que “a igualdade sofrerá altos e baixos (*por causa do maior poder dos mais pobres*<sup>146</sup>)”.

Não quer dizer que, hoje, neste mundo novo, a hegemonia seja dos pobres. Não. A luta pela hegemonia é um campo de forças aberto onde, dependendo dos eventos, dependendo dos momentos e dependendo dos lugares, ora os pobres, ora as empresas fazem política. Aqui, política não quer dizer nem politicagem nem lobbying das empresas sobre organismos e instituições internacionais, nacionais, públicos ou pensadores políticos.

O atrito acontece quando a racionalidade e a contra-racionalidade andam juntas nos mesmos lugares, ao produzir a possibilidade de uma outra racionalidade. Como negar “maior poder aos pobres”? Senão ao negar-lhes não maior mas melhor saber e qualquer possibilidade de ser? Pois, na maioria das vezes, é a própria auto-considerada e auto-denominada esquerda que não sabe mais nem o que fala nem o que pensa... Que não sabe mais à esquerda ou à direita de quem está. Que desconhece sua própria posição e seu próprio movimento. Quanto mais, sua própria revolução por vir?

Nada do que existe, no plano da existência, está estático. Tudo está inter-relacionado. Tudo está em movimento. Tudo ainda está para ser feito. Sempre. O planeta é vivo. Sim. Nós também ainda estamos vivos. Que fazemos parte dele. Ora, se escolho o objeto, vejo somente a coisa em si. Mas, para os espíritos dialéticos não há nunca coisa em si; o que há, é a coisa se fazendo ao estar refazendo-se incessantemente. Graças a Deus, nunca da maneira prevista pelos especialistas ou experts desse vosso mundo planificado.

Se o planejamento estatal foi criado por Lênin, ele foi desvirtuado pelas empresas. O território como recurso, é o território usado pelas empresas. O território como abrigo, é o território usado pelos povos. Daí, o uso do território depende do momento histórico, do lugar geográfico e do território usado ou praticado pelos seus próprios usuários públicos. Daí a importância vital do espaço público.

---

<sup>146</sup> Grifos nossos.

## Sistema de Valores<sup>147</sup>

“Somos muito mais livres do que pensamos”,

**Michel Foucault.**

Num país onde metade de seus jovens “não faz nada e fica em casa”, sem emprego, sem escola, sem universidade, assistindo TV durante quase 6 horas por dia. Sem esquecer que os brasileiros também são campeãs em navegação pela internet. Como encarar a liberdade? Pois, segundo Cecília Meirelles, se ninguém sabe mesmo explicar o que é a liberdade. No entanto, todo mundo já sabe o que é.

Aqui, acrescentamos que se todo homem já nasce livre, ele também já nasce homem. Pois, o ser humano não precisa humanizar-se. Ele já nasce fruto de um processo de humanização e não há como se humanizar só. Se o homem é socializável é porque há 3 coisas que a injustiça não pode nunca tirar do homem. Segundo a lenda celta, todo o homem já nasce com o livro, a harpa e a espada, símbolos de sua liberdade. O homem já nasce enquanto trabalhador de si mesmo (sua obra prima) e trabalhador de seu espírito (sua prima dona). Nada se perde. Tudo se transforma e retransforma. Incessantemente.

O mesmo acontece com a lenta evolução dos métodos dominantes.

Do ponto de vista da filosofia analítica, para Marilena CHAUI: “Uma contradição só se resolve com a mudança estrutural da sociedade” (2006: 62). Visto que: “São eles (movimentos e formas auto-organizativas) os criadores de direitos (2006: 82). Pois: “Somente as classes populares e os excluídos concebem a exigência de reivindicar direitos e criar novos direitos” (2006: 63) Porque: “A cidadania se constitui pela e na criação de espaços sociais de lutas” (2006: 63)

No entanto, desde Marx, bem sabemos que representar o mundo não é interpretá-lo e muito menos transformá-lo. Pois, desde Milton Santos, bem sabemos que o espaço geográfico é sócio-espacial e não somente social.

Do ponto de vista de uma pré-geografia existencial, para Jean-Yves Martín, o MST nos leva a um belo questionamento, além da geografia do poder para uma geografia das

---

<sup>147</sup> Para Milton Santos, “o espaço é um sistema de valores que se transforma permanentemente”. Pois: “Temos de partir do espaço como objeto concreto construído e a ele voltar, e assim contribuir, segundo os pontos de vista propostos, para a edificação das bases, que tanto nos fazem falta, de uma teoria do espaço humano. Será, sem dúvida, uma *teoria menor* embutida no bojo da *teoria maior*, que é a teoria social”. (SANTOS, 1982 apud 2005).

resistências. Assim, Martin nos relembra que para Michel Foucault a geografia sempre esteve no coração do que ele tratava e que paradoxalmente o poder vem de baixo. Pois, lá onde há poder, também há resistência. Inclusive de uma plebe que se não existe há em todo o sujeito irreverente<sup>148</sup>. (MARTIN, 2001: 59 a 62). Pois, para Martin, as lutas transversais não se limitam a um país particular. Elas estão sendo consideradas no Brasil, mas poderiam está-lo na França. Elas tendem também a questionar as ideologias oficialmente aceitas e/ou impostas. Aquelas mesmas que, justamente, segundo Louis Althusser, através dos Aparelhos Ideológicos de Estado, “interpelam os indivíduos em sujeitos” que livram “lutas “anarquistas”, em relação à uma escada teórica de explicação ou à ordem revolucionária que polariza o historiador” - como Martin introduz o debate, além-mar, ao citar alguns dos ex-novos-filósofos franceses. (MARTIN, 2001: 61).

Assim, entre oriente e ocidente, não temos mais como escolher, visto que somos ocidentais e orientais. Eis o mundo novo à nossa porta. Coexistirmos e co-habitarmos com aquilo que, no final das contas, já somos mesmo: híbridos e mutantes. O que explica a surpresa de pesquisadores brasileiros quando verificam que nas ocupações de Sem Teto, inclusive em imóveis vazios de Paris e de outras metrópoles européias, aparecem e existem bandeiras do Movimento Sem Terra sendo levantadas por outras sociedades.

Entre o capitalismo e o socialismo, já escolhemos, faz tempo, visto que somos esse capital social que não está mais disposto a ser socialmente capitalista mas que está em via de ser socialmente necessário porque nosso único paradigma comum.

Neste aspecto, tal como Marx, precisamos acordar a dialética porque esta aceleração contemporânea do tempo histórico já está mudando o mundo. Não estamos mais nem no renascimento, nem no iluminismo. Mesmo se nos parece ter voltado, por um instante, ao obscurantismo. Por isso, precisamos entender o que vai redefinir a história do mundo dos homens e não a história do planeta terra.

Tal como Marx, precisamos superar que o trabalho seja somente agregação de valor. Pois, valor já é sinônimo de trabalho humano. Através da exploração do trabalho humano e através do sobre-trabalho-humano que, hoje, não acontece somente no chão das fábricas nem no chão dos engenhos.

Desde Marx, sabemos que o mundo, essa 2ª natureza, já sobre-pugnou o planeta. Hoje, a maior manifestação é o homem vivendo na totalidade do espaço banal graças às

---

<sup>148</sup> Neste ponto de vista, Jean-Yves Martin nos propõe a experiência social e histórica do Cangaço do sertão Nordestino como mais uma entrada possível para a Formação Territorial do MST.

horizontalidades do território usado. Assim, é que a teoria usada serve para virar a mesa da empiria e da técnica.

Mesmo se para o filósofo das técnicas que é Milton Santos, a técnica é, efetivamente, esse valor supremo que é usado pelo homem para comunicar-se com o seu próprio espaço geográfico.

Assim, o poder fazer é lançar uma idéia de futuro, mas, sem controle das relações sociais (como praticado pelas igrejas) nem controle dos territórios (como praticado pela diversidade dos capitalismos usados pelas empresas). Essa vontade de ainda poder fazer o futuro é a única portadora do sentido da humanidade sobre o planeta.

Efetivamente, não há condições de projetos nacionais a partir do capitalismo nem do socialismo nem do comunismo, tais como foram experimentados até a hora presente: sem a liberdade do ser humano. Porque o que existe são plurais, capitalismos, socialismos e comunismos: a serem usados pelas sociedades, tanto em seus respectivos lugares, quanto em seus adequados momentos<sup>149</sup>. A partir daí o socialismo do século XIX não tem mais como ser o socialismo do século XX nem o socialismo, ainda para ser feito, do século XXI. Pois, como declamou Sartre, em verso e prosa: “L’existentialisme est un humanisme<sup>150</sup>”.

Em tempos tão proclamados de “morte das utopias”, continuar abrindo o futuro é caminhar, justamente, para novas utopias, porque sempre abertas e possíveis. Essa é a problemática do fazer humano, em oposição ao materialismo; do fazer concreto, em oposição ao idealismo, já fartamente pesquisado e estudado por Gramsci. Pois, no espaço geográfico, somos todos poetas, artistas e até... intelectuais porque criadouros e criadores de utopia<sup>151</sup>.

---

<sup>149</sup> “A questão está em aberto. Nas condições do tempo presente, parece mais difícil que nunca implantar o socialismo num só país, mas, por outro lado, não se imagina que o mesmo modelo se aplique em diferentes países. Não haverá, pois, socialismo e sim socialismos do séc. XXI. Terão em comum reconhecerem-se na definição de socialismo como democracia sem fim”. Boaventura de Sousa Santos In: “O Socialismo do Século XXI”, Revista Eletrônica da Agência Carta Maior, A esquerda em debate, 24/05/2007. Pois, com a possível auto-suficiência em energia dos lugares voltamos aos tempos presentes antes do nascimento do capitalismo. É claro que o capitalismo se nutre, a partir da escassez dos lugares, da circulação das inúmeras formas de energia que são todas as mercadorias. “Em todos os casos, a *informação* joga um papel parecido àquele que, no passado remoto, era reservado à *energia*. Antigamente, o que reunia as diferentes porções de um território, era a energia, em estado bruto, oriunda dos próprios processos naturais. Ao longo da história, é a informação que vai ganhando essa função, para ser hoje o verdadeiro instrumento de união entre as diversas partes de um território”. (SANTOS, 1996 apud 2003: 167).

<sup>150</sup> “O existencialismo é um humanismo”.

<sup>151</sup> “Os movimentos de emancipação estão aí para provar que uma certa dose de utopia - essa negação mágica do real que em outro contexto diríamos neurótica - pode mesmo contribuir para criar as condições políticas de uma negação prática da verificação realista.” (BOURDIEU, 1982: 19).

Numa epistemologia ou geografia da existência, cada um de nós tem saberes que foram despotencializados, sim: inclusive éticos e morais. Ver e reconhecer nossos próprios saberes é ver e reconhecer nossas próprias forças, presentes na força do outro que somos para todos os outros. Quem dá e quem faz nosso próprio valor somos nós mesmos. Afinal, Foucault chegou a conclusão de que poder e saber estão intimamente ligados. Como se não bastasse, argumentou que não existe uma verdade absoluta, somente diferentes verdades sobre a realidade em diferentes momentos – verdades que atendem às necessidades do poder. (STRATHERN, 2003).

Reinventar nosso cotidiano é reencontrar esse saber-fazer e este poder-fazer que nos foi roubado, mas que mesmo aniquilado, ainda podemos conseguir reencontrar no fundo de nós mesmos, ao reconstruir nosso dia-a-dia e ressuscitar nosso cotidiano humano porque social, isto é, socialista porque humanista.

Não há maior situação limite do que essa condição humana que nos leva a ser os super-heróis dessa vida anônima. Mais do que o poder econômico, político, religioso, administrativo, burocrático, social e militar; o maior poder, que está nas mãos de todos, é o poder viver a liberdade do cidadão do mundo e não mais, simplesmente, a necessidade do saber sobreviver.

Recém estamos saindo da pré-história e da pré-geografia. Recém estamos começando a fazer História e fazer Geografia Humana. Recém estamos descobrindo o Espaço Geográfico e sua Espaciologia. Recém estamos descobrindo o sabor desta vida de sujeito homem<sup>152</sup>. Pois, recém há um novo modo de viver no mundo: através de uma justiça social que está sendo escrita, na carne, a cada momento e em todo lugar, pelos homens pobres e lentos. Pois, se para Michel Foucault, todos os conceitos ligados à nossa civilização ocidental e cristã, tal a justiça, a democracia, a esquerda, a direita, a moral, a ética, o legítimo e o criminoso devem ser reavaliados, requestionados e reconsiderados à luz de todo o novo período histórico. Para Jacques Derrida: “é na própria desconstrução que está a justiça porque a desconstrução já é justiça.”

Uma coisa é certa e tem que ser dita, em cada novo período histórico, a direita organiza-se para modernizar o seu discurso e adequar-se aos tempos novos. Pois, Marx, Lênin, Gramsci, Mao e todos os pensadores de esquerda considerados clássicos, inclusive Trotsky, são lidos e analisados nas grandes escolas e nas grandes universidades. Pelo

---

<sup>152</sup> “Recém “Estamos começando a história universal justamente porque temos um só conjunto de técnicas reinando sobre o homem, sobre a Terra; pela 1ª vez, se produz o fenômeno da Humanidade”, diz Santos, pensando no século 21, que na sua opinião começou há 10 anos, da mesma forma que o século 21 havia iniciado antes de 1900”. Denise Neumann, Jornal Estado de São Paulo, p. X28, Sábado, 01/01/2000.

menos, são mais lidos, analisados e criticados do que nas escolas e universidades supostamente consideradas de esquerda. Assim: “Uma outra aproximação da comunicação, inspirada do marxismo, pode ser inferida a partir de uma análise automática do discurso, com base em Michel Pêcheux, cuja idéia diretriz é desenvolver uma teoria do discurso que não esteja fundamentada sobre o sujeito. “Inferida”, porque a análise automática do discurso oferece como corpus um conjunto de discursos concretos dominados pelas mesmas condições de produção e não mais por um só discurso, uma só “mensagem”. Seu quadro epistemológico é o seguinte: “Ele se define como articulação de três regiões de conhecimentos científicos: o materialismo histórico; a lingüística (como teoria dos mecanismos sintáxicos e dos processos de enunciação); uma teoria do discurso como teoria da determinação histórica dos processos semânticos; essas três regiões estando sendo atravessadas pela referência à uma teoria psicanalítica do sujeito”.” (MAINGUENEAU apud BAYLON & MIGNOT, 1994: 219)

Hoje, no Brasil, acontece um exemplo espetacular com o novo partido dos democratas – DEMOs – ex Partido da Frente Liberal – PFL – do senador Antonio Carlos Magalhães – ACM. Os novos democratas nos são apresentados, em amplas propagandas políticas obrigatórias, como se fosse uma geração espontânea de democratas que teria nascido, assim do nada e que estaria somente a serviço da democracia. Mas qual delas? Se tivermos automóvel e formos da classe média e da classe média alta, classes A e B, faz meses, o novo prefeito da cidade de São Paulo, Gilberto Kassab<sup>153</sup>, vice-prefeito de José Serra<sup>154</sup> está promovendo a lei “cidade limpa”: sem outdoors, sem propaganda, sem marketing, sem poluição visual nem sonora, sem manipulação nem instabilidade programada das consciências nem das estruturas mentais de seu eleitorado de direita. No entanto, se formos das classes C, D e E, os métodos de propaganda e de marketing da iniciativa privada vão ser usados como fonte de arrecadação de renda pelos governos públicos que disponibilizam as almas e os espíritos de seus cidadãos às empresas privadas. E, aí, tudo será permitido: propagandas visuais e sonoras no metro e, inclusive, redes de televisão particulares, sobretudo das empresas de publicidade, propaganda e marketing, em todas as linhas de ônibus interligadas ao transporte público da cidade de São Paulo e

---

<sup>153</sup> Eleito vice-prefeito pelo Partido da Frente Liberal – PFL – Hoje, DEMO.

<sup>154</sup> Eleito governador do estado de São Paulo pelo Partido da Social Democracia Brasileira - PSDB - e teve que renunciar ao seu cargo de prefeito. Pois, essa troca-troca toda aconteceu porque Geraldo Alckmin teve que se demitir de seu cargo de governador do estado de São Paulo para candidatar-se à presidência da república contra o presidente-candidato Lula do Partido dos Trabalhadores – PT. Interessante é o fato da social democracia brasileira permitir esse tipo de coabitação partidária em suas listas eleitorais para continuar possuindo o Estado de São Paulo.

grande periferia. Ora, se São Paulo tem 6,5 milhões de automóveis circulando diariamente, por um sistema de rodízio, o município tem mais de 11 milhões de cidadãos, enquanto a cidade grande tem quase 20 milhões de habitantes que precisam movimentar-se<sup>155</sup> entre suas periferias.

Assim, não somente os usuários do serviço público de transportes da 2ª ou 3ª maior cidade do mundo, com quase 21 milhões de paulistanos, continuarão pagando R\$2,30 a passagem de ônibus; mas, as empresas dessas linhas experimentais de ônibus irão receber quantias importantes pelos espíritos consumidores emprestados para esses novos serviços prestados; e, a própria prefeitura de São Paulo irá ganhar milhões com este novo uso das almas e das consciências de seus mais reles “vagabundos” e usuários-contribuintes. Além disso, todo o usuário, considerado ex-consumidor de transportes públicos e, agora, futuro consumidor de propaganda empresarial, irá começar a pagar pelo direito de ter seu espírito alienado, sua alma manipulada e sua consciência desestabilizada e desestruturada pelas próprias empresas, onde a grande maioria dos trabalhadores já está sendo superexplorada.

Na Europa, no início dos anos 70, em 1971, se não me falha a memória<sup>156</sup>, aconteceu um debate televisivo entre Foucault (contra-filósofo oficial e esperado herdeiro de Sartre) e Noam Chomsky (lingüista do Massachusetts Institute of Technology - MIT, especialista em gramática generativa e transformacional). Nessa guerra das idéias, Chomsky, falando inglês, ficou alucinado e extremamente desconfortável frente ao alto nível do discurso terrorista, antes da letra, usado por Foucault, expressando-se em francês.

No entanto, Foucault estava somente tentando, a marteladas, desvendar para Chomsky, novo herói da luta democrática contra a guerra do Viêt-Nam, frente ao público de universitários holandeses e às câmeras de televisão, o alto grau de consciência e de conhecimento de toda a nova civilização por vir: um povo que estava nascendo ao ser sacrificado no altar de uma guerra que já não era nem tão mais fria assim. Foucault estava, simplesmente, questionando Chomsky sobre a realidade e a concretude do projeto civilizacional ocidental à moda intelectual capitalista e consumista norte-americanas.

---

<sup>155</sup> A proposta de um bilhete único de transporte, por uma prefeita do PT, Marta Suplicy, também é reveladora. Pois, o bilhete único é válido somente durante 2h. O que permite, de fato, atravessar a cidade. Mas, não, aproveitar-se da cidade nem vagabundear nem se perder na cidade. Assim, o direito de ir e vir é mantido e aplicado na essência de sua letra. Mas, e cadê o direito ao desfrutar da cidade e o direito ao encontro e à convivência com nossos concidadãos?

<sup>156</sup> Esse debate pode ser visualizado pela internet, no “You Tube”, basta digitar “Debate” + “Foucault” + “Chomsky”. Debate este que aconteceu na Escola Superior de Tecnologia de Eindhoven (Países Baixos da Holanda) em novembro de 1971.

Enquanto Chomsky estava defendendo uma longínqua civilização do arroz, no continente asiático<sup>157</sup>; Foucault estava questionando a própria responsabilidade do intelectual sobre uma civilização do milho que estava sendo derrotada em seu próprio território. Pois é, como ressalva Sartre, o indígena não é sempre quem se pensa que é mesmo.

Foucault até advertiu Chomsky que, segundo Mao Tse Tung, não existe natureza humana porque o que há é uma natureza humana “burguesa” – que se aproveita de todo o sistema de educação, de policiamento ou de todo o sistema de saúde mental - e uma natureza humana “proletariana”<sup>158</sup> – que se deve de desvendar e de criticar todos os sistemas que a aprisionam. Pois, ao fugir da nova discussão filosófica levantada pelo intelectual “engajado”, o lingüista somente se retirou para essas margens movediças de uma história da civilização vista como sistema fechado porque positivo: a tal de natureza humana usada no anarco-sindicalismo. Ora, é, justamente, enquanto sistema aberto e mesmo negativo, enquanto tudo possível, que a história contemporânea – ao estar sempre sendo refeita - autoriza, então, o “novo homem novo”<sup>159</sup> a compenetrar-se de corpo fechado mas de espírito aberto e, sobretudo, de alma armada pela natureza de seu próprio espaço geográfico.

Assim, eis que, de novo, a liberdade tem a possibilidade de igualar-se com a fraternidade. Pois, segundo Sartre, mesmo sendo um humanismo, o existencialismo não defende o homem como sujeito acabado nem perfeito, tal qual o faz a doutrina positivista, que glorifica o homem no altar da humanidade para melhor o sacrificar no altar dos povos. Mas, sim, como objeto inacabado e imperfeito, a ser sempre refeito, porque todo trabalho coletivo da comunidade humana está sempre para ser feito e refeito. Pois, para Marx, “não é a consciência do homem que determina seu ser [social], mas seu ser [sócio-espacial] que determina a consciência [do homem por vir]”.

---

<sup>157</sup> O que Chomsky continuará fazendo mais tarde ao defender Timor Leste contra a Austrália, o Afeganistão contra os EUA ou mesmo o Iraque.

<sup>158</sup> “Em vez de pensar na luta social em termos de justiça, é preciso pensar na justiça em termos de luta social. O proletariado não luta contra a classe dirigente por considerar que essa guerra é justa. O proletariado luta contra a classe dirigente porque, pela primeira vez na história, quer tomar o poder. E porque quer derrubar o poder da classe dirigente, considera que essa guerra é justa”. Transcrição das palavras de Michel Foucault, In “Chomsky X Foucault: a justiça e o poder”, novembro de 1971, E.S.T. de Eindhoven, Box de “*América Rebelde, Uma entrevista exclusiva com Noam Chomsky*”, “As manipulações da mídia e a fabricação do consentimento, o isolamento político do governo norte-americano, o totalitarismo e a essência da democracia: estes e outros temas sob a ótica de um dos mais importantes intelectuais de nossa época”, por Daniel Mermet, In “Le Monde Diplomatique Brasil”, “Um novo olhar sobre o Mundo, um novo olhar sobre o Brasil”, Ano 1, Nº 1, Agosto 2007, p 4-6.

<sup>159</sup> Conceito emprestado ao professor Dany-Robert (DUFOR, 2004), diretor de programa no Collège international de philosophie, Paris.

## Conclusão

### - Produção de Normas<sup>160</sup> -

*Existir é mudar,*

**Milton Santos.**

Em épocas em que há até peças de teatro sobre o homem provisório... Pois, nos palcos e nos cenários artificiais até nos contam que se tudo é provisório, o homem também o é... Como, então, interpretar e tentar desvendar esse conceito do homem pobre e lento que está em cada um de nós e que não é descartável? A melhor via parece-nos ser a diferença entre como se vive (a vida como ela é) e como se sonha ou se pensa que se vive...

Edgard Morin, em seu questionamento sobre o processo civilizacional, nos interroga em “La Méthode”: “Qui es-tu? Comment vis-tu?”<sup>161</sup> Pois, nós todos, cada um de nós, ao descobrir quem é, também começa a descobrir como vive. Pois, se somos o que comemos, também somos o que vivemos. A própria vida é alimento.

Há gente, considerada de direita, que pensa e vive que nem gente de esquerda. Há pessoas, consideradas de esquerda, que pensam e vivem que nem indivíduos de direita. Depende do período histórico. Depende do lugar a partir de onde se luta. Depende da passagem, realizada ou não, do homem fetichizado ao ser coletivo.

Para Sartre, o homem nunca deveria ser considerado como objeto. No entanto, dependendo do uso, ele já o é. Há até tráfico de órgãos. Para não falar dos tratamentos de choque que não são revelados pelo exame de corpo de delito. E aí, o que fazer agora? Depende do grau ameaçador de uma obra teórica frente à civilização do medo que implantaram para nos coagir a não mais tentarmos estabelecer relações sociais. Pois, o capitalismo vive da solidão física e do isolamento mental. Quanto mais nos isolarmos do outro e mais o capitalismo produz compartimentos e nos vende os próprios objetos inanimados e inumanos em que fomos tornados por nós mesmos a seu serviço. Daí as terroristas ideologias do medo do outro e do consumo ou do uso do outro.

Para Deleuze, o “sujeito” é um conceito claramente supérfluo. Pois, somente quem está fora da humanidade precisa falar do tal do sujeito de que todos falam sem jamais ousar

---

<sup>160</sup> Grande parte das reflexões dessa conclusão tem como origem os Seminários de Pesquisa realizados pela professora Maria Adélia Aparecida de Souza e seus alunos de Pós-graduação, em Campinas, durante os meses de maio e junho de 2007.

<sup>161</sup> “O Método”: “Quem es tu? Como vives tu?”.

lê-lo ou citá-lo. O humanismo, em si, já inclui o sujeito. Por isso, o existencialismo, para si, já é um humanismo. Há sempre sujeitos históricos que nunca são aqueles que se encontram citados nem nomeados nos livros da história oficial. Em nossa memória há milhões de seres humanos anônimos. Que, no entanto, fizeram a antiguidade e estão criando sua própria modernidade contemporânea.

Parece-nos, sem dúvida alguma, que o pensador do mundo, Milton Santos, aparece mais do que via uma genealogia do saber – como já proposta pela professora Ana Clara Torres Ribeiro, na Universidade de Campinas – Unicamp; em paralelo com uma arqueologia dos paradigmas do poder – tal como pesquisada pela professora Maria Adélia Aparecida de Souza, na USP. Pois, o professor Milton trabalha e pesquisa uma epistemologia da existência através de uma geografia da totalidade das existências e de seus afazeres. Um fazer inter, multi, pluri, transdisciplinar... Um fazer-se política, fazer-se cultura, fazer-se sociedade e fazer-se uma outra economia espacial na totalidade do espaço geográfico praticado. Aqui, todo o fazer é uso.

O professor também parece oferecer-nos sobre uma bandeja uma nova leitura dos caminhos usados pelos discursos. Os discursos considerados sociais das empresas e os discursos políticos populares (e não populistas). E, como apreendemos com Foucault, todo o discurso transporta em si os seus respectivos saberes e poderes. Acrescentamos que todo o discurso porta em si seus respectivos afazeres: políticos, culturais, sociais e econômicos em seus territórios usados. Aqui, toda a instância social é uso.

Neste nosso mundo novo, não se trata mais de alcançar todo o saber nem de tomar todos os poderes. Melhor, trata-se do saber-fazer e do poder-fazer nosso próprio futuro.

“Essa estrutura vertical e hierárquica é propícia não somente aos regimes políticos ditatoriais, mas também a concepções de esquerda marcadas pelo vanguardismo pedagógico, isto é, pela idéia de que o partido e seus intelectuais têm como tarefa trazer a “consciência correta” às massas alienadas”. (CHAUI, 2006: 50)

Não concordamos com a professora Marilena. Primeiro, as elites, se considerarmos horizontalidades e não mais verticalidades, é que parecem estar completamente desalienadas<sup>162</sup> de suas sociedades e fora do mundo. Um só exemplo, 3 franceses, fundadores de uma ONG que trabalhava com meninos de rua foram assassinados no Rio de

---

<sup>162</sup> Neste ponto de vista, estar alienado ao seu grupo ou ser alienado à sua sociedade, não nos parece ser um comportamento social negativo, mas, sim, positivo. Pois, alienação e desalienação caminham juntas. Aliás, alienação e desalienação coexistem e co-habitam no mesmo lugar. Assim, também coexistem e co-habitam os desejos de exploração e de desexploração, ou seja, existe o desejo da liberdade de escolher por quem, por que e para quê ser explorado ou não.

Janeiro. A notícia foi capa de jornal no Brasil e na França pela suposta violência social que revelava. O tal de “elemento” era um ex-menino de rua protegido da ONG que se tornou educador social mas houvera desviado R\$80.000. Façamos as contas, juntos, R\$80.000 em dez anos, faz R\$8.000 por ano, ou seja, R\$666 por mês, ou seja, em média, R\$22, 11US\$ por dia. Estritamente o necessário para alimentar-se e pagar passagens de ônibus numa capital como o Rio. Ora, os 3 franceses que demitiram o ex-menino de rua tornado ex-educador social e futuro presidiário foram esfaqueados num condomínio fechado, de altíssimo padrão, na orla da praia de Copacabana, num apartamento de R\$8.000.000 (oito milhões de reais). Ou seja, se o “ladrão” foi demitido porque desviou oitenta mil reais da Ong; os “onguistas” foram assassinados porque desviaram oito milhões de reais em cima das costas dos meninos de rua que deveriam ter sido “supostamente” beneficiados pela totalidade desse dinheiro. E não pelas migalhas devidas pelo compromisso ou responsabilidade social de uma empresa, inclusive, humanitária ou uma organização não governamental usada para fins próprios e particulares e não mais para fins não lucrativos e sócio-espaciais<sup>163</sup>.

É tão simples assim? É. Em tempos de servidão esclarecida, a justiça social, e não a violência social, é tão simples assim. Nesse exemplo não há dúvida alguma sobre onde estão e onde encontrar estas tais de “massas alienadas”, de hoje. Certamente, elas não estão somente na favela, mas, sim, nos grandes condomínios residenciais de alto padrão,

---

163 “(...) “O dinamismo do mundo vivo” depende de um processo que vai, incessantemente, da sociedade ao espaço e vice-versa. Mas, o encasulamento nas idéias de Heidegger acarreta uma concepção individualista e idealista, cujo resultado mais claro é o de substituir a práxis coletiva por uma práxis individual, suprimindo, assim, a possibilidade de captar o movimento da sociedade e do espaço como dois dados contraditórios e, ao mesmo tempo, complementares. Aquilo que se chama a prática individual não pode ser confundido com a prática coletiva, ou melhor, com a prática social. O que se chama de prática individual são os comportamentos dos indivíduos na vida corrente, conjunto de atitudes e de gestos com os quais cada homem se insere na vida de sua própria coletividade como produto e como cidadão. Desse tipo de prática, diz-se freqüentemente que ela comporta uma parcela importante de escolha pessoal, de indeterminação e do que se chama sorte. A prática social é, na verdade, coisa diferente. Ela é um resultado direto das necessidades sociais, num lugar dado e num momento dado e, dessa maneira, ela se impõe a todos os que participam da coletividade, seja, qual for sua categoria, nos mencionados lugar e momento: por isso, ela é exterior aos indivíduos e se sobrepõe a todos e a cada qual como necessária, isto é, como uma necessidade. É à prática social que se deve reservar a fórmula simplificada de *prática* ou *práxis*. Sem isto, tornar-se-ia impossível apreender e materializar o próprio objeto da atividade do conhecimento. Se levamos em conta as práxis individuais ou, melhor dito, as correspondentes a cada indivíduo, encontraríamos uma multiplicidade de objetos de referência. Desse modo, a realidade, o objeto real, pareceria pulverizado, dividido em tantos objetos particulares quantas são as pessoas a quem sua realidade concerne. Em outras palavras, o objeto em si perderia sua realidade e, então, nenhum conhecimento dele como o que ele é, seria possível. O que, na verdade, ocorre é que a prática, a *práxis*, é, antes do mais, uma realidade estrutural, estruturada e estruturante ao mesmo tempo; assim ela depende estreitamente da totalidade social e não o contrário. Os comportamentos dos indivíduos, isto é, as práxis individuais, são subordinados, estruturados pela práxis social. A liberdade que é freqüentemente reconhecida aos agentes não é outra coisa senão sua participação nas práxis coletivas, por intermédio de uma escolha limitada de opções já incluídas na própria estrutura”. (SANTOS, 1982 apud 2005).

inclusive ecológico, mas não mais sociais porque auto-exilados de seu próprio povo e auto-alienados de sua própria sociedade. Como explicar, fora desse mundo, que já está sendo completamente virado de ponta-a-cabeça, que um avião das Forças Aéreas Brasileiras – FAB – carregado de cocaína caia na selva amazônica nas vésperas da reeleição presidencial de Fernando Henrique Cardoso. Soubemos porque caiu. Quantos mais não caíram e continuam, expressamente, a serviço dos crimes abafados dos colarinhos brancos dos homens vestidos de preto? O pior, nesse mundo onde se privilegia a comunicação paradoxal é que quem realiza a justiça social acaba sempre sendo privado de seu direito de ir e vir e acaba, então, pagando o custo humano, histórico e social dos crimes cometidos pela sobre-violência social dos ditos “poderosos”. Pois, são usados e abusados pelos considerados “senhores” do poder.

Segundo, mesmo se há uma banalização do processo de conhecimento, tais as águas profundas do aquíífero guarani, ela está sendo desviada. Pois, o planeta não é ser. O ser é a sociedade em interação com ela mesma através de seu próprio espaço geográfico. Aqui, a geografia nova, e não a new geography, deve ser considerada como possibilidade de diálogo e de conhecimento. Conhecimento outro porque de uso urgente e necessário.

Desse ponto de vista ainda há uma fragilidade de nosso grupo enquanto processo político porque sabemos que seremos muito criticados ao trabalhar o método geográfico. Pois, o território usado tem a coragem de não discutir com governos, nem escolas de governos, mas, sim, diretamente, com estados, com o Brasil e com o Mundo, de hoje. O território é que explica as solidariedades locais, regionais, internacionais e transnacionais.

Nesse novo processo de conhecimento, eminentemente político, nós sabemos que cada um de nós, ao divulgar seus trabalhos, vai ter que assumir suas próprias responsabilidades. Mas, a novidade nova deste período popular da história é que para manter “notre esprit de corps”<sup>164</sup> não precisamos mais estar juntos. Podemos estar aqui, ali, lá e acolá. Onde for preciso e necessário. Até onde a liberdade quiser nos levar. Pois, nossas reflexões sócio-espaciais também são conexões geográficas.

Nossa extrema provocação científica vem do fato de que nos usamos nós mesmos como base de referência para discutirmos o território nacional versus o território internacional e provocar discussões sobre o projeto nacional brasileiro que já está, sim, em construção fora do considerado circuito superior da economia espacial<sup>165</sup>.

---

<sup>164</sup> “Nosso espírito de corpo”.

<sup>165</sup> “A formação social nacional funciona, pois, como uma mediação entre o Mundo e a Região, o Lugar. Ela é, também, mediadora, entre o Mundo e o Território” (...) “E ainda que não se formulem outras normas

Em 2008, a constituição brasileira, carta magna da república federativa do Brasil estará fazendo 20 anos. É uma constituição paradoxal. Pois, há deputados constitucionalistas que não aprovaram nem o 1º parágrafo do preâmbulo nacional que trata da dignidade humana a que todos têm, efetivamente, direito de usar para fazer valer o que de direito.

Se nós nos autorizamos a falar do futuro como âncora do presente é porque o método surge da história estando se desenrolando sob nossos olhos ao surgir no presente. A psicofera usada pelo pensamento único criou metáforas para representar um mundo que não é o mundo onde desejamos que vivam nossos filhos nem nossos netos porque não é o nosso mundo. Aliás, nesta virada das ciências humanas, sabendo muito bem que nossa própria solidariedade orgânica está sendo usada e abusada: “São pobres, eles se viram”.

Enquanto cientistas políticos, nós tentamos não usar metáforas. Pois, nossa grande batalha está sendo travada para desvendá-las. A metáfora não é uma categoria de análise do mundo. Visto que o capitalismo é, efetivamente, excludente. Ele somente se reproduz através do valor dado à escassez. Por isso, o capitalismo é insustentável. Daí a nossa vontade de trazer para a ciência política não somente a lógica do capital, já bastante pesquisada e estudada por todas as esquerdas, mas, sobretudo, a lógica de um capital em via de socialização. Pois, o que está em jogo é a vida de milhões de pessoas que não conseguem mais entender o valor de seu próprio mundo. Que não entendem e não sabem mais porque suas vidas estão sendo sacrificadas. Mas, uma coisa é certa, os pobres cidadãos sabem, vêm e entendem que os ricos capitalistas não são felizes. Em recente pesquisa, quase 2/3 dos empresários brasileiros até responderam que são, de fato, infelizes. Pois é. Então, o capitalismo existe para quê? Para enriquecer meia dúzia de empresas e deixar 6 bilhões de seres humanos sem sentido de sua luta, não mais pela sobrevivência, mas de sua luta pela vida. E, sobretudo, sem nenhum sentido histórico para a miséria e a pobreza (material e espiritual) sofridas não só em suas vidas, mas, também, projetadas para as vidas de seus filhos e netos?

Toda ética pode ser entendida sobre dois prismas: uma construção histórica e um atributo existencial. Pois, como já se referia Sartre, é a partir das relações interpessoais e intersubjetivas (porque sócio-espaciais) estabelecidas entre um sujeito histórico com um grupo cultural que existe a possibilidade de se construir a experiência de uma ética tornada

---

escritas ou consuetudinárias de seu uso, o território nacional, ou local, é, em si mesmo, uma norma, função de sua estrutura e de seu funcionamento” (...) “No caso do Mundo, a forma é sobretudo norma, no caso do Lugar a norma é sobretudo forma” (SANTOS, 1996 apud 2003: 336-337-338).

coletiva porque socializada. Ora, a ética somente caminha com a moral e com a liberdade quando tem a possibilidade de igualar-se, num sistema de valores reaberto, a partir da fraternidade.

Ao contrário da moral cristã que virou A norma para a civilização ocidental cristã, a ética não caminha a partir da necessidade. Pois, tentar desvendar o mundo já é uma atitude revolucionária em si e uma atividade revolucionária para si. O espaço possui sujeito histórico, inclusive coletivo, com suas relações intersociais e interculturais, outras, porque territoriais e espaciologizadas. Onde existe sempre a possibilidade de escolher por quem, como, porque e para que ser usado.

O objeto de estudo da geografia é uma totalidade em movimento. Por isso, a ética é a solidariedade quotidiana. Não é a ética católica nem a ética protestante. Pois, é a moral do trabalho coletivo que dignifica o mundo. Mas, trabalhar para quem? Daí nossa preocupação com todas as dimensões do quotidiano. No nosso dia-a-dia vivido através da explicitação do coletivo.

Se a ideologia do medo está substituindo a ideologia do consumo é porque nos devemos de trazer para o mundo o que é o tempo histórico. Por isso, nosso método é, sim, disciplinar. O nosso objeto de disciplina é o espaço geográfico, ou espaço banal de tudo e de todos, ou ainda, território usado porque indissociável entre um sistema de objetos e um sistema de ações. Que também é o lugar do acontecer solidário: “Ainda que não seja filósofo, sou geógrafo, parto da idéia de que a Geografia é uma filosofia das técnicas, considerando a técnica como a possibilidade de realização da História, de mudança da História, de visibilidade dessas rupturas”. (SANTOS, 1989).

Aqui, nossa meta-disciplina ou trans-disciplina é o mundo novo desvendado através de nossa própria concepção de mundo. A nossa estrutura mental<sup>166</sup>, quando não manipulada nem alienada, porque auto-trabalhada e auto-avaliada, é o próprio método com categorias, conceitos e problemas a serem levantados e não abafados. Pois, o próprio substantivo é dado pela epistemologia e pela metodologia. Por isso, reivindicamos o direito de fazer pesquisas para os pobres e seus usos, e não somente, pesquisar para as empresas e seus lucros. Queremos uma mais-valia re-socializada e não mais fragmentada.

---

<sup>166</sup> Pois, normas e valores são parte da “infra-estrutura” social. A riqueza de um país não depende somente de seus recursos ditos “naturais”. Por isso não há como bombardear infra-estruturas sócio-espaciais. Quando essa tentativa acontece, é que homens, mulheres, crianças e idosos estão sendo massacrados. Todo massacre ou genocídio dos povos revela, assim, uma tentativa de destruição dos alicerces interacionais entre sociedade e espaço. Como no caso do massacre de jovens mexicanos, poucos dias antes dos Jogos Olímpicos de México, em 1968, na Praça das Três-Culturas. Ou ainda, como fala o professor Milton, depende da dialética que existe entre sociedade e espaço.

Se a pesquisa brasileira não nasceu das ciências humanas mas das ciências ditas exatas, hoje, em pleno período popular da história, reivindicamos o direito de ter o sentimento do mundo e o direito de buscar uma organização das idéias que não seja nem preestabelecida nem pré-formatada pelos usos e as “necessidades” das empresas. Pois, se apreendemos a criticar é porque nos devemos de construir o novo. Senão, não há mais condições para o espírito humano, inclusive para o espírito dialético, de fundamentar nem a crítica nem o novo.

A geografia é prima-irmã da política porque é a teoria da espaciologia e não a prática dos espacialistas que nos dá essa compreensão deste mundo novo.

A Vida como Norma é um Sistema de Valores numa Indissociabilidade entre Sistema de Ações e Sistema de Objetos. Pois: “L’éducation a beau être, de droit, l’instrument grâce auquel tout individu, dans une société comme la nôtre, peut avoir accès à n’importe quel type de discours, on sait bien qu’elle suit dans sa distribution, dans ce qu’elle permet et dans ce qu’elle empêche, les lignes qui sont marquées par les distances, les oppositions et les luttes sociales. Tout système d’éducation est une manière politique de maintenir ou de modifier l’appropriation des discours, avec les savoirs et les pouvoirs qu’ils emportent avec eux<sup>167</sup>”. (FOUCAULT, 1971: 45, 46)

Esse Mundo Novo como “Sala de Aula”<sup>168</sup> também é um Sistema de Objetos, inclusive trans-humanos, onde Ações e Valores interagem umas com os outros através da natureza do espaço, para ser infinitamente projetado porque teorizável, empiricizável e praticável.

Assim, como num jogo sem fim de bonecas russas, todo sistema de ações determina, do ponto de vista do saber fazer, um sistema de reações; todo sistema de objetos determina, do ponto de vista da humanidade e não mais do planeta terra, um sistema intersubjetivo porque interacional e intersocial; todo sistema de valores determina, do ponto de vista do poder fazer, um sistema de trans-valorização cultural.

Assim, a “consciência correta” não pode nunca ser trazida nem por um partido, nem por uma escola, nem por seus supostos intelectuais, inclusive orgânicos, como nos relembra sem cessar Bourdieu: enquanto “teóricos da interioridade e da exterioridade”, do

---

<sup>167</sup> “A educação é, de direito, o instrumento pelo qual todo o indivíduo, numa sociedade como a nossa, pode ter acesso a todo o tipo de discurso, mas bem sabemos que ela segue na sua distribuição, no que autoriza e no que impede, as linhas que são marcadas pelas distâncias, oposições e lutas sociais. Todo o sistema de educação é uma forma política de manter ou modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que trazem em si”. (FOUCAULT, 1970).

<sup>168</sup> Cf. FOUCAULT (3) pensa a educação, O diagnóstico do presente, In Revista Educação, Especial: Biblioteca do Professor, Editora Segmento, São Paulo, (SP).

Partido, Sindicato ou Movimento. A “consciência correta” não pode ser tarefa, nem dever, nem trabalho. Pois, a consciência em si não é instrumentalizável nem pela ciência, nem pela informação, nem pela comunicação. A consciência não se diz nem se expressa para si. A consciência não é nem saber nem poder. Ela se faz real ou ela não se faz realidade. A “consciência real” é ou não é<sup>169</sup>. Ponto final. Eis o período técnico, científico, informacional e comunicacional do meio demográfico ou popular da história.

Daí usarmos a concepção orteguiana do mundo<sup>170</sup>. Pois, para José Ortega Y Gasset, o mundo é a concepção humana da vida como conjunto de possibilidades dinâmicas. A história é um processo sofrido porque vivido e usado no presente. Ora, quem usa também é usado. O espaço geográfico é uma série de estruturas, formas, funções e processos, simultâneos, realizados com suas penas e suas alegrias porque sempre em busca da felicidade humana, sempre por vir. Esse atributo da felicidade não pertence ao planeta. Somente o ser humano está sempre, incessantemente, em busca de sua própria felicidade, que passa também pela felicidade do outro. Através dos usos e costumes sócio-espaciais, ou seja, através da ética de cada época, através dos novos fundamentos e dos novos legisladores da ética nova porque nascida de todo o novo período histórico.

Daí também usarmos a concepção de Glauber Rocha, ao ilustrar e ao fechar sobre o tema “transe<sup>171</sup>”, ou seja, segundo suas próprias palavras: “a instabilidade das consciências”. Pois: “Convulsão, choque de partidos, de tendências políticas, de interesses econômicos, violentas disputas pelo poder é o que ocorre em Eldorado, país ou ilha tropical. Situei o filme [Terra em transe] aí porque me interessava o problema geral do transe latino-americano e não somente do brasileiro<sup>172</sup>”.

Nesse contexto, é a diferença que existe entre o Uso Agrícola do Território, tal qual praticado pelas empresas, não só do agronegócio nem do agro-bio-diesel, mas, inclusive humanitárias e espirituais das igrejas; e o Uso Agrícola do Território, tal qual já praticado pelas sociedades e pelos povos, inclusive ainda por vir, que determina o Território Usado, em seu espaço banal porque tornado espaço geográfico, não mais somente dividido, mas em via de ser multiplicado.

---

<sup>169</sup> Para Rosa Luxemburgo, não há separação entre ser social e consciência.

<sup>170</sup> “El mundo soy yo, mi vida e mi circunstancias”.

<sup>171</sup> A partir desse ponto de vista, as pinturas rupestres não são a representação da vida quotidiana, mas dos transe, reais e artificiais, do que o homem das cavernas tinha como imagem interior. Do que o homem já era naquela época pré-histórica.

<sup>172</sup> Dafne Melo, “Terra em transe, um filme de Glauber Rocha, 40 anos”, *Jornal Brasil de Fato*, Uma visão popular do Brasil e do mundo, São Paulo, de 17 a 23 de maio de 2007, Ano 5, N° 220, Cultura, p. 12.

O Espaço Banal é o espaço de tudo e de todos. O Lugar como resistência e o lugar, não-virtual<sup>173</sup>, porque considerado, como acontecer solidário, existe porque o lugar do discurso é que determina saberes, poderes e fazeres, tornados novos somente graças aos seus novos territórios usados e praticados. Ou seja, pelos novos usos territoriais.

Daí a eterna revanche do território e o eterno retorno da dialética da dialética da vida nesta: “temporalização, digamos assim, prática, como Althusser havia sugerido, [que] aparece nos contextos, que é o que a nós geógrafos interessa estudar, os contextos, a sucessão de contextos, onde o tempo, à imagem de Einstein, se confunde com o espaço, é espaço. O espaço é tempo, coisa que somente é possível através desse trabalho de empiria<sup>174</sup> que nos é admissível, concebendo a técnica como tempo, incluindo entre as técnicas, não apenas as técnicas da vida material, mas as técnicas da vida social, que vão nos permitir a interpretação de contextos sucessivos<sup>175</sup>. De tal maneira que o espaço

---

<sup>173</sup> Hoje, na internet, existe a possibilidade de ter uma Segunda Vida (Second Life), inclusive com marido, mulher, amante, mãe do filho de, mãe da filha de, plantinha para regar, pet para cuidar, neném para amamentar ou trocar de fraldinha... Nessa Segunda Vida, que afinal de contas, tenta remediar o tédio das pessoas entediadas desta Primeira Vida, você tem que comprar absolutamente tudo: automóvel, apartamento, moveis, alimentação... Tem até conta de água e luz. Até já tem agência de viagem virtual e especulação imobiliária. Alguns países já abriram consulados e embaixadas virtuais. Alguns bancos e empresas, que não são nada virtuais, já estão até criando uma moeda interna, tipo as famosas conchinhas do mar usadas pelo Club Méditerranée, com direito a investimentos numa bolsa de ações virtual. Ou seja, é uma reprodução absoluta, sem os efeitos considerados perversos, do sistema e de seu modo capitalista de vida. Porém, já está começando a haver desigualdades sociais. Só que, nesse caso, não existem rugosidades sociais arcaicas, tipo: mendicância, roubo, assalto, seqüestro, furto, etc. Quer dizer que, em hipótese alguma, existe a possibilidade de solidariedades sócio-espaciais orgânicas (e não só organizacionais) com o espaço contíguo. Pois, não há vizinhança alguma tomada em consideração. Não existem horizontalidades (com forças centrífugas e centrípetas) nesta perfeita bolha virtual da fantasia esquizofrênica. O mundo virtual é, sim, um mundo onde reina a ausência do cotidiano compartilhado e dividido com o outro; no dia-a-dia da co-presença de uma geografia ou epistemologia da co-existência. Por isso, a presença do professor em sala de aula é insubstituível. Pois, mesmo se o professor não é mais o único transmissor da informação (ou contra-informação) e conhecimento (ou desconhecimento). Ele é o único canal de comunicação que nos liga, desliga, religa, interliga e contra-liga, simultaneamente, com o ser social do mundo dos homens (pobres e lentos) que existem e vivem no chão usado pela sua nova terra; e com o outro mundo, artificialmente construído e fabricado, a partir da sobre-existência, do sobre-trabalho e da sobrevida do uso do céu do velho planeta terra visto como cifrão.

<sup>174</sup> Um exemplo da empiria coletiva europeia foi quando a Albânia abriu suas fronteiras e que descobrimos seus milhares de órfãos autistas. Como foi possível a todas essas crianças envelhecerem sem se desenvolverem psicologicamente, isto é, socialmente? Na Europa Ocidental, lembro-me que não se falava noutra coisa. As funcionárias do Estado, sem nenhuma formação nem treinamento, alimentaram as crianças diretamente nos berços sem contato físico, sem palavra, nem olhar. Resultado, havia crianças de 9 anos que não sabiam andar, falar, fixar um olhar. Sendo unicamente consideradas como materialidade física e corporal, sem nenhum contato afetivo nem emotivo com adultos, o subsistema socialista produziu corpos sem almas... Se o século XX é o século trágico da história, por outro lado, a humanidade precisa aprender muito com toda esta sucessão de desgraças. Pois, a 1ª ferramenta humana é a linguagem. O pior é que hoje, no Brasil, ainda haja médicos pediatras que falam para as mães que voltam para casa com os recém nascidos que ganharam em hospitais públicos, inclusive universitários, que: “o nenê é surdo e cego” e somente deve ser alimentado por leite materno. Para Hannah Arendt, a 1ª ferramenta humana é o pensamento. Ora, linguagem e pensamento caminham juntos que nem os dois lados de uma mesma folha de papel. Se a linguagem é a forma; o pensamento é o conteúdo. E vice-versa, quando possível, oportuno e necessário.

<sup>175</sup> Daí a necessidade da noção de alargamento dos contextos.

aparece como coordenador dessas diversas organizações do tempo, o que permite, por conseguinte, nesse espaço tão diverso, essas temporalidades que coabitam no mesmo momento histórico<sup>176</sup>. (SANTOS, 1989)

Assim, o Brasil apresenta-se, hoje, nas múltiplas possibilidades do espaço geográfico, - ofertadas pelo Meio técnico, científico, informacional e comunicacional ao estar simultaneamente usado pelo Período Popular da História -, como o novo ponto de encontro entre Oriente e Ocidente, Leste e Oeste, o Dia e a Noite. Nesse Mundo Novo que não está somente no Sul, mas que, no entanto, pode ser considerado como seu novo Norte luminoso. Isto é, o Brasil já está inserido na complexidade do centro desta nova Rosa dos Ventos revolucionários e contra-revolucionários.

Enquanto isso, daí que: “No âmbito internacional, a Geografia está hoje, novamente, marcada por uma oposição de tendências. De um lado, os que não desejam que a História se faça em favor dos povos dependentes e das classes oprimidas. Do outro, os que pugnam por uma nova ordem socialmente mais justa. Entre os primeiros, surgem novas formas de apresentação de velhas posições, tanto mais perigosas quanto mais bem revestidas, mas há, também, uma busca de parecer outra coisa, um mimetismo cuja identificação nem sempre é fácil. A reencadernação da Geografia Cultural, o neodarwinismo redivivo sob a capa de sociobiologia e um humanismo de fachada, onde se incluem postulações fenomenológicas “sui-generis”.” (SANTOS, 1982 apud 2005).

---

<sup>176</sup> Um exemplo de momento histórico com temporalidades contraditórias é o ano de 1989, ou o ano de todas as mudanças. No final de 1989, com a abertura do muro de Berlim, acontecem na Alemanha Oriental, na Tchecoslováquia, na Polônia, Hungria, Romênia, Albânia, Bulgária, toda uma série de acontecimentos que podem parecer, a 1ª vista, aprendizados de liberdade. Assim, as eleições brasileiras que levaram o Fernando Collor de Mello e não o Lula, à presidência, devem ser vistas como o resultado da influência do Mundo sobre o Lugar. Os brasileiros não votaram a favor do play-boy Collor, mas contra os resultados sociais e humanos catastróficos da experiência do socialismo dito real. Socialismo, ao qual se referia, então, o candidato Lula. Por outro lado, quais as ferramentas de leitura das interações do Mundo sobre o Lugar e do Lugar sobre o Mundo, em posse do Lula, do PT, da CUT, da CPT ou do MST? De outro ponto de vista, este novo aprendizado da liberdade ofertada ao mundo tornado neoliberal foi, muito rapidamente, substituído pelos eventos da ideologia do medo, a partir da 1ª guerra do Golfo, em 1990, organizada por Bush, pai; o fim da União Soviética, em 1991; e, sobretudo, a partir da guerra na ex-Iugoslávia (1991-1995). Sem esquecer que a juventude chinesa foi massacrada pela normalização imposta pelo partido comunista chinês na Praça Celestial, lugar de encontro simbólico de todos os ancestrais e modernos poderes chineses e centro nevrálgico da China popular, em junho de 1989. A partir deste ponto de vista, Antônio Delfim Netto, homem político brasileiro, ex-ministro dos militares, durante a ditadura; ex-inimigo do sindicalista Lula; e, hoje, conselheiro econômico do governo federal, sob a presidência de Luiz Inácio Lula da Silva; explicou, recentemente, em entrevista à revista *Dinheiro*, por que o presidente da República ainda tem força após tantos escândalos de corrupção. Para ele, entre as “vantagens insuperáveis” do presidente estão os fatos de “nunca ter feito universidade” e de “nunca ter sido comunista”.

**B – SEGUNDO MOMENTO****- VISÕES METODOLÓGICAS PRELIMINARES –**

*“O território tanto quanto o lugar são esquizofrênicos, porque de um lado acolhem os vetores da globalização, que neles se instalam para impor sua nova ordem, e, de outro lado, neles se produz uma contra-ordem, porque há uma produção acelerada de pobres, excluídos, marginalizados. Crescentemente reunidos em cidades cada vez mais numerosas e maiores, e experimentando a situação de vizinhança, essas pessoas não se subordinam de forma permanente à racionalidade hegemônica e, por isso, com frequência podem se entregar a manifestações que são a contraface do pragmatismo. Assim, junto à busca da sobrevivência, vemos produzir-se, na base da sociedade, um pragmatismo mesclado com a emoção, a partir dos lugares e das pessoas juntos. Esse é também, um modo de insurreição em relação à globalização, com a descoberta de que, a despeito de sermos o que somos, podemos também desejar outra coisa”.*

**Milton SANTOS, In “Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal”, 2000 Apud TOLEDO, 2005: 67.**

## Introdução

### - Da Consciência à Co-Existência -

“Ao situar a intenção da consciência no mundo, Sartre avalia que a clássica separação sujeito-objeto foi superada. Assim, não é o objeto que determina o sujeito, tampouco o sujeito que constrói o objeto. Não há mais a prevalência ou a anterioridade de um momento sobre o outro, ambos são dados ao mesmo tempo. Consciência e mundo são considerados como os pólos coetâneos de um mesmo e único fenômeno, a *existência* (...) “Basta que o *Moi*<sup>177</sup> seja contemporâneo do mundo”.” (SASS, 2007: 45).

Enquanto isso, “A consciência dá-se basicamente de duas formas: a primeira é *irrefletida*, típica da intenção de um objeto; a segunda é *reflexiva*, a tomada de consciência da intenção irrefletida. A primeira é intenção de um objeto, a segunda é a tomada de consciência dessa intenção originária”. (SASS<sup>178</sup>, 2007: 44)

No entanto, temos, hoje, com a plenitude do meio técnico, científico, informacional e comunicacional, que está totalmente em nossa plena posse, de irmos muito mais longe, por exemplo, do que Edmund Husserl, em seu próprio tempo científico. Pois, se a

---

<sup>177</sup> O *Moi* não é o *Eu*. *Eu* é *Je*. *Moi* é *Mim*. Daí o *Surmoi* ser o que se encontra estar *Sobre-Mim*. Tanto o *Moi*, quanto o *Mim* têm por origem a palavra hindu *Mi*. Isto é, Memória. Certamente, *Eu* não carrego toda a memória do mundo. Pois, esquecer também, mas não somente, é saudável para o sistema. Pelo menos, trata-se, aqui, de minha memória, da memória do meu lugar. Uma memória lugarificada e datada através de mim mesmo. Ou seja, corporificada, do latim *corpus*, *corporis*, *corpor*, *corporeus*. O corporativismo sendo a defesa dos interesses de um único corpo de profissão. A corporação sendo a associação dos membros de um corpo profissional [ou un corps de métier]. Porém, o *corpus* não é só matéria de carne e osso. Assim, todo o discurso também é *corpus*, ou seja, possível matéria a ser pensada, analisada, estudada, dita e contradita. Isto é, conscientizada porque incessantemente trabalhada e (re)trabalhada. Se formos mais longe, ainda, o *corpus* ao ser assimilado (*étayé* contra, em paralelo ou a favor) se torna não somente *estrutura* mas, também, *inconsciente*. Isto é, estrutura coletivamente estruturada, estruturante e estruturadora ao ser conscientemente ou (in)conscientemente (re-in)corporada, ou não. Ao descobrir esse fenômeno, os organismos internacionais decidiram, no mundo todo, abreviar os estudos gerais e torná-los profissionalizantes de curtíssima duração. Hoje, há até faculdades particulares que propõem cursos superiores, com apostilhas resumidas, de cinco por um ano: “Pague somente um mas leve cinco”. Sem nunca ler o original na sua íntegra ou no seu idioma de produção de origem. E, sobretudo, sem nunca contextualizar sua forma ou seu conteúdo com outros autores. E daí? Porque ganhar tempo em época de crescimento da esperança de vida e do desemprego crônico porque estrutural? Será para melhor matar o tempo? Ou pior, será para melhor matar o espaço? Pois, desde Einstein, teoricamente, tempo e espaço estão indissociavelmente interligados.

<sup>178</sup> In “*O eu é um outro, O ego como objeto psíquico transcendente*”, Revista Mente, Cérebro & Filosofia, Fundamentos para a compreensão contemporânea da psique, Duetto, São Paulo, N° 5, As bases do pensamento fenomenológico, P. 41- 47. Simeão Donizeti Sass é doutor em filosofia pela UNICAMP, pesquisador do CNPq, professor-adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade de Uberlândia e membro do Grupo de Trabalho “Filosofia Francesa Contemporânea”, da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (Anpof).

fenomenologia nasceu no início do século XX, hoje, estamos, no início do século XXI, nesta plena aceleração contemporânea de, absolutamente, todas as técnicas.

Assim, a consciência, em época de Globalização do Período Popular da História, dá-se por uma terceira via: a forma *ativa*, com tudo o que isso pode implicar ao ser, ao mesmo tempo, “*pró*”, “*retro*”, “*in*” e *reativa*. Pois, se há intenção do objeto, em que uns me tornaram; também há tomada de consciência do sujeito, em que outros me formaram. Se uns me marcaram para morrer; outros pagaram a aposta de minha vida. Afinal, “Je<sup>179</sup> suis le résultat, de ce que j’ai réussi à faire, de tout ce que les autres ont voulu faire de moi<sup>180</sup>”.

René Descartes, com seu *cogito*<sup>181</sup> *ergo sum*, já levantava essa suspeita. Ora, “si je pense, donc je suis<sup>182</sup>”, com Descartes, no século XVII. E, “si je est un autre<sup>183</sup>”, com Arthur Rimbaud, no século XIX. Quem será mesmo que ao estar pensando e ao estar

---

<sup>179</sup> “Segundo Jacques Derrida: “Ninguém nunca viu um “eu” andando por aí e, não obstante, sem que ninguém o tenha visto antes, o tempo todo há referências ao “eu” através das inúmeras formas de discurso”. Isso quer dizer, em outras palavras, que a repetição, a estrutura referencial do suplemento, nunca foi um momento segundo, mas, desde sempre, primeiro”. De Paulo César Duque-Estrada, professor do Departamento de Filosofia da PUC-Rio e diretor do Núcleo de Estudos em Ética e Desconstrução (NEED), In Revista Cult, Nº 117, Ano 10, p. 53-55.

<sup>180</sup> “Eu sou o resultado, do que consegui fazer, de tudo o que os outros quiseram fazer de mim”.

<sup>181</sup> Seguindo Foucault, o cogito é o marco zero pelo qual foi possível o progresso. “*Golpe de força*: com essa expressão, Foucault apresenta o gesto mais significativo da modernidade, com o qual se promoverá o silêncio da loucura. Trata-se da constituição do *Cogito*. Num caminho metódico de depuração em busca de verdades simples, por meio da dúvida hiperbólica, Descartes coloca lado a lado o sonho, o erro e a loucura. E numa reação contra as consequências desse golpe de força que dispensa as possibilidades constitutivas do sujeito humano” (...) “Todo o esforço de Descartes, ressalta Foucault, reside na blindagem do *Cogito* contra os perigos da loucura que tudo dissocia” (...) “No balanço que Foucault realiza, Descartes operacionalizou uma dissolução de uma unidade estabelecida pelo Renascimento, um convívio pacífico entre a razão e a desrazão. Não obstante oscilar entre o estado razoável e o estado insano, subjazia ali o sujeito” (...) “A miséria passa a ser vista como entrave ao progresso do Estado Moderno. Daí a providência de reunir os pobres num mesmo lugar. Aquele que se submeter a essa medida religiosa, jurídica e política será tomado como o bom pobre. Aquele que, contrariamente, tornar-se recalcitrante para com ela será considerado viciado. De todo modo, ambos recebem o emblema de culpados de sua condição, porque a miséria será tomada como vício espiritual, índice de falta de vontade e empenho para promover a qualidade da própria vida” (...) “Quer dizer, do parentesco espacial ao parentesco espiritual, passa-se agora à constituição do parentesco moral entre o louco e o pobre, este visto como culpado por sua própria condição” (...) Nas próprias palavras de Foucault: “Nasceu uma sensibilidade que traçou uma linha, determinou um limiar, e que procede uma escolha, a fim de banir. O espaço concreto da sociedade clássica revela uma região de neutralidade, uma página branca na qual a vida real da cidade se vê em suspenso: nela, a ordem não mais enfrenta livremente a desordem, a razão não mais tenta abrir por si só o seu caminho por entre tudo aquilo que pode evitá-la ou que tenta recusá-la. Ela impera em estado puro num triunfo que lhe é antecipadamente preparado sobre um destino desenfreado. Com isso a loucura é arrancada a essa liberdade imaginária que a fazia florescer ainda nos céus da Renascença” (...) “Não é aleatório que, nos estudos sucessivos feitos a partir da loucura, Foucault evidencie sua afiliação à genealogia de Nietzsche. Pode-se mesmo suspeitar que, para o francês, é o sujeito que é impensável sem a loucura. Ela o dota com uma “*vontade de potência*” que o retira da aridez mórbida instaurada pelos perigos da racionalidade”. De José Menezes, doutor em filosofia pela UNICAMP e Ph.D. em filosofia pela Pontifícia Universidade Lateranense, de Roma, é professor e pesquisador da UCSal e da Faculdade Ruy Barbosa, ambas na Bahia. In “*O sujeito da loucura, o louco e o pobre na sociedade moderna*”, Revista Mente, Cérebro & Filosofia, Nº 6, “Foucault-Deleuze, A dissolução do sujeito”, p. 28-35, Duetto Editorial, SP.

<sup>182</sup> “Se eu penso, então eu sou”.

<sup>183</sup> “Se eu é um outro”.

sendo, no mesmo lugar, mas em incontáveis momentos, então, já era; porque, agora, *hic et nunc*<sup>184</sup>, já está sendo, no mesmo momento, porém em inúmeros lugares, outro?

Se o espaço é uma acumulação de tempos; porque, então, ao invertermos o processo<sup>185</sup>, o tempo novo não seria, pois, uma combinação técnica e política de espaços e lugares? Com seus respectivos acontecimentos complementares, homólogos e solidários? Em suas solidariedades orgânicas, organizacionais e institucionais, constantemente feitas e refeitas? Porque, permanentemente, outras, visto que sempre inacabadas?

Aqui, para continuarmos o raciocínio desta autêntica revolução cognitiva, já idealizada por Albert Einstein, mas praticada, *in loco*, por Milton Santos, precisamos simultaneamente de Pierre Bourdieu e de Milton Santos. Um eminente sociólogo da sociologia, que estudou o tema da educação, e um evidente filósofo das técnicas, que praticou o *habitus* educacional, ambos filhos de Sartre, no século XX. Bourdieu, pelo seu *hybris*. Santos, pelo seu *espaço* enquanto superposição de tempos. O que nos possibilita apresentar-se, novamente, o “ser-em-situação” como território usado do “ser-no-mundo”; enquanto, ambos, estão co-presentes no espaço banal, esse espaço de tudo e de todos.

Sem esquecer que o espaço geográfico é esta indissociabilidade, regulada por normas, entre sistema de objetos e sistema de ações. Pois, deste ponto de vista, o lugar pode ser momento; o momento tem a possibilidade de ser lugar. Ou seja, devemos tomar em consideração o lugar *no* momento e o momento *do* lugar. Isto é, oferece-se a nós, a possibilidade de visualizarmos o lugar *no* momento *do seu* acontecer solidário.

Se “O instante de Bachelard se situa no ponto de união do lugar e do presente. *Hic et nunc* é a expressão de que se vale. O instante não é aqui e amanhã, não é lá e hoje; ele é aqui e agora. (...) E. C. Diano assevera que “não são *aqui* e o *agora* que localizam e temporalizam o evento, mas o evento que temporaliza o *nunc* e localiza o *hic*”. Ele insiste

---

<sup>184</sup> “Pensar o mundo objetivo é, portanto, negá-lo como subjetivo e anexá-lo à objetividade. Mas o mundo objetivo, por sua vez, não pode reivindicar a exclusividade, pois, no momento mesmo em que reduzo tudo a ele, eu me transformo numa pessoa que perde o prumo. E isto pode ser entendido em dois sentidos. Por um lado, fico sendo o sujeito que não tem objeto, mero centro de referência para todo o saber – o que equivale dizer que o princípio da imanência não pode ser deslocado. Por outro lado, quer dizer que o mundo objetivo se ordena no mundo do sujeito que sou. É a partir do meu corpo que se desenrola o espaço, como a partir do meu presente (é) que se desenrola o tempo. Sou eu o “*hic et nunc*” em que se apóia toda a realidade objetiva. E por mais despojada que ela seja, meu conhecimento fica sempre ligado a meu ponto de vista. Por mais que eu queira deixar de ser o centro, nunca posso colocar-me do ponto de vista de Sírius, que seria o único e o verdadeiro. (Karl Jaspers, visto como no livro de Michel Dufrenne e Paul Ricoeur, *Karl Jaspers et la Philosophie de l’Existence*. Paris, Editions du Seuil. Excerto de um trecho publicado na *Folha de São Paulo*, 16 de abril 1978).” (SANTOS, 1982, apud, 2005).

<sup>185</sup> “Uma Geografia em constante revisão de suas categorias analíticas (...) É necessário, pois, recuperar tais categorias analíticas e torná-las sistêmicas, se nosso intuito for o de operacionalizar a construção de um pensamento sobre o Território Brasileiro (...) Neste sentido, como temos que enfrentar a *transição*, nossos programas de pós-graduação devem ser de *transição*”. (SANTOS & BERNARDES, 1999)

em dizer que “não há evento senão no lugar preciso em que estou e no instante preciso em que o reconheço”. (SANTOS, 1996 apud 2003: 154) Pois bem, só que, agora, graças ao planeta como suporte técnico do meio técnico científico, informacional e comunicacional; e, aqui, graças às novas tecnologias que já estão em posse (ao estarem sendo tecnicamente e politicamente usadas) do Período Popular da História; em pleno contexto de aceleração contemporânea; todas as definições de uma possível localização existencial do evento de uma nova consciência devem ser reconsideradas.

O maior argumento é a própria existência de Osama Bin Laden. Um homem fetichizado, como diria Milton Santos, membro de uma organização mundial, Al Qaeda, também fetichizada. Ambos, perseguidos, faz anos, pela maior potência tecnológica do capitalismo sem conseguir nem visualizá-los, quanto mais localizá-los. No entanto, seus supostos “atentados terroristas” possuem sua marca, têm sua assinatura, e até estão comprovados pelas suas digitais. Quando não, diretamente, reivindicados, *on-line*, pela rede Al Jazeera de televisão. Porém, eles nunca se encontram onde deveriam. Como nunca devem estar onde teriam interesse em encontrar-se. É muito estranho. Pois, faz-nos voltar aos tempos pré-socráticos quando os filósofos se perguntavam qual seria o som da queda de uma árvore, no meio de uma floresta, se não houvesse ninguém por perto para ouvi-la cair?

Pois, do mesmo modo que a favela co-existe com a cidade; a cidade está co-presente dentro da favela. Assim, do mesmo modo que o método desvenda o lugar; o lugar, também, desvenda o método. Ambos, lugar e método, comunicam-se, ao estar sendo desvendados pelo próprio espaço geográfico, ao, ambos, tentar desvendá-lo.

Eis o que vamos tentar ilustrar, aqui, durante o próprio percurso do método.

“Em todo o caso, podemos ao menos esperar, da ciência social, que faça recuar a tentação da magia, essa *hybris* da ignorância ignorante de si mesma e que, caçada na relação com o mundo natural, sobrevive na relação com o mundo social”. (BOURDIEU, 1982: 35)

De forma cognitiva<sup>186</sup>, situar no tempo e no espaço é somente uma das múltiplas operações de representação mental; possíveis e realizáveis pelo ser humano. Tais como são as contradições e seus contrários, os aspectos e seus pontos de vista, enumerar e descrever,

---

<sup>186</sup> Para o professor Jacques Lévy, em sua conferência, “os obstáculos epistemológicos e os obstáculos teóricos têm como objetivo quebrar o pensamento, uns como condição dos outros” (...) “Por fortuna, poucas obras filosóficas, antes do Milton, falavam do espaço, Descartes, Kant, Newton, Leibniz. No século XX, Foucault, Deleuze, Guattari e Peter Sloterdijk, colocam o espaço no centro da existência. Mas o Milton coloca o espaço como dimensão, corte transversal, instância social, (como a política, a economia e a cultura), de todo e qualquer objeto espacializado.”

comparar e distinguir, classificar e definir. Daí que técnica e política caminham juntas dependendo do meio midiático dos modernos tempos novos. Pois, “o pensamento dialético supõe que em toda a coisa e em toda a situação há oposição de elementos contraditórios que no entanto permanecem unidos e formam uma unidade indissociável que nomeamos contradição. Nesta unidade, cada elemento contrário, bem que antitético, é o resultado ao mesmo tempo que a condição de existência dos outros”<sup>187</sup>. (LEVY & PAINI, apud SOREL, 1994: 332-33)

Em outras palavras: “O meio [técnico e político] tem um papel primeiro na formação do pensamento (...) O que o anima é mais uma ética social (...) Esta ética social do compartilhar os conhecimentos (...) Numa sociedade educativa em via de formação, é esta auto-formação permanente que tem mais chance de reduzir as incertezas nas condutas frente a uma sociedade mutante<sup>188</sup>”. (DUMAZEDIER apud SOREL, 1994: 84-85)

Ou ainda, seguindo agora Vigotsky, 1934, em *Pensamento e Linguagem*, que já nos revelava que: “É porque persegue um objetivo na sociedade que o indivíduo necessita de conceitos apropriados a uma situação graças ao uso de palavras próprias<sup>189</sup>”. (IDEM)

---

<sup>187</sup> “La pensée dialectique suppose que dans toute chose et dans toute situation il y a opposition d’éléments contradictoires qui cependant demeurent unis et forment une unité indissociable que nous nommons contradiction. Dans cette unité, chaque élément contraire, bien qu’antithétique, est le résultat en même temps que la condition d’existence des autres”.

<sup>188</sup> “Le milieu a un rôle premier dans la formation de la pensée (...) Ce qui l’anime est plutôt une éthique sociale (...) Cette éthique sociale du partage des connaissances (...) Dans une société éducative en voie de formation, c’est cette autoformation permanente qui a le plus de chance de réduire les incertitudes dans les conduites à l’égard d’une société mutante”.

<sup>189</sup> “C’est parce qu’il poursuit un but dans la société que l’individu a besoin de concepts appropriés à une situation grâce à l’emploi de mots propres”.

## **1 - Da Geografia Agrária ao Uso Agrícola do Território Brasileiro<sup>190</sup>**

Além de uma primeira iniciação ao pensamento de Milton Santos, este curso me possibilitou uma descoberta da universidade pública brasileira, de seus campi e de sua organização muito mais baseada no modelo provinciano norte-americano do que no modelo citadino europeu.

A obtenção do diploma não era - digo não era, porque neste período de aceleração contemporânea, as normas universitárias também estão sendo transtornadas na Europa – um pré-requisito para seguir um curso numa universidade pública. O maior exemplo é o Collège de France, onde os maiores intelectuais do mundo são convidados para ministrar aulas livres abertas a todos.

Fora às diferenças, há grandes semelhanças: uma profunda colonização das mentes pelo pensamento único vigente; uma duríssima resistência de pouquíssimos professores e de alguns alunos a metáfora da globalização (globalitária); um aumento da competitividade em vez da complementaridade entre os programas oferecidos (currículos); um retorno ao pensamento analítico, como se a dialética nunca tivesse existido; uma hiper-especialização e hiper-profissionalização dos cursos, como se a vida fosse somente acadêmica e profissional; incubadoras de empresas corporativas instaladas em plena universidade pública com projetos e fundações de uso corporativo financiados pelos contribuintes.

O programa de geografia do Instituto de Geociências, na Unicamp, era um programa novo, que ainda estava sendo implementado, o que originou grandes e fantásticas brigas acadêmicas e científicas. Infelizmente muito mais baseadas sobre a forma que iria tomar o curso do que sobre os conteúdos necessários a formação crítica e intelectual dos alunos.

Mesmo assim, esperamos que a pequena teoria que foi produzida pela pesquisa iniciada durante este curso se preste a contribuir com as formas do grande pensador brasileiro que é o professor Milton Santos.

A Metodologia primordial utilizada nesta pesquisa é a Metodologia da Geografia, a qual tive o prazer de descobrir através da disciplina oferecida pela professora Maria Adélia Aparecida de Souza.

---

<sup>190</sup> A partir da aula, do mesmo nome, administrada pela Prof. Dra. Maria Adélia Aparecida de Souza, UNICAMP, 2002.

Podemos ilustrar essa metodologia com o exemplo que se segue, e dela extrair uma Pedagogia pautada na compreensão do Uso Agrícola do Território, para o Movimento Sem Terra.

Trata-se da comparação entre a Agricultura Elementar (do Movimento Sem Terra), resultado de um Território usado como Recurso, e a Agricultura Moderna (que produz sem terras), resultado do Uso Agrícola do Território:

<b>AGRICULTURA ELEMENTAR</b>	<b>AGRICULTURA MODERNA</b>
Obediência à natureza	Desobediência à natureza
Quantidade de trabalho / capacidade individual de trabalho	Investimento técnico nos meios de produção e organização
Igualdade de condições de acesso a terra e de trabalho	Acesso excludente às técnicas e ao conhecimento
Auto-consumo e comercialização do excedente	Mercandização da produção, monetarização da economia, creditização
Pouca ou nenhuma especialização	Especialização
Longevidade dos instrumentos de produção	Ciclos de renovação constante dos instrumentos de produção, sob risco de perda de produtividade/competitividade
Meios rudimentares construídos artesanalmente	Objetos técnicos produzidos industrialmente, imbuídos de ciência e informação
Irracionalidade do uso do solo agrícola	Racionalidade instrumental
Conhecimento empírico	Conhecimento técnico e científico

Baseado em Pierre George, 1963, *Précis de Géographie Rurale*, Paris, PUF.

No entanto, como toda a pesquisa é dialética, não ficamos por aqui.

## 2 - Da Economia Política a Política Territorial Brasileira<sup>191</sup>

Este curso do professor Márcio Cataia foi muito importante na minha descoberta histórica e geográfica do Brasil contemporâneo. Possibilitou entender que o Brasil não é uma federação de fato, mas sim uma federação política em constante disputa com uma federação territorial. Mesmo se separar a política do território é uma segregação perversa. As empresas ao usar o território como recurso fazem política. O povo também faz política ao usar o território como abrigo. Daí o Brasil, ao contrário de seus vizinhos espanhóis, não se ter fragmentado.

A constante dialética entre centralização e descentralização brasileira é que possibilitou uma rápida industrialização e modernização impostas pelos regimes militares graças as grandes empresas estatais que não são públicas. É uma das rugosidades da formação sócio-espacial brasileira que possibilitou, por exemplo, a privatização da Vale do Rio Doce. Pois, os militares, ao preço da ditadura, equiparam o território brasileiro.

O federalismo brasileiro existe muito mais em consequência das grandes empresas brasileiras - com atuação nacional, regional e municipal – na briga por fatias do mercado nacional com as grandes empresas transnacionais importadoras do globalitarismo.

Hoje não é mais o Estado que controla a mobilidade das populações, mas sim as empresas<sup>192</sup>. Por exemplo, a indústria canavieira com a produção do álcool-diesel, ou o agronegócio com as novas culturas de precisão como a soja, o algodão ou o milho transgênicos é que influenciam diretamente no avanço das frentes pioneiras e das fronteiras agrícolas; como na própria urbanização e mobilidade das populações brasileiras. A 2ª região urbanizada do Brasil já é o centro-oeste.

Em menos de uma geração, o que é um período muito curto, aconteceu uma explosão do número das cidades e do número dos cidadãos (80%) que foram se deslocando numa fantástica migração interna brasileira perseguindo as mirabolantes reviravoltas ocorridas no campo brasileiro.

---

<sup>191</sup> A partir da aula, do mesmo nome, administrada pelo Prof. Dr. Márcio Antônio Cataia, UNICAMP, 2002.

<sup>192</sup> A situação do dito “caos aéreo” brasileiro é um bom exemplo. Assim, após ter fechado o aeroporto de Congonhas para obras de modernização das pistas, a empresa que efetuou essas obras, e de que nenhuma mídia fala, entregou as pistas sem as ter equipado, de fato. Foram milhões que não serviram para nada. Não sabemos para onde foi todo esse dinheiro. Pior, o acidente do avião da TAM, “maior acidente da aviação brasileira”, poucos dias após a reabertura das pistas, resultou em quase 200 vítimas fatais. Antes do acidente, quando o fechamento das pistas, em dias de chuva, era determinado, inclusive pela justiça, todas as companhias aéreas caíam em cima e se desresponsabilizavam dos atrasos, devidos ao próprio over-booking tradicional realizado pelas empresas aéreas.

Acompanhando a disseminação do capital constante no território, o constante trabalho de recomposição do território foi acontecendo com a disseminação da cibernética, da fibra ótica, da biotecnologia, da informática, etc. Hoje, o capitalismo encontra-se estar mais presente no campo do que na cidade. Apareceram novas cidades que vivem numa interdependência total com o campo urbanizado.

As populações locais são expulsas para novas criações de favelas fora do eixo Rio - São Paulo. Enquanto, numa profunda dialética espacial, o campo brasileiro dinamiza as novas cidades.

Daí a necessidade de substituir o rural pelo agrícola visto que não existe mais a noção de agrário. O modo urbano de vida é o modo consumidor. Mesmo se o uso está progressivamente substituindo o trabalho. As empresas usam o trabalho não remunerado dos trabalhadores. Como, por exemplo, na proliferação da soja e do milho transgênicos.

Afinal o que é o trabalho? Segundo Claude Raffestin, o trabalho é uma interação e uma mediação constante entre informação e energia para domesticar o território. Porque o homem não se adapta ao meio. Ele adapta o meio a sua sociedade. Como, por exemplo, no caso dos neocolonizadores gaúchos na região norte e nordeste.

A agricultura é uma técnica que foi inventada para facilitar a sedentarização e evitar os fluxos migratórios que possibilitam a troca de informação. A 1ª reforma agrária do mundo foi romana para controlar o trabalho dos escravos e estabelecer fronteiras contra os bárbaros. A produção do território, enquanto noção de progresso, está sempre ligada a noção de trabalho, inclusive escravo.

A noção de progresso<sup>193</sup>, antigamente ligada aos homens, vai se diluindo porque as empresas estão se apossando da informação e substituindo a energia do homem por outras novas energias.

Se o trabalho é energia e informação, o poder é força e saber na estruturação do espaço e do tempo. A divisão do poder se faz entre a propriedade do trabalho e a propriedade do saber. Mesmo se gradualmente, estamos passando da noção de propriedade a noção de uso. Ora, se o capitalismo se apropriava só do trabalho, agora, com as patentes, o capitalismo se apropria também do saber. Se uma máquina é um multiplicador de

---

<sup>193</sup> Se na bandeira brasileira está somente escrito: “Ordem e Progresso”; no entanto, o leme da igreja positivista, baseada nas idéias do francês Auguste Comte ao ser, ela mesma, base da 1ª república brasileira é: “O amor por princípio, e a ordem por base, o progresso por fim”. “Calcado na teoria comteana e traduzido nos dizeres da bandeira nacional, o lema “progresso dentro da ordem” sintetizava a sonhada meta de estabilização eterna da sociedade burguesa e de exorcismo dos surtos revolucionários da classe trabalhadora”. Lelita Oliveira Benoit, In “*Os positivistas brasileiros pensaram a República como governo “transitório” para uma futura “utopia positivista”, a “sociocracia”.*” P.47, A Herança Francesa, História Viva, Grandes Temas.

energia, uma patente é um multiplicador de royalties e de conhecimentos. Como, por exemplo, no caso da Monsanto<sup>194</sup> não só no Brasil, mas no mundo. Abrir o Brasil a imigração foi proibir aos escravos recém libertos de trabalhar a terra por causa da compra e venda de energia + informação acumulada pelos escravos brasileiros durante 3 séculos.

Na produção do espaço e do tempo, a era do homem raro até o século XVIII foi substituída pela era do homem abundante. No progresso do trabalho, o que permitiu a urbanização e a industrialização foi o trabalho do campo que sustenta a emancipação do homem. O capital é a dissociação entre energia e informação como mais-valia absoluta. O capital industrial e o capital financeiro vêm do capital agrícola.

### **Proposta de Periodização:**

- **Período pré-agrícola** (o espaço ecológico).
- **1ª revolução agrícola** (a domesticação das plantas)
  - Rotação agrícola do tempo lento.
- **2ª revolução agrícola** (as máquinas do século XVIII)
  - Introdução de novas plantas. Período agrícola e industrial. Nascimento da agronomia como ciência. Explicação para expansão da agricultura. Possibilidade de correção dos solos.
- **3ª revolução agrícola** (mecanização e motorização da agricultura)
  - A revolução da química (o medicamento do agrônomo). As transnacionais agrícolas. Motorização e Química. A produção agrícola do século XXI. A indústria química e a motorização estão nas mãos das transnacionais. A financeirização da agricultura.
- **Hoje, estamos vivendo a 4ª revolução agrícola** (informação agrícola)
  - Com a passagem dos Organismos Geneticamente Modificados da biotecnologia para os Organismos Atomicamente Modificados da nanotecnologia. A lei da oferta/procura é invertida. A circulação > a produção. Função fundamental da pobreza no mercado de trabalho. A Fome como fundamento do sistema capitalista (desde Josué de Castro).
    - As desvantagens estruturais da força de trabalho:** Não controla a sua quantidade. Para comprar tenho que me vender. Padrão mínimo de vida.
    - Estratégias possíveis:** Distribuir propriedade e conhecimento. Reproduzir a vida sem vender a força de trabalho.

---

<sup>194</sup> Hoje, em 2007, a empresa Monsanto possui mais de 60% de todas as patentes mundiais.

### 3. Agricultura e Capitalismo no Brasil<sup>195</sup>

Este curso do Professor Ariovaldo foi muito importante para entender a diferença que existe entre o conceito de agrário e o conceito de agrícola. Entender isso é entender como a Geografia Nova do Professor Milton fez um salto de qualidade na compreensão do uso do espaço pelo capitalismo.

Os conhecimentos teóricos e os estudos de caso oferecidos durante este curso me possibilitaram entender que a complexidade dos lugares e a indissociabilidade entre o sistema de objetos e o sistema de ações é que define, de fato, a dialética espacial presente no espaço geográfico.

Se há agricultura capitalista no Brasil com o agronegócio, também há agricultura feudal e escravagista com o latifúndio, e, também há agricultura socialista, em certos lugares do Brasil, da América Latina e do Mundo. Inclusive, será que em um mesmo lugar não encontramos a co-existência destes 4 usos agrícolas?

O conceito de renda da terra, atual no século XVIII, quando o trabalho do homem era raro na agricultura, não pode mais ser tomado como central nesta nova compreensão de um trabalho abundante, no século XXI.

O uso agrícola, mais do que o agrário, nos possibilita compreender como mesmo não querendo, os agricultores são levados, por exemplo, a comprar e semear sementes geneticamente modificadas, estéreis e atômicaamente modificadas.

A importância da ideologia<sup>196</sup> talvez seja o diferencial para explicar o latifundiário, fazendeiro, agricultor, camponês, trabalhador rural<sup>197</sup> / urbano, bóia-fria e sem terra. Que são modos sociológicos mas não geográficos de ler e interpretar o trabalho abundante do homem.

---

<sup>195</sup> A partir do curso, do mesmo nome, administrado pelo Prof. Dr. Ariovaldo Umbelino de Oliveira, USP, 2003, que resultou nos seguintes trabalhos: “Seminário sobre Teodor Shanin: La classe incómoda”; “O Brasil, de hoje, e a Reforma Agrária” (31p.) – Agosto de 2003.

<sup>196</sup> Mesmo se, há quem fala que “A ideologia entra por uma orelha e sai pela outra. O que conta é a mística”; no entanto, seguindo Cazusa, “Ideologia? Quero uma pra viver!”. Pois, devemos buscar “a produção de idéias e não somente de palavras, como é a tendência contemporânea nesta era do discurso”. (SANTOS & BERNARDES, 1999).

<sup>197</sup> Segundo a Prof. Rosa Éster Rossini, “o grande desenvolvimento do capitalismo no campo foi acabar com as salas de aula rurais. Com a grande desocupação da mão-de-obra do trabalhador rural, todas as cidades passaram a ter favela. O que acontece, segundo Milton Santos, é que o trabalhador considerado rural pois não existe mais. O que há são trabalhadores que vivem na cidade e trabalham no campo quando ainda possível, oportuno e necessário. Porém, também trabalha nas cidades. Inclusive, o trabalhador circula entre o rural e o urbano. Em Ribeirão Preto, há acampamentos mistos, onde Sem Terra coabita e co-existe com Sem Teto”. Pois, as necessidades, as oportunidades e as possibilidades de urbanização são as mesmas. Mesmo se, a Teologia da Libertação e a CPT ainda diferenciam, até hoje, Terra de Trabalho de Terra de Exploração. Fato consumido pelo Uso do Território *versus* o Território Usado.

O atributo do Período Popular da História é o seu *homem pobre e lento*, isto é, um conceito filosófico que está além das categorias da luta de classes da sociologia.

Antes do Professor Milton Santos, a geografia tomava emprestados conceitos de outras disciplinas como visão de mundo. Com a Geografia Renovada que continua a ser desenvolvida pela Professora Maria Adélia, a partir da Geografia Nova, o espaço geográfico ganha forma e conteúdo. “*A descoberta se faz, quando se reconhece o movimento social e a gente, então, vê funcionando, de uma só vez, a estrutura, a organização e a tendência*” (SANTOS, 1980). Visto que o objeto da geografia é o espaço geográfico e não a agricultura.

O uso agrícola do território está além do modo de produção da agricultura, da renda da terra ou do uso agrário dos sujeitos do campo. Eis, aqui, o aspecto revolucionário do pensamento do Professor Milton: ousar criar, em pleno pensamento único, uma disciplina coerente, com conceitos, categorias de análise e profundos fundamentos filosóficos.

Hoje, não se pode mais descrever o que está acontecendo no campo porque descrever é congelar e manter as velhas interpretações do mundo. A aceleração contemporânea nos obriga a alargar os contextos de interpretação. As políticas agrícolas que são tomadas nas metrópoles é que leva a constante transformação do campo: da cana ao cacau, do cacau ao café, do café ao algodão, do algodão<sup>198</sup> a soja, da soja ao milho... Por isso a discussão não porta mais sobre a geografia e suas paisagens em constante transformação mas sobre o espaço geográfico que não é nem o espaço da sociologia, nem o espaço da economia, nem o espaço da psicologia, nem o espaço da pedagogia, inclusive da Pedagogia do MST.

Se, para Milton Santos, a geografia tradicional é reacionária, a descrição pura é ideografia e defesa do “status quo”. Pois, como diz o professor: “*o que nos deve preocupar é o futuro como alternativa, e este supõe a construção de uma utopia, isto é, admitir o que jamais existiu e a busca de sua viabilização, isto é, a construção desse futuro alternativo, para que não seja nem uma futurologia nem uma geografia aplicada (...) A Universidade é grande porque gera o veneno e o contraveneno, pois ainda é o único lugar em que essas duas coisas podem, ao mesmo tempo, ser gestadas, quando os professores decidem pensar livremente e exprimir livremente o pensamento (...) A História se fará a despeito dos que fora e dentro da Universidade teimam em esposar o passado (...) Temos que escolher entre uma geografia moral e uma geografia entreguista, contra os pobres, contra o homem,*

---

<sup>198</sup> Hoje, o algodão não é somente usado na indústria têxtil, mas serve de base para produção hidropônica dos legumes e das hortaliças. O deserto espanhol está repleto de túneis agrícolas.

*contra o futuro, uma geografia genocida, abortiva e suicida. Também não queremos o pensar numa só direção. Pois condenar ao silêncio os que pensam de outra forma não é digno da convivência universitária e a Universidade é o próprio lugar da confrontação (...) Fiquemos atentos. O mundo está de novo numa encruzilhada, mas certos universitários poderosos não mudaram e desconhecem a História” (SANTOS, 1980).*

#### **4. Espaço Mundial - Por Uma Geografia Renovada<sup>199</sup>**

Agradeço a possibilidade que tive de assistir a este curso de atualização e de aperfeiçoamento dos conhecimentos indispensáveis aos professores de geografia da rede municipal de ensino público de Campinas.

A sede de conhecimentos novos e de novas práticas pedagógicas destes professores que estão na frente pioneira do ensino cotidiano da geografia nunca é medida pelo seu justo valor. Este curso foi organizado para responder às suas motivações e necessidades.

Conviver, durante três dias, com suas dificuldades, seus questionamentos, seus desejos e suas esperanças foi uma experiência pedagógica das mais ricas e profundas.

Estes professores de geografia são curiosos e ávidos por saberes adequados aos questionamentos do mundo de hoje, que não é mais o mundo em que foram formados.

O bom senso e a sensibilidade destes professores que convivem diariamente com todas as dificuldades ligadas á estas vidas oferecidas ao ensino e á formação de milhares de crianças e adolescentes é, certamente, uma das maiores riquezas do Brasil.

A possibilidade oferta pela prefeitura de Campinas de formação contínua e de pedagogia renovada tentou responder ás angústias pessoais, profissionais, vocacionais e motivacionais destes professores. Felizes em conseguir voltar aos bancos da escola, em aprender e apreender de novo o mundo de seus alunos.

Não há conceitos difíceis de se entender, nunca. A Geografia Nova tão criticada pela sua falta de pesquisa de campo e sua soi-disant dificuldade foi estudada com muito prazer, simplicidade e alegria.

Basta respeitar a dignidade de todo professor-aluno e estimular a liberdade e o direito ao conhecimento de todo aluno-professor.

São estas gentes que têm muito que ensinar aos professores universitários. As universidades públicas lhes pertencem, senão de fato, pelo menos por dever. Qualquer uma das experiências de vida destes professores vale muito mais do que qualquer canudo acadêmico.

Lembro-me, por exemplo, de um professor de geografia da rede municipal de ensino de Campinas, de quase 60 anos que conhece Paris - sem nunca ter saído do Brasil – bem melhor do que eu que vivi 18 anos nesta capital. Além disso, oriundo do ensino

---

<sup>199</sup> A partir do curso, “Conhecimento do Espaço Mundial – Por Uma Geografia Renovada”, realizado pela Prof. Dra. Maria Adélia Aparecida de Souza, numa parceria entre o Instituto Territorial e a Prefeitura de Campinas, 2003.

público brasileiro, que já foi de grande qualidade, este Senhor fala francês sem nenhum sotaque brasileiro, atualizando-se sempre que pode ao assistir filmes, ouvir discos, ler livros, revistas e jornais no original. Com a internet, *just-in-time*, então, é o êxtase: ouvir e ver Paris *just-on-line*.

É uma das agradáveis surpresas deste Período Popular da História.

## 5 - Teoria Social Maior – Escola Dialética<sup>200</sup>

Seguir este curso sobre Metodologia Científica é entender a importância da dialética no Método Geográfico. Não só na sua interpretação do Espaço Geográfico mas também no que diz respeito ao seu possível questionamento pedagógico.

Na dialética entre espaço e sociedade, o grande interlocutor da pedagogia dialética é, sem dúvida alguma, Lev Semenovich Vygotsky com seu postulado marxista de que *a sociedade humana já é uma totalidade em constante transformação*.

Melhor, do ponto de vista de Vygotsky: *“o desenvolvimento humano é um processo e um produto social, e a aprendizagem é a novidade que o antecede e provoca”* (SMOLKA e LAPLANE, 2005: 78).

Assim, propor a Geografia Nova como novidade cognitiva a ser incluída na Pedagogia do MST é enriquecer o desenvolvimento de todo brasileiro e não só do Sem Terra integrante do MST. Pois: *“A adaptação humana ao ambiente é muito mais ativa que a dos animais. Enquanto estes precisam adaptar-se às circunstâncias sob pena de sucumbirem, aqueles, se for necessário, adaptam as circunstâncias a eles próprios”*. (TEIXEIRA, 2005: 25).

No mundo, o MST nasce no momento em que se instala a dita Globalização, que o professor Milton Santos rebatiza de Globalitarismo. Isto é, depois da Guerra do Vietnã e antes da queda do muro de Berlim, quando os Estados-unidos impõem na mesa de negociações o discurso ambiental como resposta á sua recém “neutralidade” ideológica: perderam do pequeno tigre mas ganharam do grande urso. Sua defesa da “democracia” inicia uma ação global de proteção do meio-ambiente e, sobretudo, de “aquisições logísticas e estratégicas” dos recursos naturais necessários á reprodução de seu modo de vida. Especialmente colocado em perigo com o choque petroleiro de 1973 e com a revolução islâmica no Irã, em 1979. Como constata o presidente George W. Bush, no seu recém discurso de 2005 sobre o Estado da União: *“A sociedade americana é viciada em petróleo e deve investir em energias alternativas”*.

No Brasil, o MST nasce como resultado do processo de redemocratização brasileira que após 20 anos de ditadura militar (a 2ª ditadura do século XX, após a do Estado Novo de Getúlio Vargas) aparece para entrar diretamente no processo globalizatório.

---

<sup>200</sup> A partir do curso, “Metodologia Científica - Aprendendo Sobre o Método”, realizado pela Prof. Dra. Maria Adélia Aparecida de Souza, em Campinas, 2004. Este curso deu origem ao seguinte trabalho: *“Projeto do Método como Forma-Conteúdo”* (24p) – Agosto de 2004.

O papel do Brasil na economia mundial sempre esteve ligado à manutenção da energia humana com a produção de açúcar, cacau, café, suco de laranja e produção de proteína animal (desde a guerra do charque). A novidade, neste novo período histórico, não é só o fato de o Brasil ser “*o maior exportador mundial em oito commodities agrícolas*”<sup>201</sup>, mas é o fato de o Brasil ter a maior potencialidade do mundo em novas energias: biodiesel e biomassa. Mesmo se os Estados-unidos já são, hoje, os maiores produtores do mundo dessa nova matéria prima com uma tecnologia que já foi 100% brasileira nos anos 70, na época do pró-álcool<sup>202</sup>. Por isso, a política atual de esvaziamento das populações do campo. Por exemplo, grande parte da soja transgênica exportada pelo Brasil já é usada para produção de energias alternativas fora do Brasil. Não é só o bagaço da cana que produz álcool ou óleo diesel.

A guerra do chá na Índia também foi uma guerra de manutenção da energia humana então indispensável a toda poderosa e recém criada indústria inglesa.

Hoje, com a mais ou menos controlada mas crescente escassez do petróleo e da água, (pelas guerras) projetar o futuro é criar energias alternativas para manutenção do sistema atual. Por isso, a supervalorização do real em relação ao dólar e ao euro. Com um barril de petróleo atingindo o patamar de 70 US\$.

Por outro lado, o nosso Planeta é azul porque composto a 70% de água. O que vai faltar, mais do que água, será terra para plantar os alimentos necessários ao sustento de uma humanidade projetada para alcançar perto de 9 bilhões de seres humanos. Já temos, hoje, à nossa disposição toda tecnologia necessária para desalinizar a água do mar. Israel o comprova com a exportação de suas laranjas e frutas exóticas produzidas no meio do deserto. Então, continuar a arrancar as oliveiras palestinas é uma decisão política e não técnica, nem religiosa.

Ora, “*na medida em que a atividade humana se objetiva em produtos culturais, sejam eles materiais ou não, temos, como consequência, que o processo de objetivação do gênero humano é cumulativo. Assim, no significado de um objeto ou fenômeno cultural está acumulada a experiência histórica de muitas gerações*” (DUARTE, 2005: 33). O MST se diz fruto das lutas dos Quilombos, Canudos, Contestado, do Cangaço e das Ligas Camponesas. Por isso, a própria presença ou ausência do Sem Terra no campo brasileiro

---

<sup>201</sup> Entrevista de Roberto Rodrigues à Paula Pacheco da Revista Carta Capital, Ano XII, Nº 377, 25/01/2006.

<sup>202</sup> O óleo diesel norte-americano produzido a base de milho é muito menos lucrativo do que o óleo diesel produzido a partir da soja. O etanol produzido a partir da cana de açúcar é ainda mais barato.

provoca reações, em cadeia, do agronegócio<sup>203</sup>.

*“As transformações qualitativas, tanto na história do sujeito como na história cultural, ocorrem por meio da chamada síntese dialética. Esta se refere à emergência de algo novo, anteriormente inexistente. Esse componente novo não está presente nos elementos iniciais de uma dada situação, mas é tornado possível pela interação entre esses elementos, num processo de transformação que gera novos fenômenos”* (OLIVEIRA, 2005a: 9).

O MST se considera como um *sujeito sociocultural*<sup>204</sup>; *socioterritorial*<sup>205</sup>, e como *sujeito pedagógico*. No entanto, a riqueza da interpretação dialética nos leva a crer que a Pedagogia do MST também é um objeto pedagógico em disputa e que seu Movimento é um objeto sócio-espacial em construção. Uma construção resultado, justamente, da dialética que existe entre território e sociedade e que, somente, o Método Geográfico da Geografia Nova nos permite desvendar. Pois, para Vygotsky: *“o verdadeiro sentido da palavra é determinado por tudo aquilo que, na consciência, se relaciona com a palavra expressa (...) Em última instância, o sentido de uma palavra depende da compreensão que se tenha do mundo como um todo e da estrutura interna da personalidade”* (OLIVEIRA, 2005b: 71).

---

<sup>203</sup> Para Roberto Rodrigues, ex-ministro da agricultura do 1º governo Lula: “O agronegócio é a soma das atividades que começam nas pranchetas de um pesquisador científico e terminam na gôndola do supermercado. Tanto que o agronegócio (31% do PIB) é muito maior que a produção rural (9% do PIB). Nesse sentido amplo, todo produtor, do pequeno ao gigantesco, pertence ao agronegócio” Em “*O adeus do ministro*”, Carta Capital, Idem. Hoje, com Jeb Bush, Roberto Rodrigues, membro da Associação Brasileira de Agronegociantes, é um dos principais dirigentes da Associação Interamericana de Etanol; fruto recentemente consagrado da aliança dos agronegociantes brasileiros com o setor do complexo dos combustíveis fósseis estadunidense. (Apud Carlos Walter Porto-Gonçalves, doutor em Geografia pela UFRJ e Coordenador do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense e Ex-Presidente da Associação dos Geógrafos Brasileiros (1998-2000)., In “*De sementes, de saberes e de poderes*”, (10/09/200), Sítio do MST).

<sup>204</sup> CALDART, UFRGS, In “*Pedagogia do MST*”, Editora Vozes, 2000.

<sup>205</sup> FERNANDES, UNESP, In “*A Formação do MST no Brasil*”, Editora Vozes, 2000.

## 6 - Teoria Geográfica Menor – Escola Analítica<sup>206</sup>

Seguir este curso sobre Questões de Método em geografia é entender a importância do método analítico, também incluído no Método Geográfico.

Se interpretar o Espaço Geográfico não é congelar sua interpretação, no entanto, sua análise necessita de alguns momentos onde é necessário desvendar o que está escondido por trás das coisas. O que permite nos deslocar, em espirale, da tese para antítese.

Por exemplo, descobrir porque o Brasil é o maior exportador de grão e de carne do mundo é descobrir que para produzir cada quilo de grão é necessária uma caixa de água de 1.000l. Ou seja, que para cada grão de feijão, arroz, café, cacau, soja ou milho, é preciso uma caixinha de leite de água. Idem com a proteína animal. Para produção de cada cabeça de gado se necessita, em média, de um hectare de capim fresco. Isto é, ao exportar grão e carne, o Brasil não só exporta, disfarçadamente, toneladas de água e capim, mas sim, energia e informação, ou seja, o Brasil exporta, grátis, tempo e espaço. 70% da água potável são usados na agricultura, 20% na indústria, e somente 10% da água potável são usados pelas populações brasileiras.

A interpretação do uso agrícola do território em constante interação dialética com o território usado pela sociedade nos permite desvendar o que está em jogo no futuro e não só no presente. Porque o futuro já é âncora do presente. Mas, para alcançar este nível de análise é preciso saber qual a visão de Brasil que têm os integrantes do MST? O Brasil é uma formação sócio-espacial onde cada lugar exige uma intersubjetividade cotidiana.

O maior expoente do método analítico, no que diz respeito á pedagogia analítica, é sem dúvida, Jean Piaget, que não era pedagogo, mas para quem: *“Pensar é agir sobre o objeto e transformá-lo”*. Porque, diz Piaget: *“O ideal da educação não é aprender ao máximo, maximizar os resultados, mas é antes de tudo aprender a aprender, é aprender a se desenvolver e aprender a continuar a se desenvolver depois da escola”* (BECKER, 2005: 33).

Pois, malgrado o grande número de evasão escolar, inclusive nas escolas do MST, e não só nas universidades públicas; o aluno continua de aprender a ler o mundo, o Espaço Geográfico e sua Formação Sócio-espacial, fora dos bancos da escola, porque a riqueza da

---

<sup>206</sup> A partir do curso, “Questões de Método em Geografia”, administrado pela Prof. Dra. Maria Laura Silveira, USP, 2004. O curso resultou no seguinte trabalho: *“O trabalho é uma certa forma de produzir a história”* (10p) – Janeiro de 2005.

escola da vida é superior a qualquer escola, inclusive a Universidade ou a Escola do MST. Qual, então, a necessidade da escola no processo de formação humana?

Piaget nos oferece “*a visão do ser humano como um organismo que, ao agir sobre o meio e modificá-lo, também modifica a si mesmo*” (SMOLE, 2005: 37). Porque o conhecimento se constrói se tiver um sentido no qual “*errar em se tratando de construir conhecimento é tão natural quanto acertar*” (SMOLE, 2005: 40).

Deste ponto de vista, o mais importante ao ler os mapas de famílias assentadas da reforma agrária talvez não seja exatamente o número de famílias que foram efetivamente assentadas, nem aonde, nem quando elas foram assentadas; mas, descobrir o número de famílias que saíram dos acampamentos, quando e onde “abandonaram a luta” e tentar desvendar porque esta decisão foi tomada? Idem com o número de abandono nas universidades públicas, estatais e particulares.

Todavia: “*Piaget recusa-se a considerar, sem mais, como o faz Durkheim, a sociedade como um “ser” (“ser coletivo”). Para ele, assim como não existe “o indivíduo”, pensado como unidade isolada, também não há “a sociedade”, pensada como um todo ou um ente ao qual uma só palavra pode remeter. Existem, isto sim, relações interindividuais que podem ser diferentes entre si e, decorrentemente, produzir efeitos psicológicos diversos*” (TAILLE, 2005: 82). Pois: “*A idéia piagetiana do sujeito como uma estrutura que se auto-regula em interação com o meio constitui uma abordagem cibernética do desenvolvimento do pensamento humano*”. Aonde: “*O conhecimento somente é adquirido mediante a ação do sujeito, desde a experiência imediata à experimentação orientada teoricamente*”. E quando: “*O diálogo entre pensamento e experiência traduz o desejo humano de conhecer o mundo*”. Visto que: “*Não é o conhecimento, mas sim o conhecimento do conhecimento, que cria o comprometimento*” (LEODORO, 2005: 42-49).

O direito ao uso do território passa pelo *direito a educação no mundo moderno*.

## 7 - Relações entre Educação, Cultura e Natureza (Humanas e Inacabadas) <sup>207</sup>

Seguir este curso sobre Relações entre Educação, Cultura e Natureza Humana é entender a importância do método hermenêutico que, também, encontra-se estar incorporado no Método Geográfico.

Incorporar a hermenêutica é, de certa maneira, voltar as origens do homem. Ou seja, é voltar ao tempo e ao espaço do tudo possível. De certo modo, a criança, inclusive a criança que fomos e que está sempre presente dentro de nós, não nos pertence. Nós é que lhes pertencemos. Por isso, abusar de uma criança é alterar esse processo, sempre inacabado, da formação sempre aberta do tudo possível. Abusar de uma criança é impossibilitar o futuro ao manter o “status quo”.

*“Façamos de conta que a criança é um operário e que a finalidade de seu trabalho é produzir o homem (...) porque o trabalho das crianças não produz um objetivo material, mas cria a mesma humanidade, não uma raça, uma casta, um grupo social, mas a humanidade inteira. Considerando-se este fato, avulta claramente que a sociedade deve tomar em consideração a criança, reconhecendo-lhe os direitos e providenciando suas necessidades (...) Considero esta a última revolução, uma revolução não violenta e tanto menos cruel que exclui até toda a violência por mínima que seja, porque quando nela houvesse qualquer sombra de violência a construção psíquica da criança seria ferida de morte”* (MONTESSORI apud ANTUNES, 2005: 37).

Em épocas onde acaba de sair uma lei que proíbe o tapa na bunda, é interessante observarmos que o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, que tem 15 anos, continua sem ser cumprido. Então, de que serve uma norma destas se o número de meninos de rua continua crescendo e se os meninos da FEBEM - uma instituição criada para detectar as crianças subversivas em tempo de ditadura - continuam com seus direitos não cumpridos? Para quem serve o ECA se as crianças indígenas continuam morrendo a beira das estradas? E, fora do aspecto físico da violência, porque não proibir, também, o aspecto psicológico da violência, sobretudo usada em crianças que nascem nas camadas mais altas da sociedade?

---

<sup>207</sup> A partir do curso, “Hermenêutica das Relações entre Educação, Cultura e Natureza Humana”, administrado pela Prof. Dra. Maria da Nazaré de Camargo Pacheco Amaral, em Filosofia da Educação, na Faculdade de Educação, FEUSP, 2005. Este curso resultou nos trabalhos seguintes: “O que pode a educação? Relações entre individualidade e totalidade”; “Seminário sobre Johann-Gottlieb FICHTE”; “Prova escrita sobre a educação em J.G. FICHTE.”; “Fundamentar criticamente as relações entre conceito de educação, conceito de imaturidade e conceito de interesse e esforço em John Dewey”, 2005.

No que diz respeito a essa origem como base do futuro não só da pedagogia mas, sobretudo, do futuro da humanidade e de suas possibilidades, o maior expoente é, sem dúvida, Maria Montessori para quem: *“O homem pertence a um todo maior que o sustenta e se ele se constrói segundo este todo ao qual está subordinado, mantendo-se fiel artesão, específica sua função no grande Cosmos. Por isso, a função da pedagogia consiste em auxiliar a encarnação do espírito no homem e participar, assim, da ordem cósmica”*. Montessori explica: *“Ora, com a palavra encarnação queremos referir-nos a fatos psíquicos e fisiológicos de crescimento. Este é o processo misterioso da energia que animará o corpo inerte do recém-nascido e dará a carne de seus membros, aos órgãos de articulação da palavra, o poder de agir segundo a vontade e assim encarnará o homem”* (GIORDANI, 2005: 45).

Não se consegue entender a Pedagogia do MST sem reconhecer o papel das Cirandas, Escolas Itinerantes e dos Encontros de suas crianças - Sem Terrinha - no seu processo pedagógico. Pois: *“O grande poder do homem é que se adapta a qualquer meio e que o modifica. Por esta razão todo o homem que nasce deve voltar-se a criar sua personalidade de novo”* (MONTESSORI apud GIORDANI, 2005: 41). Pois: *“Uma das descobertas de Montessori é que existem potencialidades na personalidade humana que correspondem a todos os fenômenos universais, dirigindo o indivíduo em crescimento a realizar atividades específicas”* (GIORDANI, 2005: 45).

Assim, as Relações entre Educação, Cultura e Natureza Humana entreaberta, porque permanentemente inacabada, num acontecer sempre por vir são interações<sup>208</sup>, de fato, indissociáveis.

Na pedagogia Montessori, como na Pedagogia do MST: *“O ser humano que se propõe à mudança estará, conseqüentemente, mudando o mundo que está ao seu redor, já que, ele mesmo, servirá de modelo ético-social para a comunidade que o cerca”* (BELLO, 2005: 79).

Como entender o número crescente de Sem Terra assassinados, inclusive durante os sucessivos governos Lula, senão por aqui mesmo?

---

<sup>208</sup> “O pensamento em termos de campo demanda uma conversão de toda a visão ordinária do mundo social, que se ocupa exclusivamente das coisas visíveis: do indivíduo, *ens realissimum*, ao qual nos liga uma espécie de interesse ideológico primordial; do grupo, que só aparentemente é definido exclusivamente pelas relações, temporárias ou duradouras, informais ou institucionais, entre seus membros; enfim, das relações entendidas como *interações*, ou seja, como relações intersubjetivas realmente efetuadas”. (BOURDIEU, 1982: 45).

## 8 – Interações entre Teoria e Prática (Técnica é Uso)<sup>209</sup>

Segui este curso durante 3 anos letivos: 2003, 2004 e 2005. Primeiro, por necessidade, sendo não geógrafa de formação, cada ano letivo me possibilitou um maior aprendizado geral da Geografia Nova e uma maior compreensão da especificidade do Método Geográfico.

Segundo, por vontade de aperfeiçoar o meu conhecimento pessoal no que diz respeito a pedagogia usada por minha orientadora. A Professora Maria Adélia é A Professora da Geografia Nova em Ação. Cada curso abrindo espaço para novas reflexões teóricas enriquecidas pelos recortes e os enfoques dos alunos.

Infelizmente, na posição de aluno não nos é dada a possibilidade de ver nascer uma teoria científica, de segui-la em construção, ao ser constantemente enriquecida no decorrer do mundo novo. Sobretudo nesta aceleração contemporânea com a qual convivemos.

Raramente, o aluno tem orientadores que continuam estudando, lendo, se formando, trabalhando e suando com ele, inclusive, ao desvendar os erros de seus próprios trabalhos. O conhecimento além de ser um indispensável trabalho gastro-intestinal pessoal com bunda na cadeira, também é um processo de construção coletiva não só de troca de informação, mas de uso respeitoso do trabalho do outro.

Nas universidades globais muitos orientandos são usados pelos seus orientadores. Muitos orientadores montam suas carreiras as custas de seus orientandos, não rara vez usados como moeda de troca de favores. O que é completamente diferente do uso de nosso trabalho para criar e enriquecer uma teoria revolucionária.

O Professor Milton Santos nos deixou a Geografia Nova que foi paulatinamente construída durante toda sua carreira acadêmica. Foram-lhe necessários 50 anos (uma vida) de fundamentos científicos e filosóficos para construir uma teoria do espaço geográfico. Sua pesquisa de campo é o próprio mundo. Sua dificuldade é a própria existência.

A Professora Maria Adélia está nos possibilitando a continuação da produção científica ligada a esta teoria. Não basta citar o Milton. Mesmo se, como nos relembra

---

<sup>209</sup> A partir do curso, “Região: Teoria e Prática”, administrado pela Prof. Dra. Maria Adélia Aparecida de Souza, USP, 2003-2004-2005. Este curso resultou nos seguintes trabalhos: “*Exercício de reflexão sobre o Estado - Nação e o Espaço*” (12p) – Novembro de 2003; “*O Lugar do Movimento Sem Terra como resistência sócio-espacial*” (20p.) - Dezembro de 2003; “Uso, refuncionalização, a seletividade como vetores no espaço geográfico expressos pelos aconteceres homólogos, hierárquicos e complementares. Reflexão sobre a escolha dos elementos espaciais que fundamentam a pesquisa do aluno : o território usado, a refuncionalização, a seletividade, identificando os eventos pertinentes aos aconteceres solidários orgânicos, organizacionais e institucionais”; “*O Uso Agrícola do Território Brasileiro na Pedagogia do MST*” (15p) – Dezembro de 2004.

Pierre Bourdieu, “para os kabylas, citar é ressuscitar”. Como todos os grandes pensadores brasileiros, o Professor Milton Santos também é usado e abusado.

A própria teoria, quando é verdadeiramente revolucionária, leva embutida nela mesma uma pedagogia também revolucionária. É o caso do Método Geográfico que, hoje, está servindo de base inclusive para outras disciplinas: como é o caso da Sociologia com a Professora Ana Clara Torres Ribeiro, do IPPUR, na UFRJ.

Nossa pretensão é, justamente, detectar e difundir o aspecto revolucionário da metodologia geográfica. Porque se o espaço é geográfico, ele também é pedagógico.

Em outras palavras, como diz Paulo Freire: “*Ler o mundo é ser capaz de ler a palavra*”.

Após Marx, Nietzsche, Freud e Sartre, a pedagogia nunca mais é a mesma ou, pelo menos, não deveria ser. Se a vida está em constante evolução é porque o homem é um ser inacabado em constante mutação ao construir e ser construído pelo mundo.

As novas práticas pedagógicas existem porque existem novos homens, frutos e produtores de novas visões do mundo.

Como nos ensina José Ortega Y Gasset: “*El mundo soy yo, mi vida e mi circunstancias*”. O mundo é uma (inter)subjetividade.

## Conclusão

### - Da Co-Presença à Consciência –

*“L’être humain est dialectique (...)*

*Mais il faut comprendre qu’il y a une dialectique dans la dialectique<sup>210</sup>”*

**Jean-Paul Sartre, 1960.**

Esperamos ter, acima, demonstrado um pouco da Geografia Nova em ação. Pois, no desenrolar da pesquisa sobre o uso do território e a pedagogia do MST, fomos tomando consciência da dimensão do lugar e do território como *práxis*. Melhor, a própria *práxis* do território e do lugar foram, tal a ponta do iceberg, emergindo.

O campo de forças das solidariedades metodológicas, mesmo contraditórias e sobretudo antagônicas, e a própria convivência quotidiana com o método geográfico é que foram desvendando os próprios fundamentos do lugar e do método como plano da existência.

Daí a importância dos conceitos geográficos, tanto do cotidiano, quanto do uso, enquanto lugar onde as práticas espaciais do valor de troca do uso são concretamente realizadas, mesmo sem ser explicitadas.

Aqui, o *dom* do professor Milton Santos, é oferecer-nos os instrumentos científicos e as ferramentas cognitivas para ver nascer não só uma teoria científica, mas, sobretudo, uma *práxis* existencial. Pois, a existência está sempre em curso.

A leitura existencialista do método não acontece, assim, a partir do nada. Não, é a própria vida, a própria existência, que durante o seu conviver quotidiano nos possibilita aguçarmos nosso próprio olhar a partir do próprio existencialismo praticado, já presente de forma elaborada no próprio método.

Daí uma teoria revolucionária nascer, também, enquanto prática, técnica e *práxis* revolucionárias.

A metodologia geográfica é que nos leva a afirmar que se o espaço é geográfico; ele, também, é pedagógico. Dependendo do lugar da intenção do olhar da pesquisa. Dependendo do momento do raciocínio reflexivo sobre a pesquisa.

---

<sup>210</sup> “O ser humano é dialético (...) Mas é preciso compreender que há uma dialética dentro da dialética”. Jean-Paul Sartre, 1960.

Assim, entre Por Uma Geografia Nova, da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica, publicada em 1978, até uma Geografia Renovada em ação, em pleno século XXI, avançamos da elaboração do método analítico para o método dialético.

É a própria enciclopédia<sup>211</sup> atualizadíssima sobre A Natureza do Espaço, Técnica e Tempo, Razão e Emoção, 1996, que vai ilustrando-nos o caminho do método e iluminando-nos sobre o itinerário de sua tomada de consciência sócio-espacial. Eis o evento metodológico; quando a genealogia dos conceitos (enquanto poder) é desvendada; onde a arqueologia do saber (enquanto fazer) *est mise à nue*.

Se para Gilles Deleuze, a Filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos; aqui, com Milton Santos, a filosofia das técnicas é a profissão (*métier*) de desinformar e desinventar, para refabricar conceitos a partir de uma nova situação: não mais sobre a existência deles mesmos, mas trans-conceitual, porque trans-existent. Pois, toda a teoria é datada. Todo o conceito é filho de seu tempo e pai do seu espaço.

Entre as duas obras, não somente passamos de uma escola analítica para uma escola dialética, mas, de uma escola dialética para a dialética da dialética da existência enquanto *práxis* histórica, geográfica, cultural, política e social porque devidamente situada e lugarizada: *na* própria liberdade disciplinar *do* método em curso.

O trabalho do cidadão do mundo é de tal valor que, muito humildemente, ousamos tentar desvendar uma pequena parte no que concerne a psico-socio-pedagogia e o uso do território. Tal Penélope, os fios da meada foram pacientemente montados sobre o tear durante os dias; para serem impacientemente desmontados sobre o manto dos sonhos da liberdade durante as noites.

O espaço e sua própria natureza não dizem somente respeito à geografia, seria mais um dogma; mas às doutrinas da liberdade de expressão e de pensamento de todas as ciências humanas e sociais assim assumidas enquanto tal. Pois na viagem dos valores, sistema, mutação e movimento caminham juntos com os fundamentos do método. Forma, função e processo.

Todas as disciplinas humanas e sociais têm a nova possibilidade de fundamentar suas interações com a natureza do espaço a partir do conteúdo da obra do professor Milton.

---

<sup>211</sup> Enciclopédia vem do grego *cyclo*, o círculo, a periodicidade, ou *kuklos*, o círculo. Assim, a palavra *kuklos* já tinha em si, desde os tempos gregos, este duplo valor, ao mesmo tempo, espacial e temporal. Ao valor espacial se interligam a enciclopédia, *enkuklios paidéia*, enquanto uma educação completa (*paidéia*, a educação, de *pais*, *paidos*, a criança). Título escolhido por Denis Diderot (1713-1784) e seus colaboradores (os enciclopedistas) para designar todo um conjunto de informações completas num domínio particular ou em todos os domínios. Assim, a enciclopédia nasce com o objetivo de alcançar todo o conhecimento, inclusive, além da totalidade da própria ciência. Pois, durante séculos, a enciclopédia teve que coabitar e coexistir com os conhecimentos populares divulgados graças aos almanaques.

Enquanto forma-conteúdo de uma disciplina revolucionária porque libertadora. Os conceitos do professor foram libertando-se de suas determinações lingüísticas, (porque históricas e geográficas; culturais e sócio-espaciais), para politicamente redeterminarem-se por si, para si e em-si mesmo: livremente.

O *brinde* de nossa pesquisa é possibilitar um alargamento de todos os contextos, inclusive, científicos a partir da gênese de sua nova disciplina: a Espaciologia.

“O que se teria esquecido [Sartre] é que a dialética é *processo* e que a história é *processo dialético*. Trata-se de compreender movimentos e não de fixar conceitos segundo uma lógica linear. O indivíduo, sujeito histórico, é livre no contexto de uma situação historicamente determinada; a liberdade mantém relação dialética com as determinações porque, como movimento existencial e histórico, também é *processo de libertação*; e o sujeito se constitui nessa relação porque a subjetividade é *processo de subjetivação*. Não somos livres por essência; somos livres para *nos tornarmos* livres; e tampouco somos determinados por essência; as determinações representam o outro pólo da relação dialética que se opõe à liberdade na existência histórica efetiva – aquela que não cabe nos critérios de objetividade conceitual”. (SILVA, 2007: 61)

O que o professor Milton Santos, enquanto filósofo das técnicas, pode compartilhar com o professor Franklin Leopoldo e Silva, professor de filosofia na FFLCH-USP, é que o indivíduo, antes de ser sujeito histórico, é objeto geográfico. Pois, a dialética não é somente processo em via de totalização, ela também é essencialmente forma em via de formação e função em via de refuncionalização. A nova história social e a outra geografia cultural formando, de forma contraditória a complexa, simultânea, contemporânea e atual estrutura consciente da nova dialética sócio-espacial.

Como a ópera nasceu do casamento da música com o drama; a espaciologia nasce da aliança de uma outra nova história com uma geografia nova outra.

A liberdade do ser-em-situação é historicamente e geograficamente determinada porque sempre em interação social e cultural com o ser-no-mundo; ao vivenciar interações dialéticas com as indeterminações dialéticas. Pois, a liberdade dos conteúdos políticos de uma existência sócio-espacial efetiva é, também, aquela que não cabe nas formas dos critérios de subjetividade conceitual.

Se o indivíduo do iluminismo, que tem somente 250 anos, é sujeito histórico; então, desde a pré-história, o homem néantropiano é (a)histórico porque tampouco parcialmente descoberto, mesmo se antropologicamente situado.

De modo desigual e combinado, a história e a geografia, a cultura e a sociedade, do homem por vir recém está se politizando. Pois, se Marx, filho do século do idealismo do espírito sentiu a necessidade do realismo da matéria; Santos, filho de um século exacerbadamente materialista se deu à liberdade de criticar politicamente essa matéria idealizada ao comunicar-se conceitualmente com esta realidade sócio-espacial *em processo de sócio-espacialização* através da fenomenologia de um espírito renovado.

Afinal, só a co-existência de uma jovem matéria sócio-espacial é determinadamente indeterminada porque condenada a co-agir<sup>212</sup> com o espírito sócio-espacializado e não mais recalcado enquanto tema proibido: ao estar co-presente nas ciências humanas e sociais em suas consciências físicas e exatas.

Não é fácil tentar entender um fenômeno quando recém está se desenrolando sob nossos olhos. No entanto, internet, - que é uma arma de guerra criada em plena guerra fria pelos serviços de inteligência norte-americanos para quebrar o socialismo real da ex-união soviética, - deve ser considerada como a nova Agorá dos gregos antigos.

Hoje, internet é a grande praça pública, nosso gigante espaço-público fruto de todo o nosso saber técnico; quase uma segunda crosta planetária. Nossa segunda pele. De fato, já é nossa 2ª natureza tecnicamente materializada. Ao ser tecnologicamente usada.

O que acontece é que o suporte lingüístico da internet, para os jovens, é uma transcrição da oralidade e uma oralização da escrita. Escreve-se por signos entendidos por todos os nets. Mas, também estão sendo criados signos somente decifráveis pelos seus usuários, enquanto fazendo parte de novas e multiplicadas diásporas. Assim, é que nasce uma nova linguagem. Ao mesmo tempo, universal e particular. Mas, sobretudo, essa nova linguagem materializa-se num novo meio técnico, científico, informacional e comunicacional graças a um novo suporte material e tecnológico. Nossa nova matéria.

---

<sup>212</sup> “Os agentes mais bem-sucedidos em termos sociais são aqueles que dominam o *habitus* de tal forma que este aparece como “um sentido do jogo” intuitivo, uma capacidade de saber tomar a decisão adequada no momento certo, uma vez que a lógica de funcionamento daquele grupo ao qual pertence está incorporada e, portanto, a previsão do próximo passo parece natural. Essa coincidência entre a forma de agir e o ambiente no qual se age é essencial para o sucesso do indivíduo e é acompanhada por um sentimento de adequação e de conforto com relação às ações e à organização do ambiente social, que praticamente impede o questionamento das condições específicas nas quais determinadas práticas sociais se realizam” (...) “Como disse Bourdieu: “Assim, paradoxalmente, a sociologia liberta libertando da ilusão de liberdade, ou mais exatamente, da crença mal colocada nas liberdades ilusórias. A liberdade não é um dado, mas uma conquista, e coletiva”.” De Rosário S. Genta Lugli, doutora em Educação pela USP, professora no curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). In “*A construção social do indivíduo*” – “Bourdieu contribuiu para derrubar a idéia de que a escola realiza uma seleção “neutra” daqueles que possuem mérito suficiente para chegar aos patamares mais elevados”, In Revista Educação, Especial: Biblioteca do Professor, BOURDIEU (5) pensa a educação, A escola e a miséria do mundo, Editora Segmento, São Paulo (SP).

Dáí a grande contradição do capitalismo, profetizada por Sartre. Ao tentar tudo materializar, o capitalismo acabou, também, por materializar a nossa própria consciência. Pois, se tudo é matéria de conhecimento *enquanto* conhecimento de matéria; então, ao passar da negação dessas quantidades para a afirmação desta sua nova qualidade; a nova consciência em questão, torna-se *totalidades em via de totalização*.

Pierre Bourdieu, em *A Escola Conservadora*, 1966, já nos avisava de que “A rentabilidade de uma relação de comunicação pedagógica, ou seja, o grau em que ela é compreendida e assimilada pelos alunos, dependeria do grau em que os alunos dominam o código necessário à decifração dessa comunicação” (...) “Para os alunos das classes dominantes, a cultura escolar seria sua cultura “natal”, reelaborada e sistematizada. Para os demais, seria algo como uma cultura “estrangeira” (...) “A escola cumpriria, portanto, a um só tempo, sua função de reprodução e de legitimação das desigualdades sociais” (...) “Esse reconhecimento [da superioridade e legitimidade da cultura dominante] se traduziria numa desvalorização do saber e do saber-fazer tradicionais – por exemplo, da medicina, da arte e da linguagem populares, e mesmo do direito consuetudinário – em favor do saber e do saber-fazer socialmente legitimados”.<sup>213</sup>

Por outro lado, seguindo Jacques Lévy, em sua conferência: “Ontem, com a internet, o inglês era 100%, mas, agora, a cada mês, google cria um buscador numa nova língua. As pequenas línguas já estão sendo salvas pela internet. Essas fronteiras entre as línguas são inesperadas, perturbadoras e surpreendentes”.

---

<sup>213</sup> De Maria Alice Nogueira, doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Paris V, professora titular de Sociologia da Educação da UFMG & Cláudio Marques Martins Nogueira, doutor em Educação pela UFMG, professor-adjunto de Sociologia da Educação da UFMG. In “*Um arbitrário cultural dominante*” – “Ao tratar de modo igual quem é diferente, a escola privilegia, de maneira dissimulada, quem, por sua bagagem familiar, já é privilegiado”, Revista Educação, Especial: Biblioteca do Professor, BOURDIEU (5) pensa a educação, A escola e a miséria do mundo, Editora Segmento, São Paulo (SP).

## C – TERCEIRO MOMENTO

- LUGAR E MÉTODO –
- ANTÍTESE DA VISÃO GLOBAL DO MUNDO<sup>214</sup> –

### 1. Justificativa

*“Entre os grandes problemas da prática marxista continuam a estar a questão do encontro fecundo entre o teórico e o empírico e da redescoberta pelo indivíduo do seu próprio futuro, nas dobras do movimento social. Na medida em que a internacionalização da economia deu à ciência geográfica, como teoria locacional da sociedade e teoria social dos lugares, uma nova dimensão, tanto uma fenomenologia<sup>215</sup> bem entendida, como um existencialismo<sup>216</sup> à moda sartriana<sup>217</sup> aparecem como*

<sup>214</sup> Este Terceiro Momento é um desdobramento de nossa qualificação de doutorado, defendida no departamento de geografia humana da USP, em agosto de 2006.

<sup>215</sup> Fenomenologia. 1. Estudo descritivo de um fenômeno ou de um conjunto de fenômenos em que estes se definem quer por ocasião às leis abstratas e fixas que os ordenam, quer às realidades de que seriam a manifestação. 2. Sistema de Edmund Husserl, filósofo alemão (1859-1938) e de seus seguidores, caracterizado principalmente pela abordagem dos problemas filosóficos segundo um método que busca a volta “às coisas mesmas”, numa tentativa de reencontrar a verdade nos dados originários da experiência (*Novo Dicionário Aurélio*). (SANTOS, 1982 apud 2005). 3. “Segundo Hegel, a “fenomenologia do espírito” é a “ciência da consciência”, que toma em conta a manifestação dialética do espírito ao trabalho na história. 4. Segundo Husserl, método filosófico que busca voltar “às coisas mesmas” e a descrevê-las tais como aparecem à consciência, independentemente de todo saber constituído. “A fenomenologia respondia exatamente às suas preocupações (aquelas de Sartre): ultrapassar a oposição do idealismo e do realismo, afirmar de vez a soberania da consciência, e a presença do mundo tal qual ele oferece-se à nós” (Simone de Beauvoir). (Enciclopédia).

<sup>216</sup> Existencialismo. 1. Corrente de pensamento iniciada por Soren Kierkegaard, filósofo dinamarquês (1813-1855), na qual se distinguem Martin Heidegger, Karl Jaspers (1891) e Jean-Paul Sartre, e para a qual o objeto próprio da reflexão filosófica é o homem na sua existência concreta, sempre definida nos termos de uma situação determinada, mas não necessária – o “ser-em-situação”, o “ser-no-mundo”-, a partir do qual o homem, condenado à liberdade, por já não ser portador de uma essência abstrata e universal, surge como o arquiteto da vida, o construtor do seu próprio destino, submetido embora a limitações concretas; filosofias existenciais; filosofias da existência (Adaptado do *No Dicionário Aurélio*). (SANTOS, 1982 apud 2005). 2. “Movimento filosófico moderno, conjunto de doutrinas que têm em comum o fato de colocar, como ponto de partida de sua reflexão, a existência vivida do indivíduo, do homem no mundo, e a primazia da existência sobre a essência”. (Enciclopédia).

<sup>217</sup> “O existencialismo, como o marxismo, dirige-se à experiência de forma a descobrir, por seu intermédio, sínteses concretas; ele apenas pode conceber essas sínteses dentro de uma totalização progressiva e dialética que é nada mais do que história ou – do ponto de vista estritamente cultural aqui adotado – a filosofia tornando-se o mundo (philosophy-becoming-the-world). Para nós, a verdade é algo que está sempre surgindo ou nascendo de novo, ela já foi e ela, de novo, será. É uma totalização que está sempre sendo totalizada”. (Sartre, 1968, p.30). “Fatos particulares não têm significado próprio; eles não são verdadeiros nem falsos até que sejam relacionados, à realidade em processo, através da medição de várias totalidades parciais”. (Sartre, op. Cit. P. 30-31). (SANTOS, 1982 apud 2005). “Atribuíram ao existencialismo precursores como Santo Agostinho, Pascal, Rousseau, mas seu ancestral direto é Kierkegaard, para quem o homem não deve pensar sua existência de maneira impessoal, mas na totalidade concreta de sua subjetividade. Em Jaspers, a existência é infortúnio, aflição, tensão, risco e audácia, fé. Heidegger, que recusou a etiqueta de existencialista, considera, entre outras teses, que a angústia é a consciência da existência, a apreensão do

*instrumentos do conhecimento indispensáveis à ação e como componentes de uma renovação do próprio enfoque marxista”.*

(SANTOS, 1982 apud 2005).

Porque escolher o MST? Porque introduzir o Uso Agrícola do Território como nova categoria analítica na Pedagogia do MST? Qual a importância destes recortes na dialética espacial entre o Meio Técnico Científico Informativo do Globalitarismo e a Globalização do Período Popular da História? Porque escolher o Brasil? Estas são perguntas as quais vamos tentar responder nesta justificativa.

O objeto principal de nossa pesquisa é a Pedagogia do MST. Ora, será que é possível alcançarmos uma interpretação - real e concreta - do Brasil fora do instrumental teórico da Geografia Nova? Vejamos como a Pedagogia do MST analisa o processo de construção de seu Movimento.

*“O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) nasceu da articulação das lutas pela terra que foram retomadas a partir da década de 70, especialmente na região centro-sul do Brasil (...) O MST teve sua gestação no período de 1979 à 1984 e foi criado no 1º Encontro Nacional de Trabalhadores Sem Terra que aconteceu de 20 à 22 de janeiro de 1984, em Cascavel no Paraná, com a presença de 12 estados”* (CALDART, 2000: 68).

A Pedagogia do MST, para compreender a gênese e o nascimento de seu Movimento, apresenta a combinação de três conjuntos de fatores complementares:

- 1- As pressões objetivas da situação socioeconômica dos trabalhadores na região em que surgiu o MST: o Rio Grande do Sul,
- 2- O conjunto dos elementos socioculturais e políticos no processo de reação destes trabalhadores,
- 3- Alguns fatos que desencadearam lutas localizadas.

O MST nasceu de pressões ou condições objetivas originadas da situação econômica e social criada pelas transformações que a agricultura brasileira sofreu nos anos

---

aniquilamento que encoberta o ser. Sartre retoma esse tema de Heidegger ao desenrolá-lo: se o homem (definido como o único “projeto” para quem “a existência precede a essência”) aspira a ser, ele tem necessariamente a “náusea” do ser, pois seu olhar transforma o outro em em-si, em objeto. A filosofia de G. Marcel foi qualificada de existencialismo cristã. Merleau-Ponty casou seu existencialismo à fenomenologia e ao personalismo”. (Enciclopédia).

70. Entre elas, a expulsão do campo que levou a alternativas que, segundo a Pedagogia do MST, não deram certo: os projetos de colonização e a ida para a cidade.

*“Gerando insegurança e miséria entre uma população acostumada a viver com um certo nível de estabilidade e, talvez por isto mesmo, também acostumada a seguir os tradicionais preceitos da ordem e progresso, o que a fez inclusive apoiar por muito tempo a ditadura militar. O MST é fruto das iniciativas de reação a esta situação objetiva”* (CALDART, 2000: 69).

Outros elementos aparecem nesta situação:

- A criação das Comunidades Eclesiais de Base (no começo dos anos 60) e da Comissão Pastoral da Terra (em 1975).
- O trabalho pastoral da Igreja Católica e da Igreja Luterana.
- O processo de redemocratização do país e as greves operárias de 1978 e 1979.
- A *tradição* ou *costume* incorporado da trajetória de luta pela terra nos cinco séculos de latifúndio em nosso país.

*“O MST aparece no meio de uma nova cultura política como novo tipo de expressão dos trabalhadores e como um dos herdeiros do processo histórico de resistência e de luta do campesinato brasileiro”* (CALDART, 2000: 71).

Propor a incorporação do conceito de Território através das categorias analíticas de Território como Recurso e Território Usado como Abrigo – da Geografia Renovada – é propor um novo olhar sobre a Pedagogia do MST. Um olhar á partir do Brasil e das reflexões de um brasileiro, filósofo das técnicas e criador da Geografia Nova: Milton Santos.

Á leitura do Brasil, via Sociedade, realizada pela Pedagogia do MST, desejamos apresentar a leitura da Formação sócio-espacial Brasileira, via Território Usado. Pois o Território Usado, um dos conceitos de território proposto por Milton Santos, é sinônimo de Espaço Geográfico ou Espaço social.

O processo de gestação do MST, que vai de 1979 a 1984 se formou em vários estados: RS, SC, PR, SP e Mato Grosso do Sul.

No Rio Grande do Sul, o MST nasce da expulsão dos colonos da reserva indígena de Nonoai (maio de 1978), feita pelos índios Kaingang, que também lutavam pela

reconquista de sua terra de origem. Esta expulsão dá origem as ocupações das fazendas Macali e Brilhante, em Ronda Alta, e a ocupação da reserva florestal da fazenda Sarandi, em Rondinha. Segundo FERNANDES: “*A luta recomeçava exatamente onde havia sido interrompida em 1963, com o MASTER*”<sup>218</sup> (CALDART, 2000: 73).

Em Santa Catarina, a farsa da peste suína africana, no final dos anos 70, na diocese de Chapecó, dá origem, com o apoio da CPT, a quatro frentes de luta: Movimento de oposição sindical, Movimento das Mulheres Agricultoras, Movimento dos Atingidos por Barragens e MST.

No Paraná, a construção da usina hidrelétrica de Itaipu deixa sem a terra milhares de famílias de 8 municípios do extremo oeste do estado. Nasce o Movimento Justiça e Terra (1980) organizado pelas Igrejas Luterana e Católica. Parte das famílias foram transferidas para um projeto de colonização no Acre onde enfrentaram as dificuldades “*já conhecidas neste tipo de projeto*”. Entre 1982 e 1983 nascem vários movimentos na região. Em 1982, acontece a grande ocupação na fazenda Anoni, em Marmeleiro.

Em São Paulo, no município de Andradina, o conflito entre posseiros e grileiros, na região onde tinha sido criada a CPT (em 1979), dá origem a desapropriação da fazenda Primavera e a implantação do Assentamento em Julho de 1980.

No Mato Grosso, os camponeses decidiram não migrar e sim resistir na terra que ocupavam. Houve conflitos violentos e o governo decidiu fazer um projeto de deslocamento dos colonos para o norte do estado (Mato Grosso a partir de 1979). Muitos aceitaram e novamente a mesma condição: “*não havia como permanecer em uma terra improdutiva e sem nenhuma infra-estrutura*”. Isto foi gerando a consciência de que a luta pela terra deve ser feita na própria terra e não buscando terras distantes e desconhecidas. O MST nasce com a ocupação, em abril de 1984, da fazenda Santa Idalina, de 1.800 hectares, em Ivinhema.

A criação do MST ocorre em janeiro de 1984, em Cascavel, no Paraná. Em janeiro de 1985, em Curitiba, acontece o 1º Congresso Nacional, com 1.500<sup>219</sup> delegados de 16 estados, que decidem as principais características que definem o MST:

---

<sup>218</sup> “O MASTER foi um movimento fundado no Rio Grande do Sul, em 1958, sob influência de líderes políticos do PTB – Partido Trabalhista Brasileiro. Pressionou o governo estadual a realizar assentamentos. Funcionou de 1958 a 1964, quando foi colocado na ilegalidade e perseguido”. Fonte: “*Brava Gente*” STEDILE e FERNANDES, 1999.

<sup>219</sup> Durante o 5º Congresso do MST, junho de 2007, havia 1.400 crianças (de 2 meses a 11 anos) que prosseguiram suas atividades na Escola Itinerante Paulo Freire e participaram de algumas atividades da Mística. Essas crianças são filhos e filhas dos 17.600 delegados do MST vindos de todo o Brasil.

- Ser um movimento popular onde pode entrar todo mundo (para lutar pela Reforma Agrária não é preciso ser necessariamente um camponês),
- Ter um componente sindical, no sentido de corporativo.
- Ter um componente político onde a luta pela terra e pela Reforma Agrária<sup>220</sup> faz parte da luta de classes.

Do ponto de vista da formação do sem-terra como *sujeito político e sociocultural*, a Pedagogia do MST define o MST como uma organização que é de abrangência nacional<sup>221</sup>, e está em processo permanente de construção. No entanto, aparecem três momentos históricos de formação dos Sem Terra:

O Primeiro Momento é a articulação nacional da luta pela terra. Ou seja, é a constituição do MST enquanto movimento social de massas, cujo objetivo central é a luta pela terra. O MST define sua origem de classe com trabalhadores que trabalham a terra sem ser proprietários ou que têm propriedade que não consegue atender as necessidades

<sup>220</sup> “No projeto de desenvolvimento nacional que vigorou de 30 a 80, cabia um projeto de reforma agrária clássico – aquilo que as próprias burguesias industriais aplicaram em toda a Europa, nos Estados Unidos, Japão, Filipinas. É você desapropriar grandes propriedades, para democratizar a propriedade da terra e multiplicar o número de camponeses ou, se quiserem, de produtores familiares de mercadorias. E isso se combinava com a indústria, porque a indústria se baseava no mercado interno. Então, havia uma combinação: a indústria produzia pra essa agricultura familiar, e esta vendia para a indústria. Então, essa reforma agrária dava certo. Ela desenvolvia o país, com escala. Tinha que ser feita com escala, pra poder gerar um processo de desenvolvimento. Agora, aquele modelo entrou em crise. Nós estamos percebendo o que significa o domínio do capital financeiro e internacional sobre a agricultura, que é o controle absoluto que grandes grupos transnacionais começaram a ter sobre todo o processo produtivo brasileiro. Eles controlam os insumos, o pacote tecnológico, eles dizem como se deve produzir, eles vendem os agrotóxicos e eles controlam o mercado. É um inimigo muito mais complicado” (...) “É, esse é o nosso desafio agora. O que é que nós estamos dizendo? Que o movimento, que passou 20 anos, lutando pela reforma agrária clássica, que ainda cabia até o governo Sarney, e governo Itamar, que era a tentativa de reconstruir um projeto de desenvolvimento nacional. Com o Collor e o Fernando Henrique aquela turma do PMDB histórico foi pras calendas e assumiu a burguesia aliada com o capital financeiro. Então, o movimento está fazendo essa inflexão. Nós agora temos que defender uma outra reforma agrária, que nós chamamos reforma agrária popular. Por que? Por que ela tem que retomar o controle da produção. Não é mais problema só dos sem-terra. É de todos os agricultores brasileiros: se unirem para enfrentar as transnacionais, porque elas vão levar esse país à breca, elas não têm nenhum compromisso com os nossos destinos”. (STEDILE, In Entrevista à Revista Piauí, 15 de junho de 2007, sítio do MST). (...) “A reforma agrária clássica foi feita na maior parte dos países da Europa, nos Estados Unidos, no Japão, depois da Segunda Guerra Mundial. É um projeto que está combinado com um projeto de desenvolvimento da indústria nacional para desenvolver um mercado interno. O Brasil perdeu quatro oportunidades históricas de fazer esse tipo de reforma agrária: no fim da escravidão, na implementação da industrialização pela Revolução de 30, em 1964 e no governo Sarney, quando havia um clima favorável no PMDB para viabilizar um projeto de desenvolvimento nacional. Da década de 90 para cá, nosso país e as elites brasileiras abandonaram o projeto nacional. O que está em curso é um projeto popularmente conhecido como neoliberalismo, que subordina a economia brasileira ao capital internacional e financeiro. O projeto pelo qual o MST lutou 20 anos se esgotou porque as elites brasileiras deixaram de defender um projeto de industrialização nacional. Hoje, a não ser o vice-presidente José Alencar, não há forças nacionalistas em nossa burguesia industrial”. (STEDILE, In Entrevista “A reforma agrária já está esgotada”. Revista Época, p. 52-53, 2 de julho de 2007).

<sup>221</sup> Hoje, em 2007, o MST está presente em 24 dos 27 estados da federação brasileira.

básicas de sobrevivência de uma família. O MST identifica sua heterogeneidade cultural no modo de organização para a luta e no jeito de organização para produção dos assentamentos. Em 1993, o MST representa mais ou menos 4 milhões de famílias.

O MST se identifica na formação do povo brasileiro de Darcy Ribeiro porque os sem-terra combinam em si os traços dos “*Brasis sulinos de gaúchos, matutos e gringos*” do Brasil caipira das fazendas paulistas, do Brasil sertanejo dos sertões nordestinos, do Brasil caboclo da população amazônica e do Brasil crioulo dos engenhos de açúcar do nordeste litorâneo” (CALDART, 2000: 79). Aos poucos, o MST vai se identificando também com a formação do povo brasileiro de outros pensadores, como por exemplo, Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil* e Milton Santos em *Por uma outra globalização*.

Junto com a herança (classe, etnia, cultura) vem, então, a construção da nova identidade com a primeira passagem da condição de ser um trabalhador *sem* (a) terra a condição de ser um trabalhador sem-terra. A segunda passagem é “*aquela que constitui o sujeito social Sem Terra com a identidade de quem decidiu criar uma organização e lutar coletivamente pelo que lhe falta para ser o que mais sabe ser, um trabalhador da terra, seja em um lugar ou outro, com uma tradição cultural ou outra*” (CALDART, 2000: 79).

As diferenças - construídas através das decisões e das ações que constituem o cotidiano da luta do MST e que foram compondo sua história e a de cada um de seus sujeitos, que na realidade se constituem em princípios de ação do movimento - são as seguintes:

- Definir a ocupação de terra como a forma principal de luta<sup>222</sup> ao construir em torno dela princípios organizativos e uma metodologia bastante própria de educação do povo.

---

<sup>222</sup> “Continuaremos com as nossas ocupações, porque é uma forma de sobrevivência. A ocupação é uma sobrevivência. Não é uma grande estratégia revolucionária. Sempre que qualquer território em qualquer parte do planeta tenha muita gente sem terra e um latifundiário com um monte de terra, ninguém é idiota: é só atravessar a cerca. Então, a única coisa que o movimento faz e sempre fez ao longo da história é civilizar a ocupação. Por que se ela for feita espontaneamente, gera violência e morte, que foi o que aconteceu ao longo do tempo na Amazônia. Então, ocupação de terra é uma questão de sobrevivência. O MST vai dar civilidade a essa ocupação. Agora, isso é insuficiente pra barrar o neoliberalismo. Então as nossas estratégias vão sendo construídas sempre pelo processo histórico. Ninguém tira da cartola ou fecha numa sala e diz “ah, saquei como é que é”. Tudo é construído num processo de luta pela dialética, tu vai testando se dá certo ou não dá certo. O que nós imaginamos é fazer um movimento de consciência da sociedade. Para isso o movimento pode fazer ações de pedagogia de massa. Por exemplo, nós ocupamos por um dia a usina da Cevasa, em São Paulo, que é da Cargill. Era pra tomar a Cevasa? Não. Era pra chamar a atenção da cidade, que era um absurdo a Cargill ser dona de 36 mil hectares de terra em Ribeirão Preto. Pra com isso ir ganhando corações e mentes”. (STEDILE, In Entrevista à Revista Piauí, 15 de junho de 2007, sítio do MST).

- Ver os acampamentos, de caráter provisório ou permanente, como cidades de lona preta e como principais espaços de formação.
- Qual a figura social do Sem Terra a ser construída? Um coitado ou um lutador do povo?
- Ser um movimento nacional e não somente regional para garantir a unidade de ação e manter a cultura organizativa que combina uma direção política unificada, expressa através de princípios e linhas de ação, com uma atuação descentralizada e com um processo de discussão das decisões em todos os níveis da organização.
- Onde estão os Sem Terra há organização.

O Segundo Momento é a constituição do MST como uma organização social dentro de um movimento de massas. Ou seja, é uma agenda que passa a exigir dos sem-terra do MST outras formas e estruturas de organização e de participação coletivas. É um momento entrecruzado com o momento anterior e já convivendo com os desafios do momento seguinte.

*“Estou usando a expressão organização social no sentido de dizer que o MST passa a assumir características organizativas e de atuação na sociedade que extrapolem o caráter temporário e o perfil comum a um movimento social de massas (...) Não se trata de uma nomeação consensual nem entre os analistas nem entre os próprios Sem Terra. Na verdade, ainda está para ser construída uma categoria que realmente dê conta de expressar a especificidade identitária do MST (...) As categorias movimento social ou movimento de massas, pelo menos em seu sentido originário, não conseguem explicar com precisão o papel histórico do MST” (CALDART, 2000: 86).*

O MST começa a se questionar sobre si mesmo, e, para esse questionamento, ele hesita entre o instrumental teórico-metodológico do sociólogo José de Souza Martins para quem o MST é uma *organização política*, da socióloga Ilse Scherrer-Warren para quem o MST faz parte dos *novos movimentos sociais*, e do geógrafo Bernardo Mançano Fernandes para quem o MST é um *movimento socioterritorial* e para quem *“o movimento social é uma categoria geográfica”<sup>223</sup>*.

Nossa proposta é construir um sentido do Brasil a partir do instrumental teórico-metodológico da teoria da Geografia Nova do Professor Milton Santos. Buscar no seu

---

<sup>223</sup> In *“O movimento social como categoria geográfica”*, Revista Terra Livre, Publicação da Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB, SP, N° 15, 31/05/2000.

arcabouço metodológico qual categoria de análise é capaz de dar conta da especificidade do uso do território brasileiro pelo MST.

*“O MST, em sua teoria da organização, entende que deve ter uma dupla estrutura: ser um movimento de massas amplo, mas, dentro deste, ter uma estrutura organizativa que dê sustentação ao movimento, transformando-se assim numa “organização de massas”. Esta organização é para melhor assimilar as idéias e pô-las em prática. Daí a constituição das instâncias, dos setores, dos núcleos”* (BOGO, apud CALDART, 2000: 87).

Este questionamento nasce dos próprios sucessos e fracassos do MST quando se dá conta, com Dom Pedro Casaldáliga, de que *“Terra é mais do que terra”* (CALDART, 2000: 87 e 223). A partir das questões ou dos desafios da realidade enfrentada no cotidiano de seu processo de luta. Mas, à proposta fragmentária das instâncias, dos setores e dos núcleos desejamos propor o próprio território brasileiro como base de organização. A leitura territorial abrange o território em si.

*“O MST é também o movimento ou a organização dos assentados (...) Colocando-se a questão da identidade do assentado (...) Os com-terra continuam a luta coletivamente, agora, por crédito, estradas, saúde, educação ao logo voltariam á condição anterior (...) A dúvida, então, não era sobre continuar lutando, mas se afinal a luta era a mesma ou era outra”* (CALDART, 2000: 88)..

Neste momento aparece uma tensão entre duas lógicas<sup>224</sup> organizativas distintas:

1. A necessária para fazer avançar a luta pela terra, enquanto mobilização das massas sem-terra, sobretudo nos acampamentos onde o MST tem, hoje, 200 mil famílias acampadas, ou seja, um milhão de pessoas a beira das estradas.
2. A necessária para fazer avançar a produção nos assentamentos onde já há quase 500 mil famílias assentadas ao longo destes 20 anos de MST.

*“Embora nasça desde este lugar (os assentamentos), esta tensão entre lógicas, na relação que se afirma existir entre o movimento de massas e a organização social, responsável pelo fortalecimento do Sem Terra como sujeito social, ou como sujeito de sua*

---

<sup>224</sup> “Toute logique, quelle qu’elle soit, répond aux différents problèmes à résoudre, à différentes époques dans différents sociétés”. Ou seja: “Toda a lógica, qualquer que seja, responde aos diferentes problemas a resolver, em diferentes épocas em diferentes sociedades”. (Blanché, “La logique et son histoire, A. Colin, 1970). A contextualização acontecendo somente a partir das inter-relações existenciais porque sócio-espaciais entre o Lugar e o Mundo. Pois, hoje, o grande mediador Lugar/Mundo é o próprio espaço geográfico. Se o espaço geográfico contem o lugar e o mundo, ele também está contido, ao mesmo tempo, no lugar e no mundo, respectivamente.

*própria história. Foi este contexto de decisões e de combinação de lógicas que historicamente faz nascer o trabalho com a educação escolar no MST*” (CALDART, 2000: 90).

Ou seja, a Pedagogia do MST nasce de um conflito e de uma dúvida entre responder as necessidades educativas dos acampados, futuros assentados, ou as necessidades educativas dos assentados, ex-acampados. No entanto, acampados e assentados ou assentados e acampados já são cidadãos Sem Terra em potência. Pois, o acampamento é uma cidade de lona em movimento, dos Sem Terra do movimento. O assentamento é a cidade utópica dos Sem Terra em movimento. Os ex-sem-terra do movimento passaram a ser Sem Terra em movimento, de fato.

O problema, aqui levantado, explica-se pelo próprio questionamento sobre o que é o trabalho? Se, como já vimos, para Claude Raffestin o trabalho é informação e energia, para Milton Santos o trabalho é técnica e política. *“Gosto de lembrar que no trabalho há uma parcela técnica e uma parcela política (...) Esse é um dado da contradição, em que vamos trabalhar e viver (...) Por que valho só isso? A resposta a essa pergunta pode contribuir à formação de minha consciência”* (SANTOS, abril de 2000: 36).

Os sem-terra que cortam cercas e ocupam terras, enfrentam conflitos com o Estado e os latifundiários, são também aqueles que se tornam *dirigentes de empresas*, que negociam em Bancos, que fazem parcerias, que contratam técnicos e discutem as diretrizes de sua assessoria, que organizam sua produção em agroindústrias e que chegam até a regular mercados regionais através da produção agrícola que comandam ou não. Pois: *“se o recurso que o beneficiado do Fome Zero<sup>225</sup> recebesse fosse comida que viesse da agricultura familiar, seria uma ponte fenomenal. O problema é que eu dou R\$ 9 bilhões aqui, e este companheiro vai ao supermercado comprar da transnacional. E temos 4 milhões de famílias que produzem comida e muitas vezes não têm clientes. Não consegui convencer o presidente Lula e o Rossetto<sup>226</sup> a considerar essa potencialidade estratégica<sup>227</sup>”*. (TORTELLI, 2006).

É a própria realidade que garante a dialética deste processo: os sem-terra dirigentes de empresas também fazem lutas massivas e de enfrentamento, ocupando o INCRA ou os

<sup>225</sup> Programa social de combate contra a fome, implantado pelo governo Lula.

<sup>226</sup> Miguel ROSSETTO, ex-ministro do Desenvolvimento Agrário do 1º governo Lula.

<sup>227</sup> Altemir TORTELLI, coordenador-geral da Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar na Região Sul (Fetraf-Sul/CUT) e coordenador-adjunto para a Região Sul da Fetraf-Brasil/CUT. In Entrevista a Alceu Luiz Castilho para o Jornal Brasil de Fato, Ano 4, Nº 152, 26 de janeiro a 1º de fevereiro 2006, Segundo Caderno, p. 13.

próprios Bancos para liberação de créditos, marchando por melhores preços e condições de escoamento de seus produtos e ocupando secretarias de educação para garantir a construção de escolas.

No mesmo momento em que o MST decide que os assentados também integram a sua base organizativa, o MST também decide que incluirá em seu plano de atividades o estudo e a pesquisa tanto da realidade vivida pelos assentamentos já existentes, como de outras experiências de organização da produção que fornecem pistas para superar os desafios encontrados neste campo<sup>228</sup>.

Este Segundo Momento histórico do processo de formação do sem-terra, pode ser considerado como o momento de emergência do *Sem Terra propriamente dito*, aquele que assume as feições principais da identidade que se firma até hoje, e passa a se apresentar à sociedade.

O Terceiro Momento é a inserção do MST na luta por um projeto popular de desenvolvimento para o Brasil. Trata-se de uma inserção mais direta do MST em questões sociais e políticas que dizem respeito ao conjunto da classe trabalhadora ou, até mais amplamente, ao conjunto da Nação brasileira<sup>229</sup>.

O MST cresceu sem aceitar subordinar seus objetivos e princípios a outras organizações, fossem elas entidades de apoio, partidos políticos, outros movimentos sociais ou o próprio Estado.

A partir de 1997, o MST integra a *Consulta Popular* que visa provocar a reflexão da sociedade, em particular da classe trabalhadora, sobre a possibilidade de uma nova *opção brasileira*, desta vez pela construção de um *projeto popular de desenvolvimento para o Brasil*.

---

<sup>228</sup> “O camponês pobre e ignorante só enxerga a terra na frente dele. Pra ele entender a complexidade da sociedade brasileira e da luta de classes, ele tem que ter conhecimento. Então nós temos que fazer um esforço enorme de elevar o nível de consciência cultural e política, e com isso dominar as letras e não só dominar as letras. Quem está no ensino fundamental tem que ir pro ensino médio, quem está no médio, ir pra universidade. Para isso nós temos só uma bandeira: para ser militante dos sem-terra tem que estar estudando. A vida é muito complexa, as inter-relações, do que na época zapatista, que era terra e liberdade”. (STEDILE, In Entrevista à Revista Piauí, 15 de junho de 2007, sítio do MST).

<sup>229</sup> “Primeiro as pessoas têm que compreender que o Brasil está em crise de projeto. Por que? Nós passamos o período colonial com o projeto agroexportador. Entrou em crise. Passamos de 30 a 80 com o projeto de industrialização e desenvolvimento nacional. Entrou em crise. Da década de noventa para cá, a sociedade brasileira foi envolvida pelo novo modelo econômico que é de domínio do capital financeiro e internacional. A economia brasileira é dominada pelos bancos e pelas transnacionais. As 200 maiores empresas que compõem isso, aliadas com alguns grupos brasileiros, controlem 52% da nossa economia. Elas vão indo bem. Mas a economia nacional está estagnada há 20 anos”. (STEDILE, In Entrevista à Revista Piauí, 15 de junho de 2007, sítio do MST)

Em setembro de 1996, o MST lança um *Manifesto ao Povo Brasileiro*.

Em dezembro de 1996, os sem-terra do MST se mobilizam contra a privatização da Companhia Vale do Rio Doce porque os Sem Terra não querem apenas terra, mas também o direito de cidadania plena.

Em 1997, o MST organiza uma Marcha Nacional por Reforma Agrária, Emprego e Justiça que chega a Brasília em 17 de abril, no Dia Internacional da Luta Camponesa, um ano após o Massacre de Eldorado dos Carajás<sup>230</sup>.

Em julho de 1998, acontece a Conferência Nacional Por uma Educação Básica do Campo reunindo MST – CNBB – UNICEF – UNESCO e UNB como resultado do 1º Encontro Nacional de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária que aconteceu em 1997.

No 2º semestre de 1998, o MST participa da Marcha pelo Brasil em conjunto com outras organizações do campo e da cidade. Nesta jornada pedagógica de ir até o povo e ouvi-lo, consultá-lo, pesquisar sobre os verdadeiros problemas que o povo brasileiro está enfrentando se fortalece a imagem do *Sem Terra* como *lutador do povo*.

Em 7 de setembro de 1998, o MST participa do dia da Pátria e do Grito dos Excluídos.

Em 1999, durante três meses, o MST organiza uma Marcha Popular pelo Brasil: em defesa do Brasil, da democracia e do trabalho.

Como fruto e ao mesmo tempo exigência do processo de gestação deste terceiro momento podemos compreender a ênfase do MST nos últimos anos para: “*formação de valores, exatamente aqueles que alimentam uma visão de mundo mais ampla ou histórica, e sustentam esta disposição de solidariedade e de espírito de sacrifício pelas causas do povo*” (CALDART, 2000: 101).

No entanto, “*nas novas gerações de crianças e jovens dos assentamentos há um conflito permanente entre a postura do sou Sem Terra sim senhor! e a do não sou mais sem-terra não!*” (CALDART, 2000: 104).

Ou seja, a própria Pedagogia do MST não se encontra estar fora do mundo – real e concreto –, ela também reflete o problema universal sempre posto a pedagogia, em qualquer época, entre a pedagogia da libertação (explícita em educadores como Paulo Freire) e a pedagogia como instrumento de controle e coerção (explicitada, hoje, por

---

<sup>230</sup> Massacre que aconteceu em 17 de abril de 1996, na rodovia PA-150, município de Eldorado dos Carajás, PA – onde 19 sem-terra foram assassinados e 69 sem-terra ficaram mutilados. Para maiores informações consultar a Revista *Caros Amigos* – em duas Edições Especiais: *O maior julgamento da história do Brasil* – de novembro 1999 e *A hora da justiça* – de abril 2002.

exemplo, por pesquisadores como Noam Chomsky<sup>231</sup>). Por isso, escolher a Pedagogia do MST como tema de pesquisa é, também, refletir sobre um dos aspectos mais dialéticos do mundo de hoje e que se encontra fora das análises elaboradas sobre o pensamento único: independentemente do número de escolas criadas, do número de professores formados e do número de crianças e adultos matriculados: educar é libertar ou alienar?

*“De qualquer modo, o lutador do povo já está presente na identidade sem-terra, e a consciência de que é preciso lutar por uma cidadania plena passa a ser incorporada na formação das novas gerações”* (CALDART, 2000: 104). Ou seja: *“Sem Terra como o trabalhador sem (a) terra que passa a lutar pela terra; Sem Terra como membro de uma organização social de massas que luta pela Reforma Agrária; Sem Terra que, aos poucos, vai se transformando em um lutador do povo. Esta é, em resumo, a trajetória da formação dos sem-terra através de sua participação na história do MST. O processo através do qual as possibilidades presentes, já na gênese e na criação do Movimento, foram se tornando realidade concreta na formação da organização do MST, na formação de cada sem-terra como sujeito desta organização, e da sociedade como um todo, constitui-se como essencialmente educativo, fazendo do Movimento um sujeito de formação humana”*. (CALDART, 2000: 105-106).

Se o conflito existencial das crianças Sem Terra se posiciona entre continuar a Ser ou Não Ser mais sem-terra; o conflito existencial dos adultos Sem Terra se posiciona entre Ter ou Não Ter terra. Por isso a própria existência de uma dúvida no coração da Pedagogia do MST: *“A luta é a mesma ou é outra?”*.

Este questionamento se reflete, também, em outros pensadores contemporâneos: *“De fato, vivemos um tempo em que, como afirma Boaventura de Sousa Santos: “nunca foi tão grande a discrepância entre a possibilidade técnica de uma sociedade melhor, mais justa e mais solidária e a sua impossibilidade política. Este tempo paradoxal cria-nos a sensação de estarmos vertiginosamente parados”* (FREITAS, 2005: 50).

Deste jeito, conseguimos melhor entender a grande constatação de Paulo Freire: *“Num certo momento da minha trajetória, da minha experiência, eu não pensei em política; num outro momento, eu pensei em política e educação; e só num terceiro momento, no qual eu me encontro há uns dez anos, é que eu digo que a educação tem natureza política”* (FREIRE apud FREITAS, 2005: 53).

---

<sup>231</sup> Professor do Massachusetts Institute of Technology, Boston, USA. In Entrevista de junho de 1999 com Donaldo Macedo: *“A escola como instrumento de controle e coerção”* – Publicada em <http://resistir.info>.

Aqui se dá o encontro da Pedagogia com a Geografia porque: “*Creio que o trabalho, hoje, é condicionado pela técnica e graduado, avaliado, em função do que se admite ser a graduação da técnica, mas na verdade o é pelas relações sociais (...) Quer dizer que a cada época se instala uma nova graduação, que é ideológica, determinando o que vale e o que não vale (...) Não há objetividade quando a questão é o valor. Aqui, o problema é político. Nosso problema é entender o uso da técnica, para aprimorarmos a consciência de nossa situação e melhorarmos a nossa condição cidadã*” (SANTOS, abril de 2000: 37). Pois: “*É bom lembrar que na construção da cidadania são envolvidos: o povo, a cultura e o território*” (SANTOS, 1988).

Nossa interpretação provocativa é de que o MST como parte do mundo real e histórico é uma mediação entre o Meio Técnico, Científico e Informacional e o Período Popular da História. Mesmo sendo somente uma parte do território brasileiro, é uma parte que revela o que acontece no território brasileiro como um todo. Além do mais, o Brasil como formação sócio-espacial reflete o que também está acontecendo no resto do mundo: um questionamento sobre o valor do trabalho, com sua parcela técnica e sua parcela política, como atributo ou não em defesa da humanidade.

Esta pergunta não parece ser nova, pois já na época de Karl Marx, a questão posta á humanidade era a mesma, ou seja: o *valor* do Trabalho Versus o *valor* do Capital.

## 2. Problematização

*“Sartre considerava o marxismo como uma filosofia da qual o existencialismo seria uma interpretação. Desse ponto de vista, um esforço baseado no existencialismo poderia ser de grande auxílio nessa busca. Jaspers escreveu que “pensar o mundo objetivo é (...) negá-lo como subjetivo e anexá-lo à objetividade”(...) “mas o mundo objetivo não pode reivindicar a exclusividade...”. Tal ponto de vista pode conduzir a um encontro com os que, a partir da fenomenologia, recusam o papel histórico das práxis coletivas, redutoras das práxis individuais. Nesse particular, o ensinamento de Sartre é um bem mais instrutivo. Quando através, e apesar da prática imposta pela sociedade, o indivíduo é capaz de superar-se, ele entrevê novos caminhos para ele próprio e para a sociedade”. (SANTOS, 1982 apud 2005).*

A nossa problematização se dá como um diálogo aberto entre:

- I. A Pedagogia do MST e
- II. O Uso Agrícola do Território da Geografia Nova.

A Pedagogia do MST está incluída na tradição dos estudos da história social marxista com base em 4 princípios de análise:

O primeiro princípio é compreender a história de baixo para cima com 5 balizas de análise: o MST como um dos autores da história do Brasil; não substituir a história das próprias pessoas comuns; como funcionam e se transformam as sociedades?; a interpretação dos fatos da história; a relação entre identidade e universalidade.

O segundo princípio é considerar a experiência humana como parte fundamental do processo histórico e, portanto, de qualquer leitura que dele se faça, com base em 3 idéias tiradas do sociólogo, pesquisador da classe operária inglesa, Edward Thompson:

- A experiência humana como mediação necessária entre o ser social e a consciência social,
- A história como processo que tem regularidades,
- A experiência humana como cultura.

O terceiro princípio é compreender o processo de formação dos sujeitos sociais como *processo cultural*: um grupo ou um movimento se torna sujeito social quando se sabe sujeito, e não no sentido intelectual deste termo, e este saber-se sujeito implica em experimentar sua condição em termos culturais; a cultura produzida no processo que forma sujeitos passa a ser um elo de ligação importante para a compreensão mais profunda do próprio processo histórico.

O quarto princípio é olhar para os movimentos sociais como lugar onde se desenvolvem *processos socioculturais* com forte dimensão de projeto.

O *sentido sociocultural* do MST é dado por três elementos da teoria pedagógica:

Ao fazer a abordagem do *sentido educativo de um movimento* ou de uma prática social nós estamos no âmbito de uma determinada concepção de educação e de teoria pedagógica que retoma as suas reflexões de origem.

Ao compreender a *educação como um processo de formação humana* nos exige pensar em alguns nexos fundamentais para o entendimento das ações educativas. Aqui, a educação é vista como *processo social* que acontece através das próprias relações que o constituem:

- As relações entre educação e vida produtiva, na sua dimensão de produção das condições materiais da existência humana,
- As relações entre formação humana e cultura,
- As relações entre educação e história com três idéias importantes: a experiência humana que constitui o processo histórico é uma experiência formadora ou educativa; a educação como formação humana e transformação social é o desenvolvimento da consciência histórica; a educação vista como processo mais do que como produto ou preceitos pedagógicos fixos.

No terceiro elemento, *a escola é um dos tempos e espaço de formação humana* e não há como compreendê-la fora de seus vínculos com processos sociais concretos.

Deixamos a Pedagogia da Terra expor seu próprio questionamento e as dificuldades encontradas no cotidiano da sua Ação Pedagógica sobre o conjunto dos membros do

MST. Concordamos com o fato de que, efetivamente, educar, formar e conscientizar para libertar, sobretudo no cotidiano do dia a dia, não é um *Ato Social* simples e qualquer. Pois, depende não só da existência material, como também, da existência social. Que é um outro tipo de materialidade. Desde Marx, sabemos que a 2ª natureza (o mundo social) sobre-pugnou a 1ª natureza (o planeta terra)

Como podemos notar na citação, a seguir, retirada da tese de doutorado em pedagogia de CALDART, o MST como movimento *sociocultural* e como movimento *socioterritorial* (Segundo FERNANDES), se questiona quanto as suas relações com o Território Usado (como Abrigo) versus o Território como Recurso.

*"No caso específico da pedagogia da produção e do trabalho, não parece estar mais em questão a sua legitimidade, ou seja, o fato de que as pessoas se educam através destas práticas. Mas há todo um TERRITÓRIO<sup>232</sup> de questões a serem refletidas com mais profundidade sobre como ACONTECE a educação nos processos de construção de novas relações de trabalho e de novas relações sociais de produção, especialmente quando isto ocorre na TERRA, e entre SUJEITOS que participam da efervescência política e cultural de lutas sociais como a densidade que assumiu A LUTA PELA TERRA<sup>233</sup>."* [CALDART, 2000]

Se este paradoxo é a afirmação de uma teoria presente no quadro da resolução de um conflito, não só psíco-sócio-pedagógico, mas também no quadro da resolução do conflito, mais geral, presente em todas as lutas do século XXI; ele também é o resultado do próprio questionamento de suas crianças e de seus integrantes, como já vimos acima na nossa justificativa.

Aqui, o território de questões a serem refletidas com mais profundidade não é o território da Geografia Nova. Mas, pode se dizer que no decorrer de nosso trabalho, estes territórios estão começando a se aproximar, mesmo que contraditoriamente e paradoxalmente, um do outro. Isto se explica por 3 vivências que *co-existem* na realidade concreta do cotidiano vivido no dia-a-dia da luta pelo território brasileiro:

- 1- O *território da clonagem* (Segundo FERNANDES) das famílias assentadas, ao mesmo tempo, em vários números diferentes porque “co-presentes” em vários e

---

<sup>232</sup> Este território ao qual se refere a Pedagogia do MST não é a categoria fundamental do Território Usado da Geografia Nova. Mas é interessante questionar a Pedagogia do MST sobre o que é este seu território de questões?

<sup>233</sup> Grifos nossos.

diferentes lugares como aconteceu na Reforma Agrária realizada durante os 2 mandatos do presidente Fernando Henrique Cardoso,

2- O *território da autofagia* (Segundo FERNANDES) das famílias assentadas em velhos assentamentos da Reforma Agrária sem novas conquistas de terra nem novas conquistas de *frações do território* como está acontecendo na atual Reforma Agrária do presidente Luiz Inácio Lula da Silva,

3- O *território da belichização* dos títulos de propriedade como entendida pelo Professor Márcio Cataia na sua tese de doutoramento sobre: *Território nacional e fronteiras internas. A fragmentação do território brasileiro* – defendida no Departamento de Geografia / FFLCH – USP – 2001.

Qual o conceito de território que está por trás destas questões que estão sendo confrontadas no dia-a-dia da luta? Parece-nos que é o conceito geométrico de território, ao qual a Geografia Nova se apresenta, justamente, como crítica. O Espaço Geográfico como instância social não pode ser qualificado desta maneira porque ele é sinônimo de Território Usado.

No entanto, trata-se, aqui, de um processo especificamente brasileiro devido às suas dimensões continentais: é quando a mesma terra está registrada ou nos mesmos cartórios ou em outros cartórios mas em diferentes títulos de propriedade. Por exemplo, a mesma terra pode ser, ao mesmo tempo, propriedade da Federação (uso federal), do Estado (uso estadual), do Município (uso municipal) e de uma pessoa jurídica ou física (uso particular).

Este conflito também se reflete em outros usos, como, por exemplo, trabalhar para si, trabalhar para comunidade, para o assentamento, o Movimento, o Sindicato, o Partido, a Igreja, e, trabalhar para a empresa, o banco, etc...

Não podemos abrir a discussão necessária sobre o que é o território fora destes três processos reais e concretos vividos pelos Sem Terra. E isso, não só no campo brasileiro, mas também nas suas cidades, onde e quando, o mesmo território, por exemplo o da favela, é usado e consumido, ao mesmo tempo e nos mesmos lugares, pela União, pelo Estado, pela Prefeitura, pela Sub-prefeitura, pelo bairro, pela comunidade e pelas populações locais, de fora e de dentro.

Neste nosso ponto de partida, então, onde está a tal prometida aldeia global? Se, na realidade, o território está sendo fragmentado pelos diferentes mercados da economia espacial e não globalizado, como prometido, ao dividir o espaço.

Nós temos aqui, no nível formal do *circuito superior e superior marginal da economia*, o nível internacional, nacional, regional e municipal. Mas, também temos aqui, no nível informal, o que o Professor Milton Santos chama de *circuito inferior da economia espacial*. Porque, afinal, quem consome quem? O mercado consome o consumidor ou o consumidor consome e consome-se porque não é consumido pelo mercado<sup>234</sup>?

Neste trabalho de qualificação ainda não sabemos, muito bem por aonde começar, mas, sem dúvida, aqui está o cerne da questão para entender o que é o território e o que é a terra? Desta resposta depende o futuro não só da luta pela terra, mas de todas as grandes lutas que estão por vir no século XXI. Pois, será que *lutar pela terra* também é *lutar por frações do território* como parece ser interpretado pela Pedagogia do MST? Será que a *territorialização é sinônima de espacialização* como também parece ser interpretado pela Pedagogia do MST? Isto, será a próxima etapa de nossa pesquisa a ser enfrentada por este projeto que fundamenta esta tese de doutoramento. Ao distinguir a luta pela terra, introduzindo o conceito de Território Usado como categoria científica; da luta da terra, usada como sentido ideológico em práticas e discursos.

No entanto, que seja a própria Pedagogia do MST que nos leve a sermos questionados sobre este ponto de vista, talvez aqui esteja presente um dos aspectos da perspectiva revolucionária do Período Popular da História. O que é, afinal, o Período Popular da História senão isso mesmo? O próprio homem pobre e lento ser capaz de se questionar e de responder, por ele mesmo, ao seu próprio auto-questionamento, á sua própria dúvida existencial, á sua própria auto-avaliação? Porque já está tudo aí, á disposição. “*Como a história também é agregação de novos materiais e, por conseguinte, de novas relações e novas idéias, o próprio transcurso histórico cria novos saberes*”<sup>235</sup> (SANTOS, abril de 2000: 41).

---

<sup>234</sup> O mercado brasileiro toma como base de 35 á 50 milhões de consumidores potenciais. Dependendo dos bens de consumo oferecidos pelas empresas. Ora, a população brasileira tem mais de 180 milhões de habitantes. Sobram 130 milhões de não-consumidores, muitas das vezes, também considerados como não-cidadãos. Está acontecendo uma americanização do mercado consumidor brasileiro. Somente em agosto de 2007, a indústria automobilística vendeu 250.000 automóveis zero quilômetro para uso particular. O Brasil já possui mais de 80 milhões de celulares, para uma população de quase 180 milhões de habitantes. Mais de 80% dos brasileiros já estão sendo urbanizados. O Brasil, tal qual o Mundo, já não pertence mais ao mundo rural. Em 2007, o Brasil se tornou, pela 1ª vez, em 500 anos, mais exportador do que importador de migrantes. Migrantes, estes, que exportam, por sua vez, a cordial flexibilização tropical. Daí a possibilidade de as ideologias não estarem mais somente nas coisas, mas, sim, de novo, na cabeça dos filósofos “ordinários”, inclusive, no corpo do *homem pobre e lento* “outsider”. Pois, se para Aristóteles, ontem, a alma (nutritiva, perceptiva e intelectiva) devia ser considerada como forma do corpo, (como origem do movimento no corpo), então, hoje, o corpo deve ser considerado enquanto conteúdo do espírito.

<sup>235</sup> “O projeto cubano [“Sim, eu posso”, método cubano de alfabetização] é uma grande sacada. Nem deve ser chamado de cubano, porque no fundo eles uniram a pedagogia do Paulo Freire com a mídia de massas, pra poder massificar. Se não for assim, vira esse negócio de ONG: junta três, leva um ano e não aprende. Quem

Responder á esta questão é saber se a Pedagogia do MST já está fundamentada ou não no conceito de Território Usado. Então, como interpretar a inter-relação entre a Pedagogia do MST e o Uso do Território? Porque nesta problematização é preciso ter muita clareza e domínio da inter-relação atual entre:

1. A trajetória da formação do MST,
2. O Uso Agrícola do Território, na concepção atual da Geografia Nova,
3. e a Pedagogia da Terra, na concepção atual do Movimento Sem Terra.

De fato, esta compreensão e sua crítica é que poderão fundamentar a saída que a própria Pedagogia do MST encontrou para a sua trajetória e para as suas matrizes pedagógicas. Porque será, afinal, que o MST decidiu, além de ocupar a terra, também ocupar a escola?

Isso nos leva a tratar, agora, da trajetória da questão escolar do MST, de sua gênese e de seu nascimento.

*“A ocupação da escola não é uma decorrência necessária da ocupação da terra”<sup>236</sup>, embora tenha sido uma ação produzida no mesmo processo e pelos mesmos sujeitos. Mas ela se constitui como uma possibilidade histórica para todos os sem-terra que integram o MST ou partilham de sua herança”* (CALDART, 2000: 145).

---

traduziu o método e passou pro português fomos nós. Nós inclusive que mobilizamos alguns artistas amigos, como Chico Diaz, que faz o monitor. Nós estávamos trabalhando com muito cuidado, porque também tínhamos que conhecer o método. Então, feita a tradução e montado curso para a cultura brasileira, começamos a pensar em algumas áreas e oferecemos pro governo. O governo fez um projeto piloto no Piauí. Nós nunca nos interessamos em saber no que é que deu ou como é que foi. Mas nós fizemos ao longo desse ano um teste, em todos os Estados. Acho que nós alfabetizamos umas 2.400 pessoas com o método. Agora que nós temos certeza da eficiência, estamos brigando pelas parcerias com o MEC e alguns governos estaduais”. (STEDILE, In Entrevista à Revista Piauí, 15 de junho de 2007, sítio do MST)

<sup>236</sup> Ao contrário. É porque *o homem pobre e lento* aprendeu a escrever sobre a terra, mesmo sem ser dele, que apreender a escrever sobre outros suportes técnicos, se tornou tão fácil e necessário. “*A ocupação da escola torna-se uma ocorrência necessária da ocupação da terra*”. Pois, o *habitus* (sinônimo de “modo de ser” desde Oresme) também virou sinônimo de *uso*. O modo de haver (1155), o modo de ter (início do século XII) e o modo de ser (1361) são *habitus*. Sem esquecer que, em pleno século XIX, o *habitat* já era sinônimo de *meio geográfico* (cf. Boiste em 1808) quando somente uma pequena minoria da população mundial estava sendo urbanizada. Para Pierre Bourdieu, sociólogo da sociologia que reabilita e reatualiza o *habitus*: “As pessoas não existem, pelo menos para o mundo social, se não possuem algum tipo de *habitus*, uma vez que é por meio deste que percebem a si a aos demais e, portanto, que podem agir e distinguir-se em seu grupo. O próprio corpo e os gestos de cada um são parte do *habitus*, na medida em que expressam “naturalmente” uma condição de vida determinada em formas de andar, de falar, de gesticular (...) uma vez que nós participamos de diferentes grupos sociais ao longo da vida, adquirimos diferentes *habitus* conforme sejamos “iniciados” num grupo ou tradição (...) num processo de socialização”. Rosário S. Genta Lugli, doutora em Educação pela USP, professora no curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). In “*A construção social do indivíduo*” – “Bourdieu contribuiu para derrubar a idéia de que a escola realiza uma seleção “neutra” daqueles que possuem mérito suficiente para chegar aos patamares mais elevados”, In Revista Educação, Especial: Biblioteca do Professor, BOURDIEU (5) pensa a educação, A escola e a miséria do mundo, Editora Segmento, São Paulo (SP).

## a) Trajetória da questão da educação escolar no MST:

### 1<sup>a</sup> Trajetória. Gênese e nascimento:

Olhando para história do MST, a afirmação de que o Movimento *ocupou a escola* tem pelo menos três significados: as famílias sem-terra mobilizaram-se (e mobilizam-se) pelo direito á escola; a criação do Setor de Educação (a partir do momento em que o MST se identifica como uma organização social de massas); o MST incorporou a escola em sua dinâmica.

Há cinco elementos ou fatores que podem ser identificados como aquelas circunstâncias que pressionaram o seu nascimento: a realidade educacional do país; a preocupação das famílias sem-terra com a escolarização de seus filhos; a iniciativa de mães, professoras e religiosas, com três dimensões principais:

1. A organização de atividades educacionais com as crianças acampadas,
2. A pressão exercida para mobilização das famílias e lideranças de cada acampamento e assentamento em torno da luta por escolas,
3. A preocupação das professoras com sua própria articulação e formação para assumirem a tarefa de educar as crianças sem-terra de um jeito diferente.

O quarto elemento é as próprias características do MST que acabaram produzindo as condições para que uma necessidade das famílias fosse transformada em tarefa de organização.

O quinto elemento é o perfil das pessoas que ajudaram a organizar o MST e que se tornaram suas principais lideranças para quem o estudo sempre foi visto como um valor a ser destacado como um dos princípios organizativos do Movimento.

O fato das famílias Sem Terra mobilizaram-se pelo “*direito á escola*” nos leva, diretamente, ao território. O território faz parte do direito internacional. E, se as famílias Sem Terra mobilizam-se pelos seus direitos, então, também se mobilizam pelo território. Só que o que nos interessa, aqui, é o conceito de Território Usado criado pelo Professor Milton Santos.

Se foram as “*próprias características do MST que acabaram produzindo as condições para que uma necessidade das famílias fosse transformada em tarefa de organização*”, então, de novo, estamos aqui no Período Popular da História. De fato, não há muitas organizações sociais, hoje, que lutam para atender às necessidades de suas famílias. E família não é classe social. Então, além de uma luta de classes, o MST luta para atender às necessidades de famílias. O que nos leva muito além da luta de classes.

Se para o MST “*o estudo sempre foi visto como um valor*”, de novo, aqui está o terreno dos valores que não são, nem têm materialidade, nunca tiveram. Pois: “*Não há objetividade quando a questão é o valor. Aqui, o problema é político*” (SANTOS, abril de 2000: 37).

Na realidade concreta e vivida de sua luta pela terra, o MST foi deslizando do território como direito ao território como valor – sempre para atender às necessidades de suas famílias Sem Terra.

## 2<sup>a</sup> Trajetória. Escola e história da formação dos sem-terra em 3 momentos

Nesta nova síntese, os momentos foram então renomeados indicando um entrelaçamento de tempos, lugares e sentidos.

O primeiro momento é a luta pela escola na luta pela terra. Ou: *somos Sem Terra sim, senhores, e exigimos escola para nossos filhos* destacando quatro princípios:

1º A própria decisão do MST de lutar por escola,

2º O jeito de fazer a luta,

3º A constituição dos coletivos de educação,

4º O início da discussão sobre que escola interessa aos sem-terra, destacando-se: ao ter que se preocupar com a escolarização das professoras sem-terra; qual é a matriz originária deste começo de reflexão pedagógica sobre as escolas; e qual é a experiência de educação das crianças nos acampamentos.

O segundo momento é a inserção da escola em uma organização social de massas. Ou: *queremos estudar em uma escola do MST* destacando-se como construção da organicidade da educação; com elaboração teórica coletiva da proposta pedagógica do MST para suas escolas; e ampliação do conceito de escola: *escola é mais do que escola...*

O terceiro momento é a formação dos sujeitos de um projeto popular de educação e de país. Ou: *somos Sem Terra, somos brasileiros, temos o direito e o dever de estudar*, ressaltando quatro tendências:

- A transformação na organicidade do trabalho de educação no Movimento,
- O progressivo deslocamento da escola como centro da proposta de educação do MST, combinado com sua maior valorização,
- A busca de novos interlocutores e participação em discussões sobre educação,
- A emergência de novas ênfases na discussão pedagógica que integra a proposta de educação do MST.

Foi “o *progressivo deslocamento da escola como centro da proposta de educação do MST, combinado com sua maior valorização*” que reforçou a discussão sobre “*que escola interessa aos sem-terra*”? De novo, aqui estamos no território dos valores. Ou seja, aqui é que se revela a necessidade de formulação de um conhecimento próprio sobre o território brasileiro que fortaleça e fundamente a Pedagogia do MST. Isto é, usar a Pedagogia ou ser usado por ela? Usar o Movimento social ou ser usado por ele? Usar o grupo social dos trabalhadores e das trabalhadoras da terra ou ser usado por ele?

### 3<sup>a</sup> Trajetória. **Ocupação da escola na formação dos sem-terra.**

A - A emergência de novos sujeitos: as Professoras e as crianças Sem Terra que a Pedagogia do MST coloca em 3 lugares<sup>237</sup>:

- 1º Como testemunhas,
- 2º Como presença notada,
- 3º Como sujeitos Sem Terra.

B – Os sem-terra que estudam e são sujeitos de sua própria pedagogia em 3 sentidos:

- 1º Como cultura do direito á escola *no e do campo*<sup>238</sup>,
- 2º Como re-significação do conceito de estudante,
- 3º Como espaço de formação de seus próprios intelectuais orgânicos.

Se os Sem Terra que estudam são sujeitos de sua própria pedagogia “*como cultura do direito á escola no e do campo*”, aqui voltamos a discussão sobre os valores. Além de discutir a questão do que é a terra, hoje. Precisaremos também discutir o que á a cultura, hoje, e o que é o campo, hoje? Ora, já sabemos que o campo não existe sem a cidade, porque a complexidade do mundo é entender inter-relações. O modo rural de vida já é o modo urbano de vida. O consumo está presente em todo lugar. Senão como prática, pelo menos como projeto. O que nos levará também a discutir qual o lugar (não só como importância, papel ou função), mas qual o lugar do MST e qual o lugar de sua Pedagogia, do ponto de vista da Geografia Nova?

Discutir o lugar do MST e de sua Pedagogia também é discutir o Brasil e sua formação sócio-espacial. Ou seja, quais são os valores culturais que foram formando o Brasil até hoje? Neste ponto de vista, é que nos será necessário abordar o Brasil na perspectiva da Geografia Nova, onde o território usado se apresenta como categoria social de análise. A partir de outro ponto de vista, da própria disciplina *transdisciplinar* da Espaciologia, precisamos usar o território geográfico ao tentar desvendar o próprio Espaço Geográfico Brasileiro, tornado universal.

---

<sup>237</sup> Este lugar ao qual se refere a Pedagogia do MST não é a categoria fundamental do Lugar da Geografia Nova. Mas é interessante questionar a Pedagogia do MST sobre o que são estes três lugares ou seriam funções?

<sup>238</sup> Para a Geografia Nova não há campo, o que existe são inter-relações com o modo urbano de vida que está potencialmente presente em todos os lugares. Este ano, 2007, segundo a ONU, pela 1ª vez na história da humanidade, mais de 50% da população mundial é composta por cidadãos. Ou seja, mais de metade da população mundial está sendo urbanizada. Assim, a urbanização já é um fenômeno mundial.

**b) Movimento Social como sujeito pedagógico:**

*“Ver o MST como sujeito pedagógico significa trazer duas dimensões importantes para a reflexão da pedagogia, que, por sua vez, também podem ser vistas como componentes do movimento sociocultural maior em que se insere a formação dos sem-terra. É também na pedagogia, pois, que podemos identificar os sinais desta cultura com forte dimensão de projeto”* (CALDART, 2000: 199). Pois: *“Quando afinal conseguimos situar isto nesta totalidade maior que é o Movimento como sujeito educativo, temos então dois novos sujeitos da discussão pedagógica: um movimento social, e um grupo social específico, os trabalhadores e as trabalhadoras sem-terra”* (CALDART, 2000: 200). Visto que: *“O MST junta em si estes dois sujeitos, o que lhe torna, me parece, um objeto bastante privilegiado de estudo também neste campo. Trata-se aqui, pois, de compreender uma pedagogia do Movimento e não para o Movimento, no duplo sentido de ter o Movimento como sujeito educativo, e como sujeito de reflexão (intencionalidade pedagógica) sobre sua própria tarefa de fazer educação ou formação humana”* (CALDART, 2000: 200).

É nesta definição do MST como sujeito pedagógico que desejamos inserir a Geografia Nova e assumir o território usado como categoria social de análise. Se a grande maioria das pesquisas realizadas sobre o MST como movimento social e como grupo social olham para sua pedagogia como sendo a Pedagogia *do* MST, a Geografia Nova e sua epistemologia podem contribuir significativamente com a pedagogia *para* o MST. Pois, a tarefa de *“fazer educação ou formação humana”* não pertence somente á pedagogia mas sim a todas as ciências humanas. E a Geografia Nova, mais do que uma ciência social, é, também e antes de tudo, uma ciência humana.

*“A outra dimensão diz respeito à formação dos sem-terra como materialização de um determinado modo de produção da formação humana”* (CALDART, 2000: 200). Pois: *“É este o contexto da discussão pedagógica que abre espaço para se refletir a dimensão educativa do trabalho (...) e do trabalho como princípio educativo (...) Quando Gramsci, inspirado em Marx, insistiu tanto não apenas no trabalho mas no trabalho industrial como princípio educativo”* (CALDART, 2000: 201). Porque: *“Tratar, pois, do movimento social como sujeito educativo significa participar de um debate pedagógico já antigo, mas que, pelos seus próprios fundamentos teóricos, se desdobra em novos componentes e novas*

*reflexões a partir das questões que a dinâmica social coloca em cada lugar e em cada momento histórico”* (CALDART, 2000: 202).

Aqui, desvendamos outro conflito, presente nas próprias definições que a Pedagogia do MST reflete sobre seu Movimento. Pois, se para Marx a sociedade era a matéria de estudos, ou seja, a sociedade era o objeto de estudo; para Milton Santos, o Espaço Geográfico é que é a matéria de estudos. Ou seja, o Espaço Geográfico, com sua dimensão de projeto reflete a dialética existente entre Sociedade e Território<sup>239</sup>. Por isso, o objeto de estudos da Geografia Nova é o Espaço Geográfico na sua totalidade como uma indissociabilidade entre sistema de objetos e sistema de ações, regulada por normas.

Nossa discussão deverá, então, ser constituída pelas *normas* em vigor, ou seja, pelos *valores* em vigor, isto é pelos *usos* e não somente pelos *costumes da tradição* em vigor, numa dada sociedade, num dado território, numa dada cultura e num dado momento: a formação sócio-espacial brasileira, de hoje.

---

<sup>239</sup> Seguindo nossas pesquisas, até 1982, para Milton Santos, desde 1978, a prática é marxista, a teoria é o existencialismo a moda sartriana e a técnica universal seria a fenomenologia do espírito em ação. Este tripé ou tríade, não idealizados mas arquitetados por Milton Santos somente agora, a partir da empiricização universal da técnica, possibilitada pelo uso do meio técnico, científico, informacional e comunicacional nos coloca no Período Popular da História. Onde acontece, pela 1ª vez na história universal, o fenômeno da Humanidade por completo. No entanto, nada seria possível sem que as noções de tempo e de espaço sejam, desde Einstein, tecnicamente interligadas e politicamente inter-relacionadas, isto é, integradas umas às outras. Hoje, Tempo é Espaço e Espaço é Tempo. Pois, existe um tempo geográfico e um espaço histórico.

### c) Matrizes da Pedagogia do MST:

Além de ser seu próprio sujeito pedagógico sob a bandeira da Pedagogia do Movimento Sem Terra, encontramos também no seu objeto de ensino - “*A Luta pela Terra*” - assim como no seu projeto de transformação social - outras pedagogias e outras matrizes pedagógicas, não raramente em contradição umas com as outras:

- **1ª matriz:** *A Pedagogia da luta social. Ou: como os sem-terra do MST se educam na experiência de tentar virar o mundo de ponta-cabeça.*
- **2ª matriz:** *A Pedagogia da organização coletiva. Ou: como os sem-terra do MST se educam enraizando-se e fazendo-se em uma coletividade em movimento.*
- **3ª matriz:** *A Pedagogia da terra. Ou: como os sem-terra do MST se educam em sua relação com a terra, o trabalho e a produção.*
- **4ª matriz:** *A Pedagogia da cultura. Ou: como os sem-terra do MST se educam cultivando o modo de vida produzido pelo Movimento.*
- **5ª matriz:** *A Pedagogia da história. Ou: como os sem-terra do MST se educam<sup>240</sup> cultivando sua memória e compreendendo a história.*
- **6ª matriz:** a Pedagogia do **território usado**<sup>241</sup> (como contribuição de nossa tese<sup>242</sup>).

---

<sup>240</sup> Grifos de Roseli Salete Caldart.

<sup>241</sup> Grifos nossos.

<sup>242</sup> Ao tentarmos descobrir a necessidade da Pedagogia do MST assimilar a Pedagogia do território usado, como contribuição de nossa tese; fomos descobrindo, de forma prismática, que o território usado já é matriz mãe usada pela Mística, filha da Pedagogia do MST. Porém, a Mística deve ser contemporaneizada e recontextualizada. Pois, quem nasceu primeiro, a Igreja que usa a Mística do Povo; ou o Povo, grande produtor de místicas, ao serem usadas pela Igreja? Na discussão entre forma e conteúdo, não podemos esquecer como lembra o professor Mauro Iasi, em sua palestra, que há formas e conteúdos. A educação popular brasileira, hoje, está se questionando sobre as formas usadas e sobre o uso dos seus conteúdos para outros fins. Que não são e não possuem as finalidades populares de sua solidariedade orgânica, organizacional e institucional. Enfim, nosso desejo é que a originalidade desta tese contribui para uma reatualização tanto da dialética, quanto da crítica e da comunicação. Enquanto tripé prático, teórico e técnico. Base indispensável para toda uma nova operacionalização do renascimento da política, em alusão a Hannah Arendt, nestes nossos tempos ideológicos sombrios. Assim, o período popular da história, ao refuncionalizar o meio técnico, científico, informacional e comunicacional, excludente em sua origem, porque criado para somente facilitar o uso das empresas, apresenta-se, de forma ativa, como a possibilidade de uma outra globalização. Ou seja, a possibilidade aberta por uma outra civilização. Uma civilização híbrida e mutante porque permanentemente viva e em movimento. Num processo civilizatório outro, numa forma civilizacional outra, numa função de civilidade outra, com uma outra essência civil. Daí que, no 6º aniversário do ataque às torres gêmeas, Osama Bin Laden apelar aos maghrebins para se voltar contra os filhos da França e os filhos da Espanha. Ora, estes últimos também são filhos ou mesmo netos ou bisnetos dos primeiros. Daí a importância da genealogia familiar que não é somente consanguínea nem genética. As famílias, de hoje, não são somente nucleares. Com os novos usos e costumes, as famílias, mesmo tradicionais, já são sócio-espacialmente alargadas.

São estes fundamentos da Pedagogia do MST que nos levaram a nos questionar, primeiro, sobre a “*A Pedagogia da terra. Ou: como os sem-terra do MST se educam em sua relação com a terra, o trabalho e a produção*”.

Nesta problematização estamos, particularmente, tentando desvendar nesta Pedagogia da terra quais as suas inter-relações e contradições com as outras pedagogias usadas na Pedagogia do MST. Por isso discutimos, neste projeto, esta 3ª matriz porque nos pareceu ser a mais completa e senão reunir todas as outras, pelo menos ser capaz de dialogar com todas elas. Mas, sobretudo, desejamos introduzir uma 6ª Matriz como contribuição da Geografia Nova e como novidade a ser fundamentada pela nossa tese. Pois, TERRA NÃO É TERRITÓRIO e TERRITÓRIO NÃO É TERRA. Aqui é que reside o refinamento de nossa pesquisa, ao tentar metodologicamente argumentar nossa afirmação.

Nessa questão da terra encontra-se fundamentado o discurso político central do MST: o que é o mundo? O que é a luta? O que é o coletivo? O que é o grupo? O que é a cultura? O que é a história? O que é ser trabalhador? O que é ter trabalho? O que é ser produtor?

Mas, é também nesta questão do território que se encontra o fundamento da prática ideológica central do latifúndio e do agronegócio brasileiro: qual território pode valer mais do que qualquer vida humana? Inclusive, a vida de um Sem Terra ou de um trabalhador escravo?

Assim fomos, paulatinamente, deslizando da questão agrária da terra para o *Uso Agrícola do Território*, ao tratar, em paralelo, da Pedagogia do MST que ajuda a manter-nos na realidade – real e concreta – da luta pela terra versus território no Brasil.

O problema que nos é aqui posto é determinar, exatamente, o que é o *Uso Agrícola do Território Brasileiro*? Pois, ao nos questionar sobre o Uso do Território estamos propondo que ele seja um fundamento metodológico da pedagogia do MST. Senão como recurso do Método, pelo menos como recurso do Método Geográfico.

Ora, aqui tem problema: qual o poder da educação? “*Se ela tudo pudesse ou se ela pudesse nada, não haveria por que falar de seus limites. Falamos deles precisamente porque, não podendo tudo, pode alguma coisa*” (...) visto que “*pensar a história como possibilidade é reconhecer a educação também como possibilidade*” (FREITAS, 2005: 48-49). Pois, se para a Pedagogia do MST a educação parece ser sinônima de formação humana, levantamos aqui nossas próprias dúvidas: será que em época de capitalismo a educação é mesmo sinônima de formação humana? E, será que em tempo de ideologia

dominante do consumo com seu pensamento único a formação humana - sempre para ser feita - ainda é sinônima de libertação humana – sempre porvir?

A estas perguntas, Itsván Mészáros tentou responder ao propor em “*Educação para além do capital*”<sup>243</sup>: “*Que a educação não deve qualificar para o mercado, mas para a vida e que a educação não é uma mercadoria (...) Que a educação não pode ser encerrada no terreno estrito da pedagogia, mas tem de sair às ruas, para os espaços públicos, e se abrir para o mundo*”. Talvez daqui venha a vontade do MST em ter uma Pedagogia própria. Mas, hoje, como vimos na nossa justificativa, o capitalismo e a ideologia do consumo já estão presentes em todo lugar. Por isso nossa afirmação, acima, de que o Espaço Geográfico também é Pedagógico.

Foi ao tentar desenvolver esse recorte *transdisciplinar* que chegamos à possibilidade disciplinar da Espaciologia.

---

<sup>243</sup> In Conferência de abertura do Fórum Mundial de Educação, Porto Alegre, 28 de julho de 2004.

#### **d) Momento histórico do MST:**

*“O tempo do MST é o tempo do domínio quase exclusivo do capitalismo no mundo, tempo da ideologia do “fim da história”, mas tempo também em que as contradições próprias do modelo social centrado no mercado começam a ficar tão agudas que não podem mais ser escamoteadas. Afirma o filósofo Itsván Mészáros que se explicita neste fim de século, um componente específico da crise do capital, definido como o esgotamento da sua capacidade civilizatória. Ou seja, o prenúncio é de barbárie e é a humanidade, e não apenas uma classe que aparece em perigo. E tudo o que era sólido realmente está se desmanchando no ar.”* (CALDART, 2000: 34).

Se, acima, encontramos a perspectiva revolucionária da Geografia Nova; eis, aqui, a perspectiva revolucionária da Nova Pedagogia do MST. Malgrado suas dúvidas e seus questionamentos, ou graças á eles, a Pedagogia do MST foi avançando na formulação de seu próprio Movimento.

No entanto, ao não questionar mais profundamente os argumentos de MÉSZARÓS, a Pedagogia do MST, ao aceitar a tese da barbárie mostra-se reacionária. Pois, o Período Popular da História nega a barbárie ao afirmar-se como possibilidade contra-civilizatória. Por isso, desejamos ajudar a Pedagogia do MST a ir mais longe ainda, não só em se questionar sobre o que é ser um movimento *sociocultural* ou um movimento *socioterritorial*; mas sobretudo, em se questionar - na prática quotidiana de sua crítica e autocrítica - sobre o que é ser um movimento *sócio-espacial*? Porque a territorialização não é a espacialização. Pois o Espaço Geográfico é sinônimo de Espaço Banal e sinônimo de Território Usado. O Espaço Geográfico não é sinônimo de Uso do Território. Pelo menos, não no Período Popular da História<sup>244</sup>.

---

<sup>244</sup> Há uma enorme dificuldade, em todas as educações ditas populares, em admitir que, sim, os analfabetos e os iletrados são capazes de produzir suas próprias pedagogias. Que, por não estarem transcritas, nem manuscritas não são, nem superiores, nem inferiores. São diferentes e plurais. Depende do uso que as populações, de baixo, como diria Foucault, fizeram do saber e do poder que já faz parte delas. Daí vem a incompreensão da dita civilização ocidental sobre a civilização considerada oriental. Daí veio a incompreensão de todos os colonizadores sobre as civilizações consideradas não históricas ou pré-históricas. Os pobres e os miseráveis são altos produtores de pedagogias diferenciadas dependendo de seu uso e do seu momento. Senão, como sobreviver a toda essa crueldade desumana do capitalismo? Assim, nos devemos de tomar em conta a co-existência da lei escrita com a lei oral. Ambas estão co-presentes no mesmo momento. Ambas coabitam nos mesmos lugares. O valor de cada uma dependendo do uso do período histórico e do meio técnico, científico, informacional e comunicacional usado. Em outras palavras e seguindo Jacques Lévy, em sua conferência: “O futuro pertence a qualquer indivíduo ordinário. As técnicas são possibilidades a serviço de uma história em movimento através dos atores. Por isso, devemos tomar em conta a competência político-cognitiva dos atores ordinários. Os herdeiros do Milton são os indivíduos ordinários em pleno espaço banal. Com base nas novas teorias das ciências sociais sobre os atores ordinários em movimento a serviço de uma outra história”. Acrescentamos: “e de uma geografia outra”.

### 3. Evolução da Pesquisa

#### - Em 3 Momentos –

*“Sabemos das restrições que se fazem, entre muitos marxistas, ao enfoque fenomenológico e às posições existencialistas, o primeiro sendo apontado como herético e o segundo como sendo revisionista. Mas a questão do fenômeno, definido como um aspecto do real, somente encontra solução na busca do todo, de onde vêm suas determinações. A decifração do fenômeno tem de passar por uma metodologia capaz de, na prática, realizar uma importante premissa marxista: a da união dos métodos de dedução e de indução mediante o caminho que leva do fato (como forma e como evento) ao conceito e deste, já sob uma feição teórica, regresse ao fato. Como os eventos, junto com as formas, constituem, em cada momento, a historicização geográfica do universo, as disciplinas geográficas não podem prescindir desse método”.* (SANTOS, 1982 apud 2005).

#### 1ª Hipótese - Momento Prático

O **território usado** como categoria social de análise é um princípio essencial *para* a Pedagogia do MST, qualificando suas ações na luta pela terra no Brasil.

#### 2ª Hipótese - Momento Teórico

A contradição que existe entre o Território Usado *pela* Pedagogia do MST e o Território Usado *na* Formação do MST nos leva a crer que o **território usado** como categoria social de análise é um princípio essencial *para* a Pedagogia do MST, qualificando suas ações na luta pela terra na América Latina.

#### 3ª Hipótese - Momento Técnico

A contradição que existe entre o Território Usado *pela* Pedagogia do MST tanto aplicado à Formação Territorial *do* MST quanto aplicado à Formação Territorial *no* MST nos leva a crer que o **território usado** como categoria social de análise já é um princípio essencial *para* a Mística do MST, qualificando suas ações na luta pela terra no Mundo.

#### 4. Evolução dos Objetivos

##### - Banalização do Lugar –

##### **1º Lugar – Consciência *pelo* lugar**

Ser Sem-terra *pela* ocupação (técnica de sobrevivência – passado recente)

Fazer parte de um grupo de famílias (depende da solidariedade orgânica da nação)

Território Usado como Forma particular de luta (Acontecer Solidário)

O tempo da ocupação é curto mas denso (espesso)

##### **2º Lugar - Consciência *no* lugar**

Ser Sem Terra *no* acampamento (prática na cidade de lona – presente contínuo)

Fazer parte de um coletivo de núcleos de famílias (depende da solidariedade organizacional do Estado e manter a solidariedade orgânica local da Nação)

Território Usado como Conteúdo geral de luta (Lugar do Cotidiano)

O tempo do acampamento é a grande escola do valor de troca aonde todas as mercadorias e experiências sócio-espaciais são intercambiadas porque viradas de ponta a cabeça.

##### **3º Lugar – Consciência *por outro* lugar**

Ser Sem Terra em Marcha *por outro* lugar (cidade de lona em movimento – a espera)

Fazer parte de um movimento [depende da solidariedade institucional do Movimento; manter as solidariedades organizacionais dos estados (local, regional, nacional, internacional); manter as solidariedades orgânicas das nações (no passado recente, no presente contínuo, no futuro próximo)].

Escrever sua própria história enquanto co-existências possíveis e concretas realizadas

Território Usado enquanto Forma-conteúdo sócio-espacial (Espaço Geográfico)

A própria marcha enquanto forma-conteúdo fornece a matéria da tomada de consciência.

##### **4º Lugar – Consciência *do* lugar**

Ser *do* assentamento (cidade utópica em construção<sup>245</sup> - futuro próximo)

Fazer parte de uma associação (depende de todas as solidariedades)

Ter Terra *no* assentamento (oferecer todas as solidariedades)

---

<sup>245</sup> “Daí tratarmos da “questão da natureza informacional da atividade urbana e o correlato entendimento das atuais redes urbanas, entre outras”. (SANTOS & BERNARDES, 1999)

Produzir alimentos para alimentar a nação dos sem-terra e sustentar o povo Sem Terra...

Poder passar seu saber-fazer/poder-fazer para outras famílias, outros grupos, coletivos, movimentos, organizações, associações, instituições, valores de uso dos lugares...

Território Usado enquanto Forma-conteúdo universal (Lugar como Resistência)

Em todas essas situações existenciais porque sócio-espaciais: “Os eventos operam essa ligação entre os lugares e uma história em movimento (...) onde o tempo empiricizado entra como *condição de possibilidade* e a entidade geográfica preexistente entra como *condição de oportunidade*”. (SANTOS, 1996 apud 2003: 167).

## 5. Metodologia

*“Por outro lado, a questão da subordinação, cada vez maior, do homem às ideologias, coloca como crucial o problema de sua liberação. O peso e a sofisticação das instituições e dos seus métodos de ação ensejam a elaboração administrativa de uma segunda natureza humana, moldada à imagem do anti-homem. É pelo mesmo mecanismo que se criam anti-espaços, dos quais as metrópoles – anti-cidades por excelência -, são o exemplo melhor. Pode o homem escapar ao império desta máquina que o tritura, ou sua objetificação é irremediável? O existencialismo de Sartre parece mostrar-nos “cientificamente” que o homem não é um ser completamente perdido para o humano, restaurando-nos a confiança no futuro. Não é também esta a visão do marxismo, desde que despojada de uma crença mecanicista no econômico ou de toda outra forma de dogma<sup>246</sup>? (SANTOS, 1982 apud 2005).*

Toda reflexão teórica dos fundamentos da tese (e não da geografia nem da pedagogia) é que devem constituir a nossa metodologia. No entanto, o edifício metodológico da pesquisa se fundamenta no âmbito da Pedagogia do MST como meio onde esta tese pode acontecer ou não. Ora, qual é esse contexto e os problemas por nós confrontados no que lhe diz respeito?

*“O Movimento se constitui como matriz pedagógica das práticas concretas de formação dos sem-terra, não criando uma nova pedagogia, mas sim inventando um novo jeito de lidar com as pedagogias já construídas na história da formação humana. Em outras palavras, a Pedagogia do Movimento põe em movimento a própria pedagogia, mobilizando e incorporando em sua dinâmica (organicidade) diversas e combinadas matrizes pedagógicas” (CALDART, 2000: 208). Ora, quando é: “o Movimento” que “se constitui como matriz pedagógica das práticas concretas de formação dos sem-terra (...) na história da formação humana.” Nós caímos num abismo metodológico. No nosso projeto, a questão da pedagogia parece estar solta, porque sempre se retorna e se fala do*

---

<sup>246</sup> Em nota de rodapé do professor: “Como homem eu me defino por minha relação com o mundo e por minha relação comigo mesmo. O homem é aquele objeto presente no mundo que determina um fluxo interno do universo, uma hemorragia interna. Sou o sujeito que se revela naquele vó do meu eu em busca da objetivação”. (SARTRE, J.P., *Being and Nothingness*, 1975, p. 345.) “É apenas através da psiquê humana e através do grupo que se pode operar a metamorfose das idéias em forças sociais” (BASTIDE, R., 1971, p. 209.)”. (SANTOS, 1982 apud 2005).

movimento. Pois, este é o meio imposto pela própria Pedagogia do MST ao qual não desejamos nos substituir. Primeiro, porque não somos nem pedagoga, nem geógrafa do MST. Segundo, porque nos propomos á introdução da categoria de análise do território usado da Geografia Nova para a compreensão do Uso Agrícola do Território Brasileiro e sua “entrada” na Pedagogia do Movimento Sem Terra, no que concerne a formação *no e do* movimento. Terceiro, como já revelado acima, trata-se de propor uma 6<sup>a</sup> e nova matriz á ser incorporada na pedagogia *para* o movimento. Isto é, introduzir o Território Usado como categoria social de análise na Pedagogia do MST. O que leva a nossa tese não só a se adaptar á este “*novo jeito de lidar com as pedagogias*” como, também, de lidar com as geografias. Ora, aqui, nós desejamos nos situar, além do *meio imposto* pela Pedagogia do MST, também no *meio proposto* pela Geografia Nova. Este projeto de pesquisa afirma que estes dois meios, mesmo parecendo, por vezes, contraditórios, não são opostos, mas sim intercomplementares. Assim, quando dois meios contraditórios se unem, eles não vão produzir um terceiro meio; mas, sim, ou outro meio. O que implica um outro período.

“*Tal como na lavração que seus sujeitos fazem da terra, o MST resolve, mistura e transforma diferentes componentes educativos, produzindo uma síntese pedagógica que não é original, mas também não é igual a nenhuma pedagogia já proposta, se tomada em si mesmo, exatamente porque a sua referência de sentido está no Movimento*” (CALDART, 2000: 208). De fato, quando a própria “*referência de sentido está no Movimento*” o problema, aqui levantado, não é mais, propriamente dito, somente o ensino da geografia, nem o ensino da “Geografia do Brasil”. Em cima da qual faríamos toda nossa reflexão e investigação. Primeiro, porque não somos geógrafa. Segundo, porque não somos somente pedagoga. Nossa formação é interdisciplinar<sup>247</sup>. O que, sem dúvida, nos possibilita uma riquíssima leitura transdisciplinar dos dois objetos de estudo co-presentes nesta nossa pesquisa: a Geografia Nova e a Pedagogia do Movimento Sem Terra. Terceiro, porque se o MST se dá a liberdade educativa e pedagógica, como lhe retirar sua possível liberdade geográfica e territorial? Se a Pedagogia do MST se dá o direito a *síntese pedagógica*, será que também se dá o direito a *síntese geográfica*? Aqui, tratar-se-ia de explicitar uma parte da formação sócio-espacial brasileira, na qual está incluída a formação

<sup>247</sup> Cf. Bibliografia Interdisciplinar resultado de nossa pesquisa para o DEA: “L’autogestion coopérative scolaire dans le milieu paysan brésilien – Lycées autogérés autonomes du Mouvement des Sans Terre – La formation des instituteurs dans le cadre d’une réforme agricole sociale”, sob orientação de Eric Plaisance, em sociologia da educação, ciências da educação, Paris V, René Descartes, 2000. Neste projeto, após dois anos de pesquisas, chegamos á uma conclusão temporária: Le facteur temps comme vecteur-outil du processus d’investissement pédagogique dans le Mouvement des Travailleurs Ruraux Sans Terre – MST – Brésil. No entanto, na introdução de *Espaço e Método*, 1988, o professor já assinalava que, agora, “Sugerimos que o espaço assim definido seja considerado como um *fator* da evolução social, não apenas como uma condição”.

do MST, e não só de explicitar o ensino propriamente dito da geografia. Qual seria, então, a originalidade de nossa tese? E, onde estaria a própria liberdade da Geografia Nova e de uma de suas jovens pesquisadoras?

*“Talvez seja por isto que, mesmo sem ter feito esta reflexão específica, o MST costuma ter dificuldade com uma pergunta muito cara a alguns intelectuais: que pedagogia o Movimento segue? O MST na verdade não segue uma pedagogia; ele se constitui como sujeito pedagógico através de muitas pedagogias. E é interessante como esta novidade incomoda aos próprios educadores sem-terra. Nos cursos fatalmente vem esta pergunta: afinal, a gente segue Paulo Freire? (ou Makarenko, ou Vygotsky...)”* (CALDART, 2000: 208). Do mesmo jeito como o MST “*não segue uma pedagogia*”, será que o MST, “*mesmo sem ter feito esta reflexão específica*” segue uma geografia? E, então, será ela, a New Geography ou a Geografia Nova do professor Milton Santos? Aqui, nos devemos de nos questionar. Pois, a primeira turma de Educadores do Campo, formada pela Escola Nacional Florestan Fernandes<sup>248</sup>, em novembro de 2005, escolheu Milton Santos como paraninfa<sup>249</sup>. Além disso, já existe um acampamento Milton Santos que criado em Campinas, por 400 famílias, deslocou-se após despejo para cidade de Limeira – interior de SP – e aguarda, sob nova ameaça de despejo, tornar-se assentamento no município de Americana. Isto é, faz tempo que Milton Santos está sendo lido e interpretado pelos Sem Terra como um importantíssimo pensador brasileiro a ser tomado em conta na trajetória da formação de seu Movimento - como sujeito pedagógico - e como referência de sentido para seu movimento. Aqui, o que desejamos questionar é como este grande pensador brasileiro está sendo lido, interpretado e praticado, de fato, pelo MST?

Quer dizer, então, que trabalhamos sem empiria do MST? Não. A empiria do Movimento Sem Terra existe. São: *“15.000 militantes que estão estudando; 140.000 famílias acampadas, ou seja, 1 milhão de pessoas a beira das estradas, debaixo de lonas; 480.000 famílias assentadas que sofrem influências políticas de vários setores, do sindicalismo, de partidos, das igrejas... Destas, 300.000 estão ligadas ao MST; ou seja, mais de 4 milhões de sem-terra, mas é muito difícil organizá-los porque estão pulverizados nas fazendas, porque são muito pobres, porque são analfabetos basicamente concentrados*

<sup>248</sup> A Escola Nacional Florestan Fernandes foi inaugurada em 23 de janeiro de 2005, no município de Guararema, SP. O primeiro curso de Educadores do Campo foi iniciado quando a escola ainda estava em construção.

<sup>249</sup> Após 2 anos de estudos, a 1ª turma do Curso de Especialização em Educação no Campo - batizada Milton Santos - se formou em 17/11/2005 com 53 educandos, em 5 etapas de 20 dias. Numa parceria UnB, Via Campesina, Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação e da Cultura – MEC - e Pronera (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária). Fonte: Sítio do MST.

no Nordeste e no Sul”. (STEDILE, 2005: 32) Só que esta empiria não está mapeada porque se trata de pessoas, a minoria estudantes e nem sabemos se o próprio MST deseja mapear ou não seus militantes. Trata-se de gentes brasileiras.

Como Doutorado Direto tivemos que passar dois anos de nossa pesquisa correndo a trás de créditos de aulas e muita da nossa pesquisa ainda está para ser feita. A grande empiria do MST é composta não só pelos seus militantes, mas, também, por todos os seus integrantes. Tanto os que já são reconhecidos como sem-terra pelos meios de comunicação, como aqueles que se consideram também Sem Terra mas não estão sendo considerados pela mídia que fragmenta a sociedade, os chamando respectivamente de: sem teto, sem universidade, sem direitos, sem educação, sem direito a saúde, sem documentos<sup>250</sup> (CPF, Identidade, Carteira de trabalho, Certidão de nascimento<sup>251</sup>, RG), sem direito a Previdência Social, sem aposentadoria, sem emprego<sup>252</sup>, sem alimento<sup>253</sup>, sem justiça<sup>254</sup>, etc... Eis, aqui, um exemplo da riqueza da leitura territorial que vai bem além da luta de classes, o que evita encalhamos na ideologia fragmentadora do pensamento único a serviço do globalitarismo.

O número de pessoas que se tratam e se consideram Sem Terra é muito superior ao que é normalmente admitido pelas pesquisas científicas, acadêmicas e universitárias. O próprio bom senso das populações brasileiras faz com o povo talvez já saiba, senão conscientemente, pelo menos inconscientemente, que terra não é território e que território não é terra.

Mapear todos os Sem, brasileiros, é tratar da sociedade brasileira na sua totalidade, inclusive fora do Brasil, com os emigrantes brasileiros<sup>255</sup>. Saber como as embaixadas e os

<sup>250</sup> Num só dia, 7 milhões de Cadastros de Pessoas Físicas – CPF - foram cancelados pela Receita Federal em 2005 (Rádio Central Brasileira de Notícias – Rádio CBN - SP).

<sup>251</sup> Perto de 250.000 crianças brasileiras não têm registro de nascimento (Programa *Voz do Brasil* da Rádio Bráz).

<sup>252</sup> “Nós encerramos o modelo de industrialização dependente com 2% ou 3%, 1 milhão e meio de trabalhadores desempregados, e agora estamos com 12 milhões de desempregados, somados os 15 milhões do trabalho informal. Dá 27 milhões de adultos da população economicamente ativa fora da força produtiva. Isso é gravíssimo, nós temos uma Argentina dormindo” (STEDILE, 2005: 28).

<sup>253</sup> “Mais de 60 milhões de brasileiros passam fome no Brasil e não têm perspectivas para as gerações futuras”, In entrevista de Jaime Amorim, da Direção Nacional do MST, á Agência Rets, 9 de fevereiro de 2006.

<sup>254</sup> Nenhum dos responsáveis pelos massacres brasileiros contemporâneos foi punido pela justiça até hoje: 111 presos no Presídio do Carandiru em 2/10/1992, SP; 7 meninos de rua e um jovem, na Igreja da Candelária em 23/07/1993, RJ; 11 posseiros assassinados, 55 mutilados, 355 torturados em Corumbiara, Rondônia, em 9/08/1995; 19 Sem Terra assassinados, 69 mutilados, na Estrada de Carajás em 17/04/1996, PA; 7 moradores de rua de 19 a 22 de agosto de 2004, na praça da Sé, SP.

<sup>255</sup> Só em Portugal há mais de 250.000 brasileiros, a maioria clandestina, aguardando uma anistia que está sendo negociada entre o ITAMARATI e o governo português que deve obedecer a normas impostas pela União Européia. Sobre esse assunto, ler “*Quem segura essa bomba?*”, Artigo de Luciano Máximo, In Revista Caros Amigos, Editora Casa Amarela, Ano IX, N° 105, de dezembro de 2005, p. 41.

consulados brasileiros continuam cultivando ou não o território brasileiro, mesmo e sobretudo, fora das fronteiras físicas de sua formação sócio-espacial. Mas, aqui, por ser vasto demais, este tema não entra no quadro da pequena empiria a ser produzida por nossa pesquisa. Pois, trata-se de uma linha de pesquisa a ser tratada não só por uma instituição (escola ou universidade) mas pelo próprio Estado Brasileiro. No entanto, é uma das novidades sócio-espaciais brasileiras. O Brasil, até o final do século XX, somente considerado como país de destino e acolhedor de migrantes, é, hoje, considerado como país de origem, exportador de migrantes com suas culturas e suas tradições. Migrantes solidários que, aliás, sustentam suas famílias de fora. O envio crescente de divisas destes novos migrantes pesa cada vez mais nas relações econômicas tanto internas ao Brasil, como externas ao Brasil nos países acolhedores. Pois, as produções materiais e imateriais dos migrantes pesam nas relações nacionais e internacionais. Há cidades inteiras do interior do país que já estão sendo construídas por famílias migrantes<sup>256</sup>.

Desde Marx, mesmo se esquecemos, sabemos que a *existência social* é um termo filosófico que em essência designa uma realidade *subjetiva*. Ora, nós consideramos a existência do Espaço Geográfico como uma indissociabilidade entre um sistema de ações e um sistema de objetos, regulada por normas (valores, regras, usos e costumes) que não são e não têm materialidade. Postulamos, no início deste projeto de pesquisa, que essa existência sendo geográfica é também e, ao mesmo tempo, pedagógica. É nossa tarefa daqui para frente. Este memorial de qualificação poderia apresentar-se como o início de um projeto a ser desenvolvido a partir de nossa tese e não como um fim em si. Pois, hoje em dia, o canudo não qualifica mais nada, abre apenas possibilidades realizáveis ou não de novas áreas de pesquisa com interesse comum. Antigamente, eram necessários dez anos para realizar uma tese de estado. Hoje, se desenvolve um mestrado em 36 meses e um doutorado em 48. Um Doutorado Direto, no máximo, em 54 meses.

Paradoxalmente, com a esperança de vida aumentando, com a taxa de emprego diminuindo e com as fontes de conhecimento multiplicando-se, as universidades globais a serviço do mercado, foram diminuindo o tempo de formação humana de seus professores e pesquisadores por causa da competitividade acadêmica imposta a serviço do mercado e de suas empresas educativas. Inclusive, o ensino das humanidades foi sumindo dos currículos escolares. Mas, será que a Pedagogia do MST está reproduzindo esta situação educacional, infelizmente, não só brasileira mas internacional, ou será que o ensino das humanidades

---

<sup>256</sup> Nesse caso particular, em 2006, o valor das remessas que os emigrantes brasileiros remeteram para suas famílias, já ultrapassou o valor de toda a exportação do agro-negócio brasileiro.

ainda é um valor a ser considerado pela Escola e pela militância do MST? Pois, pesquisar a Pedagogia do Movimento Sem Terra é algo extremamente amplo que vai além de uma tese de doutorado, é um programa de pesquisa a ser aberto para uma vida toda. Aqui, nosso doutorado deve ficar com a pedagogia estrito senso, aquela fundada na compreensão do Território Usado Brasileiro a ser ensinada nas escolas do MST. Não é tudo do MST que nos propomos para estudar, mas a sua pedagogia, construída a partir do conceito de Território Usado. E mais, numa proposta pedagógica para as escolas do Movimento. Isto é o que nos propomos como prática pedagógica menor ao propor o conceito de Território Usado como retorno maior da Geografia Nova enquanto ciência humana.

*“Nós temos uma regra dentro do movimento: só pode se dizer militante do MST se estiver estudando. Então, quando o cara diz “eu sou militante do MST”, nós dizemos “em qual curso tu estás estudando?” É um esforço permanente, também realizado no âmbito de nossa Escola Nacional de Guararema, que nós apelidamos de Universidade Popular. Temos convênios hoje com 42 universidades do Brasil”* (STEDILE, 2005: 32). Neste ponto de vista, além das universidades parceiras, o mais interessante é termos, também, a possibilidade de levantar o que está sendo estudado no próprio âmbito desta *“Universidade Popular”* e na formação da consciência da militância do MST: autores, teorias, visões de mundo, visões do povo brasileiro, visões da cultura brasileira, visões do território brasileiro...

Afinal, quais as pesquisas que estão sendo realizadas pelos militantes do MST, hoje? Neste ponto de nossa pesquisa encontramos a Cultura Brasileira: *“Para o MST, ela [a cultura] é um elemento fundamental para a reconquista da auto-estima do povo, em contrapartida a indústria cultural, que transforma a cultura em mercadoria”*<sup>257</sup>. O Povo Brasileiro: *“A revolução vai se dar através do povo brasileiro, mas este conceito de povo brasileiro é muito abstrato. Ele mora, vive, sofre e tem problemas concretos. Encontrar e dialogar com este povo é uma das grandes tarefas que nós temos pela frente”*<sup>258</sup>. O Agronegócio Brasileiro: *“Aqui no Brasil a expressão foi utilizada pelos fazendeiros, por intelectuais das universidades e, sobretudo, pela imprensa para designar uma característica da produção no meio rural. Eles denominaram de agronegócio aquelas fazendas modernas, que utilizam grandes extensões de terra e se dedicam à monocultura. Ou seja, que se especializam num só produto, tem alta tecnologia, mecanização – às vezes*

<sup>257</sup> Felinto Procópio dos Santos, do Coletivo Nacional de Cultura do MST, In Entrevista à Sofia Prestes, Agência de Notícias do Planalto, Brasília, Fevereiro de 2006.

<sup>258</sup> Gilmar Mauro, dirigente estadual do MST em São Paulo e membro da Coordenação Nacional do MST, In Entrevista ao Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Ano XXIV, N° 259, Fevereiro de 2006.

*irrigação – pouca mão-de-obra, e por isso, falam com orgulho que conseguem alta produtividade do trabalho. Tudo baseado em baixos salários, uso intensivo de agrotóxicos e de sementes transgênicas. Na maior parte dos casos, a produção é para a exportação. Em especial, cana-de-açúcar, café, algodão, soja, laranja, cacau, além de pecuária intensiva. Esse tipo de fazenda é o chamado agronegócio. Mas o que há de novo? Nada. Se estudarmos com atenção, é o mesmo tipo de modo de produção que foi utilizado no período da Colônia, nos tempos do modelo agroexportador. Muda-se apenas de trabalhador escravizado para assalariado e as técnicas passam a ser modernas<sup>259</sup>”. A Estrutura Econômica que leva a destruição da própria classe trabalhadora e de sua identidade comum: “Os obstáculos [a reforma agrária] vão além da disputa de poder dentro do governo, e passam por questões mais amplas como a própria “estrutura econômica”. Nesse caso, avalia Mauro, os trabalhadores se defrontam, desde os anos 60, com a implantação de políticas neoliberais, cujo objetivo seria a destruição da própria classe trabalhadora e de sua identidade comum<sup>260</sup>”.*

Se precisarmos tratar da empiria subjetiva – sua existência social - estudada pela militância do MST, também necessitamos tratar, ao mesmo tempo, da empiria intersubjetiva da própria Pedagogia do MST – sua existência territorial. Ou seja: “1.800 escolas do ensino infantil e fundamental; 200 escolas de ensino médio; 55.800 jovens no ensino fundamental; 15.000 estudantes no ensino médio; 900 estudantes no ensino superior<sup>261</sup>”. Do ponto de vista do território usado não basta dizer quantas escolas incorporam a Pedagogia do MST. Precisamos saber onde estão essas escolas? Só em acampamentos e assentamentos? Não há nenhuma dessas escolas em municípios brasileiros? Onde estão esses jovens e estes estudantes? De aonde vêm? Onde morram? Quem são ou quem não são? Onde estão estudando ou não? O que estudam ou não estudam e porque? Para que estudam certas disciplinas e não outras? O que isso implica ou não no futuro da trajetória da formação do MST?

Em outras palavras, qual é a função da Escola do MST, que é uma objetividade social, e qual a função da Pedagogia do MST, que é uma subjetividade territorial? E, qual a função da Mística do MST, que é uma intersubjetividade sócio-espacial? Encontrar a

<sup>259</sup> Secretaria Nacional do MST, In “As perversidades do agronegócio para a sociedade brasileira”, MST Informa, Nº 109, publicação quinzenal do MST enviada por correio eletrônico, 17 de fevereiro de 2006.

<sup>260</sup> Marcel Gomes, In Cobertura do seminário “Crise Hegemônica na América Latina e Pós-neoliberalismo”, encerrado dia 17/02/2006, RJ, Agência de notícias Carta Maior, “Frente à decepção com governos, movimento social busca alternativas”, 18/02/2006.

<sup>261</sup> Segundo SOUSA, Coordenadora político-pedagógica da Escola Nacional Florestan Fernandes, RJ, 6/05/2005.

resposta é criar nossa própria empiria. Isto faz parte de nossa tese. Dependendo de nossas respostas, isto é, dependendo de nosso modo de usar o território usado como categoria de análise pela formação do MST e pela sua Pedagogia é que vamos descobrindo os elementos que compõem nossa 6ª matriz. Pelo momento, neste projeto, nós conseguimos encontrar a função da escola de formação política do MST – como existência espacial:

*“A função de uma escola de formação política é aperfeiçoar a formação da consciência para que os militantes se transformem em quadros com elevado nível de conhecimento que lhes dê segurança e firmeza ideológica para agirem (...) Ela deve contribuir na busca de soluções dos desafios que a organização tem. Para isto não pode ser uma escola voltada para manuais e programas de formação estáticos (...) Além disso, a escola não deve assumir jamais a característica de “instituição” que funciona apenas no lugar onde está sua estrutura física. Deve ter sua sede, mas a prática formativa deve estar distribuída em todos os espaços onde o nível de formação correspondente a ela se faz necessário. (...) Então a escola deve relacionar-se com todos os espaços de reflexão, seja nos cursos escolares ou nas discussões dos setores. Por isso ela não é “uma equipe de formadores”, mas a inteligência da organização assumida por centenas de militantes com funções diversas dentro do MST (...) Deve, se não houver jeito, no período que precede as aulas, organizar cursos e debates que ofereçam a estes estudantes oportunidade de conhecer outras áreas do conhecimento científico que não estão sendo tratadas na universidade. Então, quem está estudando pedagogia poderá acumular conhecimentos em economia, antropologia, agronomia e filosofia, na ótica do materialismo histórico e dialético (...) Isto deve ser feito também revisando todos os currículos do ensino fundamental, médio e cursos técnicos, para que a Escola Nacional Florestan Fernandes, em médio prazo, cumpra a função de ser a Escola de Nível Superior, no sentido político em que os militantes não deverão ir para lá para aprender o básico mas para confrontarem seus conhecimentos e suas práticas com o conhecimento científico já elaborado e, através de pesquisas, voltarem sua atenção para a elevação do nível das contradições na prática”. (BOGO, 2003: 29-32).*

Nossa proposta, nesta prática pedagógica, é voltar a atenção da *“inteligência da organização assumida por centenas de militantes com funções diversas dentro do MST”* para o nível das contradições, não só na prática, como, também, na teoria. Essas contradições é que nos trazem de volta a dialética. Uma dialética interativa tanto na prática quanto na teoria. Uma dialética como retorno do território. Porque: *“A herança dita marxista da dialética sociedade-natureza não tem sentido, porque não há uma dialética*

*entre o social e a natureza natural. A dialética é, pois, com a natureza socializada. A dialética é com o espaço e não com a natureza*” (SANTOS, abril de 2000: 47).

Como, neste contexto, tudo ainda está para ser feito, o primeiro curso de geografia humana para formação de quadros do Movimento somente vai acontecer á partir do mês de julho de 2006. Ainda não sabemos o que vamos encontrar. Assim, a crítica da empiria objetiva de nossa pesquisa também é uma crítica da empiria subjetiva da Pedagogia do MST; e uma crítica da empiria intersubjetiva da Escola do MST. Pois, o tema de nossa pesquisa, como tema a ser também tratado na prática crítica da Escola de Formação de Quadros e na teoria autocrítica da Pedagogia do MST, está baseado sobre *valores e costumes* aos quais desejamos acrescentar a possibilidade de oferecer uma nova matriz pedagógica para o movimento, calcada na compreensão da geografia nova como visão e leitura dos *usos do território brasileiro em movimento*. Em sua própria exposição, a Pedagogia do MST, já tinha detectado como impressão que, efetivamente, “*Escola é mais do que escola... na Pedagogia do Movimento Sem Terra*”; mas sem apresentar argumentos conceituais e teórico-metodológicos brasileiros<sup>262</sup>. O que fazemos, agora, com base no arcabouço metodológico do Espaço Geográfico como objeto de estudo da Geografia Nova criada pelo Professor Milton Santos.

Se filosoficamente falando, a metodologia é uma parte da lógica que estuda as diferentes ciências. Será que a formação de *valores, usos e costumes* insere-se numa possível lógica racional, contra-racional ou de uma outra racionalidade? Mas, por outro lado, espacialmente falando e tomando como ponto de partida a filosofia das técnicas, a metodologia não é só uma parte da lógica; pois ela não se constrói apenas com o método analítico. Então, onde será que se insere a formação de *valores, usos e costumes de uma tradição em movimento*? Senão, justamente, na própria definição do espaço geográfico como indissociabilidade entre um sistema de objetos e um sistema de ações, regulada por

---

<sup>262</sup>Em nossa tese, também recorremos aos argumentos conceituais e teórico-metodológicos considerados como não brasileiros, mas que, no entanto, tal como para o caso do mais de um bilhão de exilados, pelo mundo afora, são conceitos teórico-metodológicos que dizem respeito à universalidade da condição humana e, não mais, somente, que dizem respeito à atualidade da formação humana. Pois, se com Karl Marx, passamos de uma 1ª natureza *naturata* a produção de uma 2ª natureza *social*. E, se com Hannah Arendt, passamos da condição do *nascimento* do corpo do homem a formação da educação da *natalidade* do espírito de um novo ser que deve cultivar o mundo. Com Milton Santos, a evolução social nos leva a considerar toda e qualquer influência do *espaço geográfico numa dada Formação Sócio-Espacial*. Enquanto projeto estrutural (espacial e temporal; cultural e político; econômico e social) em via de *sócio-espacialização*. Assim, nossa grande batalha contra os ambientalistas não é mais considerar o planeta como suporte técnico, mas, sim, considerá-lo como agente. Se o planeta se tornou agente. Será ele agente técnico ou agente político? Ou ambos e plurais? Então, o planeta seria considerado enquanto ser ou enquanto ente? Pois, hoje em dia, o planeta terra parece ter adquirido mais direitos, sem deveres, do que o próprio homem.

normas. As novas normas e os novos usos do território brasileiro a serem tomados em conta, inclusive por este nosso projeto de pesquisa, tornado Tese de doutorado.

Por outro lado, se filosoficamente falando, a epistemologia é o estudo crítico das ciências, da formação e das condições do conhecimento científico. Então, aí sim, sem ser epistemóloga de carteira, desejamos, mesmo sem ser geógrafa nem somente pedagoga, incentivar a crítica de uma pedagogia – a Pedagogia do MST - a autocrítica de uma formação – a formação do MST; e de um conhecimento científico – a Formação Sócio-espacial Brasileira na qual está incluída a formação do MST. Para isso nos inspiramos no próprio Método Geográfico, enquanto base teórica, prática e técnica, para uma Espaciologia, tal como recriada por Milton Santos

Aqui, somente podemos questionar a forma da realização menor deste Movimento e o conteúdo da realização maior desta Formação sócio-espacial. Pois, a construção do mundo novo – como espaço do cidadão – sempre para ser criado, não é uma materialidade. Por isso, para Milton Santos, o mundo é uma metadisciplina: *“A metadisciplina é, também, um resultado da globalização. Já existia antes, mas hoje, se dá muito mais claramente. Eu chamaria de metadisciplina a vontade de filosofar nas disciplinas particulares. Era o que Louis Althusser chamava de filosofia espontânea dos sábios e que eu chamo de epistemologia, embora os epistemólogos de carteira talvez não gostem desta denominação”* (SANTOS, abril de 2000: 50). Porque, afinal: *“O que faz com que uma disciplina se relacione com as demais é o mundo, o mesmo mundo que, no seu movimento, faz com que a minha disciplina se transforme.. (...) Por isso, o mundo é que permite que se estabeleça um discurso inteligível, um canal de comunicação entre as disciplinas”* (SANTOS, abril de 2000: 49).

Ao mesmo tempo em que fomos caminhando no que diz respeito a Pedagogia do Movimento Sem Terra, pois também, e de forma coerente, fomos caminhando no que diz respeito a Geografia Nova e, de um modo prismático, também fomos caminhando no que diz respeito a Espaciologia. Nosso pressuposto, na metodologia do projeto de pesquisa, é que a Pedagogia do MST e a Geografia Nova são dois meios intercomplementares porque contraditórios. Tanto na compreensão da auto-formação do Movimento Sem Terra quanto na interpretação do sentido da formação sócio-espacial brasileira. Porém, em nossa metodologia usada neste projeto de tese, como nada muda e tudo se transforma, - eis o fundamento da vida ao estar sempre sendo vivida -, outro elemento foi aparecendo.

Nesse primeiro projeto de pesquisa, ao avançar de forma paralela e conjunta, alcançamos, uma das possibilidades ofertas pela perspectiva revolucionária da obra do

Professor Milton Santos: a espaciologia. Pois, ao questionar seu *povo*, sua *cultura* e sua *própria destruição* como *classe trabalhadora* e como *identidade comum*, o Movimento Sem Terra apoiado na sua Pedagogia está diretamente questionando tanto sua existência material e social – com base em Karl Marx -, quanto sendo questionado em sua existência territorial e espacial – com base em Milton Santos. Porque, de fato, aqui verificamos que a dialética se dá entre a Sociedade e o Espaço. E, isso não somente na prática social da auto-formação de seus integrantes, militantes e quadros políticos; como, também, na própria teoria da formação sócio-espacial brasileira a qual pertence o Movimento Sem Terra. Pois, aqui verificamos que a territorialização não é a espacialização. É o território usado que revela as contradições e o drama da nação.

Ao assumir, até as últimas conseqüências, sua intencionalidade pedagógica sobre sua própria tarefa de fazer educação e formação humana, a Pedagogia do MST leva, em última instância, a Geografia Nova, como ciência humana, a assumir seu *caráter político* e não apenas técnico. Ao propor uma 6ª matriz pedagógica a ser usada na sua formação como Movimento, Pedagogia e Escola: na entrada do conceito de território usado da Geografia Nova como fundamento da compreensão do território usado brasileiro. Pois, “*Como a história também é agregação de novos materiais e, por conseguinte, de novas relações e novas idéias, o próprio transcurso histórico cria novos saberes*”<sup>263</sup> (SANTOS, abril de 2000, p. 41).

---

<sup>263</sup> “Na sociedade ocidental, o termo “mística” está comumente ligado à magia, às dimensões cósmicas e coisas do tipo. Mas, dentro do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), esse signo remete a algo muito mais profundo, ao “mistério”, ao “inexplicável”, à motivação subjetiva que move o camponês a permanecer na luta por uma sociedade justa. Na cartilha “O MST: a luta pela reforma agrária e por mudanças sociais no Brasil”, o dirigente nacional do movimento, Ademar Bogo, explica a mística: trata-se de uma condição de vida que se estrutura por meio das relações entre as pessoas e as coisas no mundo material e as idéias e a utopia no mundo ideal. O trabalhador camponês planta e colhe um sentimento canalizado em direção a um ideal alcançável. A mística ajuda a construir, dessa maneira, a identidade cultural e organizativa do povo sem terra. – Concretamente, ela pode ser praticada e observada em dois planos: na luta cotidiana e na expressão artística dos sem-terra. Geralmente, antes de encontros de formação e confraternização, como o 5º Congresso do MST, realizado entre os dias 11 e 15 em Brasília (DF), as apresentações se configuram como um instrumento capaz de contribuir na construção da identidade cultural e na formação política dos sem-terra. Terezinha Pereira de Souza, do assentamento Santa Rosa, do Mato Grosso do Sul, atesta: “A mística nos renova para a luta”. De acordo com Rafael Villas-Boas, integrante do coletivo de cultura do MST, as expressões artísticas do movimento se caracterizam como a “celebração do mistério”. O mistério é a revolução, a necessidade de autotransformação coletiva e a mudança de significações de formas de poder, das relações de trabalho, da relação do ser humano com a natureza”, explica. – Subjetividade -. Charles Trocate, da coordenação nacional do MST no Pará, afirma que a mística é, talvez, a grande contribuição dos trabalhadores do campo ao pensamento marxista. “Primeiro, porque há uma negativa em todo processo de luta da importância da vontade subjetiva. E o MST, ao longo de sua história, foi construindo o conceito de que nós somos seres de razões, mas também somos seres de emoções. E não há outro momento de explicitarmos o nosso projeto político senão no momento em que estamos emocionados por aquilo que nós fazemos e por aquilo que nós acreditamos”, explica. Trocate lembra que, para o movimento, o sentido de utopia criado pelo escritor inglês Thomas Morus, em 1516, que dizia que a utopia se inseria no espaço do “não lugar”, deve mudar. “A utopia não é o lugar nenhum. Para nós, utopia é exatamente as idéias que nós

Paradoxalmente, são as próprias contradições que vão criando novos saberes e novas disciplinas que vão depender do momento histórico em que se inserem. Isto é, a passagem em construção do Meio Técnico Científico Informacional para o Período Popular da História. E, ao problematizá-la, descobrimos que a Espaciologia – como possibilidade aberta pela Geografia Nova - pode, então, ser entrevista como metadisciplina ou canal de comunicação comum ao “*lutar pelo retorno de sua própria condição humana*” (CALDART, 2000: 20).

Assim sendo, desejamos concluir este Projeto de Pesquisa com a visão de uma teoria da espaciologia e não somente de uma prática espacialista. Pois, para o Professor Milton Santos: “*O território é onde vivem, trabalham, sofrem e sonham todos os brasileiros. Ele é, também, o repositório final de todas as ações e de todas as relações, o lugar geográfico comum dos poucos que sempre lucram e dos muitos perdedores renitentes, para quem o dinheiro globalizado - aqui denominado "real" - já não é um sonho mas um pesadelo.*” [28/02/1999].

---

estamos realizando. A mística contempla esse universo das idéias que estamos pondo em prática, seja na ocupação, seja na formação de mobilizações sociais que nosso movimento realiza”, diz. O integrante da coordenação nacional do MST destaca que estar no mundo não se resume à contemplação, mas a um sentido de fazer permanentemente. E, nesse fazer contínuo, o movimento foi se desenvolvendo ao longo de sua construção histórica. “Nós não precisamos negar Cristo, Marx, Lênin, Paulo Freire, Darci Ribeiro, Caio Prado ou Florestan Fernandes. Esse universo de pensamento filosófico, sociológico e religioso vai conformando a organização que somos. Aí a idéia de que somos o resultado de outras construções”, conclui Trocate. - Fé revolucionária -. No passado, muitas críticas de setores de esquerda consideravam que a mística estava ligada historicamente ao idealismo, o que não caracterizaria o MST como um movimento de esquerda, mas sim religioso, inspirado sobretudo na teologia da libertação. Esse argumento, porém, se torna inconsistente quando o dia-a-dia do movimento demonstra seu caráter essencialmente político. A fé, ligada aos mistérios do cristianismo, da terra e do brotar dos alimentos se une à fé revolucionária, que impulsiona a luta. “O MST é esse grande sujeito coletivo que incorporou o povo brasileiro, nós não temos distinção de cor, raça ou sexo. Existe o preto, o branco, o amarelo, o indígena, o cafuzo. Esse sentido popular, de povo brasileiro, faz com que a gente tenha presente diferentes manifestações na nossa organização e na materialização da nossa luta”, afirma Trocate. Para ele, esse sentido abarca uma religiosidade prática, que inclui os sujeitos históricos que pretendem realizar a felicidade aqui e não esperar que ela venha em outro estágio da história ou em outro “grau de existência”. Os trabalhadores rurais do MST, segundo Trocate, possuem a fé revolucionária. “A fé revolucionária é exatamente a idéia de que nós fazemos parte de uma organização e que temos um tempo histórico para realizar tarefas imprescindíveis, como, por exemplo, a tarefa de entregar este país para a próxima geração sem o problema do latifúndio, com a reforma agrária realizada”, garante. Reportagem de Eduardo Sales de Lima de Brasília (DF), In “*A celebração do mistério*”, Jornal Brasil de Fato, Uma visão popular do Brasil e do mundo, Página Cultura, p.12, Ano 5, Nº 225, São Paulo, de 21 a 27 de junho de 2007.

## D – QUARTO MOMENTO

### - ACONTECER SOLIDÁRIO COMO SÍNTESE DO MÉTODO -

#### 1. Do Memorial de Qualificação à Tese:

#### Encontro entre Pedagogias, Ciências Sociais e Geografia Nova<sup>264</sup>

*“L’espace agit sur tous les corps qu’on y place et il est modifié par eux (...) C’est la matière qui crée l’espace et le temps.”<sup>265</sup>*

**Albert Einstein** - Théorie de la relativité

Elaborada entre 1905 e 1916.

*Ao elaborar nosso Memorial de Qualificação e ao pesquisar: O Uso Agrícola do Território e A Pedagogia do Movimento Sem Terra (MST) – sentimos a necessidade de usar quadros de referência científicos, práticos e teóricos.*

O *nível ideológico* de toda pesquisa é dado pela perspectiva e pelo olhar do próprio pesquisador. O que é ser pesquisador? De que lugar da história da consciência humana está falando? Que tipo de formação dá fruto a este pesquisador? Que escolhas são feitas? Ou não?

Toda sustentação para iniciar uma tese de doutorado se dá pelo *nível teórico do pesquisador*. Ora, ninguém nasce pesquisador. Pesquisar é iniciar um longo trabalho de libertação contra as próprias instituições formadoras. Inclusive, contra o próprio sistema acadêmico que auto-reproduzimos e que tende a ser auto-reproduzido pela sua elite burocrática. Será que o pesquisador se autoquestiona sobre o seu lugar no mundo?

Em nossas atividades acadêmicas, descobrir *o Estado da Arte* do Uso do Território Brasileiro é recusar adaptar-se, por ser tão violento, ao sistema universitário brasileiro. Pois, o fio condutor utilizado nestas atividades nos foi dado por Claude Raffestin que considera todo Trabalho - trabalho não é só trabalho assalariado - ao mesmo tempo como Informação e Energia. Por isso, negar certos trabalhadores, em uma dada sociedade, é

<sup>264</sup> Desdobramento de nosso trabalho de Pós-qualificação em Doutorado Direto de Maria Do Fétal De Almeida, Doutoranda em Geografia Humana, Bolsista do CNPq - sob orientação da Prof. Dra. Titular de Geografia Humana pela USP, Maria Adélia Aparecida de Souza, IIº SEPEGEH, Outubro de 2006.

<sup>265</sup> “O espaço age sobre todos os corpos que nele são colocados e é modificado por eles (...) É a matéria que cria o espaço e o tempo”. Albert Einstein – Teoria da relatividade.

negar uma certa informação e uma certa energia, resultado das necessidades de toda humanidade.

O *nível metodológico* do pesquisador é dado pelos 3 grandes métodos do pensamento humano: as escolas hermenêutica, analítica e dialética. Pois toda pesquisa necessita de um tempo de leitura, de um tempo de análise e de um espaço onde a dialética da pesquisa se torna práxis. Pesquisa não é discurso. Pesquisar não é militar.

Em tempos de intertextualidade, as idéias, os livros e os autores dialogam e comunicam-se entre si. Daí a co-existência. Assim Sartre co-existe com Marx que co-existe com Epicure que co-existe com Demócrito, contemporâneo de Sócrates... Bombardear o Líbano é para o povo do livro bombardear a Fenícia de onde partiram os primeiros rolos de papiros. Que contradição! Bombardear os sítios arqueológicos do Iraque é incendiar de novo a biblioteca de Alexandria.

Considerar um movimento social que se autodenomina sujeito pedagógico e sujeito educativo é observar um rico e interessante diálogo estabelecido, entre disciplinas: sociologia, economia, política, cultura, tradição, pedagogia e geografia. Manter este diálogo é introduzir o Espaço Geográfico como Instância Social<sup>266</sup>, além da Política na Inquisição (Maquiavel), da Economia no Capitalismo (Marx) e da Cultura na Globalização (o outro Milton Santos). Pois, autodenominar-se *sujeito* também é ser *objeto* de pesquisa ao ter sua Pedagogia e sua Escola como *objetos* de disputa ideológica.

Nosso projeto de pesquisa tenta manter-se em equilíbrio ao considerar o tripé de todo objeto de pesquisa: prática, teoria e técnica.

No *nível prático*, consideramos a formação do MST como uma formação menor mas parte da Formação Sócio-espacial Brasileira. Pois se a formação da Sociedade Brasileira não é só o MST, no entanto, a formação histórica e cultural do MST também pertence a parte maior da Sociedade Brasileira.

---

<sup>266</sup> “Consideramos o espaço como uma instância da sociedade, ao mesmo título que a instância econômica e a instância cultural-ideológica. Isso significa que, como instância, ele *contém* e é *contido* pelas demais instâncias, assim como cada uma delas o contém e é por ele contida. A economia *está* no espaço, assim como o espaço *está* na economia. O mesmo se dá com o político-institucional e com o cultural-ideológico. Isso quer dizer que a essência do espaço é social” (...) “Mas isso, exatamente, indica a imbricação entre instâncias. Como as formas geográficas contêm frações do social, elas não são apenas formas, mas *formas-conteúdo*. Por isso, estão sempre mudando de significação, na medida em que o movimento social lhes atribui, a cada momento, frações diferentes do todo social. Pode-se dizer que a forma, em sua qualidade de forma-conteúdo, está sendo permanentemente alterada e que o conteúdo ganha uma nova dimensão ao encaixar-se na forma. A *ação*, que é inerente à *função*, é condizente com a forma que a contém: assim, os *processos* apenas ganham inteira significação quando corporificados” (...) Daí que “existir é mudar”. (SANTOS, Espaço e Método, 1988).

No *nível teórico*, consideramos o Uso do Território, e seu outro viés *pelo* Território Usado, como categorias analíticas da Geografia Nova e da nova possibilidade transdisciplinar herdada do professor Milton Santos: a Espaciologia.

No *nível técnico*, consideramos a própria pedagogia – como a grande técnica de controle social<sup>267</sup> instaurada pelas instituições desde a morte de Sócrates – e a própria geografia. Pois, segundo Yves Lacoste: *La géographie ça sert aussi à faire la guerre*.

Estes 3 níveis de referência são necessários, não são suficientes. Pois, o grande fundamento da vida não é só o equilíbrio mas a reprodução da luta. Interna e externa. Assim, o Espaço Geográfico, como sistema de ações e sistema de objetos, é mediado por um sistema de valores que determinam a validade de suas normas - usos e costumes – inclusive nas normas técnicas, em vigor numa dada sociedade ou num dado estado de consciência.

É neste sistema de valores que entram a Pedagogia e a Escola do MST. Pois, a grande questão que está sendo posta ao Movimento Sem Terra é: Produzir uma nova pedagogia e uma nova escola a serviço do povo Sem Terra e de uma nova Sociedade Brasileira? Ou será, mais uma vez, reproduzir as violentas pedagogias e as escolas excludentes de toda sociedade capitalista?

Deste modo, tanto os valores *da* Pedagogia e *da* Escola do MST - quanto os valores presentes *na* Geografia Nova e *na* Espaciologia - devem ser vistos, ou não, como possíveis Projetos de transformações revolucionárias: políticas, econômicas, culturais e sócio-espaciais. Ou então, de outro modo, como possíveis projetos de resistência as revoluções impostas pelo Globalitarismo. Pois, desde Marx e Engels sabemos que a burguesia e o capitalismo são profundamente revolucionários no que diz respeito aos usos e costumes dos antigos regimes sociais, culturais, econômicos e políticos.

Aqui, a novidade é alcançar não só o questionamento sobre o objeto da pesquisa e o sujeito pesquisador, mas, questionar as próprias ferramentas da pesquisa e do pesquisador. Quem usa o pesquisador? Quem usa a pesquisa? Quem usa este trabalho não assalariado?

Mais do que a formação interdisciplinar<sup>268</sup> é o conteúdo transdisciplinar do trabalho do pesquisador que trata, em paralelo, conjuntos de campos interligados.

<sup>267</sup> Cf. os objetivos do financiamento do Banco Mundial para educação de jovens e adultos desde 1968.

<sup>268</sup> “Há, igualmente, uma volta ao interesse interdisciplinar, distinto, aliás, das fases anteriores. Agora, os interesses tendem a ser construídos a partir da *noção de espaço*, o que, por sua vez, constitui uma contrapartida ao interesse das outras disciplinas pela geografia (...) Reafirmação da Geografia Brasileira como produtora de conhecimento sobre o país e sobre o mundo (...) [onde/quando] cada professor é a Universidade”. (SANTOS & BERNARDES, 1999).

O conjunto prático da Formação, Pedagogia e Escola do MST e o conjunto teórico do Uso do Território/Território Usado, Geografia Nova e Espaciologia... O conjunto prático da formação, pedagogia e escola da Geografia Renovada ou o conjunto teórico da Formação Sócio-espacial Brasileira em Movimento... O olhar da Geografia Nova sobre a Pedagogia do MST é um olhar brasileiro em contraponto ao olhar analítico inglês usado pelo MST. O olhar da Escola do MST sobre a Espaciologia é um olhar sócio-espacial em que a Escola da Vida está em inter-relação dialética entre o Eu & o Mundo...

É o contraponto ao olhar do mundo do trabalho e da história da classe operária inglesa do século XIX (E. HOBSBAWM). E do olhar da cultura popular tradicional e da classe operária inglesa do século XVI (E. THOMPSON). Ambos usados como ferramenta analítica pela Pedagogia do MST. Ao resgatar e re-atualizar pensadores brasileiros contemporâneos como Darcy Ribeiro, Sérgio Buarque de Holanda, Paulo Freire, Florestan Fernandes e o próprio Milton Santos.

Na genealogia disciplinar da Pedagogia, o *campo conceitual em referência direta* é a formação humana. O homem é visto como tabula rasa ou como palco onde o mundo influencia diretamente a Reflexão do Eu em construção na Escola.

O credo filosófico dos pedagogos varia em graus de aceitação ou de negação absoluta da consciência humana como recipiente a ser preenchido pelas diferentes ciências e disciplinas, inclusive pelas humanidades.

Vale lembrar o lindo questionamento de Martin Heidegger sobre a forma da jarra de cristal transparente e sobre o conteúdo do líquido que vai tomando aos poucos sua forma quando essa está sendo preenchida por este. O que perturba Heidegger é saber se a jarra tem, ou não, a liberdade de escolher quando, onde e por qual conteúdo ser lotada até a borda?

O *campo conceitual em referência indireta* da pedagogia depende de sua ligação direta com as ciências da educação e não com os ambientes pedagógicos ou educativos da sociedade.

O *campo conceitual referente extraído* considera a pedagogia como técnica a ser usada em e para formação humana. Num dado Tempo de Escola e num dado Espaço Social. Ou num dado Espaço da Escola e um dado Tempo Social. O saber histórico e a História social não são tomados em conta. Para Geografia Nova o Espaço Social é sinônimo de Espaço Geográfico. Espaço Geográfico a serviço do Meio Técnico Científico Informacional ou a serviço do Período Popular da História? No período popular da história o espaço geográfico também é Pedagógico. Pois, o Espaço Geográfico como instância

social já é, ele já existe. O ser social é ser geográfico e ser pedagógico. Nada levita fora do espaço.

Os *Tempos Pedagógicos* requerem um constante diálogo com a Emoção (por exemplo, quando a Mística resgate as emoções das lutas históricas e tradicionais do povo brasileiro). A emoção é focada como técnica a ser usada em todos os espaços educativos e pedagógicos do MST. Aqui, o Uso social do Território é focado como Objeto da Ação.

Na genealogia dos campos conceituais usados pelo Uso Agrícola do Território identificamos o *campo conceitual em referência direta* como condição humana. O ser humano já é ser e já é homem. O homem já nasce homem e já nasce livre. A ação social tenta alienar o homem ao torná-lo escravo. Nesta liberdade radical como perspectiva é o Eu que influencia o Mundo em construção em relação direta com a Escola da Vida.

O *campo conceitual em referência indireta* depende diretamente das ciências humanas ou das Humanidades. Numa inter-relação direta entre o meio técnico científico informacional e comunicacional *para* o período popular da história.

O *campo conceitual referente extraído* nos leva a considerar a Geografia Nova como outra possibilidade política da formação humana em tempos de Globalização do período popular da história.

Aqui, trabalhamos com *espaços educativos* e não só com tempos pedagógicos. Pois a pedagogia é somente uma das inúmeras disciplinas das ciências da educação. No Espaço Geográfico, além da emoção, encontramos a razão e a práxis. Pois, desse jeito, o Território é Usado como Sujeito da Ação.

*Os desafios da pesquisa* não são mínimos. Há desafios sociais da Sociedade Brasileira em movimento. Há desafios do saber da Geografia Nova em movimento. Há desafios do sujeito/objeto da pesquisa com a menor formação do MST e a maior Formação Sócio-espacial Brasileira. Há uma situação didática em jogo: a contradição entre o Território Usado pela Pedagogia do MST e o Território Usado pela/na Formação do MST. O que não é pouca coisa. É ir até á contradição do Território Usado pela universidade popular do MST. Por exemplo, após decretar o fim da dialética, na sua disciplina, a sociologia, Florestan Fernandes, abandona a universidade para criar o PT.

Toutes proportions gardées, a revolução da Reforma foi levar a questão da Graça e de Deus das mãos dos experts da Palavra para o interior de cada um de nós (Nietzche) de cada família (Freud) de cada grupo (Sartre) de cada lugar (Milton Santos). Após a “restauração” da democracia na Nicarágua “Deus” sumiu das igrejas para as ruas e para o mundo. A revolução da imprensa questionou a igreja católica, apostólica e romana ao

colocar uma bíblia universalmente traduzida em cada lar. A revolução da internet questiona os novos templos profanos do saber que são as universidades, ao colocar uma biblioteca de Alexandria em cada tela de mini-computador portátil. Cada um do bilhão de laptop pré-pago chinês já projetado será vendido ao preço de 100US\$. Que significa construir universidade e biblioteca populares neste início de século XXI? Que significa ter um diploma ou canudo na sociedade da informação e da comunicação?

Sem mais espaço é preciso selecionar e escolher, e, desde Sartre sabemos que fazer escolhas é fazer política. Selecionamos alguns exemplos dos *campos didáticos* do Território da Escola Usado pela Pedagogia do MST onde o Território é visto como palco e não como instância social.

“A década perdida da educação brasileira”, [ou a negação da dialética]. “Não há mais responsabilidade coletiva, pois tudo se resume ao universo do indivíduo e da relação que ele consiga estabelecer com o mercado”, [ou a negação da possibilidade do nascimento da Geografia Nova e da Espaciologia]. “A preocupação com a degradação do ser humano que se observa na sociedade atual”, [ou a negação da humanidade e da liberdade do ser humano]. “A tendência é passar a exigir da escola que se preocupe com a formação dos valores, com a educação para a democracia, com uma pedagogia da práxis”, [ou a negação da família (base do MST) como transmissora de valores]. “Não se pode prescindir delas [escola e educação] para realizar o contraponto”, [ou a negação da escola e da revolução da vida. Pois, não é a escola que faz revolução mas sim alunos, pais, funcionários e professores]. “Se esta luta vai se configurar como revolucionária, não dependerá da escola, mas dos sujeitos sociais que a assumirem, e que então a escola estará ajudando a formar: , [ou a negação da possibilidade civilizatória do meio técnico científico informacional e comunicacional *do* período popular da história]. “Porque ainda há crianças fora da escola e adultos analfabetos?” [ninguém está fora da Escola da Vida nem fora do Espaço Geográfico e Pedagógico. Viver é apreender].

Alguns *campos didáticos* do Território Usado na Formação do MST. “A perspectiva de que a educação seja tarefa do conjunto da organização”... “Na verdade, há uma pedagogia presente na própria escolha das ações de cada momento, e também no jeito ou no processo de fazê-las”... [Territorialmente altamente diversificadas]... [Indissociabilidade entre o Uso e a Ação]... [Se usar não há vitória do INCRA]... “O MST como educador não somente dos Sem-Terra, mas de outras frações da classe trabalhadora que passaram a tê-los como referência, assim como do conjunto da sociedade onde atua”... “Cada ação do Movimento que se torna pública, além de fazer parte do processo de

formação dos sem-terra, também pode repercutir na formação de outros sujeitos”... “Produzir na sociedade um ambiente cultural. O MST como movimento sócio-cultural, na relação sociedade/cultura como ator”... “Estas ações se constituirão como processo pedagógico. O MST como movimento de transformação”...

A contradição desta *situação didática* vai mostrando a evolução do Território - como forma-conteúdo paralela e contínua.

Nos *campos referenciais* de nossa Justificativa, avançamos do território como direito ao território como valor. Pois, para Milton Santos, “*O espaço é um sistema de valores, que se transformam permanentemente*”. O valor é aposta e cultura do futuro como âncora. O espaço é sistema de valores a ser interpretado pelo sistema de objetos e pelo sistema de ações. Ou, ainda, dependendo do sistema de valores praticado no Espaço Geográfico o sistema de ações e o sistema de objetos ganha sentido.

Nos *campos conceituais* de nossa Problematização, avançamos da luta pela terra a luta pelo território, com a proposta de uma 6ª matriz a ser tomada em conta pela Pedagogia do MST onde TERRA NÃO É TERRITÓRIO E TERRITÓRIO NÃO É TERRA. É a necessidade conceitual e teórica de uma outra matriz. Pois, não é a terra que faz revolução, mas sim o território usado.

Nos *campos cognitivos*<sup>269</sup> possíveis e abertos pela Metodologia, avançamos da dúvida e do autoquestionamento, pela Pedagogia do MST, sobre a existência material e social do tipo de formação do MST; para um possível questionamento sobre a existência territorial e espacial do próprio Movimento Sem Terra.

Nesta última parte, o fio condutor é o trabalho visto como parcela técnica e parcela política, na visão do Professor.

A formação do MST como parte da Formação Sócio-espacial Brasileira é a Empíria a ser tomada em conta num possível materialismo histórico (não metafísico). Ambas, sustentadas pelo patrimônio imaterial e territorial dos povos: ou seja, *o Uso Agrícola*. Pois, o Uso do Território não se dá somente pelas grandes empresas. O Uso é Social e o Espaço

---

<sup>269</sup> “Se as ciências cognitivas nasceram do lado dos Estados Unidos, e mais particularmente no MIT (nos anos 40), a teoria da *autopoiesis* (a idéia de *autopoiesis* e de sistema *autopoiético* vem do grego *autos*, “si mesmo”, e *poiein*, “produzir” – a organização autopoiética implica a autonomia, a circulação, a auto-referência) e da enação pretende assinalar uma ruptura com uma ciência ocidental que se construiu em ruptura com a experiência humana, com a maneira pela qual o indivíduo percebe as coisas. Ela se interessa, ao contrário, pela “inscrição corporal do espírito” (...) Estabelece um diálogo com a psicologia meditativa do budismo e reivindica a herança da tradição fenomenológica (a de Husserl, mas sobretudo a de Merleau-Ponty), a crítica da representação realizada por Michel Foucault, “pensadores que se preocuparam com o fenômeno da *interpretação* como um todo, em seu sentido circular de vínculo entre ação e saber, entre o que sabe e o que é sabido”. É dessa circularidade ação/interpretação que pretende dar conta a expressão “fazer emergir”. (MATTELART, 1999:164)

Geográfico é sinônimo de Espaço Social. O valor dado ao espaço, não só como uso capitalista mas como Uso Social é que significa a Ação e re-significa o Objeto/Sujeito.

É o *Período* que significa a ação e re-significa o objeto. Depende da periodização aberta pela pesquisa: o meio técnico científico informacional a serviço do globalitarismo? A globalização *no* período popular da história? O meio técnico científico informacional e comunicacional usado *pele* período popular da história? A Globalização é somente um período com início, meio e fim, com informação e energia. Pois, a globalização é um novo tipo de trabalho não assalariado.

A História só existe como História da Humanidade. Enquanto houver ser humano haverá história. Toda cultura é soberana. O povo não é um simples detalhe. Todo povo é espaço, cultura, economia e política, ou seja, todo povo é território usado. Em contradição com o Uso do Território pelo capitalismo, todo *homem pobre e lento* produz política, economia e cultura ao usar o espaço geográfico e pedagógico como Cidadão do Mundo. Pois, todo o ser humano tem direito ao Uso do Território.

“O futuro é formado pelo conjunto de possibilidades e de vontades, mas estes, no plano social, dependem do quadro geográfico que facilita ou restringe, autoriza ou proíbe a ação humana. Alcançar intelectualmente o futuro não é questão estatística, nem simples arranjo de dados empíricos, mas questão de método” (...) “Sabemos como diferenças de enfoque conduzem a diferenças de resultado. O nosso enfoque, aqui, ainda é o que arduamente defendemos de longa data: o do espaço como instância social, conjunto inseparável da materialidade e das ações do homem. Devemos, desse modo, levar em conta as tendências atuais de reorganização do território, no mundo inteiro, e no Brasil de forma particular, o que obriga a levar em conta as características do que chamamos de meio técnico-científico, isto é, o meio geográfico tal como hoje se dá, ou tende a ser, e em cuja elaboração a contribuição da ciência, da tecnologia e da informação [tal como da comunicação] é cada vez maior”. (SANTOS, A Urbanização Brasileira, 1993 apud 2005: 130).

## 2. Pontos de Partida da Tese

Como acabamos de ver na 1ª parte desta síntese do método, ao tratar da novidade da geografia humana como alheia a noção geométrica do espaço; aqui verificamos nesta 2ª parte que o espaço geográfico, sinônimo de espaço social é instância.

Nosso ponto de partida, para esta tese se doutorado é então interpretar *O Uso Agrícola do Território e A Pedagogia do MST* como estando - ao mesmo tempo – *fora* de uma teoria geométrica do espaço social e *dentro* de uma teoria que considera o espaço geográfico como instância social.

A Teoria Usada em nossa tese de doutorado é a teoria elaborada pelo professor Milton Santos e didaticamente ensinada pela professora Maria Adélia de Souza.

A dificuldade desta tese é tentar interpretar - na contramão da ideologia neoliberal do pensamento único imposto pela crise de sobrevivência da economia capitalista – o que é o Uso Agrícola do Território Brasileiro e como a Pedagogia e a Mística do MST podem nos auxiliar nesse entendimento?

Nos damos a liberdade de não considerar o uso agrícola do território como interpretação da agricultura. Não trataremos da cana de açúcar nem da soja transgênica. Procuramos não entender o território usado pelo agronegócio nesta materialidade da agricultura. Mas, sim, numa materialidade histórica.

Ora, sair da dimensão geográfica<sup>270</sup> do espaço não é tão fácil assim. O primeiro a entender esta dimensão é o próprio capitalismo. Não é por acaso que, por exemplo, as sedes das grandes empresas nacionais, multinacionais e trans-nacionais brigam pelas suas localizações. Ter sede na Avenida Paulista ou na 25 de Março não tem a mesma significação política, econômica e cultural. Os clientes não são os mesmos, as relações com a Polícia Militar não partem dos mesmos preconceitos. Idem com o território.

Construir uma barragem hidrelétrica ao inundar Canudos; conseguir alcançar duas vindimas por ano (para exportação de uva de mesa e safra de vinho) no São Francisco, em Petrolina e Juazeiro – não têm a mesma significação para o agronegócio. Mesmo se o objetivo e o tipo de ocupação do território parecem ser os mesmos.

Calçar um sapato de PVC *Made in China*, não é o mesmo do que conseguir pagar, mesmo a prestações, um par de sapatos de Giorgio Armani. Usar havaiana original não é o

---

<sup>270</sup> Sim, trata-se bem, aqui, de sair dessa dimensão geográfica usada pelo meio técnico científico informacional e de tentar entender a outra dimensão geográfica: a deste período popular da história.

mesmo do que usar um par de chinelos Ipanema da coleção Gisele Bundchen. Aqui, os empresários, a propaganda e os publicitários penetram em outro tipo de território. Não se trata mais de geometria.

Considerar o espaço geográfico como instância social é outra dificuldade cognitiva. Pois, sendo instância o espaço é ser. Ele existe. Ele já é. Sempre foi. Simplesmente não tínhamos as ferramentas cognitivas nem teóricas para o encarar como tal. Já me perguntaram qual a consequência deste mundo novo para a humanidade? Parafraseando Mao Tse-Toung, ao qual um jornalista francês perguntou o que ele pensava da Revolução Francesa: “*Ainda é muito cedo para responder*”... No entanto, este mundo novo está aí presente, aguardando ser colhido por cada um de nós.

Fazer geografia na época de Cláudio Ptolomeu<sup>271</sup>, mesmo na biblioteca de Alexandria, não é o mesmo do que fazer Geografia Nova após Milton Santos. Os tempos são outros. A época é outra. A sociedade do conhecimento é outra porque o conhecimento humano é outro. Hoje, nos devemos de tomar em conta a *Período demográfico* ou Período Popular da História que está sendo refeita. Num constante *presente contínuo*.

Nossa Tese tem 3 entradas: a Formação<sup>272</sup>, a Pedagogia<sup>273</sup> e a Escola do MST<sup>274</sup>. Em cada uma destas entradas decidimos iniciar um esboço de Matriz de Periodização a fim de desvendar o Território Usado em cada uma delas. Desejamos, assim, alcançar a antítese *de* e *em* cada uma destas 3 partes. Nas Sínteses Finais, esperamos alcançar o entendimento do Uso do Território e tentar desvendar um pouco o que é este Período Popular da História.

Além disso, tentamos amarrar os argumentos cognitivos<sup>275</sup> apresentados nesta Tese ao iniciar um Processo de Aproximação Didática. Pois, o Movimento Sem Terra, como

---

<sup>271</sup> Em meados do Iº século de nossa era, o sábio Grego Cláudio Ptolomeu redige *O Guia Geográfico*, súpula de todos os conhecimentos geográficos cuja disponha seu tempo. Esta obra conhece uma fortuna extraordinariamente durável. Traduzida em latim em 1410 e inúmeras vezes copiada, torna-se o livro de maior referência para todos os exploradores do mundo, entre os séculos XV e XVI. Não se sabe quase nada de Ptolomeu, somente que trabalhou, entre 125 e 141, na Escola de Alexandria<sup>271</sup>, lar cultural do Império Romano. Segundo os autores e tradutores árabes que estudaram e preservaram sua obra durante mais de mil anos, ele viveu 78 anos. Científico polivalente e transdisciplinar antes da letra, Cláudio era não só geógrafo mas astrônomo, astrólogo, matemático, teórico da música e filósofo. (LANEYRIE-DAGEN, 1997)

<sup>272</sup> Enquanto Formação Territorial *do* MST.

<sup>273</sup> Enquanto Formação Territorial *no* MST.

<sup>274</sup> Enquanto Formação Sócio-Espacial *do* e *no* MST.

<sup>275</sup> “Minoritária no mosaico das ciências cognitivas, essa abordagem da *autopoiesis*, que procura descrever a co-emergência do indivíduo e dos universos sociais, tem o mérito de lembrar que as capacidades cognitivas do indivíduo vinculam-se não somente a um cérebro, mas a um corpo, diferentemente de certos setores das ciências cognitivas que reduzem a inteligência humana a um sistema mecânico. A tendência às conceitualizações totalizantes que caracteriza esses setores corre o risco de levá-las muito longe no caminho da biologização do social, selando sua convivência com o retorno que as teses darwinistas efetuam em favor do neoliberalismo. Aí residem os desafios contraditórios que as ciências da organização do ser vivo lançam às ciências sociais da comunicação”. (MATTELART, 1999: 165).

realidade brasileira, não é somente uma situação sócio-espacial. O MST também é uma situação existencial fruto da didática e da dialética sócio-históricas.

Ao tentarmos alcançar esses objetivos, percebemos que nossa pesquisa, além de seu 1º enfoque de origem (Uso Agrícola do Território e Pedagogia do MST), conseguiu alcançar um outro enfoque prismático. Se transformando, assim, num projeto *estrutural*. Pois, a co-existência dos 4 momentos da tese e a co-presença dos 4 grandes temas abordados no seu decorrer nos levaram a reinterpretar nossa própria *práxis* transdisciplinar.

De um lado, a Formação, Pedagogia, Mística e Escola do MST. De outro lado, o Território Usado e o Uso do Território enquanto categorias de análise da Geografia Nova. Por um lado, a Formação, Pedagogia, Mística e Escola de um MST mudado<sup>276</sup>. Por um outro lado, o Uso do Território e o Território Usado enquanto conceitos vivos de uma Geografia Renovada.

Somente assim, é que conseguimos ilustrar a dialética que existe entre Sociedade (o MST) e Espaço (o Mundo a partir do Brasil). Desse modo, tentamos iluminar a dialética que existe entre o Meio Técnico Científico Informacional e Comunicacional com o Período Popular da História. Ao ser iluminada pela dialética que existe entre o Globalitarismo e a Globalização.

Enfim, nesta tese, tentamos montar os primeiros alicerces da Espaciologia, enquanto *práxis*, efetivamente, transdisciplinar. Baseada, segundo os ensinamentos do professor Milton Santos, na prática marxista, no existencialismo à moda sartriana e na fenomenologia do espírito de uma outra Globalização.

---

<sup>276</sup> “Todo mundo muda e na semana que vem eu vou mudar de novo. Eu acho que as pessoas, sobretudo os militantes sociais que estão envolvidos em processos de luta social. Esse processo vai amadurecendo as pessoas, vai dando mais elementos, vai ensinando, e a gente aprende muito na luta social. E evidentemente que eu acho, modéstia à parte, que qualquer militante do MST todo tempo vai apreendendo e vai reformulando a sua concepção e a sua forma de se inserir na luta social”. (STEDILE, In Entrevista à Revista Piauí, 15 de junho de 2007, sítio do MST).

### 3. Experiências sócio-espaciais

Se conseguimos decifrar os hieróglifos do baixo e alto agito, a escrita etrusca ainda resta um grande mistério. Vindo do nada, em apenas algumas décadas, a brilhante cultura etrusca intriga ainda hoje os pesquisadores, lingüistas, antropólogos e arqueólogos. A origem deste povo secreto resta indefinida. Sua língua, ainda incompreendida, não se assemelha com nenhum dialeto conhecido, antigo ou recente. Os Etruscos, no entanto, vizinhos dos Romanos, restam um povo misterioso ao qual os Romanos emprestavam poderes mágicos e divinatórios.

Quando os Etruscos aparecem na Itália, no século VIII<sup>o</sup> a.c., sua brilhante civilização é nitidamente mais avançada do que a dos povos itálicos. São artistas, excelentes navegadores: têm comércio com os Fenícios, Egípcios, Gregos e até Celtiberos e Celtas. São donos da técnica do ferro enquanto os Romanos mal saiam da Idade do Bronze. Dominam o mar Mediterrâneo.

Enquanto Remos e Rômulo fundam Roma ao tirar o Ocidente da pré-história, os Etruscos já praticam uma política de expansão e ocupam toda a península que perdem no século VI<sup>o</sup>. Enquanto escravos são bárbaros submetidos pelos invasores Romanos mas, mesmo assim, conservam sua cultura, língua e civilização secretas até o fim do 1<sup>o</sup> século da era cristã.

Não faltam fontes nem documentos: mais de 9.000 inscrições funerárias em túmulos subterrâneos; uma dezena de textos, de 100 á 300 palavras, gravados em placas de ouro, prata, ferro e bronze; um longo texto encontrado por acaso nos panos funerários de uma múmia egípcia.

Se sabemos ler seu alfabeto, próximo do alfabeto grego, não entendemos nem a estrutura das frases, nem a gramática, nem o sentido das palavras que pronunciamos. Não existe nenhuma semelhança nem com o hebreu, grego, caucasiano, egípcio, aramaico, nem hitite...

Alguns nomes como Agamemnom, Aquiles, Patrício, permitiram reconstituir sua fonética, nada mais. Conhecemos os primeiros 6 números cardinais graças á um dado onde estavam escritos com todas as letras, mas não sabemos em que ordem os classificar. A representação numérica aparecendo somente com a numeração árabe.

Umas 30 palavras foram reconhecidas como representando a família, a natureza, o lar, mas são insuficientes para reconstituir um texto inteiro. As inscrições que nos legaram os Etruscos continuam indecifráveis.

A esperança dos pesquisadores é encontrar uma “Pedra de Roseta<sup>277</sup>” bilíngüe latim-etrusco, pois, as duas inscrições co-existiram na mesma península onde os dois idiomas co-habitaram por quase 5 séculos.

Porém, este fenômeno histórico de “longa duração”, como diria Fernand Braudel, não é único na história da Humanidade. Pois, subitamente “acontece uma “síntese” que ultrapassa a “antítese” existente entre a História infra-estrutural e a História factual”, como explica Pierre Bourdieu. Ou ainda, que ultrapassa a macro e a micro Sociologia de uma História feita corpo e de uma História feita coisa, ou seja, pela relação construída entre esses dois modos de existência do social. Pois, “o corpo está dentro do mundo social, mas o mundo social está dentro do corpo”. (BOURDIEU, 1982: 39-41)

Assim, a partir do século X, em 950, as mulheres chinesas, sobretudo, as destinadas a ser concubinas, bem antes da própria criação da Cidade Proibida, - aquelas mesmas mulheres que tiveram, a partir de seu 4º aniversário de nascimento, seus pezinhos enfaixados por nada menos do que 1.000 anos, para atingir os máximos 15cm da “perfeição do crescente da nova lua”<sup>278</sup>, a fim de quase não caminhar, nem muito menos fugir -, produziram e reproduziram, uma língua secreta e invisível para as outras mulheres e contra todos os homens. Língua extraordinária que resistiu às diferentes dinastias dos Imperadores Chineses, à Revolução Chinesa e, até, à Revolução Cultural<sup>279</sup>. Recém, desde o ano 2.000, alguns pesquisadores estão tentando decifrá-la, antes que seus últimos rudimentos desapareçam por completo, ao não resistir ao Globalitarismo lingüístico imposto pelo Império do Capitalismo sobre o Mundo dos Seres Humanos.

Mas, não precisamos ir tão longe, nem no tempo, nem no espaço. Aqui mesmo, no Brasil, recém a música colonial brasileira, elaborada e tocada por autênticos mulatos, está sendo descoberta. Assim, durante quase 250 anos, as partituras da música clássica desses

---

<sup>277</sup> LANEYRIE-DAGEN, Nadeije, 1997.

<sup>278</sup> LANEYRIE-DAGEN, Nadeije, 1997.

<sup>279</sup> Segundo o Prof. Armen Mamigonian: “em 1917, na Rússia, os camponeses votaram *com seus próprios pés*, saíram das frentes de luta e ocuparam as terras dos senhores feudais para poder plantar para se alimentar. Se houve contra-revolução camponesa, também houve revolução camponesa. Mesmo se o mundo agrário tem seus dias contados, o mundo do século 21 será camponês, ao incluir a tecnologia e o progresso técnico. Se Milton Santos não tem uma visão exaltada do mundo rural é porque o socialismo sai da concentração gigantesca das cidades. O Milton provocava na gente um estranhamento instigante com um extremo respeito pela experiência socialista na URSS e na China. Pois, o nazismo foi destruído pelo socialismo soviético. Recém o MST está acordando para // contra o Imperialismo ao combater pela nacionalidade brasileira. Os limites dados ao MST estão incluídos na questão da sobrevivência da nacionalidade”.

músicos eruditos, do Estado das Minas Gerais, (a maioria funcionários em cartórios, por ter bela caligrafia), ficaram silenciadas. Somente, hoje, os acervos recolhidos em casas de familiares e em associações musicais, estão sendo redescobertos, restaurados, decifrados e tocados, com instrumentos de época. Bem antes da inconfidência mineira, os escravos eruditos já existiam. E, no entanto, sem ter sua alma reconhecida.

Se essas partes da humanidade, - sem nunca terem saído de seus lugares, *et pour cause*; sem usar nenhuma das técnicas modernas de informação, *de fait*, - conseguiu não só criar, mas produzir e reproduzir técnicas invisíveis de comunicação; o que não conseguiria, hoje, senão, a totalidade da humanidade; pelo menos, sua parte maior? A dos homens<sup>280</sup> pobres e lentos...

Deste ponto de vista, a prática efetiva do espaço geográfico; temos muito que apreender com os considerados pobres, miseráveis, excluídos e marginais que, efetivamente, são a memória agora viajante, porque expulsa de seu recalcado lugar de origem.

---

<sup>280</sup> Pois, para Simone de Beauvoir, antes de ser mulher, todo mundo nasce ser humano. São as sociedades, suas normas, lugares e momentos, que nos classificam, categorizam, listam e etiquetam. O que Pierre Bourdieu retomará, como base, ao estabelecer a sociologia da sociologia. Ultimamente, Beauvoir está sendo relida pela ala mais intelectual e feminista do feminismo europeu. Notadamente por Elizabeth Badinter. Cf. seu último livro: “Fausse route”, onde critica a homofobia do feminismo radical norte-americano e denuncia o fato do feminismo ter caído no divisor de águas do pensamento único do neoliberalismo. Pois, antes de ser anti-machista é preciso aliar-se aos homens anti-capitalistas. “Après? On verra bien quoi faire!”.

#### 4. Possibilidade da Espaciologia como práxis transdisciplinar<sup>281</sup>:

*Ora, uma ciência do espaço que não se contente, somente, em constatar o presente e deseje contribuir para a reconstrução social deve, forçosamente, valer-se dos instrumentos cognitivos<sup>282</sup> e teóricos que não só avaliem as virtualidades latentes nos indivíduos, mas que através da entrevista e codificação das possibilidades, também acelerem seu encontro consigo mesmos, isto é, com o provir<sup>283</sup> ”. (SANTOS, 1982 apud 2005)*

Desde o início da humanidade, o ser humano sempre se questionou sobre o seu lugar no mundo, sobre sua relação entre o seu ser e o ser do mundo. Será que são seres diferentes, similares, complementares ou intercomplementares? Na busca desta sabedoria, o homem foi criando disciplinas que o ajudassem a entender e a compreender esta relação de amor e ódio, construção e desconstrução, transformação e retransformação do único meio que temos para viver, sonhar e sobreviver: o próprio mundo.

No ocidente, a filosofia foi a primeira das disciplinas humanas a ser usada na busca desse entendimento e desta compreensão. Até o século XIX, a filosofia serviu e foi usada só para isso. É quando acontece a revolução científica do filósofo Karl Marx que determina que o homem não deve somente buscar entender e compreender o seu lugar no mundo, mas transformá-lo ao ser transformado por ele.

Pela crítica da filosofia idealista alemã, do socialismo utópico francês e da economia política inglesa, (as 3 grandes fontes de conhecimento do seu tempo), Marx funda os fundamentos da crítica e da dialética co-presentes no recém criado materialismo histórico, com base nos pré-socráticos. Marx passa a sua vida pesquisando e escrevendo sobre o Kapital e sobre o então recém nascido trabalho assalariado.

<sup>281</sup> Desdobramento da palestra apresentada no Evento: O Hip-Hop não é cúmplice da violência (21 a 25 de agosto de 2006) - Mesa: O lugar como revanche e a cultura como futuro (24 de agosto de 2006) – Semana do Movimento Hip-Hop na USP – Local da antiga Biblioteca da Geografia – USP.

<sup>282</sup> “Conhecer o ato de conhecer”, tal é o objeto das ciências cognitivas. Seu domínio é a “cognição, o conhecimento não como estado ou conteúdo, mas como atividade” (...) “O específico de nossa atividade cognitiva cotidiana é o *fazer emergir*, “criador de um mundo”. “A cognição é o advento conjunto de um mundo e de um espírito a partir das diversas ações que realiza um ser no mundo”. (Francisco Varela In *L’inscription corporelle de l’esprit. Sciences cognitives et expérience humaine*, Le Seuil, Paris, 1993). “Enação” é o termo escolhido pelos biólogos para nomear essa operação”. (MATTELART, 1999: 162-165).

<sup>283</sup> Em nota de rodapé do professor: “A realidade humana é, *além do mais* tudo aquilo que ainda não somos, quer dizer, tudo aquilo que nós próprios projetamos como seres humanos, através de mitos, de escolha, de decisões e de lutas”. (SCHMIDT, 1971, P. 196)”. (SANTOS, 1982 apud 2005).

Vale lembrar que até então, o trabalho assalariado não existe, não tem forma nem conteúdo. Não tem normas nem regras. Ou seja, o Kapital está ancorado no trabalho assalariado que é, ao mesmo tempo, uma novidade e uma gota de água na história da humanidade.

Para Friedrich Engels, a palavra<sup>284</sup> valor não é senão outra expressão para a palavra trabalho.

A existência social é um conceito filosófico que determina a existência subjetiva de uma dada sociedade ou dado estado de consciência.

Mais ao menos na mesma época, Friedrich Nietzsche, outro filósofo alemão, nega os fundamentos do materialismo histórico e o lugar que Marx atribui ao novo questionamento da condição humana. Ou seja, ter que escolher entre o valor do trabalho e o valor do capital.

Para Nietzsche, o máximo do homem não é somente ser um animal racional, como ensina a filosofia desde há milênios – quando e onde é necessário lutar contra a natureza naturata, a 1ª natureza; mas sim, um ser emocional – que tenta afirmar-se contra a 2ª natureza, a natureza social. O homem é o único ser no mundo capaz de viver e de ser atravessado pelas mais puras emoções - que nascem no foro do seu íntimo interior, de dentro para fora, do Eu para o Mundo; ou do Mundo para o Eu, de fora para dentro.

Nietzsche nega o recém criado proletariado e reivindica o direito de ser aristocrata; de ser um homem superior. Um Super Bill. O que a revolução francesa de 1789, já tinha declarado, ao estabelecer a primazia do Ser Supremo sobre a recém criada revolução burguesa que acaba vencendo as revoluções populares que se alastram pela Europa em 1789, 1840 e 1870.

Nietzsche decreta a vontade de poder ao fundar a psicologia.

Um pouco mais tarde, Max Weber cria os fundamentos de uma outra sociologia<sup>285</sup> e das classes sociais ao estudar e pesquisar o espírito do capitalismo. Este espírito atravessa e

---

<sup>284</sup> “Sem palavra, não há educação, não há família, não há nação. A palavra é a ferramenta educativa por excelência”. Leandro de la Jonquière, psicanalista, professor titular da Faculdade de Educação da USP, coordenador do Laboratório de Estudos e Pesquisas Psicanalíticas e Educacionais sobre a Infância (Lepsi-USP). In *“Educação, religião e cientificismo - Para Freud, a religião era o empecilho encontrado no educar para a realidade ou para o desejo; hoje, o obstáculo é o cientificismo pedagógico”*. In Revista Educação, Especial: Biblioteca do Professor, FREUD (1) pensa a educação, O desejo de saber, Editora Segmento, São Paulo (SP).

<sup>285</sup> Pois: “Comte sintetiza todas as descobertas e métodos essenciais das ciências da natureza – astronomia, física, química, biologia, matemática -, com a finalidade de construir um novo saber, a sociologia. Ele é, aliás, o criador dessa ciência, para cujo nome introduziu, na língua francesa, o neologismo “*sociologie*”. “ciência das ciências”, como pensava Comte, a sociologia deveria investigar “as leis do desenvolvimento passado e futuro da sociedade” com a mais pura objetividade. Para tanto, calcaria seu método naquele

encarna-se nas poderosíssimas recém-criadas classes médias. Mais do que sujeitos sociais; também somos, e ao mesmo tempo, inclusive nos mesmos lugares, objetos de categorização, de pesquisa, de experiência e de classificação social.

Sigmund Freud, médico vienense, constata então que o homem - neste novo mundo do início do século XX, quase 100% racionalizado, onde as novas máquinas criadas pelas novas tecnologias da época são usadas pelas superpotentes indústrias bélicas inglesa, norte-americana e alemã – não é feliz. O homem sofre. Do quê? Não se sabe bem ainda. Talvez de uma luta constante entre a existência subjetiva do seu inconsciente<sup>286</sup> e a inexistência objetiva e ainda não materializada de sua consciência.

Freud vê chegar a 1ª e a 2ª guerra mundial. Ele estuda o comportamento e o sofrimento humano dos períodos entre guerras. Ele vive, na pele, as contradições entre a racionalidade dominante - decretada pelo nacional socialismo real e concreto do seu país e pelo socialismo dos países vizinhos; ambos subsistemas do capitalismo e da irracionalidade subjetiva vivida pelo ser capitalista que se auto-analisa.

A partir da constatação de Freud, a filosofia volta as suas origens, ela retorna aos mitos fundadores da civilização ocidental, as fábulas iluministas e aos instintos mais ou menos selvagens do tempo das sombras e das cavernas. Nesse entendimento, a psicanálise nasce como antítese da técnica capitalista da manipulação dos espíritos.

Se, de fato, pertencemos, ao mesmo tempo e no mesmo lugar, a um sistema de ações, onde nos reivindicamos ou somos reivindicados como sujeitos, ou não; também pertencemos, nesta indissociabilidade entre tempo e espaço, no mesmo lugar, a um sistema de objetos onde resistimos, ou não, ao fato de sermos, ou não, objetos das ações impostas pelos outros espíritos em ação.

Se para Jean-Paul Sartre, o inferno são os outros; para Henfil, o problema é que Eles somos Nós.

---

utilizado pelos astrônomos, biólogos e demais estudiosos da natureza. Do ponto de vista moral, o sociólogo – afirmava Comte – deveria guiar-se pela absoluta neutralidade e jamais, em seus estudos, emitir juízos de valor”. Lelita Oliveira Benoit, doutora em filosofia pela USP, professora de filosofia política da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). In “*Os positivistas brasileiros pensaram a República como governo “transitório” para uma futura “utopia positivista”, a “sociocracia”*”, p. 48, “A Herança Francesa”, Revista História Viva, Grandes Temas.

<sup>286</sup> “Com o conceito de inconsciente, a mente deixou de ser vista como instância capitaneada por uma razão universal”. Mônica G.T. do Amaral, professora doutora da Faculdade de Educação da SUP, membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), In “*O limite da fronteira freudiana - A escola precisa admitir a constituição do desejo como parte dos processos socializadores a que estão sujeitos professores e alunos*”. In Revista Educação, Especial: Biblioteca do Professor, FREUD (1) pensa a educação, O desejo de saber, Editora Segmento, São Paulo (SP).

Dependendo do uso, descobrimos que somos constantemente bombardeados, de forma invisível, imaterial e subjetiva pelo espírito do capitalismo: que ajudamos a construir e materializar no conteúdo cotidiano de nossas televisões, rádios, jornais, revistas, outdoors, em tudo o que produzimos para ser ouvido, lido, visto, sentido, comido, bebido, respirado, concretamente vivido e habitado ou subjetivamente sentido e desejado... Somos, inexoravelmente, alunos, soldados e professores, de um exército de mercenários alistados a serviço da fragmentação globalizadora (ou globalização fragmentadora) da maior ideologia que jamais existiu até hoje, em toda a história da humanidade: a ideologia do consumo.

Eis o que, já em 1997, na revista *Rumos do Desenvolvimento*, diz a respeito o Professor Milton Santos, filósofo das técnicas e criador da Geografia Nova: “*O maior fundamentalismo é o consumo. Os outros são pequenos, diante dele. O consumo nos comanda todos os dias, todas as horas, na rua, dentro de casa, em nosso país, ou quando saímos dele*”. (...) “*Não se pode dizer que consumir seja parte da natureza do ser humano. Até o século passado, esse hábito não existia, simplesmente porque não havia condições para isso. Essa expansão brutal do consumo está ligada à premissa fordista de produzir cada vez mais e pagar melhor ao operário para que compre mais, criando as bases para a expansão da produção de massa. Está ligado, também, ao surgimento de uma disciplina chamada “Psicologia Econômica”, que deu impulso à expansão da publicidade, visando estimular o consumo. Mais tarde, surge a idéia do crédito, que antecipa e potencializa o poder aquisitivo. Assim, o consumo é criado dentro do homem, por intermédio da propaganda, do marketing e, depois, sai dele, homem, para tornar-se concreto, com ajuda do crédito. Nada disso tem relação com a natureza humana. São todos fenômenos vinculados à história desse século*”.

Em seu *Esboço para uma teoria das emoções*, Jean-Paul Sartre demonstra como, numa eventual psicanálise existencialista, fruto da recém criada fenomenologia do espírito de seu tempo, somos constantemente forçados a escolher entre a aventura da razão e a aventura da emoção. O pressuposto conhecimento racional e científico, teórico e prático, de quase todo o século XX, não tem nada a ver com essa escolha. Pois, a emoção, é focada como modo existencial da realidade humana.

Tanto a passagem da razão para emoção, como a passagem da emoção para razão, é que determinam o nascimento e a formação da consciência. Sartre nega o inconsciente descoberto por Freud mas aceita o materialismo histórico de Marx (ao negar o materialismo metafísico). Pois, o homem não vai se construindo nem se realizando como homem unicamente através da realização de suas necessidades físicas e materiais. O ser

humano faz-se homem, ao construir sua liberdade porque o homem é uma totalidade sintética. Mesmo se a experiência social e histórica cai hoje fora do saber.

Ter consciência é ter consciência de qualquer coisa em si. Ser consciente é ser consciente do projeto do outro para si. Estar consciente é estar consciente de si mesmo como resultado de tudo o que os outros desejam fazer de si. Existir é ter a liberdade de escolher, em toda consciência, continuar esse projeto ou não. Pois, como divulga Milton Santos em *Espaço e Método: “Existir é mudar”* (p. 15).

Além de ser um animal racional ou um ser emocional, o mínimo do homem também é ser uma máquina desejante, como ensina Gilles Deleuze e Felix Guattari em *O Anti-Édipo*. O mínimo do homem é ser uma máquina desejante repleta de emoções e de defeitos de fabricação, constantemente em luta contra as máquinas racionais em que se tornaram os robosinhos do sistema e do mundo capitalista em que todos vivemos - sem quase nunca nos questionar.

O que existe são 2 tipos de grupos, os grupos-sujeitos e os grupos-sujeitados. Devemos ainda dizer que estes 2 tipos de grupos estão em movimentação constante – um grupo-sujeito corre a todo o momento o risco de sujeição e um grupo-sujeitado pode ser, em certos casos, forçado a assumir um papel revolucionário.

Segundo Jacques Lévy, em sua conferência, somente há caminho para a ampliação da consciência, em seu caráter emocional e ético, com uma cultura [inter]subjéctiva que depende da ação comunicativa. Essa ação comunicativa não depende somente dos símbolos (Jürgen Habermas) nem depende só das interações sobre os símbolos (Abraham Moles). Pois, para Gilles Deleuze e Felix Guattari há várias camadas com várias possibilidades de comunicação que não são postuladas. Isto é. Se há comunicação, há comutação. Então, há lugar. Daí haver cidades na cidade. Há totalidade societal localizada quando há lugar. Daí a força do lugar não tem limites. Para Samir Amim, há desconexão. Para o Milton, há conexões. Pois, o desenvolvimento do mundo abriu o campo dos possíveis. O campo de polarização não é elétrico mas magnético. Nesta zona intermediária tudo é possibilidade.

À pergunta sobre a violência, Milton Santos responde: *“Decidimos, de um dia para outro, que os pobres são violentos. Não, não e não! Os pobres, afinal, aprenderam um pouquinho com os ricos e poderosos e, mais recentemente, com as classes médias. A grande violência vem das classes superiores, que sempre foram violentas, no Brasil. A sociedade brasileira é toda feita de violência: contra índios, negros, pobres, humildes, doentes, analfabetos, uma violência tranqüila, codificada, institucionalizada, que quase já*

*faz parte da moral dessas classes, na medida em que se relaciona com a própria forma de sobrevivência dela. Quer dizer, como é que eu fico rico? Como é que mantenho as minhas posições na sociedade? É, sempre, por intermédio de uma violência aceita”. (...) “Na cultura brasileira, existe uma enorme dose de cinismo, cuja origem é a mesma de tudo aquilo que, historicamente, desemboca no fato de que este é um país que não tem cidadãos. A elite pode agir arbitrária e tranqüilamente: a classe média não busca direitos, mas privilégios; e os pobres não têm direito algum. E as leis são feitas e executadas de modo a manter esse estado de coisas. Creio que esse talvez seja o traço distintivo mais determinante do conflito social brasileiro, que gera a violência”. (...) “Como explicar a violência, cada vez maior, das classes médias? Eu diria que essa manifestação de violência é como um arrotto. Sua causa não é a falta de consumo, ao contrário: é a plethora do consumo. A violência, na minha opinião, está muito mais ligada à decisão tomada, de alto a baixo na sociedade mundial, de que competir é indispensável. A idéia de competição pela competição, sem objetivos, sem finalidade, que caracteriza o mundo dos últimos 30 ou 40 anos, e culmina com as formas atuais e perversas da globalização, gera formas de violência no comércio, na produção, na relação existente entre países e empresas, todas fundadas em duas formas supremas de violência que são a violência do dinheiro em estado puro e a violência da informação. Nada é mais violento, no mundo de hoje, do que a informação. A competição cria um mundo de violências, materializado nessa globalização perversa a que estamos assistindo”. (...) “Dessa globalização perversa escorre uma competitividade que contamina todos os níveis de relacionamento, inclusive o interpessoal, criando formas cínicas de relacionamento”.*

Se, no século XIX, não é a consciência que determina a existência, e sim, a existência que determina a consciência. No século XX, a consciência não é algo que possa ser descoberto; mas o que descobre. No século XXI, a História da Humanidade renasce em sua consciência *pelo* lugar que se superpõe à consciência *no* lugar.

Por outro lado, o mundo das emoções e, por extensão, da magia se contrapõe radicalmente ao mundo da razão e da práxis. É porque ter conhecimento não é ter consciência. E ter consciência não é ter conhecimento. Nesta radicalidade existencial, nenhuma região da existência humana se subtrai à esfera da consciência nem da livre escolha.

É através dos homens e no meio dos homens que o homem fica sabendo que é homem e não animal, nem lagartinho do sistema, nem máquina. O que significa que me torno homem compreendendo-me como tal. Assim, o homem é um ser do mesmo tipo do

mundo e até é possível, como crê Martin Heidegger, que as noções de mundo e de realidade humana sejam inseparáveis. Porque toda consciência só existe na medida exata em que tem consciência de existir. A consciência é conduta das condutas.

O chamado inconsciente coletivo é o meio estrutural da consciência coletiva. Meio utilizado por tendência inconsciente para se obter uma satisfação simbólica, para se quebrar um estado de tensão insuportável. A emoção é uma certa maneira de apreender o mundo. É uma transformação do mundo. A emoção vive o mundo novo que acaba de construir.

Deve-se falar do mundo das emoções como se fala do mundo dos sonhos ou do mundo da loucura. Um mundo, isto é, sínteses individuais mantendo relações entre elas e possuindo qualidades. Ora, qualquer qualidade só é conferida a um objeto por um valor infinito.

*“Só não estou pessimista porque sei que essa globalização que aí está não vai durar. O horror não dura eternamente. A história do mundo é marcada por fases de horror e de bonança, mas as mais longas são, sempre, as de paz, de construção do belo, em todas as áreas da vida humana. O que vivemos, hoje, é, sem dúvida, uma fase de horror, às portas da barbárie, marcada pelo aumento do desemprego, em todo o mundo. E quem conseguiu diminuir o desemprego o fez às custas da redução do salário médio, e mesmo do mínimo, como é o caso dos Estados-Unidos. Essa globalização exclui a maior parte das empresas, instituições e pessoas. E retira do homem aquilo que ele tem de mais profundo como relação objetiva, que é sua relação com o território”.*

Para Georges Bernanos, o mais alto grau da esperança é o desespero superado.

Seguindo o exemplo de Milton Santos, não há subversão possível do Ser sem tomar em conta a prática marxista e a teoria do existencialismo. Nem, muito menos, sem usar a própria linguagem do espaço geográfico, enquanto filho da cidade e pai do mundo.

“Cabe lembrar aqui a advertência de GRAMSCI: “... o problema da identidade da teoria e da prática se põe, especial-mente...” (SANTOS, 1982 apud 2005).

Se a educação popular brasileira nasceu, efetivamente, da teoria marxista, da prática anarquista e da técnica cristã, tal qual foi, perfeitamente bem analisada pelo professor Mauro Iasi, durante o 1º seminário de formação da Via Campesina Internacional, realizado em São Paulo; ela mudou para ter a possibilidade de continuar a existir.

Em nosso trabalho, ao tentarmos desvendar a Teoria Social Maior que é a Espaciologia, capital não somente acadêmico e científico, mas sobretudo, *práxis* intelectual porque existencial legada pelo professor Milton Santos; recorreremos à Teoria Menor da

Geografia Nova, (encontro da prática marxista, da teoria do existencialismo e da fenomenologia do espírito); tanto ao socializarmos o estado atual de nossos conhecimentos científicos coletivos sobre a dialética que existe entre o Globalitarismo do Meio Técnico, Científico, Informacional e Comunicacional e a Globalização do Período Popular da História; quanto ao comunicarmos parte do estado da arte da consciência do Homem Pobre e Lento, desde sempre, co-presente e em luta, em cada um de nós.

Daí a urgente necessidade de encontrarmos uma outra ideologia, fora da ideologia do medo, uma libertação dessa idéia de ser humano *enquanto* somente matéria *usada*. Pois, nós, os seres humanos, que nunca fomos só matéria de carne e osso, ao sermos *usados, maltratados, manipulados, massacrados, mutilados e torturados* também projetamos, agora de forma consciente, a guerra *nos* lugares. Que já é a guerra entre os espíritos aos quais estamos interligados de forma sócio-espacial: graças ao conteúdo de nossas interações já trans-presentes em cada lugar através, agora, de nossa própria atmosfera enquanto suporte e agente técnico.

Esse é o resultado da Guerra das Estrelas que foi projetada contra nós!

## Considerações Finais

### - Uma Geografia do Presente –

*“No lugar, nosso Próximo, se superpõem, dialeticamente, o eixo das sucessões, que transmite os tempos externos das escalas superiores e o eixo dos tempos internos, que é o eixo das coexistências, onde tudo se funde, enlaçando, definitivamente, as noções e as realidades de espaço e de tempo”.*

(Milton SANTOS, 1996 apud 2003: 322)

Assim, os 4 primeiros Congressos do MST, com suas respectivas palavras de ordem, não se anulam, mas, sim se superpõem, uns aos outros, rumo ao Vº Congresso Nacional que define as atividades do MST para os próximos cinco anos:

### **Iº Congresso – 1985 – Sem Reforma Agrária não há democracia!**

“A definição de realizar o Iº Congresso do MST partiu depois da fundação oficial do Movimento, em janeiro de 1984, durante o Iº Encontro Nacional. Cerca de 1.500 pessoas (a maior parte delas da região sul) participaram desta 1ª grande atividade em Curitiba (PR). Na época, o Brasil passava pelo período de redemocratização, discurso do governo eleito pelo colégio eleitoral, sem eleições diretas. Entretanto, o Congresso do Movimento chamou a atenção da sociedade para o fato de que, somente com a realização da Reforma Agrária, seria possível dizer que o país se tornava uma democracia. Ficou definido também que a ocupação de terras era o principal instrumento para fazer avançar a democratização da terra”. (JST, Jornal Sem Terra, Ano XXV, Nº 269, Especial, Janeiro 2007, 8-9)

### **IIº Congresso – 1990 – Ocupar, resistir e produzir!**

“Em Maio de 1990 o Brasil tinha como presidente Fernando Collor de Mello, o 1º eleito pelo voto direto. O governo adotou políticas neoliberais e repressoras aos movimentos sociais no país. Por isso, a palavra de ordem do Congresso mostrava que as famílias Sem Terra estavam dispostas a enfrentar todas as dificuldades, resistir e lutar por seus direitos. O momento também foi fundamental para a consolidação da organização nacional do Movimento, já que a militância de todo o país esteve presente em Brasília”. (IDEM)

### **IIIº Congresso – 1995 – Reforma Agrária, uma luta de todos!**

“As mais de 5 mil pessoas que participaram do IIº Congresso em 1995, chegaram a Brasília com a vontade<sup>287</sup> de demonstrar a disposição para a luta. As prioridades de ação tiradas foram a intensificação das lutas massivas, a garantia do cumprimento das promessas do governo de FHC e o fortalecimento da organicidade do Movimento. Um dos homenageados pelo prêmio Luta pela Terra foi Luiz Inácio Lula da Silva, o atual presidente do país. “Estou convencido que fazer a Reforma Agrária é uma questão de coragem política”, afirmou durante a premiação. Que o presidente nunca se esqueça disso”. (IDEM)

### **IVº Congresso – 2000 – Por Um Brasil sem latifúndio!**

“Em agosto de 2000, mais de 11 mil militantes do MST de todos os lugares do país chegaram a Brasília para participar do IVº Congresso. Além da militância do país, lutadores e lutadoras sociais de 25 países estiveram na atividade. “O MST leva a vida ao continente. É importante que vocês se mantenham unidos, que possam aumentar o nível de consciência do povo. Vocês têm uma grande responsabilidade com o continente”, afirmou Aleida Guevara, uma das homenageadas no Congresso. Dentre as linhas políticas reafirmadas no Congresso, estavam a intensificação da aliança campo e cidade; o fortalecimento da discussão de gênero em todas as atividades do MST; e o combate às ações imperialistas das transnacionais e de organismos internacionais como o FMI e OMC”. (IDEM)

### **Vº Congresso – 2007 – Reforma Agrária: por justiça social e soberania popular!**

“Nós, 17.500 trabalhadores e trabalhadoras rurais sem-terra de 24 Estados do Brasil, 181 convidados internacionais, representando 21 organizações camponesas de 31

---

<sup>287</sup> “Nos Estados Unidos, as cortes encorajaram os diretores de corporações a agirem ocasionalmente, de acordo com o interesse do público, ao invés de ficarem estritamente presas à sua obrigação legal de maximizar o lucro e a quota de mercado. Senão, elas avisam, um “público animado” poderá prestar atenção aos enormes privilégios dados àquelas instituições criadas e alimentadas pelo Estado e agir para limitá-los ou acabar com eles. De maneira mais geral, as decisões sobre economia, vida política e social e outras questões são fortemente influenciadas, de diversas maneiras, pelo poder econômico concentrado. Mas forças populares empenhadas e comprometidas têm muitas oportunidades de modificar e de mudar ou mesmo de dismantelar estruturas institucionais que passaram a considerar ilegítimas. E os sistemas de poder estão conscientes disso. Essa é uma das razões da intensa propaganda tentar manter o público passivo e marginalizado. Não há compulsão para sucumbir a essas pressões. Não há como a democracia, ser reconstruída e estendida pela economia, mas não há limites discerníveis quanto ao que o empenho popular pode alcançar. O que está faltando é vontade, não oportunidade”. (CHOMSKY, Noam, In Entrevista “Chomsky, o mestre do contra”, Revista Cult, Ano 10, Nº 116, p. 8-13, 2007).

países e amigos e amigas de diversos movimentos e entidades, estivemos reunidos em Brasília entre os dias 11 e 15, no 5º Congresso Nacional do MST, para discutirmos e analisarmos os problemas de nossa sociedade e buscarmos apontar alternativas. Nos comprometemos a seguir ajudando na organização do povo, para que lute por seus direitos e contra a desigualdade e as injustiças sociais. Por isso assumimos os seguintes compromissos: [segue lista de 18 compromissos]. (...) Conclamamos o povo brasileiro para que se organize e lute por uma sociedade justa e igualitária, que somente será possível com a mobilização de todo o povo. As grandes transformações são sempre obra do povo organizado. E nós, do MST, nos comprometemos a jamais esmorecer e lutar sempre. Reforma agrária: Por Justiça Social e Soberania Popular! Brasília, 16 de junho de 2007". (Carta do 5º Congresso do MST).

Assim, tanto ao tomar o MST, como sujeito de estudo; quanto ao nos colocar como objeto de ensino e de aprendizado do método científico do professor Milton Santos. Ao aplicar, não somente, o conceito de espaço geográfico na geografia nova, mas, sobretudo, por não ser só geógrafa de formação inicial, ao procurar usá-lo disciplinarmente em todas as diferentes noções de espaço (reavaliadas nas disciplinas humanas e sociais que já nos tinham anteriormente formada enquanto aprendiz lingüista e psico-socio-pedagoga).

Isso nos leva, portanto, a tomar consciência da necessidade de uma revolução cognitiva em nossos próprios conhecimentos: a transdisciplinaridade. Enquanto, se realiza a vontade de reinterpretação, permanente, de nosso objeto de estudo através de uma nova *práxis* transdisciplinar: a Espaciologia. Ao nos darmos, mesmo sem ser filósofa de carteirinha, a liberdade de usarmos a teoria revolucionária desse filósofo das técnicas.

Por outro lado, tanto ao tomar o MST, como objeto de estudo *enquanto* enfoque prismático (cf. SANTOS & BERNARDES, 1999); quanto ao nos colocar como sujeito de ensino e de aprendizado do método pedagógico da professora titular de geografia humana, Maria Adélia Aparecida de Souza. Ao aplicarmos, não somente o permanente diálogo interativo necessário a uma autêntica pedagogia libertária, mas, sobretudo, por ter tido o privilégio de ter sido escolhida por minha orientadora, ao procurar usá-la em todos os momentos essenciais de nossa difícil mas original experiência educativa, formativa e comunicativa.

Isso nos leva, portanto, a tomar consciência da necessidade de uma revolução cognitiva que aparece em nossas próprias consciências: as ligadas às novas relações sociais

derivadas da sociedade da informação e da era da comunicação. Enquanto, se realiza a vontade de reinterpretação, permanente, de nossa matéria de estudo comum e de nosso espírito de análise conjunta através de uma nova *práxis* sócio-espacial: a formação e a educação à distância. Ao nos darmos, mesmo sem ser nem técnicas nem programadores em informática, a liberdade de usarmos toda a alta tecnologia revolucionária que é o suporte material e tecnológico da internet a serviço das novas interações sócio-espaciais desse Meio Popular da História com este novo Período técnico, científico, informacional e comunicacional. Ao praticarmos, em nosso cotidiano vivido, a realidade da descoberta, análise e dialética do espaço geográfico *enquanto* dialética viva do espaço banal.

Tudo isto, enfim, nos obriga, não obstante, de forma progressiva, a imaginar novos percursos para os novos *usos* de nossas próprias formações: humana, científica, acadêmica e filosófica: “Quando a consciência *pelo lugar* se superpõe á consciência *no lugar*” (SANTOS, 1996 apud 2003: 330). Como a uma reinterpretação regressiva de nossa própria condição humana num planeta agora entrevisto não só como suporte, mas, sobretudo, como agente técnico *usado* pelo nosso próprio mundo novo. Pois, segundo Edmund Husserl, avô da fenomenologia, “se a consciência não é o mundo; é certo também que ela só se dá em [inter]relação ao mundo”.

Assim, nesse início de século XXI, nos devemos de tomar em consideração todas essas novas situações: humanas e familiares, políticas e culturais, históricas e geográficas, “Naturais” porque “Sócio-espaciais” de nossas novas etnias, tribos e clãs em plena reorganização<sup>288</sup>.

Porém, também aparecem novas outras situações de relações escravas e trabalhistas. Por exemplo, quando, na Inglaterra, você liga para o serviço de informações telefônicas, para conhecer o número de telefone do amiguinho de escola de seu filho que mora do outro lado de sua rua, a operadora que atende sua demanda, encontra-se estar na Índia. Primeiro, porque fala inglês com ligeiro sotaque. Segundo, porque seu salário deveria ser dez vezes mais baixo do que o de uma operadora branca, british, que fez faculdade, que mora em Londres, que atende telefone 6h por dia, e que exige, pelo seu

---

<sup>288</sup> “Trata-se de uma questão fundamental porque a diáspora não tem unidade nem de lugar nem de tempo, como afirma Jean-Godefroy Bidima, e, portanto, diz respeito também a nós brasileiros, filhos diretos de tantos pais, inclusive da escravatura”. De Bianca Fraccalvieri, jornalista e mestre em filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. In “*Libertar-se é preciso – A filosofia africana tem a função de contribuir para a emancipação do homem negro, sem a qual ele nunca poderá ser sujeito da sua própria história*”. P. 52-59, Revista Filosofia, Ciência & Vida, Ano II, N° 14, Escala, SP.

respeitado direito de greve, direitos trabalhistas. Terceiro, porque o seu patrão não é mais um ser humano, mas uma empresa que busca somente lucro e mais-valia. Quarto, porque sua vida não teria o mesmo valor do que a de uma Lady. Quinto, porque ela não teria as mesmas necessidades básicas de alimentação variada, água potável, saneamento, cultura, educação, saúde, informação e comunicação. Sexto, porque ela poderia, sem problemas físicos, mentais, psicológicos, nervosos, atender telefone, com fone de ouvido, durante 12h por dia, 6 dias por semana... O mesmo acontece com as crianças que recebem 1US\$ por dia ao fazer tênis. Para aonde vocês pensam que vai toda essa dor sócio-espacial e todo este sofrimento inumano porque desumanizador<sup>289</sup>?

Desde Emmanuel Kant (1724-1804), o método é a crítica, isto é, a análise reflexiva que consiste em remontar do conhecimento às condições que o tornam eventualmente legítimo. Assim sendo, nossa dificuldade maior vem na compreensão do que é o conhecimento? Por isso, nos valem do método crítico-dialético para produzir conhecimento novo. Ao tentar desvendar qual é a nova racionalidade que domina o mundo?

Partimos do pressuposto de que todo o conhecimento tem que convergir para o coletivo ao cumprir sua função social na sua essência. Pois, do ponto de vista filosófico, a desigualdade, não somente social, mas também formativa, educativa, pedagógica e acadêmica, é não aceitar o mundo tal qual ele está sendo dado. Inclusive em sala de aula. Ao botar o objeto de nosso estudo na perspectiva do mundo. Ou seja, a outra forma de dizer sobre a totalidade a partir do nosso trabalho.

Se o processo maior é a desigualdade; o objeto é o próprio espaço geográfico ao usarmos o território usado como categoria de análise social.

Para nós, a teoria do professor Milton Santos não é somente geográfica mas social porque sócio-espacialmente existencial. Por isso, pode ser usado por absolutamente todas as ciências sociais e humanas. Quando e onde trabalhar sobre o método é trabalhar

---

<sup>289</sup> “Por fim, diríamos que a geografia necessita voltar-se inteiramente à compreensão da existência humana e, por conseguinte, ter em conta a dimensão ética para que, nos trabalhos, a emoção e a sensibilidade estejam presentes. Limitamo-nos, muitas vezes, a constatar o resultado do trabalho do homem na modificação da crosta terrestre e, desse modo, nossas preocupações morais são, no máximo, *a posteriori*, enquanto a preocupação moral só é *a priori* se o novo pensamento se voltar para o futuro (...) Estas seriam as bases para a construção de um pensamento autônomo. Construir uma Geografia Brasileira significa também construir um pensamento geográfico que, nascido no Brasil, seja Universal. Seria uma política de prestígio; uma militância geográfica a partir de um discurso teórico-prático. É numa tal construção que deveremos assentar nossa força”. (SANTOS & BERNARDES, 1999).

concepção de mundo em sua possível futura existência. Onde o método não é um dado, nem um objeto. Porque o método é processo em movimento com direito ao erro, à crítica e à revisão. Sempre oportuna.

Se a hipótese de trabalho é uma indução ou uma proposição; a comprovação da tese pode ser sua negação, seu questionamento ou até sua própria contradição. O que pode, efetivamente, dar a impressão de que a tese ainda está para ser defendida. No entanto, para Jacques Lévy, reler o conceito de lugar, espaço, rede, território e área... é explorar o conteúdo cognitivo desses termos porque usados como conceitos numa teoria do mundo contemporâneo a partir do Lugar. Daí todo esse trabalho de redução e desconstrução para uma reconstrução a partir da base.

A liberdade do trabalho intelectual é, justamente, problematizar o mundo ao pesquisá-lo. Mesmo se na academia temos que exibir erudição na reconstituição do processo de conhecimento. Sempre em processo vivo de auto-perguntação. O próprio conhecimento do mundo é que dá argumentos para a tese e o próprio conhecimento sobre o método de conhecimento é que vai dando coerência à própria tese.

Nosso único dever intelectual é estarmos inseridos no processo de conhecimento de nossa arena ao tentar dialogar e conversar com a geografia humana a partir da história de nossas respectivas disciplinas. Mesmo e sobretudo, plurais porque pluri-dimensionais. Ao interagir cotidianamente sobre a *práxis* transdisciplinar. Ou seja, em suas múltiplas interações disciplinares já realizadas no dia-a-dia da prática da Espaciologia.

As categorias analíticas são processos mentais, por isso cognitivos e capazes de treinamento. O que se dá contra a lógica de um pensamento único que leva a treinar corpos para o consumo, a paralisar mentes pelo entretenimento, ou ainda a congelar espíritos pelo medo do outro. Que está, felizmente, sempre por vir.

A teoria da decisão nasceu dos problemas estratégicos militares impostos a resistência. Durante a última grande guerra onde o meio associativo europeu privilegiou uma transmissão de saberes, poderes e fazeres graças a um sistema absolutamente descentralizado de companheirismo.

Esse sistema de ações positivamente ativas dava a cada um a ocasião de se constituir enquanto formador de seu próprio auto-treinamento mental ao ser estimulador do treinamento mental dos outros e ao ser estimulado pelos outros contra o sistema de objetos passivos em que a ocupação e a colaboração tentara os tornar.

A partir do cotidiano, perguntas simples despertavam a curiosidade de todos os que ainda ousavam resistir: “O que é que está indo bem? Porque isso está indo bem lá, hoje? O que não está indo nada bem? Porque isto não está indo nada bem, acolá, hoje? E aqui? Como ta indo, hoje?”<sup>290</sup>

Assim, paulatinamente, a teoria da decisão nascida a partir das estratégias da autogestão da educação popular dos presos de guerra e da re-memorização (pela reencarnação) dos hábitos populares e tradicionais dos justos, (esses homens ordinários fora de qualquer partido ou igreja), foi contrapondo-se a teoria da percepção de Kant, onde o espaço e o tempo não eram ainda aquisições da experiência social nem histórica, mas quadros a priori.

Kant ao enunciar o seu predicado “as casas brancas são brancas” diz respeito ao mundo e não só à academia. Visto que categorias de análise são formas ou modos de enunciar o próprio mundo a partir do seu lugar.

Porém, as casas brancas são brancas quando e aonde mesmo?

Se considerarmos os esquimós, e seus inúmeros idiomas indígenas, onde existem mais de 20 predicados somente para a qualidade do branco ordinário, devemos saber de qual “branco” estamos exatamente falando? Pois, existe o branco seco e o molhado; o branco frio e o quente; o duro e o mole; o poroso e o compacto, o luminoso e o opaco...

Dependendo da qualidade e não da quantidade do branco que imagino encontrar, aqui e agora, é que vou decidir construir o meu iglu de tal forma. Mais para cima ou mais para baixo. Mais alto e comprido ou mais baixinho. Mais fechado ou mais arejado ou arquejado... Assim, o iglu é que é o próprio teto da casa comum. Porém, como diz um provérbio africano, não posso transportar um teto de uma oca para outra. Pois, esse teto

---

<sup>290</sup> “Qu’est-ce qui va bien? Pourquoi ça va bien là, aujourd’hui? Qu’est-ce qui va mal? Pourquoi ça va mal là-bas, aujourd’hui? Et, ici? Comment ça va, aujourd’hui?”. Para Pierre Davreux, o treinamento mental é um treino ao raciocínio lógico, ao pensamento dialético e ao questionamento ético. Os operários do treinamento mental reelaboraram o método a partir da “alfabetização-conscientização”, de Paulo Freire, numa produção coletiva de “saberes”, em busca do sentido dos aconteceres. Assim, o treinamento mental, elaborado a partir de uma educação verdadeiramente popular, sempre em movimento vivo, tenta alcançar a liberdade do pensar. “Um pensar capaz de se deixar tocar por “algo como o Outro absoluto – o homem que não posso mais reconhecer como homem – este que fala uma outra linguagem, que joga um jogo diferente, o imundo, um mundo que não é submetido a regras, a respeito do qual não podemos falar”. Um Outro absoluto que, no entanto, me é constitutivo, Outro que encontro todas as vezes que volto os olhos para mim mesmo”. De Vladimir Safatle, professor do Departamento de Filosofia da USP, In “*O filósofo e suas lágrimas – Falecido neste ano, Bento Prado Jr. é referência na formação de pesquisadores desde a década de 60*”. P. 16-21, Revista *Discutindo Filosofia*, Ano 2, Nº 8, Escala Educacional, SP. Eis aqui o evento do período popular da história possibilitado, doravante, a partir do meio técnico, científico, informacional e comunicacional. Criticamente postulado enquanto problema metodológico e projeto teórico.

será pequeno ou largo de mais para esta nossa oca. Por isso, preciso construir um teto para cada oca.

Isto é, dependendo da qualidade existencial e da oportunidade situacional de nosso possível meio sócio-espacial é que vou tomar a decisão de que “a minha casa é branca” ou não é totalmente o branco nem a casa nem o ter nem o haver que eu imaginava que fosse ser mas que é ou não é mesmo?

Daí, concluirmos, tal Blaise Pascal (1623-1662): “Surtout, qu’on ne me dise pas que je n’ai rien dit de nouveau; la disposition des matières est nouvelle; quand on joue à la paume, c’est une même balle dont joue l’un et l’autre, mais l’un la place mieux. J’aimerais autant qu’on me dise que je me suis servi des mots anciens. Et comme si les mêmes pensées ne formaient pas un autre corps de discours, par une disposition différente, aussi bien que les mêmes mots forment d’autres pensées par leur différente disposition”.<sup>291</sup>

---

<sup>291</sup> “Sobretudo que não me falem que não disse nada de novo; a disposição das matérias é nova; quando se joga à palma [da mão], é uma mesma bola cuja lança um e outro, mas um a coloca melhor. Gostaria tanto mais que me dissessem que me servi das palavras antigas. É como se os mesmos pensamentos não formassem um outro corpo de discurso, por uma disposição diferente, tanto como as mesmas palavras formam outros pensamentos pela sua diferente disposição”. In “*Les pensées*”.

## Referências Bibliográficas

### - Bibliografia Transdisciplinar -

AMADO, José Carlos, - “História de Portugal”, Verbo Juvenil, Volume 1º e 2º, Editorial Verbo, Gris Impressões, Lisboa, 1966.

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino, PUC-SP, “O embrião do espírito”, In Revista “Viver Mente e Cérebro”, Coleção memória da pedagogia, Especial Maria Montessori: O indivíduo em liberdade. 2005.

ANTUNES, Ricardo – “Trabalho X Capital”: “Berrar não adianta”, Entrevista à Juliana Sassi, In Revista Caros Amigos, Ano X, Nº 120, Março de 2007.

ARENDT, Hannah, - “A condição humana,” Forense Universitária, 10ª edição, 4ª reimpressão, 2004.

BARTHES, Roland, - “La Leçon Inaugurale”, Sítio eletrônico do Collège de France, 7/01/1977.

BASTOS, Elide Rugai, - “No setuagésimo aniversário da “Rerum Novarum”, In Relações Humanas, uma publicação do instituto de relações sociais e industriais, São Paulo, Brasil, Ano 4, Agosto de 1961, Nº 11, Seleção de Revistas.

BAYLON, Christian & MIGNOT, Xavier - "La Communication", Nathan, Paris, 1994

BECKER, Fernando, UFRGS, “Um divisor de águas”, In Revista “Viver Mente e Cérebro”, Coleção memória da pedagogia, Especial Jean Piaget: O aprendizado do mundo. 2005.

BELLO, José Luiz de Paiva, UFES, “Renúncia à tirania”, In Revista “Viver Mente e Cérebro”, Coleção memória da pedagogia, Especial Maria Montessori: O indivíduo em liberdade. 2005.

BESNARD, Pierre, in - “La formation permanente: religion moderne?”, “Symboles et paradigmes”, “Liturgie et rites”, essai extrait de la “Sanctuarisation pédagogique” et des “Rituels de formation” in “Nouvelles Idoles, Nouveaux Cultes, Dérives de la Sacralité” sous la direction de Claude Rivière et Albert Piette, L’Harmattan - Collection “Mutation et Complexité”, ouvrage collectif, 1991

BIGNOTTO, Newton, - “As fronteiras da Ética: Maquiavel”, Companhia das Letras, “Ética”, SP, 1992.

BOGO, Ademar, - “A Educação Escolar e a Formação Política”, janeiro de 2003 - Desafios da Formação, Setor de Formação, MST, junho de 2003.

BOGO, Ademar – “O vigor da mística”, Caderno de Cultura nº 2, MST, 2002.

BOGO, Ademar, - “Lições da luta pela terra”, Memorial das Letras, Salvador, 1999.

BOGO, Ademar – “A vez dos valores”, Caderno de Formação Nº 26, MST, 1998.

BOURDIEU, Pierre, - "Contre-feux" - "Propos pour servir à la résistance contre l'invasion néo-libérale", Liber, Raisons d'agir, 1998

BOURDIEU, Pierre, - "Sur la télévision" et "L'emprise du journalisme", Liber, 1996

BOURDIEU, Pierre, sous sa direction, - "La misère du monde", Points P Nº466, Seuil, 1993

BOURDIEU, Pierre, - “Lições da Aula”, Tradução de Egon de Oliveira Rangel, Editora Ática, 1988, Collège de France, 23/04/1982.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio, - “Racines du Brésil”, traduit par MEYER (Marlyse), Arcades Gallimard, UNESCO d’oeuvres représentatives, 1998

CALDART, Roseli Salete – “Pedagogia da Terra”, Cadernos do Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária, ITERRA, dezembro de 2002.

CALDART, Roseli Salete – “Pedagogia do Movimento Sem Terra – Escola é mais do que escola”, Editora Vozes, Petrópolis, 2000.

CALDART, Roseli Salete – “Educação em movimento: formação de educadoras e educadores do MST”, Vozes, 1997.

CANTO-SPERBER, Monique, - « Dictionnaire d'éthique et de philosophie morale », Centre National du Livre, PUF, 3<sup>ème</sup> édition, Mise à jour, 2001.

CARELLI, Mário, - "Cultures croisées" - "Histoire des échanges culturels entre la France et le Brésil de la découverte aux temps modernes", Nathan, 1993

CARVALHO, Julio, - “O Tecelão e o Tecido”, Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, EDUERJ, RJ, 2000.

CASALDÁLIGA, Pedro, em entrevista (de janeiro de 2007) “Tudo é relativo, menos Deus e a fome”, a Eduardo Lallana e Charo Garcia de la Rosa, fundadores da ONG “Tierra Sin Males”, da Província de Soria (Espanha) ao jornal Brasil de Fato, Uma visão popular do Brasil e do mundo, São Paulo, Ano 5, Nº 212, 22 a 28 de março de 2007.

CASTRO, Josué, - « Fome, um tema proibido », em comemoração aos 50 anos de « Geografia da Fome », Os últimos escritos de Josué de Castro, Organizadora Ana Maria de Castro, CONDEPE, CEPE, Recife, 1996.

CASTRO, Josué, - «Géographie de la Faim (La faim au Brésil), Préface de André Mayer, Professeur au Collège de France, Editions Ouvrières, 1949.

CETIM, Centre Europe – Tiers monde — “Via Campesina: Une alternative paysanne à la mondialisation néolibérale”, 2002.

CHAUI, Marilene, - “Leituras da Crise: diálogos sobre o PT, a democracia brasileira e o socialismo”, Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

CHOMSKY, Noam, - “Propaganda Ideológica e Controle do Juízo Público”, Tradução de Danielle Mendes Sales, Editor Robson Achiamé, RJ.

CHOMSKY, Noam, MIT, In Entrevista dada á Donaldo Macedo, “A escola como instrumento de controle e coerção”, em junho de 1999, <http://resistir.info>

D.SALIS, Viktor, - “Mitología Viva: Aprendendo com os deuses a arte de viver e amar”, Nova Alexandria, SP, 2003.

DEJOURS, Christophe - "A violência invisível”, Entrevista de Ana Maria Ciccacio (jornalista) e Leda Leal Ferreira (médica) – Revista Caros Amigos nº 26, maio de 1999.

DEJOURS, Christophe – « Souffrance en France, la banalisation de l’injustice sociale », Seuil, Histoire immédiate, 1998.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix, - “O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia”, Editora Assírio e Alvim, Lisboa, Tradução de Joana Moraes Varela e Manuel Maria Carrilho, Peninsulares, Especial N° 41, 1966.

DERRIDA, Jacques, - “Salvo o nome”, Tradução de Nícia Adan Bonatti, Papyrus Editora, Campinas, SP, 1995.

DOSSIÊ CULT, - “filosofia contemporânea”, Nietzsche, Heidegger, Sartre, Organização Carlos Eduardo Ortolan Miranda, Editora 17, São Paulo, 2003.

DOSSIÊ MST ESCOLA, - “Documentos e Estudos 1990-2001”, Caderno de Educação N° 13, Edição Especial, Expressão Popular, São Paulo, 2005.

DRUET, Pierre-Philippe, - « Fichte », Collection Philosophie – Editions Seghers – Belgique - PUN – Presses Universitaires de Namur – 1977.

DUARTE, Newton, UNESP, “O significado e o sentido”, In Revista “Viver Mente e Cérebro”, Coleção memória da pedagogia, Especial Lev Semenivich Vygotsky: Uma educação dialética. 2005.

DUBY, Georges, - “Lição de História”, Veja 25 anos, “Reflexões para o futuro”, SP, 1993.

DUCROT, Oswald, & TODOROV Tzvetan, - “Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage”, Points Seuil, 1972

DUFOUR, Dany, - “Conferência internacional sobre os Dilemas da Humanidade: Diálogo entre Civilizações”, Funarte, RJ, Julho 2004.

DUMAZEDIER, Joffre, & PORTELLI, Patricia, - “Les sciences de l’éducation pour l’ère nouvelle: Médiations éducatives et aides à l’autoformation”. In Mouvements d’éducation populaire, Ouvrage collectif, 1996

FANON, Frantz, - “Peau noire, masques blancs”, Points, Essais, Collection “Esprit”, Seuil, 1975.

FERNANDES, Bernardo Mançano – "A ocupação de terra no Brasil - Uma página virada da história?", CPT - Caderno de conflitos, 2001.

FERNANDES, Bernardo Mançano – “A formação do MST no Brasil”, Editora Vozes, 2000.

FERNANDES, Bernardo Mançano, UNESP, “O movimento social como categoria geográfica”, In Revista Terra Livre, Publicação da AGB, SP, Nº 15, 31 de maio de 2000.

FERNANDES, Bernardo Mançano e STEDILE, João Pedro - “Brava Gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil”, Fundação Perseu Abramo, 1999.

FERREIRA, Ana Maria de Araújo, “Para um Vocabulário Fundamental da Obra de Milton Santos (com equivalência em francês)”, Tese de Doutorado apresentada no curso de Pós-graduação em Linguística, área de concentração de Semiótica e Linguística Geral – FFLCH, USP, 2000.

FORRESTER, Viviane, - "L'horreur économique", Fayard, 1996

FOUCAULT, Michel, - “A ordem do discurso”, Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio, Leituras Filosóficas, Edições Loyola, SP, 1996.

FOUCAULT, Michel, - “L’ordre du discours”, Leçon inaugurale au Collège de France prononcée le 2/12/1970, Nouvelle Revue Française, NRF, Gallimard, 1971.

FREIRE, Paulo, - "Pedagogia da autonomia" - "Saberes necessários à prática educativa", Paz e Terra, 1996

FREITAS, Ana Lúcia Souza De, PUC-RS, “A reinvenção da escola”, In Revista “Viver Mente e Cérebro”, Coleção memória da pedagogia, Especial Paulo Freire: A utopia do saber. 2005.

FREITAS, Lima de, MORIN, Edgar, NICOLESCU, Basarab - “Carta da transdisciplinaridade” – 1º Congresso Mundial da Transdisciplinaridade, Convento de Arrábida, Portugal, 2 a de 6 novembro de 1994.

GARDNER, Howard, - “Les intelligences multiples”, Retz Psychologie, 1996

GARDNER, Jostein, - “Le monde de Sophie » – Seuil, Paris, 1995.

GEORGE, Susan, - "Le rapport Lugano", Fayard, 2000

GIORDANI, Estela Maris, Universidade Federal de Santa Maria (RS), "O artesão e o cosmos", In Revista "Viver Mente e Cérebro", Coleção memória da pedagogia, Especial Maria Montessori: O indivíduo em liberdade. 2005.

GOODY, Jack, - "Entre l'oralité et l'écriture", P.U.F. Ethnologies, 1994

GOODY, Jack, - "La raison graphique" - "La domestication de la pensée sauvage", Minuit, 1979

HAGEGE, Claude, - "L'enfant aux deux langues", Odile Jacob, 1996

HAGEGE, Claude, - "Le souffle de la langue", Odile Jacob, 1992

HALL, Edward T., - "La danse de la vie" - "Temps culturel et temps vécu", idem N°247, 1984

IASI, Mauro, - "Palestra sobre o conceito de educação política", In 1º Seminário de Formação da Via Campesina Internacional, Escola Nacional Florestan Fernandes, junho de 2007.

JAKOBSON, Roman de, & POMORSKA, Krystyna, - "Diálogos", Editora Cultrix, São Paulo, 9ª edição, 1993.

JOSÉ, Emiliano – "Carlos Marighella o inimigo número um da ditadura militar", Sol e Chuva, SP, 1997.

JULIA, Didier, - « Fichte, sa Vie, son Oeuvre » – Exposé de sa philosophie - Collection Philosophes – St-Germain - PUF – Presses Universitaires de France – Paris – 1964.

KESSEL, Joseph, - "Terre d'Amour et de Feu", Bibliothèque du Club de la Femme, Paris, France, 1967.

LANEYRIE-DAGEN, Nadeije, - "Mémoire du Monde, des origines à l'an 2000". Sous sa direction, maître de conférences à l'Ecole normale supérieure, Encyclopédie d'Histoire, Larousse-Bordas, 1997.

LENIN, V.I.O. – "O Estado" In Conferência pronunciada na Universidade de Sverdlov (11/07/1919) – Tradução de Juam Castanheira em Galego-português (Baixado pela Internet)

LENIN, Vladimir Illich Oulianov - O Estado e a Revolução (Escrito em Agosto e Setembro de 1917) In Obras Escolhidas, São Paulo, Editora Alfa-Ômega, 1980 – (Tomo 2, pp: 219-305)

LEODORO, Marcos Pires, Centro Federal de Educação Tecnológica de SP, “Pensamento e experiência”, In Revista “Viver Mente e Cérebro”, Coleção memória da pedagogia, Especial Jean Piaget: O aprendizado do mundo. 2005.

LIPIANSKY, Edmond-Marc, - "A pedagogia libertária", Nu-Sol, 1999

LOJKINE, Jean – “O Estado Capitalista e a Questão Urbana”, São Paulo, Martins Fontes, 1981.

LOUREIRO, Isabel Maria – “Rosa Luxemburgo: Vida e obra”, Expressão Popular, São Paulo, 1999.

LUEDEMANN, Cecília da Silveira, - “Anton Makarenko: Vida e obra – a pedagogia na revolução”, Expressão Popular, SP, 2002.

MALDONATO, Mauro, - “A subversão do ser. Identidade, mundo, tempo, espaço: fenomenologia de uma mutação”, serie Nova Consciência, Fundação Peirópolis, SP, 2001.

MAQUIAVEL, Nicolau (1513) - “O Príncipe”, Coleção Os Pensadores, Escritos Políticos, Nova Cultural, SP, 1999.

MARTIN, Jean-Yves – MST – « Mouvement socio-territorial et développement local » - Article de juillet 2003.

MARTIN, Jean-Yves – « Les sans-terre du Brésil: Géographie d’un mouvement socio-territorial », L’Harmattan, 2001.

MARX, K. – “Manifesto comunista”, (1871), 11ª edição, 1998, Paz e Terra, 2002.

MARX, Karl – “Salário, preço e lucro”, 4ª Edição, São Paulo, Centauro Editora, 2002. Título original: Salaire, prix et profit (25 a 29/09/1865), 1980.

MARX, Karl - “Teoria Moderna da Colonização” in O CAPITAL, Livro 1, Vol.2, Cap. XXV, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro (pp883-895).

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich, - “Trabalho assalariado e capital”, Conferências pronunciadas por Marx de 14 a 30 de dezembro de 1847, Introdução escrita por Engels em 1891, Editorial Vitória, RJ, Estado da Guanabara, Brasil, 2ª edição, 1963.

MATTELART, Armand e Michèle, - “História das teorias da comunicação”, Tradução de Luiz Paulo Rouanet, Edições Loyola, SP, 1999.

MENDEL, Gérard – « On est toujours l’enfant de son siècle: le XXème siècle, un regard psychopolitique », Robert LAFFONT, Paris, 1986.

MERLEAU-PONTY, Maurice, - « Sinais », Tradução de Fernando Gil, Ensaio, Editorial Minotauro, Lisboa, 1962.

MESZARÓS, Itzvan, - “A educação para além do capital”, In Conferência de abertura do Fórum Mundial de Educação, Porto Alegre, 28 de julho de 2004

MONASTA, Attilio – « Antonio Gramsci (1891-1937) », In Perspectives: revue trimestrielle d'éducation comparée, Paris, Unesco, Bureau international d'éducation, Vol XXIII, No 34, 1993.

MORA, José Ferrater, - “Dicionário de Filosofia” – Tradução de Roberto Leal Ferreira e Álvaro Cabral, Martins Fontes, São Paulo, 2001.

MORISSAWA, Mitsue – "A história da luta pela terra e o MST", Expressão Popular, São Paulo, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich, - “Ecce homo, de como a gente se torna o que a gente é”, Edição comentada, Tradução, Organização, Prefácio, Comentários e Notas de Marcelo Backes, L&PM Pocket, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich (1885) - “Além do Bem e do Mal: Prelúdio a uma Filosofia do Futuro”, Companhia das Letras, 1992, 2002.

OLIVEIRA, Marta Kohl De, FEUSP, “História, consciência e educação”, In Revista “Viver Mente e Cérebro, Coleção memória da pedagogia, Especial Lev Semenivich Vygotsky: Uma educação dialética. 2005a.

OLIVEIRA, Marta Kohl, FEUSP, “Escola e desenvolvimento conceitual”, In Revista “Viver Mente e Cérebro”, Coleção memória da pedagogia, Especial Lev Semenovich Vygotsky: Uma educação dialética. 2005b.

ORTEGA Y GASSET, José – “História como Sistema, Mirabeau ou o Político”, Editora Universidade de Brasília, Fundação Roberto Marinho, 1982.

ORTEGA Y GASSET, José – “A rebelião das massas”, Tradução de Herrera Filho, Livro Ibero Americano, RJ, 1971.

ORTEGA Y GASSET, José – “O Homem e a Gente”, LIAL, RJ, 1960. 1ª edição espanhola 1957. Obra póstuma das lições de Buenos Aires ministradas a partir de 1939.

ORTEGA Y GASSET, José – “¿ Qué es filosofía ¿” - Revista Occidente, Madrid, 1930

PARLEBAS, Pierre, sous sa coordination, - "Education, langage et sociétés" - "Approches plurielles", L'Harmattan, 1997

PESSANHA, José Américo Mota, - “As Delícias do Jardim”, Companhia das Letras, “Ética”, SP, 1992.

PETRAGLIA, Izabel Cristina – “Edgar Morin, a educação e a complexidade do ser e do saber”, Vozes, 1995.

PETRAS, James – « Situation actuelle en Amérique Latine », Réseau International de Solidarité avec l'Amérique Latine, RISAL, 13 juin 2003.

PINTO, Louis, - "Pierre Bourdieu et la théorie du monde social", Albin Michel, 1998  
PISTRAK, - "Fundamentos da escola do trabalho", Tradução de Daniel Aarão Reis Filho, Editora Expressão Popular, SP, 2ª edição, 2002.

PLAISANCE, Eric, & VERGNAUD, Gérard, - "Les sciences de l'éducation", Repères N°129, La Découverte, 1993

PLAISANCE, Eric, sous sa direction, - "Permanence et renouvellement en sociologie de l'éducation" - "Perspectives de recherches 1950 - 1990", L'Harmattan, 1992

PLEKHANOV, G.V. - "O papel do indivíduo na história", Expressão popular, São Paulo, 2000.

POMPEU, Renato, - "Os quatro mundos possíveis" - , revista Caros Amigos, Ano X, N° 117, dezembro de 2006, p. 16.

POPPER, Karl, - "O que entendo por filosofia", Biblioteca Tempo Universitário, No 50, Edições Tempo Brasileiro, Editora Unb, 1975.

PRADO JR., Bento - "O passado e o futuro do signo", + Brasil 505 d.C., Folha de São Paulo, 11/07/04.

PRADO Jr., Caio, - "Discurso, FFLCH, USP", Revista do Departamento de Filosofia, Ano IV, n°4, pp. 41-78, 1973.

RETAMAR, Roberto Fernandez, - "José Martí, O herói e o ser humano, do anticolonialismo ao antiimperialismo", Revista do Memorial da América Latina: Nuestra América - Nossa América, Governo de São Paulo, N° 2, 1993.

RIBEIRO, Ana Clara Torres, - "Formas em crise – Utopias necessárias", Edições Arquimedes, RJ, 2005.

RIBEIRO, Ana Clara Torres, - "Teorias da Ação", Curso intensivo de 5 dias, na Universidade de Campinas - UNICAMP, novembro de 2002.

RIBEIRO, Ana Clara Torres, - "Pequena reflexão sobre categorias da teoria crítica do espaço: território usado, território praticado" - In SOUZA (ORG) "Território Brasileiro: Usos e Abusos", Territorial, 2003.

RIBEIRO, Darcy, - "O povo brasileiro" - "A formação e o sentido do Brasil", Companhia Das Letras, 1995

RIVIERE, Claude, - "Les Rites profanes", Paris V, PUF, 1995.

ROCHFORT, Michel, - "Le défi urbain dans les pays du sud", L'Harmattan, Paris, 2000.

ROMAO (J.E.), & CROCHET (B.M.), - “Alphabétisation: un engagement politique et une action pédagogique” – “L’éducation: affaire d’état et de vie politique”, Cahiers du Centre de Recherches sur le Brésil Contemporain, CRBC, 1991.

ROUANET, Sergio Paulo, - “Dilemas da Moral Iluminista”, Companhia das Letras, “Ética”, SP, 1992.

SALOMÃO, Sonia N., - “Antônio Vieira - Sermão da Sexagésima”, Senado Federal, Brasília, Distrito Federal, 1997.

SANTOS, Milton, - “A Urbanização Brasileira”, Hucitec, 1993, 5ª edição, EDUSP, SP, 2005.

SANTOS, Milton, - “Da Totalidade ao Lugar”, alguns capítulos do livro “Espaço e Sociedade”, Ensaios, da Editora Vozes, Petrópolis, 1979, que não será reeditado pela Edusp, EDUSP, SP, 2005.

SANTOS, Milton, - “Para que a Geografia mude sem ficar a mesma coisa”, Artigo originalmente publicado no Boletim Paulista de Geografia, Nº 59, p.5-22, 1982 – Revista RA’EGA, O espaço geográfico em análise, Curitiba, Nº 9, p.125-134, Editora UFPR, 2005.

SANTOS, Milton, – “Testamento Intelectual”, Unesp, 2004.

SANTOS, Milton, – “O País Distorcido”, Publifolha, 2002.

SANTOS, Milton, – (11/03) - “Elogio da lentidão” – Folha de São Paulo, 2001.

SANTOS, Milton & SILVEIRA, Maria Laura, – “O BRASIL, Território e sociedade no início do século XXI”, Record, 2001.

SANTOS, Milton, – Em entrevista dada a Carlos Tibúrcio (jornalista) e Silvio Caccia Bava (sociólogo, fundador e pesquisador do Instituto Pólis), “Quem está na frente é o povo”, Cadernos “Le Monde Diplomatique”, Edição Especial, Nº 2 “Um Outro Mundo Urbano é Possível”, janeiro de 2001.

SANTOS, Milton, – “O Papel Ativo da Geografia: um Manifesto”, Florianópolis: Laboplan / USP, 2000.

SANTOS, Milton, – “Revelações do território globalizado” – FSP, 16/07/2000

SANTOS, Milton, – “Território e Sociedade” – Fundação Perseu Abramo, Abril de 2000

SANTOS, Milton, – (09/01) - “O recomeço da história” – Folha de São Paulo, 2000.

SANTOS, Milton & BERNARDES, Adriana, - “Tarefas da Geografia Brasileira num Mundo em Transformação: um momento de sua trajetória”, In Revista Ciência Geográfica, Ensino, Pesquisa e Método, p.4-22, AGB de Bauru, Ano V, Nº 13, (Maio/Agosto de 1999).

SANTOS, Milton, – (28/02) - “O chão contra o cifrão” – Folha de São Paulo, 1999.

SANTOS, Milton, – (24/01) - “Os Deficientes Cívicos” – Folha de São Paulo, 1999.

SANTOS, Milton, – “O Professor Como Intelectual na Sociedade Contemporânea”, [Anais do Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (Endipe), Águas de Lindóia], 1998.

SANTOS, Milton, - “O mundo, o Brasil e a globalização” – “O horror não dura eternamente”, (p 4-9), In Entrevista dada a Revista Rumos ao Desenvolvimento, ABDE, Uma publicação da Associação Brasileira de instituições financeiras de Desenvolvimento, Ano 21, Nº 137, Junho de 1997.

SANTOS, Milton, – “Por uma Geografia Cidadã: por uma Epistemologia da Existência” Em: Boletim Gaúcho de Geografia, número 21, p. 7-14 (Porto Alegre), 1996.

SANTOS, Milton, – “A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção”, São Paulo, 2ª edição Edusp, 2003. Copyright Hucitec 1996 apud 2003.

SANTOS, Milton, In Entrevista dada á Fernando Conceição, “A reinvenção da cidadania”, em 13/10/1996, no evento “O Mundo do Cidadão – um Cidadão do Mundo” realizado no Departamento de Geografia da USP, em Homenagem aos 70 anos de Milton Santos, 1996.

SANTOS, Milton, – (05/09) - “Só a geografia reconstrói o país” – Folha de São Paulo, 1994.

SANTOS, Milton, – “O Tempo nas Cidades” - Texto extraído da transcrição da conferência na mesa-redonda "O tempo na Filosofia e na História", Grupo de Estudos sobre o Tempo do Instituto de Estudos Avançados da USP, em 29 de maio de 1989.

SANTOS, Milton, - “Espaço e Método”, 1ª edição, Nobel, Sp, 1985, 1ª reimpressão, Nobel, SP, 1988.

SANTOS, Milton, – “Metamorfoses do Espaço Habitado”, São Paulo – Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton, – “Pensando o espaço do homem” – Edusp, 2004 – Hucitec 1982

SANTOS, Milton, - “Responsabilidade social dos geógrafos”, In Boletim Recifense de Geografia, Recife 1(1):5-14, jan./mar. 1980.

SANTOS, Milton, – “Economia Espacial: Críticas e Alternativas”, SP, 2ª edição Edusp, 2003. Copyright Hucitec 1979.

SANTOS, Milton, – “O espaço dividido”, RJ, Francisco Alves, 1979.

SANTOS, Milton, – “O trabalho do geógrafo no terceiro mundo”, 4ª edição, Hucitec, 1978.

SANTOS, Milton, - “Por uma Geografia Nova: da Crítica da Geografia á uma Geografia Crítica”, SP, 2ª edição Edusp, 2003. Copyright Hucitec 1978.

SARTRE, Jean-Paul, - “Esboço para uma teoria das emoções”, Tradução de Paulo Neves, L&PM Pocket Plus, Brasil, 2006.

SARTRE, Jean-Paul, - “L’être et le néant, Essai d’ontologie phénoménologique”, Edition corrigée avec index d’Arlette Elkäim-Sartre, Tel-Gallimard, 2003.

SARTRE, Jean-Paul, - “Questions de méthode”, Edition revue et annotée par Arlette Elkäim-Sartre, Tel-Gallimard, 1960 et 1986.

SARTRE, Jean-Paul (1960) “Sartre no Brasil - A Conferência de Araraquara – Filosofia Marxista e Ideologia Existencialista”, Paz e Terra, UNESP, 1987.

SARTRE, Jean-Paul, - “Esboço para uma teoria das emoções”, Tradução de A. Pastor Fernandes, Prefácio e notas de João Lopes Alves, Editorial Presença, Lisboa, 1972.

SARTRE, Jean Paul – « Critique de la raison dialectique » - Précédé de Questions de méthode - Tome I – Théorie des ensembles pratiques - Bibliothèque des Idées - NRF – Nouvelle Revue Française - Editions Gallimard – Paris – 1960

SARTRE, Jean-Paul – “L’existentialisme est un humanisme » – Nagel, Paris, 1946

SARTRE, Jean-Paul – “Matérialisme et Révolution » – Situations III, 1949 – Les Temps Modernes, 1946

SARTRE, Jean-Paul – “Paris sous l’occupation » – Situations III, 1949 - Londres, 1945

SARTRE, Jean-Paul – “Qu’est-ce qu’un collaborateur?” – Situations III, 1949 – New-York, 1945

SARTRE, Jean-Paul – “La République du silence » – Situations III, 1949 - Paris, 1944

SARTRE, Jean-Paul, - “Esquisse d’une théorie des émotions”, Editions Scientifiques Hermann, 1939.

SCLIAR, Moacyr – “Saturno nos trópicos” – Companhia das letras, 2003

SERRES, Michel – “Le Tiers Instruit », France-Loisirs, Philosophie, 1992.

SHANIN, Teodor - « Peasant’s professor », Teodor Shanin’s Interview with Karen Gold, The Guardian, Education Guardian Weekly, September 10, 2002.

SHANIN, Teodor - « Entretien de Nicholas Bell avec Teodor Shanin », 9<sup>ème</sup> Congrès du Forum Civique Européen (FCE), 26 juillet 1999.

SHANIN, Teodor – Entrevista “L’idée de progrès”, Revue Archipel N. 23, Novembre, 1995.

SHANIN, Teodor - La Classe Incómoda, “Sociología Política del Campesinado en una Sociedad en desarrollo (Rusia 1910-1925)”- Alianza Editorial, Madrid, 1983 - Título original Inglês: “The Awkward Class” - Oxford University Press, 1972.

SILVA, Franklin Leopoldo, - “Liberdade em Sartre, Somos livres para nos tornarmos livres”, In “As bases do pensamento fenomenológico”, Nº 5 da Revista Mente, Cérebro e Filosofia, Fundamentos para a compreensão contemporânea da psique, Coleção Mente & Cérebro, Editora Duetto, São Paulo, 2007.

SMOLE, Kátia Stocco, FEUSP, - “Novos óculos para a aprendizagem da matemática”, In Revista “Viver Mente e Cérebro”, Coleção memória da pedagogia, Especial Jean Piaget: O aprendizado do mundo. 2005.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante e LAPLANE, Adriana Lia Frizman De, UNICAMP, - “Processos de cultura e internalização”, In Revista “Viver Mente e Cérebro”, Coleção memória da pedagogia, Especial Lev Semenovich Vygotsky: Uma educação dialética. 2005.

SOREL, Maryvonne – Dir.: - “Pratiques nouvelles en éducation et en formation” - “L’Educabilité cognitive”, Education et Formation, Série Références, L’Harmattan, 1994.

SOUSA SANTOS, Boaventura – “Pela mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade”, Editora Cortez, São Paulo, 1995.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de - “Curso de Metodologia Científica: Aprendendo Sobre o Método”, Territorial, Campinas, Maio 2004.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de, ORG. – “Território brasileiro: usos e abusos”, Territorial, 2003.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de – “Pedagogia Cidadã e Tecnologia da Informação: um projeto piloto para a periferia Sul da cidade de São Paulo”, In – RIBEIRO, A. P. “Repensando a experiência urbana da América Latina: Questões, Conceitos e Valores” – CLASCO – Conselho Latino Americano de Ciências Sociais, Buenos Aires, 2000.

STRATHERN, Paul, - « Foucault em 90 minutos », Tradução de Cassio Boechat, Jorge Zahar Editor, RJ, 2003.

STEDILE, João Pedro, - In “El monocultivo de agrocombustibles solo interesa al capital transnacional”, Entrevista a Carlos Vicente, da revista eletrônica e impresa Biodiversidad – Rede Grain, 29 de maio de 2007.

STEDILE, João Pedro, - “Leituras da Crise: diálogos sobre o PT, a democracia brasileira e o socialismo”, Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

STEDILE, João Pedro, In Entrevista “Sociedade em crise”, Revista Carta Capital “A nação apática ainda vai despertar”, Ano XII, N° 360, 21/09/2005.

STEDILE, João Pedro – “Latifúndio: o pecado agrário brasileiro”, (MST - Fev/2000)

STEDILE, João Pedro & FERNANDES, Bernardo Mançano - “Brava Gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil”, Perseu Abramo, 1999.

TAIEB, Eric, avec la collaboration de BARROS (Octavio), - "Economie et société brésiliennes" - "Croissance ou développement?", Nathan, 1989

TAILLE, Yves De La, Laboratório de Estudos do Desenvolvimento e da Aprendizagem do Instituto de Psicologia da USP, “Desenvolvimento do juízo moral”, In Revista “Viver Mente e Cérebro”, Coleção memória da pedagogia, Especial Jean Piaget: O aprendizado do mundo. 2005.

TEIXEIRA, Edival, FEUSP, “Um materialismo psicológico”, In Revista “Viver Mente e Cérebro”, Coleção memória da pedagogia, Especial Lev Semenovitch Vygotsky: Uma educação dialética. 2005.

TOLEDO Jr, Rubens de, - “Verticalidades, Horizontalidades e o Período Popular da História”, 3º Encontro com o Pensamento de Milton Santos – O lugar fundamentando o período popular da história, Salvador, Bahia, 2005.

TOURAINÉ, Alain, - "La parole et le sang", Odile Jacob, 1988

TOURAINÉ, Alain, - "La voix et le regard" - "Sociologie des mouvements sociaux", Seuil, 1978

VIAL, Michel, - “L’auto-évaluation”, Titres en question, CRDP d’Aix-Marseille, 1997

WATZLAWICK, Paul, - "Comment réussir à échouer" - "Trouver l’ultrasolution", Seuil, 1988

WATZLAWICK, Paul, - "Faites vous-même votre malheur", Seuil, 1984

WATZLAWICK, Paul, - "La réalité de la réalité” - "Confusion - Désinformation - Communication", Points Essais N°162, Seuil, 1984

WATZLAWICK, Paul – "Une logique de la communication”, Points Essais N°102, Seuil, 1979.

YAGUELLO, Marina, - “Alice au pays du langage" - "Pour comprendre la linguistique”, Seuil, 1981.

ZOURABICHVILI, François, - “Deleuze, Une philosophie de l’événement”, Presses Universitaires de France – PUF, Collection Philosophies, 2ème édition, 1996.